

The book cover features a woman with long, straight blonde hair, wearing a black, form-fitting, sleeveless dress. She is crouching on a dark, reflective surface, looking directly at the viewer with a serious expression. Behind her, a large, full moon is visible against a dark sky. The background transitions from black at the top to a deep green at the bottom.

How many
trials can love
survive?

THE SEQUEL TO THE *New York Times* BESTSELLING NIGHTSHADE

WOLFSBANE

ANDREA CREMER



ANDREA CREMER

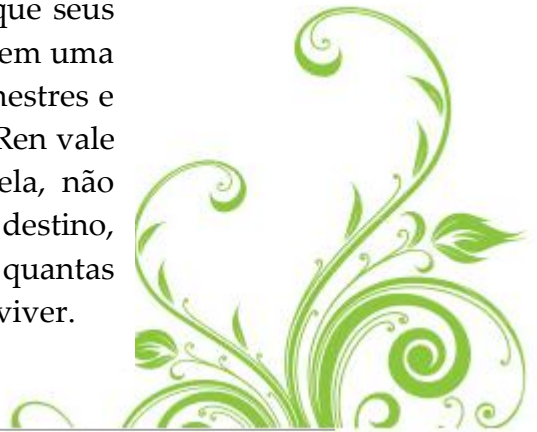
WOLFSBANE

A NIGHTSHADE *Novel*

WOLFSBANE



Esta seqüela emocionante para o tão falado *Nightshade* começa exatamente onde terminou - Calla Tor acorda no covil dos Rastreadores, seu jurado inimigo, e ela está certa de que seus dias estão contados. Mas então os Rastreadores lhe fazem uma oferta - que lhe dá a chance de destruir seus antigos mestres e salvar seu clã - e o homem - que ela deixou para trás. Ren vale o preço de sua liberdade? E Shay ficará do lado dela, não importa o quê? Agora no controle de seu próprio destino, Calla deve decidir que batalhas valem a pena lutar e quantas provas o amor verdadeiro pode suportar e ainda sobreviver.





PURGATÓRIO

Eu estava exausto; estando ambos incertos sobre o nosso caminho,
paramos em um planalto mais solitário do que os caminhos do deserto.

- Dante, *Purgatório*

Capítulo 1



Eu não conseguia parar os gritos. Trevas me cercavam. Um peso terrível pressionava contra meu peito, me fazendo lutar por cada respiração enquanto me afogava em meu próprio sangue. Sentei-me com um ofego, piscando para as sombras.

Os gritos tinham parado. O quarto se tornou calmo, inundado em silêncio. Engoli duas vezes dolorosamente, tentando umedecer minha boca ressequida. Levei um momento para perceber que os gritos eram meus, cada grito arranhando minha garganta até que ela estava em carne viva. Levei minhas mãos até meu peito. Meus dedos deslizaram ao longo da superfície da minha camisa. O tecido era liso, sem nenhum sinal de rasgos ou cortes das flechas de besta. Não podia ver bem na luz fraca, mas eu podia dizer que esta camisa não era minha, ou melhor, não era o suéter emprestado de Shay - o que eu estava vestindo na noite em que tudo mudou.

Um borrão de imagens correu pela minha cabeça. Um manto de neve. A floresta escura. O bater de tambores. Uivos me chamando para a união.

A união. Meu sangue esfriou. Eu fugi de meu próprio destino.

Eu fugi de Ren. Pensar no alfa Bane fez o meu peito apertar, mas quando deixei cair o rosto nas mãos, outra figura o substituiu. Um garoto de joelhos, com os olhos vendados e amarrado, sozinho na floresta.

Shay.

Eu podia ouvir sua voz, sentir o roçar de suas mãos na minha bochecha enquanto escorregava dentro e fora da consciência. O que tinha acontecido? Ele me deixou sozinha no escuro por tanto tempo... Eu ainda estava sozinha. Mas onde?

Meus olhos se ajustaram à luz fraca do quarto. O céu nublado filtrava a luz solar através de amplas janelas com moldura de chumbo que chegavam até a parede oposta, tingindo pálidas sombras com um brilho em tons de rosa enquanto eu fazia a

varredura do quarto para procurar uma saída e encontrava uma porta de carvalho alta à direita da cama. A três, talvez quatro metros de distância de mim.

Consegui diminuir o ritmo da minha respiração, mas meu coração ainda estava batendo forte. Balançando as pernas sobre a beirada da cama, eu tentei colocar meu peso sobre os pés. Não tive problemas em ficar de pé e senti cada músculo acordar, serpentear e enrijecer, prontos para qualquer coisa.

Seria capaz de lutar e matar, se tivesse que fazê-lo.

O som de passos de botas chegou aos meus ouvidos. A maçaneta girou e a porta abriu para dentro, revelando um homem que eu só vira uma vez antes. Ele tinha o cabelo espesso, de um profundo marrom como a cor de café preto. Os contornos do seu rosto eram cortados em ângulos fortes e cinzelados, ligeiramente desgastado com linhas de cansaço e coberto com a sombra de barba de vários dias por fazer, barba sal e pimenta¹ – negligenciado mas ainda atraente.

Eu vi seu rosto pela última vez segundos antes que ele me colocasse inconsciente com o punho da sua espada. Meus caninos ficaram afiados ao mesmo tempo que um grunhido retumbou profundamente em meu peito.

Ele abriu a boca para falar, mas mudei para a forma de lobo, agachando e rosnando para ele. Mantive minhas presas à vista, um rosnado constante rolando para fora da minha garganta. Eu tinha duas opções: rasgá-lo em pedaços ou passar rápido por ele. Estava supondo que tinha apenas alguns segundos para escolher um dos dois.

Sua mão foi para sua cintura, empurrando para trás seu sobretudo de couro, para descansar no punho de um sabre longo e curvo.

Que seja a luta então.

Meus músculos tremiam enquanto me curvava para baixo, me direcionando para sua garganta.

"Espere." Ele tirou a mão do sabre, levantando as mãos em uma tentativa de me pacificar.

¹ É uma expressão usada para se referir aos homens que começam a ficar com a barba em tons de cinza, da idade, mas que ainda não está completamente, então tem tipo duas cores, como o sal e a pimenta, branco e marrom.

Eu congelei, atordoada pelo gesto e um pouco irritada por sua presunção. Eu não seria tão facilmente acalmada. Depois de uma pressão rápida dos meus dentes, eu arrisquei um olhar em direção ao corredor às suas costas.

– Você não quer fazer isso – disse ele, entrando na minha linha de visão.

Eu respondi com um grunhido.

E você não quer descobrir o que eu sou capaz de fazer quando estou encurralada.

– Eu entendo o impulso – continuou ele, cruzando os braços sobre o peito, a espada na bainha. – Você pode passar por mim. Então você vai correr contra uma unidade de segurança no final do corredor. E se você passar por eles, que eu acho que você provavelmente poderia, dado que é uma alfa, você alcançará um grupo maior de guardas, em qualquer das saídas.

“Dado que você é uma alfa.” Como ele sabe quem eu sou?

Ainda rosnando, eu recuei, lançando um olhar sobre meu ombro para as janelas altas. Eu poderia facilmente passar através delas. Ficaria ferida, mas desde que a queda não fosse muito alta, eu sobreviveria.

– Não é uma opção – disse ele, olhando para as janelas.

O que é esse cara? Um leitor de mentes?

– É uma queda de, pelo menos, quinze metros em mármore sólido. – Ele deu um passo adiante. Eu recuei novamente. – E ninguém aqui quer ver você se machucar.

O rosnado morreu na minha garganta.

Sua voz ficou mais baixa e ele falou lentamente. – Se você mudasse de volta para a forma humana, poderíamos conversar.

Eu rangi os dentes, frustrada, deslizando pelo chão. Mas nós dois sabíamos que eu estava me sentindo menos segura de mim mesma a cada minuto.

– Se você tentar fugir – continuou ele – nós vamos ser obrigados a matá-la.

Ele disse isso tão calmamente que levou um momento para eu processar as palavras.

Deixei escapar um latido afiado de protesto que se transformou num riso escuro quando mudei para a forma humana.

– Pensei que ninguém aqui queria me machucar.

Um canto de sua boca curvou. – Nós não queremos. Calla, eu sou Monroe.

Ele deu um passo adiante.

– Fique onde está. – Eu disse, mostrando meus caninos.

Ele não se aproximou mais.

– Você não tentou matar-me ainda, – eu respondi, ainda examinando o espaço, procurando por qualquer coisa que me desse uma vantagem tática. – mas isso não significa que eu posso confiar em você. Se eu vir o aço pendurado em seu cinto se mover uma polegada, você perde um braço.

Ele assentiu.

Perguntas bateram na minha mente, me dando dor de cabeça. A sensação de falta de ar ameaçava me oprimir de novo. Eu não podia me dar ao luxo de entrar em pânico. Também não podia me dar ao luxo de mostrar qualquer fraqueza.

Memórias mexeram-se dentro de mim, rodando sob a minha pele e elevando arrepios em meus braços. Gritos de dor ecoavam na minha cabeça. Eu estremeci, vendo espectros pairarem em torno de mim como sombras nebulosas enquanto súcubos gritavam acima. Meu sangue ficou gelado.

– *Monroe! O garoto está aqui!*

– Onde está Shay?

Engasguei com o seu nome, o terror jorrando pela minha garganta enquanto eu esperava a resposta de Monroe.

Fragmentos do passado passaram pela minha mente, um borrão de imagens que não entravam em foco. Lutei contra as memórias, tentando pegá-las e mantê-las no lugar para que eu pudesse entender o que tinha acontecido, como eu tinha chegado aqui. Lembrei da corrida através de corredores estreitos, de percebermos que tínhamos sido encurralados, e encontrarmos o nosso caminho para a biblioteca na

Propriedade Rowan. O tio de Shay, Bosque Mar, corroendo a minha indignação com dúvidas sobre o que estava acontecendo conosco.

Os dedos de Shay apertaram minha mão com tanta força que doeu. – Diga-me quem você realmente é.

– Eu sou seu tio. – Bosque disse calmamente, caminhando em direção à nós. – Sua própria carne e sangue.

– Quem são os Protetores? – Shay perguntou.

– Outros como eu, que só querem protegê-lo. Ajudá-lo. – respondeu Bosque. – Shay, você não é como as outras crianças. Você tem habilidades inexploradas que você não pode sequer começar a imaginar. Eu posso te mostrar quem você realmente é. Ensiná-lo a usar o poder que você tem.

– Se você está tão empenhado em ajudar Shay, por que era ele o sacrifício para a minha união? – Eu empurrei Shay para trás de mim, protegendo-o de Bosque.

Bosque balançou a cabeça. – Outro trágico mal-entendido. Um teste, Calla, de sua fidelidade à nossa nobre causa. Pensei que lhe tínhamos oferecido a melhor das educações, mas talvez você não esteja familiarizada com a prova de Abraão com seu filho Isaac. Não é o sacrifício de quem você ama o indicador final de sua fé? Você realmente acredita que queríamos que Shay morresse por suas mãos? Nós lhe pedimos para ser sua protetora.

Eu comecei a tremer. – Você está mentindo.

– Estou? – Bosque sorriu, e quase parecia gentil. – Depois de tudo o que você passou, você não tem confiança em seus mestres? Você nunca teria sido forçada a prejudicar Shay, outra matança teria sido fornecida em seu lugar, no último momento. Eu entendo que tal teste pode parecer demasiado terrível para ser justo, que seja pedir demasiado de você e Renier. Talvez você seja jovem demais para ter enfrentado tal prova.

Fechei minhas mãos em punhos para que Monroe não as visse tremer. Eu podia ouvir os gritos dos súcubos e incubos, ouvir o sibilar das quimeras e o andar arrastado daquelas horríveis e ressequidas criaturas que tinham se arrastado para fora dos retratos nas paredes da Propriedade Rowan.

– Onde ele está? – Perguntei novamente, rangendo os dentes. – Eu juro que se você não me disser -

– Ele está ao nosso cuidado. – Monroe disse calmamente.

Houve aquele meio sorriso novamente. Não conseguia decifrar o comportamento reservado mas confiante deste homem.

Eu não tinha certeza do que "cuidar" significava neste caso. Mantendo minhas presas à mostra, eu me desloquei para o outro lado da sala, à espera que Monroe fizesse um movimento.

Mesmo enquanto olhava para ele, imagens borradas do passado vacilaram diante dos meus olhos como aquarelas.

Metal frio cercando meus braços. O clique de fechaduras e a ausência repentina de peso nos meus pulsos. O calor de um toque suave esfregando para longe o frio gelado na minha pele.

– Por que ela não está acordada ainda? – Shay perguntou. – Você prometeu que ela não iria se machucar.

– Ela vai ficar bem. – disse Monroe. – O encantamento dos dardos atua como um sedativo pesado; vai demorar algum tempo para desaparecer.

Eu tentei falar, me mover, mas minhas pálpebras estavam tão pesadas, a escuridão do sono me puxando para baixo de sua superfície novamente.

– Se pudermos chegar a um acordo, eu vou levá-la até ele. – continuou Monroe.

– Um acordo? – Eu estava certa de não querer mostrar fraqueza. Se eu fizesse qualquer tipo de acordo com um Rastreador, tinha que ser nos meus termos.

– Sim. – disse ele, arriscando um passo em minha direção. Quando eu não protestei, ele começou a sorrir. Ele não estava sendo enganador, eu não peguei o cheiro de medo, mas seu sorriso foi afugentado por outra coisa. Dor?

– Nós precisamos de você, Calla.

Minha confusão zumbiu mais alto, me forçando a afastá-la como um enxame de moscas traquinas. Eu tinha que parecer confiante, não distraída com o comportamento estranho dele.

– Quem exatamente faz parte desse 'nós'? E para que vocês precisam de mim?

Minha raiva tinha se dissolvido, mas me concentrei em manter meus caninos afiados. Eu não queria que Monroe esquecesse por um minuto com o que ele estava lidando. Eu ainda era uma alfa e eu precisava me lembrar disso tanto quanto ele precisava vê-lo. Força era a única coisa que eu tinha a meu favor neste momento.

– Meu povo. – disse ele, gesticulando vagamente para trás dele, para o que estava além da porta. – Os Rastreadores.

– Você é o líder deles? – Eu fiz uma careta.

Ele parecia forte mas grisalho, como alguém que nunca dormia tanto quanto realmente precisava.

– Eu sou *um* líder. – disse ele. – Eu sou o líder da equipe Haldis; lidamos com operações fora do posto de Denver.

– *Vamos falar sobre seus amigos em Denver.*

Em algum lugar nos recessos de minha mente, Lumine, minha mestra, sorriu e um Rastreador gritou.

Cruzei os braços sobre o meu peito para não estremecer. – Ok.

– Mas não é só a minha equipe que precisa de sua ajuda. – continuou ele, voltando de repente a andar na frente da porta. – Todos nós precisamos. Tudo mudou, não temos tempo a perder.

Ele correu as mãos pelos cabelos escuros enquanto falava. Eu considerei fugir, ele estava claramente distraído, mas algo sobre o seu jeito me hipnotizou, o suficiente para que eu não soubesse se a fuga era realmente o que eu queria.

– Você pode ser nossa única chance. Eu não acho que o Descendente pode fazer isso sozinho. Você pode ser a parte final da equação. O ponto de inflexão.

– O ponto de inflexão de quê?

– Desta guerra. Você pode acabar com ela.

Guerra. A palavra fez o meu sangue ferver. Fiquei feliz por isso; o calor correndo em minhas veias me fez sentir mais forte. Esta guerra era a que eu tinha sido criada para lutar.

– Precisamos que você se junte a nós, Calla.

Eu mal podia ouvi-lo. Estava presa em uma neblina vermelha, pensamentos de violência que consumiram tanto da minha vida enchiam o meu ser.

A Guerra das Bruxas.

Eu tinha servido os Protetores em suas batalhas contra os Rastreadores desde que podia cortar carne com meus dentes. Eu tinha caçado por eles. Eu tinha matado por eles.

Meus olhos se focaram em Monroe. Eu tinha matado o *seu* povo. Como ele podia querer que eu me juntasse a eles?

Como se sentisse a minha desconfiança, ele congelou no lugar. Ele não falou, mas juntou as mãos atrás das costas, me olhando, esperando eu falar.

Engoli, forçando firmeza na minha voz. – Você quer que eu lute por você.

– Não apenas você. – disse ele. Eu podia ver que ele estava lutando por controlar suas palavras também. Ele parecia desesperado por inundar o ar entre nós com seus pensamentos. – Mas você é a chave. Você é uma alfa, um líder. Isso é o que precisamos. É o que nós sempre precisamos.

– Eu não entendo.

Seus olhos estavam tão brilhantes enquanto ele falava, eu não sabia se devia ter medo ou ficar fascinada. – Os Guardiões, Calla. Seu clã. Precisamos que você os traga para nós. Para lutarem conosco.

Parecia que o chão tinha cedido debaixo de mim e eu estava caindo. Eu queria acreditar no que ele estava dizendo, porque não era esta a mesma coisa que eu desejava?

Uma maneira de libertar meu clã.

Sim. Sim, era. Mesmo agora, meu coração estava correndo com o pensamento de voltar para Vail, de encontrar meus companheiros de clã. De voltar para Ren. Eu poderia levá-los para longe dos Protetores. Para outra coisa. Algo melhor.

Mas os Rastreadores eram meus inimigos... Eu tinha que andar com cuidado, se fizesse um pacto com eles. Decidi usar a minha relutância. – Eu não sei se isso é possível...

– Mas é! – Monroe deu uma guinada para a frente como se fosse agarrar minhas mãos, um brilho louco nos olhos.

Saltei para trás, mudando para a forma de lobo, e ameacei morder seus dedos.

– Eu sinto muito. – Ele balançou a cabeça. – Há tanta coisa que você não sabe.

Mudei de volta. Seu rosto estava gravado com linhas profundas. Assombrado, cheio de segredos.

– Nada de movimentos bruscos, Monroe. – Dei passos lentos em direção a ele, estendendo a mão, usando uma outra abordagem. – Eu estou interessada, mas não estou convencida de que você sabe o que está pedindo de mim.

– Eu sei. – Ele desviou o olhar, quase vacilando em suas próprias palavras. – Eu estou pedindo para você arriscar tudo.

– E por que eu faria isso? – Eu perguntei.

Eu já sabia a resposta. Eu arrisquei tudo para salvar Shay. E eu faria de novo num piscar de olhos se isso significasse que eu poderia voltar para os meus companheiros de clã. Se eu pudesse salvá-los.

Ele recuou e estendeu o braço, limpando o meu caminho até a porta aberta.

– Liberdade.

Capítulo 2

A porta levava a um amplo corredor bem iluminado e eu engoli um suspiro. As paredes foram lavradas a partir de reluzente mármore, suas superfícies refletindo um véu cintilante da luz do sol que se derramava através do vidro.

Onde estou?

A beleza surpreendente do que me rodeava distraiu-me o suficiente para que não notasse que Monroe e eu não éramos os únicos na sala.

– Cuidado. – Uma voz claramente mal-humorada me fez saltar.

Voltei-me, mal conseguindo manter minha forma humana, cheia de raiva por ter sido pega de surpresa. Quase me transformei de novo quando vi o orador.

Ethan. Eu encontrei-o duas vezes e nas duas vezes tínhamos lutado. Primeiro na biblioteca e, em seguida, na propriedade Rowan. Meus lábios se arreganharam para que eu pudesse mostrar meus caninos. Olhando para ele, cerrei o punho na frente do meu peito. As flechas de sua besta quase tinham me matado antes de Monroe me nocautear. Ethan me encarou como resposta, o nariz ainda um pouco torto de quando Shay o tinha quebrado. Em vez de estragar sua boa aparência dura, teve o efeito de fazê-lo parecer ainda mais perigoso. Meus músculos tremeram enquanto o observava. A menor contração dos dedos dele na direção do punhal embainhado em sua cintura foi tudo o que foi necessário.

Eu mudei enquanto saltava, o meu grito de indignação se transformando em um uivo, minha mente em um frenesi enquanto eu caía nele.

Estúpida. Estúpida. Estúpida. Duas palavras amáveis de Monroe e eu caminhara direto em uma emboscada.

Os dedos de Ethan se torceram no pelo do meu peito, empurrando-me para longe, para que as minhas presas não conseguissem alcançar seu pescoço, ficando a centímetros de distância. Ele vomitou maldições enquanto se contorcia sob mim. Eu

me soltei de seu agarre, mas antes que eu pudesse rasgar sua carne desprotegida, alguém bateu em minhas costas.

Braços e pernas se envolveram em torno de meu tronco, agarrando-se bem, se recusando a largar. Eu rosnei e resisti, torcendo minha cabeça enquanto tentava me libertar deste novo atacante. Eu não podia dar uma boa olhada no atacante nem conseguia afundar os meus dentes no braço envolto em torno de meu peito. Um profundo 'whoop' masculino e o som de risos só aumentou minha raiva. Eu arqueei as costas e girei em um círculo, desesperada para jogá-lo para fora das minhas costas.

O riso era proveniente de Ethan, que tinha se levantado e estava me observando lutar com um sorriso satisfeito no rosto.

– Monte-a, cowboy! Apenas oito segundos, Connor, e você ganha. – disse ele. – Você já fez cinco.

– Parem com isso! – Monroe assomou-se entre mim e Ethan. – Calla, eu lhe dei minha palavra. Você não está em perigo aqui. Connor, saia dela.

Eu golpeei quando o ressoar do riso de Connor chegou através de minhas costas. – Mas Monroe, isto é quase um novo recorde para mim.

– Bem-vindo ao Lobo Rodeo. – Ethan estava rindo tanto que se inclinou, as mãos apoiadas sobre os joelhos para não cair.

– Eu disse para parar. – Nada na voz de Monroe revelava diversão.

Eu fiquei tão surpreendida quando Connor escorregou para longe de mim que continuei a lutar e quase caí.

– Whoa, bela adormecida. – Eu me virei para encontrar Connor sorrindo para mim. Não tive problemas em me lembrar dele: o outro Rastreador que tinha emboscado a mim e a Shay na biblioteca. E ele também tinha estado na propriedade Rowan, pegando Shay - inconsciente e na forma de lobo - e levando-o embora do ataque das *espectros*, súcubos, e íncubos de Bosque. Estremeci, tanto pela memória da horda quanto pelo temor doente que eu ainda sentia por não saber o que havia acontecido com Shay.

Ao contrário de Ethan, cujo olhar me dera a certeza de que ele queria enfiar uma faca no meu intestino tanto quanto eu queria afundar meus dentes em sua garganta, Connor estava se esforçando para não rir. Com aquela expressão ele parecia atraente

de uma forma de garotinho, até mesmo inocente, mas eu me lembrava muito bem como ele podia manejar espadas. Duas espadas e sabres com a lâmina curvada como o de Monroe, estavam embainhados na cintura dele, neste exato momento. Rosnei para ele, recuando lentamente dos três Rastreadores.

– Não é uma pessoa matinal, não é? – Connor sorriu. – Eu prometo que vamos arranjar um café-da-manhã para você, Lobinha. Você só não pode comer Ethan. Fechado?

– Calla. – Monroe estava andando em minha direção, balançando sua cabeça. – Nós não somos seus inimigos. Por favor me dê uma chance.

Encontrei seus olhos escuros, que se haviam fixado em mim, intensos e um pouco temerosos. Afastando meu olhar de Monroe, olhei para Ethan e Connor. Eles tinham tomado posições flanqueando Monroe mais atrás, mas nenhum tinha tirado uma arma. Impulsos conflitantes me paralisaram. Todos os meus instintos gritavam para atacar, mas os Rastreadores só tinham agido defensivamente. E eles não estavam tentando me machucar agora.

Ainda inquieta, eu mudei de forma.

– Eu gosto mais dela assim, não é? – Connor murmurou com um olhar de soslaio para Ethan, que só grunhiu.

– O que eles estão fazendo aqui? – Apontei para os outros dois homens, mas falei com Monroe. – Eu pensei que você disse que eu estaria segura com você.

– Eles são membros da minha equipe. – Monroe respondeu. – E você vai estar trabalhando de perto com eles. Você pode confiar neles tanto como pode confiar em mim.

Agora era a minha vez de rir. – De jeito nenhum. Estes dois tentaram me matar mais de uma vez.

– Não mais lutas agora que estamos na mesma equipe. – disse Connor. – Palavra de escoteiro.

– Como se você alguma vez tivesse sido um escoteiro. – O sorriso de Ethan desapareceu em menos de um segundo. – Além disso, ela acabou de tentar rasgar minha garganta!

– Ethan. – Monroe deu-lhe um olhar severo.

Mas a hostilidade de Ethan ofereceu-me mais garantias do que as promessas de Monroe ou as piadas de Connor, pelo menos as ameaças de Ethan faziam sentido. Estes eram Rastreadores e eu era uma Guardiã. O que podíamos oferecer uns aos outros além de derramamento de sangue?

– Calla. – disse Monroe. – Nossos mundos estão mudando mais rápido do que você pode imaginar. Esqueça o que você pensa que sabe sobre nós. Nós podemos ajudar uns aos outros. Todos nós queremos as mesmas coisas.

Eu não respondi, me perguntando exatamente o que ele pensava que eu queria.

– Você vem conosco? – Perguntou ele. – Você vai ouvir o que tenho a dizer?

Desviando os olhos dele, olhei para cima e para baixo no corredor encurvado. Nada era familiar. Se eu corresse, eu não saberia onde estava indo. Pelo menos eu podia procurar uma rota de fuga enquanto estava seguindo Monroe ao redor.

– Tudo bem. – eu disse.

– Fantástico! – Connor riu. – Não há mais luta! Eu acho que isso significa que somos amigos do peito agora? Muito agradável.

Com isso, ele olhou incisivamente para o meu peito.

– Ela é um lobo. – Ethan disse cortante. – Isso é retorcido.

– Não no momento. – disse Connor, não desviando o olhar e dando alguns passos mais perto. Quando ele se aproximou, eu senti o cheiro de cedro e violeta misturado com o aroma de café. A mistura era familiar – uma que eu tinha estado perto antes. Eu rosnei e saltei para trás, afastando a nova nuvem de memórias se formando em minha mente.

– *Você tem certeza que ela é uma alfa?* – Connor perguntou, aconchegando-me contra o seu peito quando eu me mexi. – *Ela não parece assim tão dura.*

– *Você tem uma memória seletiva, idiota.* – Ethan estalou. – *Só porque ela é uma loira gostosa agora não significa que o lobo se foi.*

– *Relaxe, homem.* – Connor riu. – *Tem que se viver o momento. E neste momento há uma garota gostosa em meus braços.*

– Pare de falar dela como se eu não estivesse aqui! – Shay gritou.

– Oh, que horror, eu irritei o Grande. – Connor afirmou. – Será que alguma vez vou ganhar o seu perdão?

– Não pressione o garoto, Connor. – disse Monroe. – Estamos quase no ponto de encontro.

– Desculpe, garoto. – Connor sorriu.

– Chega. – Shay rosnou e ouvi o barulho de pés.

– Whoa! – O corpo de Ethan se assomou na minha frente. – Não posso deixar você fazer isso, garoto.

– Isso é o suficiente. – disse Monroe. – Está ali o portal. Basta ir.

Eu tentei me mover novamente, tentando ver mais do que me rodeava. O ar parecia brilhar; o frio dando lugar ao calor. Os braços de Connor se apertaram em torno de mim quando eu escorreguei na inconsciência novamente.

Olhando para o sorriso endiabrado de Connor, eu sabia que o tinha visto antes - mesmo que a memória fosse imprecisa. Ele devolveu o meu olhar, com os olhos brilhando de malícia. Fechei o meu punho, avaliando se tiraria mais satisfação batendo-lhe no estômago - ou um pouco mais abaixo. Se ele queria evitar uma luta, ele precisava morder a língua em torno de mim.

Mas Monroe chegou lá primeiro. – Pare com isso, Connor. Ela pode precisar de um pequeno ajuste antes de ter que lidar com seu senso de humor.

– Senhor, sim, senhor! – Connor endireitou-se, mas ele estava rindo.

Eu estava confusa novamente. Ethan grunhiu, ainda me olhando com cautela, mas não fez nenhum movimento. Aparentemente, eles não estavam procurando uma luta. Tendo me encontrado com estes homens apenas quando estava tentando matá-los, eu não podia decifrar o comportamento estranho e casual deles. Quem eram estas pessoas?

– Anika está nos esperando na zona de Planejamento Tático. – disse Monroe, não conseguindo esconder completamente sua própria risada com um pigarrear de sua garganta. Ele se virou e se dirigiu para o corredor.

– Vamos.

Eu praticamente tive que trotar para acompanhá-lo. Eu ainda não estava confortável com Connor e Ethan atrás de mim. Levou muita força de vontade para não olhar por cima do ombro para eles, mesmo que apenas para arreganhar meus dentes em aviso.

Quanto mais andávamos, mais confusa eu ficava. O corredor dava curvas constantemente; passamos muitas portas, mas nenhum canto nem cruzamento. O que quer que este lugar fosse, parecia ser circular, todo inundado com luz solar, iluminando cada minuto enquanto a manhã florescia para dar lugar ao dia. Eu tive que piscar contra a luz, que brilhava no ar. Até as paredes eram cor bege espumante. Veias minúsculas de cristais multi-coloridos corriam através do piso em mármore e das paredes, cortando as superfícies em rios de cor que se juntavam com os raios de sol para preencher o espaço com arco-íris fantasmagóricos. Os padrões de luzes hipnóticas seguraram a minha atenção, portanto quando Monroe parou abruptamente, eu mal consegui evitar colidir contra ele.

Nós tínhamos chegado a um ponto onde o corredor encurvado era interrompido por uma câmara ampla aberta com novos caminhos que davam para a nossa direita ou esquerda. O caminho à nossa esquerda, que dava para o que devia ser o centro do edifício, não era uma sala, mas sim portas de vidro que se abriam para uma ponte do mesmo mármore. Meu olhos seguiram a passagem de pedra esculpida e eu perdi minha respiração com o que vi. As paredes desapareciam para revelar um pátio enorme abaixo. Deviam ser quinze, talvez dezoito metros de altura até ao chão.

Parece que Monroe estava dizendo a verdade sobre as janelas.

O pátio estava cheio de... casas de vidro e jardins? Pareciam jardins, mas não havia plantas em crescimento. Então, novamente, era quase inverno. Ou não? Quanto tempo eu tinha estado aqui? Olhei para cima e vi que, ao contrário do corredor que seguimos até este ponto, o pátio se abria ao próprio céu. Do outro lado das portas de vidro, finos flocos de neve flutuavam preguiçosamente até à terra escura abaixo.

Uma mão tocou meu ombro e eu pulei.

– Os negócios em primeiro lugar. – Monroe estava sorrindo. – Prometo que você vai ter um passeio mais tarde.

– Certo. – eu disse, seguindo-o pelo corredor à nossa direita. Um rubor subiu pelo meu rosto, e eu esperava que não tivesse ficado muito boquiaberta enquanto babava pelo edifício.

Este novo corredor era muito mais amplo do que aquele de onde tínhamos vindo, e ao contrário do primeiro corredor, este seguia em linha reta. Havia portas à minha direita e esquerda e duas sólidas portas de madeira diretamente à nossa frente. Quando chegamos em frente a elas, eu engasguei. Esculpida em cada superfície alta estava o símbolo alquímico para a terra - o mesmo triângulo que tinha marcado a Caverna Haldis nas páginas de *A Guerra de Todos Contra Todos*.

– Ela fez seu dever de casa. – disse Connor. – Silas ficará encantado.

Monroe e Ethan ignoraram-no e eu mordi meu lábio, tentando me lembrar que precisava manter as minhas reações escondidas. Mas todos esses pensamentos fugiram quando Monroe abriu as portas. Caminhamos para dentro de uma grande sala com uma única mesa no centro. Era redonda e maciça, como algo retirado da corte do Rei Artur. As paredes estavam revestidas com livros antigos e com capa de couro, como aqueles que tínhamos caçado na propriedade Rowan. A semelhança era suficiente para afiar os meus dentes.

Com o canto do meu olho eu vi duas pessoas em pé perto de um conjunto de estantes, falando baixinho enquanto olhavam para os títulos nas lombadas. E uma dessas duas pessoas era alguém que eu conhecia. E amava.

A cabeça de Shay se inclinou enquanto ouvia a garota que estava com ele. Ela parecia ter a minha idade e tinha grandes olhos castanhos líquidos velados por tufo de cabelo de mogno que haviam escapado do nó apertado com um fecho de metal espesso na parte de trás do pescoço dela. A garota era a primeira Rastreadora que eu tinha visto que não estava armada até aos dentes, no entanto, como os outros, ela tinha um vestuário feroz: calças de couro muito desgastado, botas de combate, e uma túnica de corte apertado de linho não tingido. Roupas como as que eu estava vestindo. Pendurado baixo nos quadris dela estava um cinto largo, do qual penduravam duas estranhas pontas de metal afiadas. Eu não conseguia decifrar o que elas eram. Com cerca de meio metro de comprimento, pareciam duas dormentes de prata para vias férreas finas e brilhantes que se alongavam na ponta para formar uma bico afiado como o de uma agulha. Em uma mão ela segurava um maço de papéis dobrados, que ela batia ritmicamente contra a sua coxa.

Eu me ericei quando vi que sua outra mão repousava sobre o braço de Shay. A mordida de ciúme me assustou, e meus dentes se afundaram profundamente dentro de mim. Eu não queria que qualquer outra garota lhe tocasse. Ele era meu.

Shay levantou a cabeça como se tivesse ouvido meus pensamentos. Mas quando ele se virou, eu percebi que ele tinha reconhecido meu cheiro. O pensamento fez minha pele zumbir e eu me encontrei correndo para encontrá-lo, lançando um olhar ameaçador à garota de cabelos escuros quando passei por ela.

– Calla! – Shay disse, estendendo a mão para mim. – Você está bem?

Meu coração estava batendo muito rápido e eu mal podia recuperar o fôlego. Eu tinha tido medo de não poder vê-lo novamente. Que nenhum de nós sobreviveria a esta provação.

Comecei a assentir quando minhas pernas cederam, mas Shay estava lá. Seus braços agarraram minha cintura quando eu desmoronei. Me agarrei a ele, sabendo que agora ele era tão forte quanto eu. Eu podia esmagá-lo em meu aperto sem medo de machucá-lo.

Shay apertou seus braços em volta de mim e me pressionei mais perto. Uma de suas mãos surgiu e embalou a minha cabeça contra seu peito, seus lábios escovaram a coroa do meu cabelo.

Shay. Shay. Eu tomei uma respiração profunda. Seu cheiro, o cheiro da primavera, tão quente e esperançoso quanto a luz do sol que enchia este lugar, se derramou por mim.

Enterrando os meus dedos em seus cabelos, puxei o rosto dele para o meu. Eu podia provar sua surpresa, doce e brilhante, quando o beijei. A doçura transformou-se em calor, então em paixão quando sua boca se arrastou sobre a minha bochecha.

– Calla. – ele sussurrou, pegando minha orelha em seu dentes - um gesto de lobo que me fez aconchegar contra seu pescoço carinhosamente. *Meu. Ele é meu.*

– Estava me matando não poder estar com você. – ele disse, puxando-me para trás para que ele pudesse olhar para mim. – Deus, é bom te ver.

Connor assobiou, e o olhar curioso da garota brilhou com malícia. Apesar do meu alívio pela presença de Shay, eu silenciosamente amaldiçoei o lapso momentâneo na minha cautela. Eu devia saber melhor. Esta não era uma reunião privada. Cada

movimento nosso estava sendo observado. Eu sentira falta de Shay, cada grama do meu ser doía querendo tocá-lo assim que coloquei os olhos nele, mas eu não precisava que os Rastreadores soubessem disso. Eu forcei firmeza em meus músculos, saindo de seu abraço.

– Eu estou bem, Shay. – eu disse, tentando ignorar o sentimento de perda que eu sentia agora que ele não estava me segurando. – Na maior parte. Um pouco confusa.

– É por isso que estamos aqui. – disse Monroe, vindo para nós. – Shay, eu acredito que você está bem.

– Estou melhor agora. – disse ele, sem tirar os olhos de mim. Meus dedos dos pés se enrolaram quando ele ignorou a minha tentativa de distanciar-me e me puxou de volta para um abraço.

– Estou satisfeito que Calla fez uma recuperação completa também. – disse Monroe. – Teria sido trágico se a tivéssemos perdido.

Eu lati uma risada áspera. – Me perdido? Eu pareço me lembrar de ter sido baleada por ele. – Ethan não vacilou quando eu lhe joguei um olhar acusador antes de olhar de volta para Monroe. – E que você me deixou inconsciente.

Ele assentiu, oferecendo um sorriso de desculpas. – Nós precisávamos saber mais sobre quem você era antes de sabermos se você podia ser uma aliada.

Lancei-lhe um olhar desconfiado.

– E nós fizemos tudo ao nosso alcance para garantir que você se recuperasse rapidamente.

Desta vez foi Shay que bufou. – Sim, como se eu tivesse alguma razão para confiar em seus curadores.

Voltei-me em seus braços para olhar para ele. – Curadores?

Minhas memórias do tempo entre a batalha na propriedade Rowan e acordar aqui estavam confusas na melhor das hipóteses, aterrorizantes na pior. Era óbvio que algo me tinha curado, mas eu não lembrava quando minhas feridas tinham sido tratadas.

– Eu não sei o que fizeram com você. – Ele atirou um olhar raivoso a Monroe, que encolheu os ombros.

– As flechas mantiveram-na inconsciente durante algum tempo. – Monroe afirmou. – Isso é o que estão projetadas para fazer. Nossos curandeiros se asseguraram de que todas as toxinas foram removidas do seu sangue. Não deve haver quaisquer efeitos prolongados.

Eu uivava, rastejando pelo chão até seu lado. Cada passo era uma agonia. As flechas da besta ainda se projetavam do meu peito. O sangue em meus pulmões estava lentamente me afogando. Quando cheguei a ele, mudei de forma, enterrei minhas mãos em seu pelo, e sacudi os ombros.

– Shay! Shay! – Mesmo enquanto me agarrava a ele, podia sentir minha força fugindo de meus membros.

– Flechas encantadas; espero que você esteja apreciando o passeio. – A voz áspera como cascalho de Ethan chamou meus olhos para o lado. Ele tinha a besta dirigida para mim uma vez mais. – Foi você que o transformou?

Meu peito estava pegando fogo, minha visão turvando. Assenti e caí no chão, rolando ao lado de Shay.

Meus dedos voaram para meu peito de novo, que tinha apertado com a lembrança, no pensamento de flechas perfurando minha carne. Me mantiveram inconsciente?

– Quanto tempo? – Eu sussurrei.

– O quê? – Shay colocou sua mão sobre a minha, entrelaçando meus dedos nos seus.

– Quanto tempo estive fora? – Eu perguntei. – Quanto tempo desde que deixamos Vail?

– Cerca de uma semana. – disse ele.

Uma semana. De certa forma, não parecia muito tempo. Mas quando pensava no que poderia ter acontecido com o meu clã em uma semana, o que poderia ter acontecido com eles em questão de horas uma vez que a minha fuga da união tinha sido descoberta, parecia uma eternidade.

E Ren. O que eles tinham feito com ele? Ele mentiu para que pudéssemos escapar da busca do clã Bane, e não havia nenhuma maneira de os Guardiões não terem descoberto essa traição.

Eu tremi e Shay me apertou ainda mais, mas em minha mente eu estava nos braços de outra pessoa.

A voz de Ren parecia vir das minhas costas.

– Eu não sei como acreditar em você. Em nada disso. O que mais há para nós? Isto é quem nós somos.

– Isso não o torna certo. Você sabe que eu não iria abandonar meu clã, a menos que eu tivesse mesmo que fazê-lo. – eu disse calmamente. – A menos que fosse a única maneira de ajudá-los.

Seus olhos encontraram os meus, tensos e incertos.

– Nós não temos muito tempo. – eu disse. – Como você ultrapassou os outros?

Ele olhou na direção de onde tínhamos vindo. – Houve um alvoroço quando encontraram o corpo de Flynn, mas eu peguei o seu aroma e parti. O restante deles ainda estavam se reagrupando. O clã do meu pai. Os Banes mais velhos.

Ele ficou tenso e gelo inundou meus membros.

– E os Nighthsades? – Eu perguntei.

– Eles estão detidos para interrogatório.

– O que aconteceu em Vail? – Eu tive que me afastar de Shay, precisando me orientar.

Ninguém me respondeu, e eu lutei para colocar fora um gelo como o que eu tinha sentido na noite de nossa fuga.

Agora eu não podia me dar ao luxo de ser consumida pelo medo do que poderia ou não ter acontecido com os meu companheiros de clã. Força inabalável e resolução de aço eram minhas melhores – não, minhas únicas – chances de ajudá-los.

– E sobre a luta? Como vocês nos encontraram? Vocês mataram Bosque Mar?

Connor riu. – Matar Bosque Mar. Ninguém pode matar aquela coisa.

– Coisa? – As sobrancelhas de Shay subiram. – O que você quer dizer com ‘coisa’?

– Ninguém pode matar Bosque Mar ainda. – disse Monroe, olhando para Shay antes de falar para mim. – Nós ainda estamos tentando determinar o que está acontecendo em Vail.

– Você sabe alguma coisa?

– Cuidado com o tom, lobinha. – disse Ethan, ajustando a besta pendurada no ombro. – Se não fosse por nós, você teria sangrado nessa biblioteca.

– Você foi a razão porque eu estava sangrando na biblioteca! – Eu pulei para a frente, permanecendo humana, mas agarrando Ethan pela camisa e jogando-o sobre o tampo da mesa. Me inclinando para baixo, me assegurei de que ele estava olhando diretamente para meus caninos. – Nunca me diga para ter cuidado com meu tom, você não tem idéia de com quem você está lidando.

– Calla! – Monroe estava ao meu lado, me puxando para fora Ethan. – Por favor, isso não é necessário.

Ethan levantou-se. – O inferno? É melhor refrear o seu cão, Monroe.

Eu sorri. – E é melhor você aprender a não me chamar de cão.

A menina que tinha estado na sala com Shay quando chegamos começou a rir. – Legal.

– Vá para o inferno, Ariadne. – Ethan ainda estava lívido.

– Olhe a linguagem. – Ariadne estalou sua língua.

– Precisamos de Calla. – disse Monroe, inabalável, apesar do olhar de Ethan. – Isso não é negociável.

– Há isso, e ela está certa. – acrescentou Connor, olhando-me com cautela, mas com um sorriso de admiração. – Você disparou um monte de flechas nela.

– Isso é besteira. – disse Ethan. – Primeiro negociar com esse garoto e agora o lobo. Somos melhores do que isso.

– O garoto é o Herdeiro. – Monroe segurou o olhar de Ethan firmemente. – E um lobo alpha pode ser a chave para ganhar esta guerra.

Ethan bufou. – O Herdeiro não fez nada para nós, e de jeito nenhum os lobos vão ganhar esta guerra. Esta é a nossa luta e eles estão do outro lado!

– Tenho certeza que as coisas serão diferentes agora que Calla se juntou a nós. – Monroe levantou uma sobrancelha para Shay, expectante.

Shay enfiou as mãos nos bolsos. – Sim, eu acho.

– Isso não é bom o suficiente, Shay. – Uma sombra de irritação passou pelo rosto de Monroe.

– Do que ele está falando? – Eu perguntei.

Shay parou de encarar Monroe tempo suficiente para olhar para mim. – Eu não lhes diria nada sobre Vail ou o que tinha encontrado na biblioteca até que você estivesse aqui. Saudável, segura.

– Oh. – De alguma forma eu consegui não corar, mas senti um lampejo de calor profundo no meu corpo.

Os punhos de Ethan se cerraram e ele começou a andar para perto de Monroe. – Eu não me importo se ele é o Herdeiro. Ele é praticamente um bebê no nosso mundo. Ele precisa seguir ordens, não tentar definir termos.

– Eu posso sair na hora que você quiser, – Shay rosnou. – se eu fiquei além do tempo de minhas boas-vindas.

– Ali está a porta. – Ethan fez um gesto para ele.

– Isso é o suficiente! Esta é a maneira como as coisas são, Ethan. – Monroe disse. – De agora em diante. Está claro?

Ethan olhou para ele em silêncio e, finalmente, virou-se e caminhou para o lado oposto da sala.

– Bem, então. – disse Ariadne. – Dado que eu estou supondo que não podemos realmente falar sobre Vail até Anika chegar, talvez nós devêssemos cuidar das apresentações.

Ela avançou com fluidez, sorrindo como se a tensão na sala não existisse.

Monroe franziu o cenho para ela. – Introduções?

– É claro. – disse ela. – Você parece ter esquecido que esta é a minha grande estréia. Com toda a excitação sobre Shay aqui, ninguém se importa. Mas eu fui ordenada a informar você, Monroe. – Ela deu um tapa com os papéis contra o peito dele. – Eu acredito que você está satisfeito com a minha conclusão da formação na Academia. Estou pronta para meu trabalho com a equipe Haldis.

Ele suspirou quando tomou os documentos. – Sim, Ariadne. Parabéns por completar seus exames. Nós não poderíamos estar mais orgulhosos de ter você a bordo.

Ela ofereceu-lhe a imitação de um sorriso.

– É apenas Adne agora. – ela resmungou. – O nome todo é demasiado grande.

– Se você insiste. Você completou seu treinamento numa velocidade surpreendente, e você recebeu as mais altas recomendações de seus treinadores. – disse Monroe.

– Você pode escolher suas atribuições.

– Eu sei. – disse ela, estreitando os olhos.

– Você não tem que trabalhar com Haldis.

– Eu sei. – Seus dentes se cerraram. – Está feito, ok? Você está preso comigo.

– Você sabe que não é o que eu quis dizer. – Monroe começou, mas ela balançou a cabeça.

– Esqueça isso.

Ela afastou a franja do cabelo escuro de seus olhos, dando um sorriso genuíno a Connor. – Você está feliz em me ver? Você tem estado no posto avançado durante o quê - três meses agora?

– Tente seis. – disse ele. – E você claramente se esqueceu totalmente de mim. Eu vi o jeito que você estava paquerando com nosso Herdeiro, quando entramos. Muito coquete, não?

– Eu não estava flertando. – disse ela, mas eu pensei que peguei um rubor subindo em suas bochechas quando ela olhou de soslaio para Shay. – Você sabe muito bem onde eu estava e porque eu tinha de estar aqui. – disse ela. – Eu não abandonei você.

Eu cavei minhas unhas em minhas mãos quando Shay olhou para mim de forma culpada. Quem era essa garota?

– Um homem sabe quando ele foi abandonado. – Connor colocou um punho sobre o coração.

– É isso o que você está chamando a si mesmo nos dias de hoje? – Ela perguntou com um sorriso irônico. – Um homem? Eu estava pensando em fantoche... ou posar talvez.

– Não. – Connor disse. – Acho que vou ficar com o homem. Gostaria de ver a prova?

– Eu ficaria muito grato se você dissesse que não, Ariadne. – Monroe fez uma careta, mas eu podia vê-lo escondendo um sorriso por trás da expressão irritada.

O sorriso secreto desvaneceu-se quando ela retrucou. – Eu sei melhor pra ter que perguntar se você sentiu a minha falta.

– Bem, eu estou muito feliz por voltar a vê-la. – Connor disse rapidamente quando Monroe fez uma careta, cruzando o espaço entre eles. Ele se curvou e beijou-a na bochecha. – Tess e Isaac estão sempre fora. Ethan é muito mal-humorado para ser divertido. E nem metade tão bonito como você.

Olhei para a nova garota novamente. Ela era bonita... demasiado bonita. Ela tinha flertado com Shay enquanto eu estava inconsciente?

– Ele está brincando. – disse ela, lançando um olhar para Shay, enquanto virava as costas para Connor.

– Não, eu não estou. – disse Connor. – Sem querer ofender, Ethan.

– Estou devastado. – disse Ethan categoricamente.

Ariadne me encarou com um sorriso. – E esta é a garota lobo? Shay fala sobre você o tempo todo.

Eu sorri para ela. Mesmo se tivesse flertado com ele, os pensamentos de Shay ainda tinham estado focados em mim. Bom. Era assim que eu queria.

– Esta é Ariadne. – disse Shay. – Ela tem me mostrado as coisas por aqui.

– Me chame Adne. – disse ela.

– Meu nome é Calla. – respondi, me endireitando para tomar vantagem da polegada que eu tinha a mais que ela. Mesmo se Shay não estivesse interessado, eu ainda queria ter a certeza que esta garota sabia como estavam as coisas entre nós.

Seus próprios olhos brilharam com alegria. – Assim eu ouvi. Uma Guardiã chamada Calla²... como a flor. Isso é um toque agradável.

Eu não consegui evitar o gemido que brotou da minha garganta. – Uh-huh. Como a flor. – Essa era exatamente a impressão que eu não queria fazer.

– Isso é simplesmente fantástico. – ela murmurou, com um sorriso fantasma em sua boca. – Bem, é ótimo conhecer você, Lily. Pelo menos se você realmente está do nosso lado.

² Calla também é o nome de uma flor.

Capítulo 3



Lily.

Eu podia ouvir Ren rindo.

Você nunca vai parar de me chamar assim?

Nunca.

Meus joelhos ameaçaram fraquejar enquanto eu a encarava. — Porque me chamou assim?

O instinto de mudar de forma era esmagador. O aposento parecia estar se fechando em minha volta.

Corra, Calla. Corra para seu clã. Você não pertence a este lugar.

Shay deve ter sentido minha ansiedade porque ele agarrou meus braços, me forçando a olhá-lo.

— Calla? Ei, respire fundo. Ela não quis causar qualquer dano. — Eu percebi que ele achava que era a raiva que eu tinha de Ariadne que havia causado minha vontade de mudar. Mas esse não era o problema.

— Sim, ele está certo. Desculpe por incomodá-la. — Ela encolheu os ombros, um lampejo em seus olhos brilhantes, como se ela *quisesse* que eu a atacasse. — Apenas veio na cabeça. Se encaixa e é hilário.

Eu mal podia ouvi-la por causa do rugido em meus ouvidos. Era como ser tragada de volta para um sonho. Não, não um sonho, um pesadelo. Sentimentos que eu tinha sido capaz de enterrar enquanto estava sozinha voltaram, enchendo meu peito.

Sua expressão sorridente falhou. — Alguma coisa errada?

Balancei minha cabeça, sem saber o que dizer e desejando que o chão se abrisse e me engolissem. Eu podia ouvir Ren sussurrando o apelido em meu ouvido. Shay e eu

não podíamos estar juntos por mais de cinco minutos sem sermos lembrados da única pessoa que poderia nos separar?

Shay respondeu-a, seus próprios dentes trincando. — É apenas que alguém mais costumava chamá-la assim.

Alguém mais. Agora eu não estava apenas escutando o sussurro irritante de Ren. Eu podia ver seu rosto e lembrar da forma que ele me puxou contra ele na noite em que fugi de Vail.

Vail. Casa. Meu coração martelou contra minhas costelas, tornando difícil respirar. *Porque estou aqui?* Cravei minhas unhas nas palmas, esforçando-me para não me virar para os Rastreadores e voar em direção a eles como o lobo rosnando dentro de mim, desesperado para lutar, desesperado para estar junto com meu clã.

Os olhos de Adne se moveram da mandíbula apertada de Shay para meu rosto, avaliando.

— Ah. — ela disse rapidamente, sem tentar esconder um sorriso que deslizou em seus lábios. — Alguém mais. Entendo.

Um desconfortável silêncio preencheu a sala. Connor finalmente estalou suas articulações e olhou significativamente para Monroe.

— Então iremos sair da responsabilidade da prisão? — ele perguntou. — Não que isso não estivesse estimulante, especialmente comparado ao combate mortal que você normalmente nos manda.

— Você nunca cala a boca? — Shay repreendeu. Um fluxo de culpa rastejou pela minha nuca. Eu sabia que o mau humor de Shay era muito mais sobre mim do que as piadas de Connor. Mesmo que as piadas estivessem ficando um pouco irritantes.

— Maneiras, maneiras. — Connor disse. — Uma vez que você é o Escolhido, você precisa fazer uma boa impressão. Uma pena que eles não ensinem etiqueta por aqui. Você sabe, “qual garfo para salada”. Caligrafia. A elegante forma de estripar um oponente.

Por um segundo eu pensei que Shay iria atacar Connor.

— É o suficiente, Connor. — as palavras calmas de Monroe carregavam uma margem dura. — Vamos ficar firmes até Anika chegar.

— Ela chegou. — uma mulher veio caminhando através da porta. Ela estava vestida como os outros Rastreadores, mas um medalhão de ferro em forma de uma rosa dos ventos rodeava seu pescoço. Seu cabelo, preso em um coque de tranças na coroa em sua cabeça, parecia uma espiga de milho.

Ela estava acompanhada com outra mulher cuja aparência trouxe apenas uma palavra em minha mente: bárbara. Seu cabelo cor de azeviche estava cortado perto de sua cabeça, e uma tatuagem confusa corria em padrões em volta da pele caramelo de sua nuca. O cinto em volta de sua cintura estava cheio de facas, suas luminosas pontas pegando o brilho do sol e jogando de volta raios como faróis mortais.

— Lydia! — Connor caminhou através da sala, pegando a tatuada guerreira em um abraço apertado.

— Bom te ver também, Connor. — Sua risada era baixa e áspera. — Como Tess está?

— Ainda brigando com Isaac. — ele riu. — E sentindo sua falta, claro.

Ela retornou seu sorriso. — Se tudo der certo, eu poderei vê-la em algumas horas.

Connor colocou suas mãos em seus ombros. — Esta noite não será bem uma reunião.

— Pegarei o que puder.

Ethan se aproximou dos dois. Pegou o cotovelo de Lydia, virando-a. — Você está bem vestida.

Lydia e Ethan prenderam seus antebraços no que me pareceu ser algum tipo de cumprimento.

— Eu ouvi que temos alguns convidados especiais. — ela disse, olhando ao redor da sala. Seus olhos pararam em mim e ela inclinou seu queixo. Eu tive alguma dificuldade em não retroceder com surpresa. O gesto claramente havia sido de... Respeito. Duas perguntas surgiram em minha mente: *Quem essas pessoas pensam que sou? O que eles querem de mim?*

Lydia deu um duro saudar para Monroe. — Estamos prontos para ir?

Monroe olhou dela para mim. — Nós ainda não chegamos lá.

Ela acenou para mim. — Calla, é uma honra conhecê-la. Meu nome é Anika.

— Obrigada. — peguei sua mão estendida, não surpresa com seu firme aperto. Tudo sobre esta mulher, do rico contraste de sua voz à sua real influência, evidenciava autoridade. — Embora eu não esteja certa sobre a parte honrada.

Ela riu. — Você salvou o Herdeiro e isso quer dizer que você deve ter-nos salvo.

Shay caminhou para ficar ao meu lado. — Vocês ainda não me disseram sequer o que significa eu ser o Herdeiro. Adne esteve de babá desde que chegamos.

— Não sou babá. — Adne protestou. — Eu ainda não tive que bater em você, o que é uma vergonha.

Os olhos de Shay se alargaram. Ele olhou para mim, balançando sua cabeça, mas isso não fez meu sangue parar de ferver.

— Adne! — Monroe deu a ela um olhar severo.

Eu meio que esperei que Connor batesse com a mão na dela por pegar um traço de seu usual repertório, mas ele pareceu ainda mais chateado que Monroe. Eu adotei o sistema feminino e comecei a calcular o tempo que tomaria para rasgar os braços dela de seus encaixes. *Definitivamente menos que 10 segundos. Talvez menos que cinco.*

— Ouçam. — ela disse, mas então olhou sem descanso para Anika. — Desculpe, Anika.

— Desculpas aceitas. — um sorriso brincou através da boca de Anika, brevemente transformando-a. — Levará tempo para ensinar quem você é, Shay. Tenho certeza que é frustrante esperar, e por isso me desculpe. Mas seu lugar fica um pouco mais distante. O lugar que Calla terá em tudo isso é a mais emergente questão.

— Meu lugar? — perguntei, conseguindo romper meu olhar de Adne, que aguardei que voltasse a importunar Shay. Mas ela estava encarando Connor com um sorriso afetado no rosto.

— Eu sou a Arrow. — Anika disse. — Então no momento eu dou as ordens por aqui.

— Hãh? — eu franzi as sobrancelhas.

Ela tocou a rosa dos ventos que estava em seu pescoço antes de apontar para Monroe. — O Arrow direciona os Guias de cada divisão. Você já conheceu o Guia de nossa divisão Haldis.

— O que é a divisão Haldis? — perguntei, pensando no símbolo da terra na porta.

— Explicaremos isso no devido tempo. — disse. — Eu prometo. Mas há uma questão urgente em mãos que requer nossa atenção imediata. Nós precisamos de sua ajuda, se você nos der.

— Como eu posso ajudar? — suspeita rastejou por minha voz. Não importa quantas vezes eles me pedissem para confiar neles, eu me mantinha esperando que os Rastreadores lançassem algum tipo de armadilha.

Ela sorriu, mas era uma expressão triste. — Nós precisamos que você volte para Vail.

Eu esperava que tivesse mantido minha expressão neutra. *Voltar para Vail*. Isso era o que eu queria, não era? Então porque senti como se minha pele virasse pedra?

— Vocês estão brincando. — Shay caminhou para frente, meio que me protegendo do olhar perfurante de Anika. — Eles vão matá-la no minuto que ela pisar lá.

Lancei um olhar inflexível para Shay. Ele não estava errado, mas eu nasci para lutar. Meu choque inicial pelas palavras de Anika se dissolveram, deixando meus caninos rígidos em minha boca. *Eu sou uma Alfa, Shay, não um filhote. É melhor você não esquecer disso.*

— Não voltar para sua vida. — Anika disse. — Agora que você está aqui - você, o Herdeiro - a guerra irá enraivecê sem cessar. Os Protetores virão para gente com tudo que tem. Nós precisamos adquirir uma vantagem.

— E como mandar ela de volta para Vail vai te dar alguma vantagem? — Shay perguntou.

— Quero tentar uma coisa. — Monroe colocou sua mão no ombro de Shay, puxando ele para trás. — Uma coisa que funcionou há muito tempo atrás. Uma aliança.

Uma aliança. A Reviravolta. A primeira revolta de Guardiões. Estava tudo se encaixando no lugar.

— Ah. — eu disse, sentindo um agitar de esperança e um sacudir de medo debaixo da minha pele. Guerra. *Os Rastreadores estão indo para guerra e eu sou sua primeira artilharia.* Meus ombros apertaram com o pensamento da batalha, poderosa, pronta.

— Espere um minuto. — Shay encolheu os ombros para tirar a mão de Monroe. — Você quer dizer uma aliança com os Guardiões?

— Aconteceu no passado, e causou uma grande diferença em nossa habilidade de resistir aos Protetores.

Shay sacudiu sua cabeça. — Não foi isso que eu li. Eu sei sobre a Reviravolta. Vocês têm sorte que os Guardiões não estão extintos.

Pare de tentar me proteger. Ele ignorou meu rosnado de aviso, mantendo seus olhos em Monroe.

— A Reviravolta terminou mal. — Monroe disse. — Mas por um tempo foi um esforço bem sucedido. Desta vez tal aliança pode ser a diferença entre ganhar e perder.

— E há um pedaço vital que temos que não existiu no tempo da Reviravolta. — Anika disse.

— E o que é? — Shay perguntou.

— Você.

Agora foi a vez de Shay falar. — Oh!

Eu assisti a ele, desejando que ele aprendesse qualquer coisa a mais sobre sua própria função misteriosa que não tínhamos descoberto em Vail. Anika chamou-o de vital, a diferença entre porque a Reviravolta havia falhado e porque os Rastreadores pensaram que podiam ganhar esta guerra agora. Eu esperava que ela estivesse certa, considerando o quanto salvar Shay havia me custado.

— Por quê? — Ren vaiou. — O que a respeito dele vale a pena arriscar sua própria vida?

— Ele é o Herdeiro. — sussurrei. — Ele pode ser o único que pode nos salvar. Todos nós. E se nossas vidas pertencessem apenas a nós? E se não servirmos os Protetores?

Relembrei as palavras passando por meus lábios, mas havia outra questão. Uma que eu não ousava vociferar para Ren. Não quando minha vida e a de Shay estavam na linha.

E se eu pudesse escolher meu próprio destino?

Meu corpo tremeu com o flash de memórias. Eu amava Shay. Desde o primeiro momento em que o toquei, ele acordou partes de mim que eu não sabia que estavam adormecidas. Nossos segredos, momentos roubados, beijos proibidos, o que nós dois arriscamos, tudo isso me conduziu para a escolha que me trouxe até aqui.

Eu virei na estrada do meu destino porque eu não podia deixá-lo morrer. Mas esta não era a única razão porque fugi de Vail. O mundo que eu conhecia havia desmoronado à minha volta. Um alfa protege o clã. Lidera-o. Eu abandonei-os, mas apenas porque eu acreditava que era a única forma de salvá-los.

Aproveitando a distração de Shay, aproveitei o momento para afirmar minha reivindicação nesta luta. Apesar de minha cautela para com os Rastreadores, eu precisava de sua ajuda. Essa poderia ser a chance de tirar meus companheiros de clã dos Protetores.

— Sim. — eu disse. — Eu farei isso.

— Calla. — Shay começou.

— Não. — eu disse, silenciando-o com um olhar penetrante e um lampejo de meus dentes. — Eles estão certos. Uma aliança é o que eu quero. O que meu clã iria querer.

— Bom. — Anika disse.

Pensei ter ouvido Ethan resmungar enquanto ele seguia de volta para o canto onde ele esteve aborrecido antes de Lydia e Anika chegarem.

— Nós poderíamos usar alguma informação lógica antes de avançarmos. — Monroe disse.

— Direi o que sei. — eu disse. — Não tenho certeza sobre o quanto ajudará no plano de ataque.

— Qualquer coisa ajudará.

Ótimo.

— Mas vamos começar próximo de casa. Nós perdemos dois Rastreadores no último outono. Você sabe o que houve com eles?

Não é bom. Eu consegui não me encolher. Isso não iria ajudar formar uma nova aliança.

— Eu sei.

Uma pergunta e eles provavelmente irão me matar se eu responder honestamente.

— Calla, espere. — Shay ficou perto de mim, uma quente nota em sua voz. Eu estava certa de que sua mente pulou para aquele medonho lugar.

Balancei minha cabeça. — Se eles querem uma aliança, eles precisam saber com quem estão lidando. — *E se eles quisessem vingança, que seja.* Olhei em volta do lugar. As portas estavam fechadas. Firme, mas não firme o bastante para resistir a um encontro com um Guardiã a toda velocidade. *Eu posso conseguir se eu precisar fugir.*

— Mas... — os dedos de Shay embalaram meu pulso.

Ignorei-o. — Eles estão mortos.

Adne olhou para o chão. Anika e Lydia acenaram, mas Connor arranhou a sombra escura de barba em sua mandíbula.

— Não é exatamente uma informação nova, Monroe.

— Nós sabíamos sobre Kyle. — Monroe disse rapidamente. — Ele estava entre os Caídos. Mas nós precisamos da confirmação sobre Stuart. Ninguém é contado como perdido sem considerar de primeira mão sua morte.

Os cabelos de minha nuca se arrepiaram. — De primeira mão?

— Sim. — Anika disse. — Esse é nosso protocolo.

Me perguntei o que eles fariam quando soubessem o que exatamente de primeira mão minha visão havia sido da morte do outro Rastreador.

— Espere um segundo. — Shay estava franzindo a testa. — O que são os Caídos? Eu li esse nome em *A Guerra de Todos Contra Todos*. Eles são aquelas coisas que escalaram para fora das pinturas de meu tio?

Por mais que eu não quisesse, eu estremei no momento em que Shay mencionou as criaturas que haviam nos perseguido pelos corredores cavernosos da Propriedade Rowan. O modo que eles confundiam, lamentavam, quão vazios seus olhos haviam sido.

— Sim, mas nós não temos tempo para entrar nisso agora. — Monroe deu a ele um severo olhar antes de se voltar para mim. — Agora, sobre Stuart, se você souber qualquer coisa...

Eu acenei e tentei ignorar o quão sem ar me senti.

— O que aconteceu com nossos agentes, Calla? — Anika perguntou. — Nós precisamos saber como eles foram pegos. Nossas fontes em Vail não têm qualquer informação.

— Fontes? — franzi as sobrancelhas.

O olhar no rosto de Monroe comprimiu a pergunta no momento em que perguntei.

— Apenas responda.

Alarme brilhou nos olhos de Shay. — Eu realmente acho que precisamos pôr isso em algum tipo de contexto.

Libertei meu pulso de seu aperto, pronta para fugir ou lutar. — Eles já possuem o contexto, Shay. Eu sou uma Guardiã. Eles sabem o que significa.

— Ah, merda. — Connor resmungou. Ele e Lydia trocaram um olhar e os dois começaram a avançar para Ethan, cuja cabeça havia se inclinado causando uma ilusão de inocência enquanto me olhava.

Adne olhou para Connor com severidade. — O que?

Ele balançou a cabeça para silenciá-la, mantendo seus olhos em mim.

Engoli com dificuldade. — Eu estava com Shay na parte de fora do clube de Efron Bane quando seus homens vieram atrás de nós.

— Continue. — a mandíbula de Monroe estava apertada.

— Era meu trabalho proteger Shay. Eu matei um deles quando avistei.

— Stuart. — Lydia murmurou. Ela e Connor mantiveram um longo olhar para Ethan, como dois sentinelas.

— Nós terminamos de conversar agora? — a voz de Ethan estava quieta.

— Mantenha sua cabeça. — Anika disse. — Ganhar a guerra é o que importa. Guerras causam casualidades.

— A espécie dela causa casualidades. — Ethan repreendeu.

— Olhe para ela, Ethan. Ela é apenas uma garota. — Monroe disse. — Lembre o que conversamos a respeito. Os Guardiões não são o que parecem. Ela pode ser capaz de nos ajudar trazendo-os para o nosso lado.

A gentileza em suas palavras me assustou. Eu não estava entusiasmada com ele me chamando de “apenas uma garota”, mas eu estava feliz o suficiente por vingança não ser o que Monroe queria. Infelizmente sua perspectiva não era compartilhada com ninguém da sala.

O rosto de Ethan se contorceu, torcendo com ultraje. No próximo momento seu arco e flecha estavam fora de seu ombro e apontados para mim.

— Abaixei isso, Ethan! — Anika gritou.

Connor arrancou a arma de suas mãos. — Talvez você devesse ir.

— Nem pensar. — Ethan contestou sem olhar para Connor. — O que aconteceu com Kyle?

— Outros Guardiões apareceram. — eu disse, olhando Shay ficar em minha frente, quase bloqueado minha visão de Ethan. — Eles disseram que os Protetores o queriam vivo.

Ethan acenou, as veias em seu pescoço saltando. — E?

— Eles trouxeram ele para o Efron Bane para interrogatório. — eu disse. Eu tive que fechar meus olhos, abruptamente navegando no horror da noite, a forma que Efron havia me olhado atravessado, como minha pele havia formigado com seu toque. *Vamos vê-lo tentar novamente, dessa vez eu não vou ficar sentada e esperar.*

— Você estava lá?

— Sim. — senti como se estivesse de volta no escritório, ouvindo os gritos do Rastreador enquanto Ren segurava minha mão. Estremeci.

— Você fez o interrogatório? — ele parecia calmo. Demasiado calmo.

— Não.

— Então quem fez?

— Ethan, isso já foi muito além. — Monroe interrompeu. — Você sabe o que aconteceu com Kyle. Nós vimos ele na Propriedade Rowan. Está acabado; deixe isso.

Ethan olhou furioso para Monroe. — Eu tenho o direito de saber o que aconteceu com meu irmão!

Irmão? Os olhares cheios de ódio de Ethan, seu silêncio macabro constante, tudo fez sentido. Uma dor forte de simpatia apertou meu peito. Clareei minha garganta, na qual de repente estava apertada com o rosto de Ansel surgindo em minha mente. — Eu sinto muito que perdeu seu irmão. Eu tenho um irmão; se qualquer coisa acontecesse com ele... — O que estava acontecendo com meu irmão? E com Bryn, que era tão próxima a mim como uma irmã poderia ser?

Ele virou seus olhos selvagens para mim. — Então me diga...

— Espectros. — eu disse rapidamente. — Eles sempre usam espectros para interrogar os prisioneiros.

— Espectros? — sua voz estava sufocada agora. — Eles o deram para os espectros?

Seus olhos se fecharam por um momento, então sua mão se moveu para sua cintura. Eu vi um flash de uma adaga em seu cinto. Meu corpo se tencionou pronto para se mover no próximo momento.

— E você estava lá. — ele vaiou. — Ele é um Caído, e você estava lá. Sua vadia sem coração, você poderia ter parado!

Quando seus olhos abriram, queimavam com pesar cheio de ódio. Ele deu um passo em minha direção, com a adaga segura abaixada. Eu estava a ponto de me arremessar em direção à ele quando Monroe ficou entre nós. No mesmo momento em que Shay se deixou cair ao chão, um lobo marrom dourado arqueou defensivamente em minha frente. Ele expôs seus caninos para Ethan, rangendo os dentes.

O sorriso de Ethan se dissolveu e ele empalideceu ainda mais.

— E você é aquela que transformou o Herdeiro em um monstro. Esfolarei você eu mesmo e usarei sua pele como casaco.

Shay se retesou, suas orelhas se achatando a medida que Ethan avançava.

— Não! — Anika gritou.

O braço de Monroe se esticou, capturando Ethan pela cintura.

— Lydia, Connor, tirem ele daqui! — ele gritou enquanto continha o homem que lutava furiosamente. — Nós iremos lidar com isso mais tarde.

Saliva e uma sequência de maldições voavam da boca de Ethan. Os dois Rastreadores correram para socorrer seu líder. Com considerável esforço eles arrastaram o alterado e atormentado homem da sala. Eu ainda podia ouvir seus choros agonizantes enquanto eles desapareciam de vista.

Monroe balançou sua cabeça, pesar entalhado em seu rosto. Seu olhar foi para Shay, que ainda se arqueava, seus olhos fixos na porta.

— Você se importa? — Monroe suspirou.

— Shay, recue. — murmurei. — Agora. — e então um jovem se colocou próximo a nós novamente, embora seus olhos se mantivessem cautelosos.

— Se qualquer um machucá-la, vão se arrepender. — Shay disse a Monroe.

— Ela não será prejudicada.

Sua conversa, tomando lugar como se eu não estivesse lá, me deixou desconfortável. Eu podia entender, e até apreciar o desejo de Shay em me proteger, mas eu era uma guerreira. Eu não precisava ser protegida. Um zumbido de ressentimento se instalou contra minha pele.

— Um incidente como esse não ocorrerá novamente. — Monroe disse. — Te asseguro.

— Sinto muito sobre o que aconteceu. — eu disse de repente, sem mais desejar ser sem voz enquanto meu destino estava sendo discutido. — Eu sei que provavelmente isso não signifique nada pra você.

Eu olhei para a vazia entrada pela qual Ethan havia sido arrastado. — Ou para ele.

— Significa algo, se for sincero. — Monroe disse, observando minha expressão perturbada com olhos atenciosos. — Levará um tempo antes dele poder confiar em você. Se ele alguma vez confiar.

— Isso não vai funcionar. — Shay media seus passos para trás e pra frente, punhos cerrados em seus lados. — Como podemos chegar a qualquer lugar se um de vocês está sempre tentando matá-la?

Ele tinha um bom ponto. Eu não iria ajudar meu clã qualquer hora futuramente se eu tivesse que me preocupar com Rastreadores vingativos jogando adagas em minhas costas.

— Ethan pode estar deprimido e com raiva, mas ele ainda segue minhas ordens. — Anika disse. — Ninguém irá prejudicar Calla enquanto ela estiver sob minha proteção.

Eu me virei para encará-la, arqueando uma sobrancelha. — Sob *sua* proteção?

Talvez Shay estivesse certo. Esta aliança poderia nunca funcionar. Alfas não precisavam de proteção. Os Rastreadores não entendiam meu mundo ou eu. Mas havia qualquer outro modo que eu pudesse salvar Ansel, Bryn, e os outros por mim mesma?

Anika ofereceu-me um sorriso torto. — Temo que seja seu destino, Guardiã. Pelo menos até você conseguir convencer os outros de sua lealdade.

— Minha lealdade é para com meu clã. — respondi automaticamente, e então recuei. *O clã que abandonei.* Eu pensei sobre a aflição enlouquecida de Ethan, me perguntando se eu teria respondido de forma diferente se nossa situação fosse ao contrário. Haveria qualquer lugar em meu coração para perdão? Eu poderia não ter matado Kyle por mim mesma, mas ele havia morrido porque eu havia feito meu trabalho. Eu não podia culpar Ethan por focar sua raiva em mim.

Eu não tenho qualquer outra escolha; esta aliança tem que funcionar.

Shay envolveu sua mão na minha. O calor de seu toque me puxou dos pensamentos obscuros. Encontrei seus olhos e lembrei porque eu estive desejando abandonar Vail. Meu ressentimento de mais cedo se drenou, passei meus dedos através dos dele e corri meu polegar por seu pulso. Ele sorriu e meu pulso vacilou.

— Nós vamos ajudá-los, Calla. — ele disse rapidamente. — Estou de volta agora, e é isso que vamos fazer. Nós vamos ajudar Ansel, e todos do clã.

Acenei, embora o sorriso que queria dar a ele em retorno não aparecesse. As linhas em volta dos olhos de Monroe se apertaram enquanto ele observava nossos dedos cruzados. Constrangida, balancei para tirar a mão de Shay, me perguntando se todos os Rastreadores desprezavam a noção de que seu precioso Herdeiro podia amar uma Guardiã. Meu peito se apertou quando uma irritante preocupação esvoaçou por minha mente. Se isso fosse verdade, poderiam mudar como Shay se sente por mim?

— Isso é o que todos esperamos. — Anika disse. — Mas nós precisamos saber um pouco mais antes que possamos fazer o próximo movimento. Por quanto tempo vocês estiveram planejando se rebelar contra os Protetores?

Por quanto tempo eu estive planejando para o quê?

— Uh... Eu... — palavras se enrolaram em minha língua. Eu não havia planejado nada. Toda decisão que fiz tinha sido sobre salvar Shay. Escolhas feitas no espaço de uma respiração. E havia sido um caos total.

— Ela estava sendo forçada a casar com alguém. — Shay disse, náusea saindo a cada palavra. — Aos dezessete anos... Acreditam nisso?

Monroe acenou, abrindo sua boca para responder. Mas eu senti como se estivesse sendo esmurrada nos intestinos. *Porque isso sempre tinha que voltar para mim e Ren? Shay não percebeu o sacrifício que Ren havia feito para me deixar ir?*

— Isso não é o que... — eu comi algumas palavras, percebendo que eu não queria expor meus problemas de relacionamento em público.

— Eu sei que não é tudo. — Shay disse. Eu vi o flash de seus afiados caninos enquanto ele falava. — Mas é importante. Aquela cerimônia, tendo que ser com *ele*, era insano.

— Como você pode falar sobre ele desse jeito? — eu repreendi. — Ren tentou nos ajudar. Ele mentiu por nós e os Protetores vão saber disso. Eles poderiam matá-lo!

Não, era pior que isso. E a horrível verdade disso foi o que abasteceu minha raiva. Abaixei meus cílios e falei para o chão. — Eles *irão* matá-lo.

Eu não me incomodei em esconder meu pesar quando olhei para Shay novamente, meus olhos se encheram de lágrimas.

O rosto de Shay empalideceu; as veias em seu pescoço estavam palpitando, mas foi Monroe que reagiu ao som do nome de Ren.

— Ren? — seus olhos se ampliaram. Eu podia dizer que ele estava lutando para manter seu tom natural. — Você quer dizer Renier Laroche?

— Você sabe quem ele é? — perguntei assustada.

Monroe virou seu rosto. — Eu sei sobre ele. — disse, voz estrangulada.

Anika estava observando Monroe cuidadosamente. — Este é um interessante desenvolvimento. Poderia ser vital, você não acha?

Monroe não encontrou seus olhos, mas acenou.

— Conte-nos mais sobre a cerimônia. — Anika disse. — Poderia nos ajudar a entender exatamente o que vamos encontrar em Vail.

— Calla e Ren supostamente teriam que formar um novo clã na primavera. — Shay disse, ainda olhando penetrante para mim. — Outro grupo de Guardiões para proteger a Caverna Haldis. — sua mandíbula se apertou. — Uma das uniões arranjadas dos Protetores.

Olhei de volta para ele, mordendo minha língua. Eu não tinha fugido da união, deixando Ren para trás, arriscando tudo para ajudar Shay a escapar? O que mais eu precisava provar para ele?

— Nós temos conhecimento dessa prática. — Monroe encontrou meu olhar. — Você estava fugindo dele?

— Não, não dele. — eu disse. As mãos de Shay se fecharam em punhos e embora fosse mesquinho, senti um pinga de satisfação. — Os Protetores iam nos fazer matar Shay como parte da união. Encontrei-o amarrado na floresta. Eu tive que fugir para salvá-lo.

Shay não estava mais me olhando, e a onda de presunção se desbotou em culpa. Não ajudou quando Adne pegou sua mão, se inclinando para sussurrar para ele. *Ótimo, agora eu sou a cadela prostituta e ela é a boa amiga. Bom trabalho, Calla.*

— O sacrifício. — Monroe disse. — Nós sabemos que isso ia acontecer no Samhain, mas nós não sabíamos onde. Nós seguimos a localização do Herdeiro para a Propriedade Rowan.

— Sorte nossa. — eu disse, estremecendo pelo que poderia ter acontecido se os Rastreadores não tivessem aparecido naquela noite.

— Os Guardiões te rastrearam? — Monroe disse.

Acenei. — Eles enviaram os Banes atrás de nós.

— O clã inteiro? — Anika franziu. — Como você os enganou?

Shay acenou, como se ele estivesse cedendo o maior ponto. — Ren nos ajudou a fugir. Ele nos surpreendeu na floresta, e nos deixou ir, manteve o resto do clã longe da gente.

— Ele te ajudou? — os olhos de Monroe me encontraram; o escuro cintilar de seu olhar ficou absolutamente ilegível.

— Sim. — minha resposta era quase um sussurro. Eu estava achando difícil respirar. Cada momento que eu revivia aquela noite era como se uma pedra se instalasse em meu peito, se acumulando uma atrás da outra para me sufocar.

Adne continuou a nos olhar.

— Isso é bom saber. — Monroe disse.

— Sim, isso é. — um sorriso apareceu nos lábios de Anika e desapareceu rapidamente. — Este aviso é muito bom para nossos planos.

Connor reapareceu pela entrada. — O que eu perdi? — Seus olhos se moveram para os dedos cruzados de Adne e Shay, e ele fez careta. — Deixe-me adivinhar, o Herdeiro te propôs.

— Ela conhece Renier Laroche. — Adne disse, dando risadas de sua expressão azeda e mantendo sua mão presa à de Shay. — Os dois conhecem.

Shay fez uma careta e torceu seus dedos para ficarem livres dos dela, olhando para mim de lado. Eu sorri para ele, e sua expressão se dissolveu.

Connor assobiou, sua irritação dando caminho para surpresa. — Isso é interessante.

Os dois trocaram um olhar de conhecimento. *Porque os Rastreadores sabem sobre Ren?*

— Pelo momento não é nossa preocupação. — Monroe disse de forma curta. — Onde Ethan está agora?

— Eu enviei-o para trabalhar para os Reapers. — Connor replicou. — Eu acho que o observatório é uma distância segura.

— Ele acabou de vir de uma patrulha. — Monroe franziu. — Ele não tinha que voltar até à noite.

Connor encolheu os ombros. — Lydia pensou que era uma boa idéia também. Ethan precisa de algo para manter sua mente ocupada. Além disso, você sabe que ele é nosso melhor atirador.

Monroe fez um baixo e afirmativo som, dando um sério olhar para Shay. — Eu entendo porque você estava para atacar Ethan, mas é melhor você evitar trocar para a forma de lobo enquanto você está entre nós a menos que estejamos no campo, lutando. Há vários dedos agitados por aqui que pertencem a soldados treinados para atirar em Guardiões antes e perguntar depois.

— Manterei isso em mente. — Shay murmurou.

— Obrigada. — Anika respondeu. — Calla, antes que você vá, houve algum de seus companheiros de clã que se expressou descontente com seu destino? Se Ren estava concordando em tomar esse risco por você, poderia resultar que os outros viessem ao nosso socorro, com sua liderança, é claro.

Eles fariam isso? Eu pensei sobre Mason e Nev. Sobre Sabine. Vida governada pelos Protetores era brutal para eles. Eles pulariam para a chance de sair, não pulariam?

E Ansel. Ele queria a liberdade de escolher a vida com Bryn. Mas esta não era a única coisa me convencendo de que meu irmão iria se juntar à nós sem pensar duas vezes.

Eu nunca trairia os Protetores. A menos que você me pedisse... alfa.

E não era apenas Ansel. Por manter meu primeiro encontro com Shay em segredo, Bryn arriscou sua segurança. Ela era tão leal quanto meu irmão.

— Sim. — eu disse. — Eles iriam se juntar a nós.

— E seus pais? — ela perguntou. — Seria de muita ajuda se os anciões Nightshades viessem para o nosso lado.

— Talvez... — meu coração pulou contra minha caixa torácica, deixando-me sem fôlego. Meu pai e minha mãe eram alfas, meus alfas. Eu sempre me submeti às suas vontades. O que eles iriam pensar de sua própria filha tentando liderá-los? Guardiões não eram bons em desviar hierarquias.

— E quanto aos Banes? — Shay perguntou. — Você não quer todos os lobos?

— Alguns dos jovens Banes, talvez. — Monroe disse. — Mas os antigos não irão se juntar à nós.

— Como você sabe disso? — Shay perguntou.

— Nós temos algumas histórias com os clãs. — Anika disse ligeiramente. — Emile Laroche nunca iria tentar uma aliança conosco.

História.

— Você quer dizer que eles não irão se juntar à você porque os Banes que se revoltaram já estão mortos. — eu disse. — Eles morreram na última vez que você tentou uma aliança. Quando a mãe de Ren morreu.

Monroe puxou uma respiração afiada. — Como você sabe sobre isso?

— Nós encontramos as anotações dos Protetores sobre os clãs de Guardiões. — Shay disse. — Nós sabemos que Corrine Laroche foi executada por planejar a revolta com os Rastreadores.

— Mas tudo que me foi dito sobre ela foi que ela foi morta em uma emboscada de Rastreadores na sede Bane quando Ren tinha um ano. — adicionei. — Até a noite que vocês atacaram a Propriedade Rowan, nós éramos os únicos a saber, de qualquer forma.

Silêncio se arrastou pelos Rastreadores, todos os rostos empalideceram enquanto trocavam olhares preocupados.

— Não me surpreende que os Guardiões sirvam com tanta lealdade. — Anika murmurou. — Os Protetores torceram suas mentes sobre como as vidas dos que os rodeavam foram quebradas.

Um tremer começou em meus ombros, viajando para minhas costas. — Isso é no que Ren acredita, mas na noite em que fugimos, eu contei a verdade.

Todos eles me encararam.

— Você contou a ele? — Shay vaiou. — Você não disse nada sobre isso!

— Foi a razão de ele nos deixar ir. — sussurrei, incapaz de devolver seu olhar. Parte da razão. Mantive meu segundo pensamento escondido, lembrando novamente o desespero no rosto de Ren. A forma que ele me beijou. E ele de alguma forma estava preso nisso. Os Rastreadores não estavam nos dizendo tudo.

Monroe de repente se virou, caminhando rapidamente. — Se me derem licença.

— Monroe! — Anika chamou, mas ele já tinha passado pela porta.

— Irei atrás dele. — Connor disse.

Adne estava balançando a cabeça. — É sempre a mesma coisa.

O que acabou de acontecer? Olhei para Shay, mas ele parecia tão confuso quanto eu.

— Talvez ele não devesse fazer parte da missão. — Anika disse.

— Você acha que ele teria deixado isso acontecer sem ele? — Adne riu, mas era um som amargo. — Ele esperou por anos por outra chance como essa. Ele esperou minha vida inteira.

A boca de Anika se aplainou. — Mostre um pouco de respeito pelo seu pai, criança. Você não entende o quanto ele perdeu.

— Seu pai? — Shay perguntou. Ele olhou na direção dela não diferente de como olhou para mim, como se ele tivesse sido traído.

A repentina mordida de ciúmes era afiada como dentes rasgando minha nuca. Quão próximos eles tinham conseguido ficar enquanto eu estava me recuperando?

Adne se encolheu, corando como se ela tivesse revelado um terrível segredo. — Sim. Monroe é meu pai.

— Você nunca me disse isso. — ele disse. — Porque você não disse nada?

— Não é tão importante. — Ela se virou, carmesim pintando suas bochechas.

Eu franzi. — Porque você sempre o chama de Monroe? — meu próprio pai era o Alfa dos Nightshade, mas eu ainda chamava-o de Pai.

— Porque eu não quero tratamento especial. — ela disse. — E porque o enlouquece.

— Respeito, Ariadne. — Anika disse. — Isso importa mais do que você pensa.

— Vou tentar. — Adne disse, mas olhava para mim como se ela estivesse tentando não rolar os olhos.

Anika pôs suas mãos na cintura. — Apesar dessa pequena infeliz interrupção, o que você disse conforma nossas esperanças sobre os Guardiões. Nós iremos executar a missão de forma apropriada.

— Quando? — perguntei. — Quando irei me encontrar com meus companheiros de clã?

Anika sorriu. — Agora.

Capítulo 4



Agora? Mas isso quer dizer que... Eles poderiam realmente estar planejando um ataque contra os Protetores tão cedo? O pensamento de retornar para casa me assustou tanto quanto me compeliu. Eu queria voltar para meu clã o quanto antes, mas eu estava pronta para lutar lado a lado com os Rastreadores? Eu não confiava nessas pessoas. Meus captores. Eles queriam uma aliança, mas eles ainda tinham que me contar algo mais.

— Excelente. — Lydia disse, entrando novamente na sala. — Eu teria ficado tão desapontada se tivesse afiado minhas adagas para nada.

Uma onda de tensão se deslizou pelo meu corpo. A aparência de Lydia era feroz o bastante para eu ter que me controlar para não mudar quando ela estava perto. O cheiro em suas roupas, o brilho de aço em sua cintura, ela era tudo que eu tinha sido treinada para matar.

— Agora mesmo? — Shay caminhou através da sala. O ar em volta dele estava zunindo e eu me preocupei sobre mudar de forma novamente. Aparentemente nós dois estávamos instáveis entre os Rastreadores. — Você está louca?

— Shay. — Anika disse calmamente, mas seu tom não era diferente de uma espada deslizando de sua bainha. Silenciosa e mortal. — Você é importante aqui, mais do que eu possivelmente poderia te transmitir. Mas eu ainda estou no comando, e você irá seguir minhas ordens.

— Eu mal sei quem vocês são. — Shay resmungou. — Porque eu iria aceitar qualquer ordem de você?

Eu xinguei sob minha respiração. Ele estava para mudar. Lydia pareceu sentir também. Suas mãos dispararam para a o punho da espada em sua cintura. Rangi os dentes. O momento em que aquelas armas aparecessem, eu mudaria também. Fiz uma rápida análise na sala. Nós estávamos igualmente compatíveis, não era bom.

— Acabou o tempo, criança. — ela disse. — Respire uma vez. Ou várias.

Eu sabia que Shay não ia ouvir qualquer um deles. Os instintos de seu lobo estavam tomando conta, e eles estavam ameaçando algo que ele considerava seu território... Eu. Ele estava agindo como se eu fosse sua companheira. Sua companheira alfa. E isso queria dizer que eu era a única que poderia intervir. Embora meus instintos estivessem gritando por sangue, lutei contra eles. Não valia o risco.

— Shay, espere. — eu disse, agarrando seu braço. Seu pulso estava disparado; eu podia sentir cada batida contra minhas pontas dos dedos combinando com as do meu coração. — Está tudo bem.

— Como está bem? — Ele ainda estava na beira de mudar, mas pelo menos seu foco estava em mim.

— Porque eu quero ir. — disse. — Eu preciso ir.

Enquanto eu falava as palavras, elas se assentavam profundamente em meus ossos. Não importava o quão pouco eu sabia sobre os Rastreadores, arriscaria tudo pelo meu clã. Eu tinha que voltar para eles. Eu precisava lutar. Eu estava desesperada por isso. Se isso significava que eu tinha que lutar com os Rastreadores ao meu lado, eu poderia encontrar uma forma de fazer isso funcionar. Pelo menos eu esperava que pudesse.

Shay olhou para mim, incômodo, mas estava me ouvindo. Eu estava entendendo quão profundamente o lobo o havia marcado. A forma como ele reagiu comigo era a forma como um alfa recebe um conselho de outro. A parceria os fazia fortes, inabaláveis líderes. Se sua mente estivesse funcionando nesses termos agora, eu sabia como manejá-lo.

— O clã, Shay. — sussurrei. — Pense em nosso clã.

Minha pele picou quando chamei os lobos Haldis de “nosso” clã, de Shay e eu ao invés do Ren e meu. Mas funcionou.

— Você realmente acha que isso poderia salvá-los? — ele perguntou, e vi sua raiva começando a desvanecer.

— É nossa única chance. — Mostrei a ele meus caninos afiados. Ele sorriu, entendendo o sinal que essa aliança não estava acabada. Eu estava negociando termos que os lobos guerreiros precisavam de nós dois.

— Ela está certa. — Anika disse, sinalizando para que Lydia recuasse. — Nós não tomaríamos o risco se tivesse outro jeito. E não é apenas Calla que estamos arriscando. Eu estou mandando meu pessoal também.

Eu observei a Arrow, avaliando sua expressão. Sua face estava imóvel, resolvida, seus olhos iluminados com fogo de uma batalha. Era verdade. Os Rastreadores estariam arriscando suas vidas se dirigindo para Vail. E eles estavam fazendo isso para tirar os Guardiões, meus companheiros de clã, fora de perigo. Era a última coisa que eu esperava. Eu achei excitante e amedrontador.

— Malditamente certo. — Lydia disse, seus próprios olhos brilhantes como de Anika. — Não perderia isso por nada.

Olhando para as duas mulheres, repentinamente me senti aliviada que eu estivesse indo para a batalha com elas, não contra elas.

— E a menos que nós caminhemos para o melhor cenário possível, o qual é improvável. — Anika continuou. — O resgate não acontecerá hoje à noite. O foco desta missão será o primeiro contato. Nós precisamos ir agora porque é Sábado.

— Sábado? — Shay repetiu.

— As patrulhas nos dias do fim de semana são feitos pelos companheiros de clã de Calla. — Anika jogou um olhar de esguelha para mim. — Estou certa?

— Sim. — Acenei, embora eu estivesse mais do que um pouco incerta sobre como ela sabia disso. *Como eles descobriram nossas rotas de patrulhas?*

— Para fazer essa aliança acontecer, nós precisamos começar por conquistar a confiança dos jovens lobos, com a intenção de que essa onda de revolta irá se espalhar pelos Guardiões do ponto inicial de contato. A presença de Calla irá assegurar essa confiança, esperançosamente com o primeiro passo hoje.

Eu quase sorri, mas me parei. Por agora eu apenas queria que os Rastreadores me vissem como um sério rosto de batalha... E perigo.

— Será o grupo do Mason, Fay e meu irmão. — eu disse. — Eles fazem a patrulha nos Sábados.

— Espere que seja Mason e Ansel. — alívio vacilou pelo rosto de Shay. — Eles provavelmente seriam a melhor dupla que você poderia esperar encontrar.

— Mas... — Meu próprio flash de alegria com esse pensamento de ver Ansel e Mason ondulou. — Quando eu deixei Ren, ele disse que meus companheiros de clã estavam sendo contidos para interrogatório. Você acha que eles estão de volta à patrulha?

— Algum deles sabe sobre a verdadeira identidade de Shay? — Anika perguntou. — Ou que ele ia ser sacrificado na cerimônia?

— Não. — eu disse. — Eles não sabem de nada. — culpa varreu seu caminho para meu peito, afiada como uma faca entre as costelas. Em quanto perigo eu os deixei?

Pensei em Bryn, no último momento em que a vi.

— *Você está pronta para isso?* — Bryn perguntou. *Ela me ofereceu um brilhoso sorriso, mas eu podia ouvir a margem de medo em sua voz.*

— *Tenho certeza que essa é a questão.* — eu disse. *Eu olhei para o anel novamente. Isso era onde eu pertencia. Eu sempre conheci meu clã. Agora eu tinha que guiá-lo.*

— *Apenas saiba que estarei bem atrás de você.* — Bryn pegou meu braço. — *Nenhum do clã deixará algo ruim acontecer.*

— *Você não está autorizada a participar.* — eu disse, deixando-a me guiar para fora, descendo os degraus e dentro da floresta.

— *Você acha que eles serão capazes de nos parar se você se encrençar?* — ela me acotovelou, dando um sorriso em seus lábios.

— *Eu te amo, Cal.* — ela beijou minha bochecha e caminhou para o anel de tochas.

Meu sangue estava cantando. Eu queria mudar de forma e uivar, chamar o clã que deixei para trás. *Eu te amo também, Bryn. Eu estou voltando por você.*

— Sua ignorância funcionou a nosso favor. — Anika estava dizendo. — Uma vez que os Protetores determinarem que você e Shay estavam sozinhos na conspiração, eles vão provavelmente tentar retornar as coisas ao normal. Eles vão querer convencer os Guardiões de que não há nada fora do normal, irá magoá-los sugerir que eles de qualquer forma perderam o controle.

Eu acenei, engolindo a densidade que obstruiu minha garganta. — Mas Ren... Eles saberão que ele mentiu. — Meus companheiros de clã não sabiam o que eu tinha

feito ou quem Shay era. Ren sabia. Isso queria dizer que era tarde demais para salvá-lo?

— Nós não temos uma imagem clara do que esteve acontecendo entre os Protetores e os Guardiões desde que nós atingimos a Propriedade Rowan. — Anika continuou. — Nós esperávamos conseguir um melhor sentido disso antes de executar a próxima fase do plano. Mesmo que você não encontre os lobos você espera que nós ainda aproveitemos para esclarecer a confusão que se sucedeu na semana passada. O time de escolta irá se encontrar com um dos contatos em um ponto esta noite.

— Você tem contatos em Vail? — Shay perguntou. — Você quer dizer, espiões?

— Sim, temos. — Anika\ disse.

— Onde? — perguntei, contestando meu cérebro por como poderia haver Rastreadores em Vail que não havíamos identificado. Não parecia ser possível.

— Agora mesmo temos apenas dois. — ela disse. — Um na escola e outro na cidade.

— Na escola? — engasguei. — É impossível! — corri por todos os rostos e cheiros dos colegas de classe, professores, e a equipe da Escola Mountain. Nenhum se encaixava neste cenário.

Anika riu. — Nem tanto.

— Se houvesse Rastreadores na escola, eu saberia. Os Protetores saberiam.

— Bem, se fôssemos estúpidos o suficiente para usar nossa própria gente como espiões, nós teríamos perdido a guerra antes de começá-la.

O orador era novo, sua voz era abafada. Virei-me para ver uma estranha figura na porta. Seu rosto estava obscurecido por uma pilha descombinada de livros e papéis enrolados firmemente que se inclinavam precariamente em seu agarre.

— Uma pequena ajuda. — ele disse. Adne, dando risadas, se apressou e pegou os rolos que deslizavam do topo da pilha.

— Ei, Adne. — O novo visitante deu risadas. Agora que eu podia ver seu rosto, eu estava ainda mais confusa. Ele era um homem jovem, não mais velho que Shay. Grossos óculos escuros que fazia seu rosto mais impressionante. Mas sua mais notável característica era o massivo cabelo. Redemoinhos de ébano e vívido cobalto

combatiam um contra o outro como um enervante mar que formava picos e ondas acima de suas sobancelhas.

Ele tropeçou pela sala, empurrado para frente pelo peso em seus braços, derramando a bagunça pela mesa.

— Obrigada por vir tão rapidamente, Silas. — Anika disse. — Ela acaba de levantar.

— Eu imaginei que era algo como isso. — ele virou e deu-me um olhar avaliativo. Ele não tinha apenas cabelos estranhos, mas ele estava vestido em jeans rasgado, botas de combate, e uma blusa dos Ramones. Se eu estava confusa sobre os Rastreadores antes, com sua chegada eu estava absolutamente desorientada.

Connor, seguido por um Monroe de aparência leviana, entrou pela porta, deu um olhar para Silas, e deu a volta.

— Encontro com vocês depois. — disse, ondulando um “tchau”.

— Fique. — Anika disse.

— Ah, cara. — ele lamentou. — Sério?

— Connor. — ela não cobriu a nota de ameaça em sua voz.

— Vou ficar, vou ficar. — mas ele estava olhando para Silas como se o novo visitante com aparência de punk tivesse acabado de engatinhar para fora de uma lata de lixo.

— Bom te ver também. — o olhar que Silas estava dando para Connor não era amigável.

— Calla, Shay. — Anika disse, ignorando seu jogo de Vamos Incendiar Buracos nos Crânios Um do Outro com Encaradas Furiosas. — Este é Silas. O Escriba do Haldis.

Eu olhei para sua blusa amarrotada e cabelo maluco. — Ele é um Rastreador também? Ele não se parece com um.

Anika torceu sua boca e eu pensei que ela estava tentando não rir. — Como um Escriba, Silas pode ter um pouco mais de liberdade com seu guarda-roupa. É improvável que ele esteja envolvido em um campo de ação.

— O que é um Escriba? — Shay perguntou.

— Um empurrador de papel. — Connor murmurou.

— Isso vindo de um quase analfabeto. — Silas replicou. — Que insulto. Como vou me recuperar?

— Vocês vão dar um tempo? — Adne disse, se virando para Shay. — Escribas cuidam de nossa inteligência e arquivos.

— Isso dificilmente é adequado... — Silas começou, inflando seu peito.

— É adequado o suficiente. — Anika o cortou. — Apenas diga oi, Silas.

— Tudo bem, Senhorita Maneiras. Apenas tentando manter minha reputação intacta. — Silas disse, desinflando.

Sua permutação me deixou confusa, e não apenas porque Silas era tão estranho. Anika segurava as rédeas deste grupo, isso estava claro o suficiente. Mas ela não parecia se importar com sua constante brincadeira. Guardiões tinham que se submeter aos seus mestres. A variedade de comentários que os Rastreadores estavam soltando toda hora era causa de uma severa punição. Mas Silas, Connor... todos eles tratavam Anika como se ela fosse uma amiga.

Minha bagunça de pensamentos foi interrompida pelo olhar penetrante que Silas estava me jogando. Ele inclinou sua cabeça para frente e para trás, como se tentando conseguir um ângulo certo de uma estranha nova espécie que estava em sua mesa de laboratório.

— Você é a alfa, heim? Bonita. Isso é interessante. Na maioria das vezes escutamos histórias horríveis sobre os Guardiões. Você sabe, crime contra a natureza, essas coisas.

Crime contra a natureza? O que diabos ele estava falando? Eu pisquei, absolutamente incapaz de responder.

Os olhos de Silas rolaram para o lado e olharam para Shay de cima abaixo. — Hmmm. E você deve ser o Herdeiro.

Ele fez um lento círculo em volta de Shay, pausando para olhar sua nuca, e sorrir. — E aqui está a marca. Ei, ei. As coisas estão aparecendo afinal. Cara, eu estive esperando um longo tempo para te conhecer. Eu tinha minhas dúvidas de que

chegaríamos lá. Grant disse que você gosta de Hobbes. Isso é fantástico. Uma pena sua maldição; parecia que seus amigos de classe estavam para embarcar em uma discussão interessante quando ele foi enfeitado. Oh, bem.

— Grant? — Shay perguntou. — Do que diabos você está falando?

— Grant Shelby. — Silas disse. — Ele é um de nossos agentes.

— Espera. — eu disse, piscando. — Nosso professor? Nosso professor de Filosofia é um de seus espiões?

— Sim. — Silas sorriu. — Bom disfarce, não é?

Anika cruzou a sala, selecionando através da bagunça de papéis que Silas havia espalhado sobre a mesa. — Nós obviamente não podemos chegar perto dos Protetores sem ser detectados. Então nós começamos a recrutar humanos para ser nossos olhos entre eles. Não muitos, óbvio; nós não queremos arriscar mais vidas do que temos que fazer. A maioria são pessoas que tropeçaram através do nosso mundo por acidente, pegos pelo fogo cruzado, esse tipo de coisa. Aqueles que tinham um genuíno interesse no resultado das guerras normalmente se oferecem para ajudar. Os mais capazes são mandados direto para isso. Espiões.

— E vocês os têm nos ensinando? — perguntei. Parecia loucura. Perigoso e louco. Quem iria se alistar para uma missão como essa? Sr. Selby era corajoso ou tinha um sério desejo de morrer.

— Aquela escola é o lugar mais fácil para rastrear o investimento dos Protetores por oferecer uma ligação das vidas dos humanos, Guardiões, e Protetores. — Silas disse. — E eles contratam apenas professores humanos. Nós fomos capazes de manter pelo menos um e às vezes dois agentes na equipe pelos últimos anos. Eles melhoraram significativamente nossas operações da inteligência.

— Ele tem sempre que trazer isso à tona. — Connor sussurrou para Adne em uma voz baixa o suficiente para todos ouvir. — Não é como se ele fosse a única pessoa que tem uma idéia original em sua vestimenta.

Acenei, ignorando a falsa observação de Connor, mas então franzi as sobrancelhas. — Se o Sr. Selby sabe sobre nosso mundo, porque ele contou sobre Hobbes na sala? Você sabe o que aconteceu com ele?

Nosso professor havia discutido *A Guerra de Todos Contra Todos*, um tópico levantado por Shay, mas estritamente proibido pelos proprietários da escola, os Protetores, e ele pagou por isso. Eu lembrei da forma que ele debulhou na frente da sala, saliva correndo por sua face. Tortura mágica camuflada como uma epilepsia.

Anika fez uma careta, mas Connor começou a rir.

— Sim, e isso aconteceu porque ele foi um idiota sentimental. Se deixou ser pego.

Ele piscou seus cílios para Shay. — Ele apenas estava capturado com o fato de que o Herdeiro queria conversar sobre Hobbes.

Shay olhou de cara feia.

— Provavelmente é isso. — Silas disse. — Se você abrir um livro, você apreciará a conexão. Mas então novamente, você precisará aprender a ler primeiro...

— Você sabia que coisas como essa estavam para acontecer quando nós deixamos ele recrutar um agente. — Connor ignorou o Escriba, falando com Anika. — Silas tem todas as prioridades erradas.

— Grant fez um trabalho excepcional. — Silas desdenhou.

— Essa falha quase arruinou o disfarce dele. — Connor disse. — Foi estúpido, e ele devia ter sabido melhor.

— Melhor que aquele troglodita que você trouxe a bordo. — Silas disse, embaralhando o monte de papéis. — Eu não entraria nesse monte de estrume que ele opera. Apesar de que você provavelmente esteja pronto para pegar todas as doenças que possa pegar em Rundown.

— É Burnout, idiota. — Connor disse. — E é tão bom quanto cobrir a escola. Os lobos estão lá todo o tempo.

— Burnout? — fiquei boquiaberta. — Tom Shaw é um agente? — eu pensei sobre o grosseiro gerente de nosso bar favorito. Um lugar que encontramos como refúgio do olhar examinador dos Protetores, e nós nunca desembarçamos. Tom era amigo de Nev, o baterista da banda. Tudo isso era apenas para mostrar que ele podia colher informações de nós quando vamos ao bar?

— Ele é. — Monroe olhou cansado entre Connor e Silas.

— Dificilmente tão bom observador como Grant tem sido para nós. — Silas aspirou.

— Tom conseguiu conexões melhores. — Connor tirou sua adaga e a manuseou pela ponta enquanto mandava olhares ameaçadores para Silas. — Ele será uma chave nesta aliança. Grant não tem as mãos sujas do jeito que Tom tem. Aquela escola é um lugar confortável para esfriar os pneus.

Se você não estiver sendo perseguido por um súcubo. Grant não era o único que tinha sido punido na Escola Mountain. Me contorci com a memória das unhas da Enfermeira Flynn cavando contra minha bochecha quando ela se dirigiu na direção de Ren e minha. Então eu corei quando lembrei o que estávamos fazendo. Eu olhei culpada para Shay, mas ele não estava olhando pra mim.

— Eu gosto do Sr. Shelby. — Shay protestou. — Ele era um ótimo professor.

— Claro que você gosta dele. — Adne deu a Connor um olhar severo. — Ele é corajoso e brilhante. Connor não aprecia intelecto.

— Você sabe que não precisa defender Silas só porque vocês têm êxitos em excesso. — ele disse. — Meu ponto é, intelecto não te salva no final do dia.

— Isso necessariamente não é verdade. — Shay reagiu, parecendo pronto para ter um sério debate. Mas Connor balançou sua cabeça.

— Eu os chamo como os vejo, garoto. Não irei discutir com você.

— Você só gosta de bebidas grátis. — Silas começou a rabiscar furiosamente em o que parecia um diário de bordo.

— Deus, você não está preenchendo outra reclamação contra mim, está? — Connor apontou a adaga para Silas.

— Ações impróprias, linguagem ameaçadora... — Silas não olhou para cima.

— Eu apenas ignoro isso, Silas. — Anika cruzou seus braços. — Você apresenta pelo menos dez dessas por semana.

— Vinte.

Eu estava ficando impaciente com toda essa briga. — Como você consegue informação deles? Como eles evitam serem detectados? — nós estivemos conversando

sobre a guerra. Isso alguma vez iria acontecer? Meus dentes estavam afiados em minha boca e eu estava trabalhando duro para não grunhir toda vez que eu falava.

— Nós mantemos duas agências de correio em Vail, por pseudônimos, claro, mas demos a cada um deles uma chave. — Anika respondeu, feliz pela oportunidade de interromper. — Assim é como nos comunicamos. Nós mudamos o nome e a caixa todos os meses e distribuímos novas chaves. Vail tem muitos vagabundos e trabalhadores periódicos que entram e saem; é vantajoso por manter os nomes rotativos em baixa.

Acenei progressivamente. Os Rastreadores estavam nos observando o tempo inteiro, e nós nem sabíamos disso. Eles eram imprevisíveis, mas isso parecia fazê-los mais efetivos do que eu pensava. Meu orgulho na efetividade das patrulhas dos Guardiões tinha sido corroído com cada revelação.

— Você irá se encontrar com Grant esta noite. — Silas disse, tirando um pedaço de papel amassado de seu bolso da calça. — Acabei de receber confirmação.

Anika alcançou a nota. — Silas, nós conversamos sobre manter a correspondência limpa.

— Eu estava com pressa. — encolheu os ombros.

— Eu não tocaria nisso se fosse você. — Connor disse. — Eu não sei onde esteve.

— Cala a boca, seu parasita. — Silas repreendeu.

— Parasita? — Connor riu. — Quão profundo você teve que cavar por essa?

— Quietos, vocês dois. — Monroe falou pela primeira vez desde que havia voltado. A calma, e o ar poderoso que normalmente emanava do Guia havia retornado. — Anika, minha equipe está pronta. Podemos executar hoje, como eu esperava?

Eu segurei minha respiração, esperando pela resposta. Se ela não dissesse sim, eu estaria condenada se eu não achasse meu próprio caminho de volta para Vail.

— Sim. — ela respondeu. — Quem é a equipe?

Eu sorri, correndo minha língua por meus dentes afiados. Shay olhou-me. Eu podia dizer que ele estava preocupado, mas ele acenou. Ele sabia assim como eu o quanto essa batalha importava.

— Lydia, Connor, Ethan, e Calla. — ele disse, me surpreendendo. Por mais que eu estivesse ansiosa pela batalha, me senti estranha em ser contada entre os Rastreadores. E mais, tinha um nome que ainda me deixava desconfortável.

— Ethan? — perguntei, lembrando os olhos furiosos e gritos maníacos do Rastreador, não muito tempo atrás.

— Ele tem que se ajustar à aliança o mais rápido possível. — Monroe disse. — Não temos tempo para afagá-lo.

— Concordo. — Anika disse. — Quem mais?

— Isaac e Tess irão nos ajudar do observatório. — ele pausou, observando Adne. — Jerome irá como Tecelão³.

Adne emitiu faíscas, mas foi Anika quem falou primeiro. — Não. Jerome foi recolocado para o posto de professor. Ele é um excelente Tecelão e conquistou seu lugar na Academia. Adne é a Tecelã Haldis efetiva imediata.

Adne fechou a boca, parecendo orgulhosa.

— Eu pensei que com a natureza disso... — Monroe começou.

— Sem discussão. — Anika interrompeu. — Adne é uma Tecelã. Eu acredito que isso não será um problema.

— Não. — Monroe disse, embora ele cruzasse seus braços, claramente infeliz.

Eu franzi enquanto via a mudança. *O que eles tinham?* Qualquer que fosse a fonte da disputa de Monroe e Adne, eu não queria que interferisse nessa missão. Afortunadamente, nem Anika.

— Ótimo. — ela disse. — Não temos tempo a perder. Ethan já está lá?

— Sim. — Connor disse. — Já deve ter esfriado agora. Tess trabalha magia com almas desoladas. Mas eu acho que ela deu a ele biscoitos.

Ele piscou para Lydia. — Essa coisa toda de Betty Crocker foi como ela conseguiu você, não foi?

³ Do original “Weaver”, que são membros dos Rastreadores que conseguem ‘tecer’/abrir portais para diferentes locais.

— Eu sou uma viciada por flocos de aveia com pedaços de chocolate. — Lydia encolheu os ombros.

— Talvez Ethan não tenha comido tudo ainda. — Connor riu.

— Vocês estão para descobrir. — Anika sorriu. — Adne, abra a porta.

Capítulo 5



— Espere. — As mãos de Shay estavam agarrando meu braço, me segurando mesmo que eu nem tivesse começado a ir. — Você está indo agora?

— Nós só temos umas poucas horas antes que a antiga patrulha Nightshade esteja na montanha, se realmente os lobos jovens ainda estão pegando a rota de patrulha... No que estamos apostando. — Anika disse. — Velocidade é essencial se esperamos fazer contato. Nós temos o fuso horário trabalhando a nosso favor, mas é apenas isso.

— Fuso horário? — perguntei. — O que quer dizer?

— É uma hora mais cedo em Vail. — Lydia estava examinando a lâmina de uma de suas adagas.

— Nós estamos em uma zona diferente? — fiquei boquiaberta. — Onde estamos?

— Na Academia Roving⁴. — Adne se moveu para ficar no centro de nosso pequeno grupo. — O coração e a alma de tudo o que são os Rastreadores.

— Academia Roving? — perguntei. Eu nunca tinha ouvido falar de tal lugar. A informação que me tinham dado sobre os Rastreadores fez parecer que eles se agrupavam em barracas ao redor do mundo, tentando juntar força suficiente para ataques de guerrilhas.

— A Academia é nossa melhor posse. — Anika sorriu. — Armazena nosso conhecimento e nos fornece alimentos, arte e educação. A maioria dos Rastreadores mora aqui, exceto aqueles em missão.

— É chamada de Academia Roving porque se muda de acordo com a necessidade. — Monroe adicionou. — Nós não ficamos em qualquer lugar por mais de seis meses para evitar detecção. Mesmo se os Protetores trouxerem a guerra até nós, isso significa o final de nossa resistência.

⁴ Literalmente significa a Academia Perambuladora, que vagueia sem destino; neste caso o significado será explicado mais à frente, mas o original vai ser mantido.

Eu não tinha visto muito desta Academia, mas eu tinha visto o suficiente para saber que era enorme.

— Como vocês conseguem mover um edifício?

— Sim. — Shay se virou para um lento círculo, observando o alto teto da sala. — Estive me perguntando sobre isso também.

Adne piscou para ele. — Se você ainda estiver interessado em três meses, te darei o melhor lugar.

— Esquece. — olhei com raiva. — Onde estamos agora?

— Iowa. — Akina disse.

Franzi. — Porque vocês se instalaram em Iowa?

— Exato. — Connor me deu um formal aceno zombador.

Adne acenou. — Se move por todo o mundo. Agora é em Iowa. A próxima é na Itália.

Um globo estava girando em minha mente. Como eu tinha chegado aqui?

— Nós não temos tempo para aulas agora. — Anika gesticulou para Adne. — Isso vem depois.

— Bom ponto. Adne, apenas abra o portal. — Connor disse. — Eu nunca fui bom com antecipação; me deixa marcado.

— Isso deve melhorar sua aparência. — Silas murmurou. Ele pegou uns papéis dobrados da pilha. Como ele os achou no meio da papelada era um completo mistério.

— Aqui está o próximo despacho para Grant. — ele mandou o amontoado em direção a Connor como um disco. — Tente não perder.

Connor pegou a carta no ar. — Obrigado.

— O que está havendo? — olhei para Shay, não entendendo a estranha conversa.

— Ariadne é uma Tecelã de portais. — Monroe disse. — É a tarefa mais importante que um Rastreador pode realizar.

A tarefa mais importante. Olhei para Adne e podia jurar que ela não era mais velha que Ansel. — Ela está conduzindo nossa missão?

— Conduzindo não. — Monroe disse. — Apenas tecendo.

— Ela não é um pouco... nova? — eu não tinha idéia do que tecer era, mas se era vital para nossa missão, eu queria alguém com um pouco mais de experiência no comando.

— Como eu disse antes. — Connor deu um tapinha na cabeça de Adne. — Nosso pequeno docinho excede expectativas.

— Apenas me deixe trabalhar. — Adne murmurou, se sacudindo para longe da mão de Connor.

Eu olhei em direção à Adne, esperando para ter certeza de que ela era exatamente tão excepcional como todo mundo disse.

Shay pegou minha mão, me pondo vários passos para trás. — Eu acho que é melhor ver do que explicar.

Adne pegou os finos espinhos de metal de seu cinto.

— O que são eles? — perguntei, retesando caso eles fossem armas depois de tudo.

Ela arqueou uma sobrancelha para mim, observando minha posição defensiva. — Punhais... as ferramentas dos Rastreadores. Você verá o que podem fazer.

Ela puxou uma respiração enquanto fechava os olhos. Então ela começou a se mover. Os punhais cortaram o ar; cada rápido ataque inflamando trilhas de luz em seu caminho, e um tom como uma sineta se prendeu à nossa volta. O corpo de Adne se movia rapidamente em uma dança louca. Ela mergulhou para o chão e lançou seus membros em direção ao teto, guiando os punhais em movimentos que lembraram uma forma louca de ginástica rítmica. As pontas brilhantes de seus punhais começaram a se colocar uma contra a outra. O som que preencheu o ouvido criou um ondulado coral em notas aderidas. Seus braços teceram através do ar enquanto os punhais estavam mergulhando para dentro e para fora de um tear invisível. Ondas de som se derramaram pela sala até eu achar que eu estava inundada pela música do oceano e luz.

Tudo parou de uma vez.

— Olhe. — Shay sussurrou.

Virei-me para Adne. Ela estava de pé, ofegante, em frente a um gigante retângulo cintilante. Estava no ar, uma tapeçaria de luz suspensa e brilhante. Minha respiração ficou presa em minha garganta enquanto me aproximava. O ondulante retângulo tinha uma imagem; a parte de dentro do depósito. Caixas empilhadas preenchiam a sala mal iluminada.

— É lá que estamos indo? — murmurei.

Adne acenou, ainda tentando recuperar o fôlego.

— Boa tecelagem. — Connor deu um tapinha em seu ombro.

— Sem problema. — ela sorriu, limpando o suor de sua testa.

— Então, o que fazemos agora? — olhei para a cena brilhante.

— É uma porta. — Adne disse. — Você passa por ela.

Olhei para o alto portal de luz. — Dói?

— Meio que faz cócegas. — Connor disse, zombando solenemente.

Adne bateu com força nele com a parte plana de um de seus punhais.

— Ai! — Connor esfregou seu braço.

— Está tudo bem, Cal. — Shay disse. — Foi assim que cheguei na Academia. Eu sei que parece loucura, mas é seguro.

— Loucura? — Adne protestou.

— Loucamente maravilhoso. — Connor deu risadas. — Irei primeiro.

— Por favor. — eu disse, não esperando para admitir o quanto a passagem resplandecente fez todos meus pêlos se arrepiarem.

Connor caminhou confiante para a brilhante imagem. Seu corpo embaçou por um momento e então lá estava ele, parado em volta das caixas. Ele pausou, esticando seus braços e bocejando, e então de repente tirou suas calças e zombou de nós.

— Oh, Deus! — Adne grunhiu. — Atravesse e morda-o, Shay.

— Eu não vou, lembra? — Shay disse, mas ele riu. — Mesmo que eu fosse, eu não morderia sua bunda.

— Talvez Calla morda. — Adne deu risadas.

— Provavelmente não. — murmurei, com uma segunda olhada eu tinha que admitir que a bunda de Connor não era tão ruim para olhar.

— Basta. — Anika disse, brevemente abraçando Lydia. — Fique bem.

— Claro. — Lydia disse, correndo para o portal em tempo de bater na pele descoberta de Connor com a parte achatada de sua adaga antes que ele pudesse tropeçar pra fora do caminho.

Adne explodiu em risadas.

— Vá em frente, Calla. — Monroe disse. — Adne estará bem atrás de você.

— Espere. — Shay se manteve em minha frente. — O que faremos enquanto eles tiverem ido? Apenas ficar sentado em nossas mãos até que acabe?

— Não. — Monroe veio para seu lado, gentilmente puxando-o para longe de mim. — Nós temos uma tarefa para completar.

— Nós temos? — a testa de Shay se enrugou.

— Nós faremos uma visita informal a alguns dos instrutores da Academia. — ele disse. — E você irá convencê-los de que ficará tudo bem quando eles tiverem um bando de lobos se juntando à suas aulas.

Então era isso que a aliança queria dizer. Nós não iríamos apenas lutar com eles. Nós iríamos treinar com eles, aprender sobre o mundo deles. Mesmo que a idéia fosse estranha, era também excitante.

Adne começou a caminhar. — Vamos Lily. Nós tentamos abrir e fechar portas rapidamente. Isso não é uma vitrine.

O apelido me fez estremecer o suficiente para expor minhas presas para ela. Foi mais do que uma pequena satisfação quando ela deu um passo para trás.

Eu olhei para Shay, que ofereceu um fino sorriso para mim. — Boa sorte.

Retribuindo o sorriso o melhor que eu pude, fechei meus olhos e caminhei para o resplandecente nevoeiro.

Connor não estava completamente errado sobre as sensações que fluíram pelo meu corpo a partir do momento que toquei a porta iluminada, embora me mover através do portal não fez exatamente cócegas. Por um momento minha pele formigou, como se eu estivesse em um espaço cheio de eletricidade estática. No próximo momento, um ar com cheiro de mofo preencheu meu pulmão e Connor estava rindo. Felizmente suas calças estavam no lugar novamente.

— Você está com a gente, Calla? — Lydia perguntou. — A viagem acabou. Aqui é onde nós desembarcamos.

Connor tossiu. — Eu poderia te ajudar com isso.

Balancei a confusão em minha cabeça, irritada.

— Você alguma vez se cansa de ouvir suas próprias piadas? — Lydia o empurrou em direção à porta.

— Você realmente precisa perguntar? — ele deu risadas, piscando seus olhos para ela.

Ela tentou dar a ele um olhar severo, mas uma risada se borbulhou por sua garganta. — Você é um desastre, garoto, mas te amo por isso.

— Claro que você ama.

— Para de se enfeitar, Connor. — Adne emergiu do portal. Virei-me. Eu podia ainda ver a imagem vacilante da sala que abandonamos no alto retângulo atrás dela. — Atravessar o portal pela primeira vez é intimidante.

— Não é uma forma ruim de viajar, de qualquer forma. — Connor disse, esfregando seus braços como se ainda estivessem formigando. — Não é, garota lobo?

— Não, não é. — meus olhos se fixaram na passagem brilhante. — Mas...

— Mas, o quê? — as mãos de Adne estavam em seus quadris. — Você não aprova minha tecelagem?

— Não é isso. — eu disse, ainda examinando o portal. — Mas eles não os deixam nervosos?

Adne acenou, penetrando seus punhais através do portal em um gigante X. A porta desapareceu. — Olha, Lily. Todo esse exercício foi para te mostrar que é perfeitamente seguro. Eu não sei o que mais eu posso fazer além de deixar você caminhar de volta e depois pra frente pelo portal a noite inteira.

— Não foi isso que eu quis dizer. — eu disse. — Você não fica preocupada que os Protetores possam apenas abrir um desses e encontrar você? É perfeito para um ataque surpresa. Quero dizer, estamos usando para isso, não estamos?

— Ah. — Adne acenou. — Eu vejo.

— Vê o que? — perguntei. — Você deveria estar preocupada. É uma falha bem grande.

— Sim, seria. — Adne continuou sorrindo com maldade. — Se isso fosse o problema, mas não é.

— Porque não? — eu estava irritada com a expressão convencida em seu rosto.

— Porque nossos Tecelões são muito especiais. — Connor disse, deslizando seu braço em volta da cintura de Adne e beijando sua bochecha antes que ela girasse e empurrasse-o.

— Você é um idiota. — ela disse, mas ela não conseguia esconder sua risada.

— Eu estava tentando te elogiar. — Connor disse, fingindo uma expressão magoada e não conseguindo desviar-se rápido o bastante quando ela o agarrou.

— Alguém poderia, por favor, me dizer por que isso não é um problema? — perguntei, dissuadida por sua fácil brincadeira quando eu ainda estava tensa.

— Protetores não podem criar portais. — Adne disse simplesmente, deslizando-se de sua improvisada briga com Connor para me olhar novamente.

— Porque não? — perguntei, franzindo.

— É um de alguns benefícios que temos por não quebrar as regras da magia natural como eles fizeram. — ela disse.

— Eu ainda não estou entendendo.

— Lembra de todos aqueles crimes contra a natureza que Silas disse mais cedo?
— Connor sorriu para mim.

— Sim, não que isso faça qualquer sentido. — cruzei meus braços. — E estou surpresa que você esteja trazendo isso agora.

Ele levantou as mãos como se rendendo. — Apenas fora de necessidade. Eu acho que você é brilhante, loba, sem figuras mutantes à vista que eu possa ver. Então novamente, você tem todas as suas roupas.

— Cale-se, Connor. — Lydia grunhiu.

— Sim, mamãe. Tudo bem, então os Protetores quebraram algumas grandes regras no caminho de todo o poder que eles têm, incluindo criando os Guardiões. — Connor disse, empurrando suas mãos pelo seu cabelo castanho bagunçado. — A verdade é que esses portais funcionam em princípios naturais. E se você andar por aí ofendendo a terra todo o tempo, como os Protetores fazem, você não pode pedir favores.

— Hã? — eu não conseguia achar sentido para o que ele tinha acabado de dizer.

— Tudo nesse mundo está conectado, incluindo todos os lugares do globo. — Adne disse. — Tecelões usam Mágica Antiga para arrancar os fios dessa conexão, ligando um lado com o outro. É como viajamos.

— Mas os Protetores... — comecei.

— Não podem arrastar os fios para começar com isso. — Connor terminou por mim. — Eles têm que viajar da forma convencional. Ou com a nova tecnologia, eu acho. Mas não pelos portais. Eles não podem tecer. A terra não ia permitir.

Eu ainda não tinha certeza se tinha entendido, mas nossa conversa foi interrompida por uma porta do outro lado da sala balançando. Caindo ao chão, eu mudei, pronta para atacar aquele que tinha um arco e flecha apontado para nós. Connor caminhou para minha frente antes que eu pudesse atacar.

— Issac, ponha isso para baixo! O que alguma vez fizemos para você?

O homem com o arco e flecha resmungou. — Oh, bom. Nós estávamos imaginando quando vocês chegassem. Porque você abriu a porta no depósito?

— Porque se fosse Ethan com o arco e flecha, ele já teria atirado nela. — Adne apontou para mim. — Eu estava sendo cautelosa.

— Não foi uma má idéia. — Issac disse. — Embora tudo o que ele possa fazer seja atirar biscoitos no lobo. Ele esteve se entulhando desde que chegou aqui.

— Calla, você poderia tentar não mudar por aqui. — Lydia disse, se movendo para abraçar Issac. — Onde está minha garota favorita?

Mudei de volta para a forma humana, engolindo uma resposta que flutuou em minha língua. O que eles esperavam? Eu não tinha uma boa história com Rastreadores de arcos e flecha.

— Ela está na cozinha com Ethan. — Issac respondeu.

— Como está Ethan? — Adne perguntou. — Tirando estar se entupindo de biscoitos.

Isaac olhou para mim. — Ele está voltando.

— Isso bastará. — Connor disse, pegando minha mão e me arrastando para a porta. — Isaac, conheça Calla. Ela é a alfa que estará liderando nossa fabulosa revolta Guardiã.

Estou fazendo o que? As ramificações desse novo plano vieram de encontro comigo como um desliz de rochas.

— É tudo? — Isaac deu risadas. — Prazer em conhecê-la, agitadora.

Balancei sua mão, dando a Connor um nada amigável olhar lateral.

Ele me deu tapinhas no ombro. — Apenas me certificando que sua reputação lhe precede.

— Obrigada.

Nós seguimos Isaac, que possuía um longo cabelo, com minúsculas traças que balançavam de um rabo-de-cavalo em sua nuca enquanto ele vagueava em direção a um grande aposento que estava vazio, exceto pelos materiais no chão e armas penduradas nas paredes.

Vendo meus olhos vagarem, Lydia sorriu para mim. — Sala de treinamento.

Isaac nos liderou por outra porta, onde nós fomos recebidos por um fogo vibrante, o cheiro de café fresco, e dois rostos. Um sorrindo, o outro com raiva.

— Hey, bela. — Lydia abriu seus braços para uma mulher que parecia ter a mesma idade, trinta e cinco ou mais, e que seu cabelo ondulado caía na altura de seu queixo me recordava os de Bryn, exceto que o dela era no tom preto azulado.

— É o meu dia de sorte. — a mulher disse, beijando-a.

— Pode ser meu dia de sorte também? — Connor perguntou, olhando com expectativa para o casal.

— Não dê em cima da minha namorada, Connor. — Lydia riu, puxando a outra mulher para um abraço íntimo.

— Eu não estava dando em cima dela. — Connor retorquiu. — Eu dei a ela um cumprimento. Você acha que eu invadi seu território? Você esqueceu que eu patrulho com você. Eu não quero estar no sentido errado de suas adagas.

— Homem esperto. — Lydia disse, então se virou para a outra mulher que me encarava. — Tess, esta é Calla. Ela é a loba dorminhoca que estivemos esperando que despertasse.

— E despertada ela foi. — Tess veio em minha direção imediatamente, oferecendo as duas mãos. — É uma honra conhecê-la.

Novamente a palavra... honra foi jogada em mim.

— Obrigada. — balancei as duas mãos; elas eram macias e quentes. Quando ela sorriu, acendeu seus olhos azuis pálidos, cheio de sincera bondade. Gostei dela instantaneamente.

— Nós temos tempo para uma xícara de café? — Isaac perguntou, segurando um bule. — Ou nós estamos pulando direto pro sangue e tripas?

Olhei para ele, surpresa com suas perguntas que colocaram o café contra o sangue.

— Você não vai pular para lugar algum. — Lydia disse, puxando Tess de volta para um abraço. — Reapers são para guardar a fortaleza. Apenas Strikes e lobos vão para essa corrida.

— E eu. — Adne disse.

— Eu ouvi que você é a nova Tecelã, Ariadne. — Isaac estava se servindo de uma xícara de café. — Bem-vinda a bordo.

— Adne. — ela replicou. — Apenas, Adne.

— Ainda se rebelando contra seu pai, Ariadne? — Tess perguntou enquanto se inclinava contra Lydia. — Nós já conversamos sobre isso.

— Você conversou sobre isso. — Adne disse, caminhando entre eles para agarrar um banco da mesa da cozinha próximo a Ethan, que estava encarando seu café e prato cheio de migalhas de biscoito. — E vocês duas poderiam arrumar um quarto? Vocês sabem que nem todos aqui tropeçaram através do verdadeiro amor e vocês duas esfregam em nossos narizes toda vez que vocês podem.

— Observe. — Lydia disse. — Nós não temos tantas chances e você sabe disso. Nós temos sorte de dividir uma hora no mesmo lugar a maioria dos dias.

— Além disso, você tem dezesseis anos Ariadne. — Tess deu a ela um severo olhar. — Você não teve tempo de tropeçar no amor ainda.

— Claro que teve. — Connor deslizou para a cadeira do outro lado de Adne, jogando seu braço em volta de seus ombros. — Ela apenas não apreciou ainda.

Adne grunhiu e derrubou sua testa contra a mesa. — Eu vou casar com a primeira pessoa que conseguir uma xícara de café, não me importa quem seja.

— Me jogue uma xícara, Isaac! — Connor se levantou.

— Ah, por favor. — Adne resmungou contra a mesa.

— Você está brincando? — Connor disse. — Uma xícara de café ao invés de um anel? É o tipo de pedido que estou pronto para fazer.

Tracei o metal frio circulando meu dedo. Quando peguei Adne me olhando, escondi minhas mãos debaixo da mesa.

— E é tudo que você pode oferecer. — Isaac adicionou.

— Bem, isso também. — Connor riu.

— Eu ainda não tenho nenhum café. — Adne disse. — Mesmo com minha oferta generosa.

— Não desista tão fácil, querida. — Isaac sorriu, trazendo para Adne uma xícara fumegante. — Café, Calla?

— Uh, eu.. — hesitei, ainda sem entender essa bizarra conversa diante de uma batalha. — Podemos nos focar no ataque? Anika disse que só tínhamos uma pequena janela para esse trabalho.

A sala ficou em silêncio. Segurei minha respiração, claramente tendo dito a coisa errada.

Tess teve compaixão por mim. — Querida, há sempre tempo para uma xícara de café. — ela pegou meu braço, me sentando na cadeira ao lado de Connor.

— Tempo para tudo de bom quando você encara a morte de cara. — Connor adicionou.

— Amém. — Ethan murmurou do canto.

Eu olhei para seus finos e tristes sorrisos e minha confusão evaporou. Eu pensei sobre suas vidas. Sobre o que eles tinham que encarar. Protetores. Guardiões. Espectros. Coisas de pesadelos.

Sobreviver. Era o que queria dizer. Os Rastreadores eram guerreiros, como os Guardiões. Eles olhavam para cada luta como se fosse sua última. Tudo isso, da estranha hora do café para as inapropriadas piadas de Connor, fortificavam suas defesas. Apenas isso não era uma blindagem. Era uma fortaleza mental. Um caminho para salvar seus espíritos do desespero.

Por mais estranho que pudesse ser, eu podia embarcar nessa estratégia. Especialmente se envolvia café, embora eu desejasse que a irritação de não tomar nenhum devesse me dar uma chance de vencer a luta.

— Que lugar é esse? — perguntei, tentando juntar a área de armazenamento, a sala de treinamento, e agora a cozinha.

— Nós temos observatórios próximos à população de Protetores pelo mundo. Eles têm dois principais propósitos: manter-nos conectados com nossos contatos no

mundo humano e usar área de disponibilização para ataques contra os alvos dos Protetores.

— É lar doce lar, o Purgatório. — Isaac assinalou.

— Pode ser Purgatório. — Lydia riu. — Mas esse café está malditamente bom.

— Purgatório? — franzi, então sorri quando Isaac trouxe para mim uma xícara cheia de fumegante líquido, preto como piche.

— Você sabe, é o lugar para você ficar preso entre o céu e o inferno. — Connor disse. — Céu sendo a Academia e o inferno...

— Sendo Vail. — Ethan empurrou sua cadeira para trás e foi para o mais longe da sala, aparentemente não mais capaz de tolerar minha presença.

Tess balançou sua cabeça para ele, mas ele ignorou-a, bebendo seu café em silêncio solitário.

Eu decidi dar a Ethan uma longa distância era provavelmente minha melhor aposta. Se ele confiasse ou gostasse de mim não importava. Eu não vim aqui para fazer amigos, eu estava aqui para salvar meu clã.

Me virei para Connor. — Então onde estamos exatamente?

Quando perguntei, eu tive que esconder meu próprio estremecimento; se nós estivéssemos próximos aos Protetores, quão seguros estaríamos?

Lydia respondeu enquanto Tess se juntava à nós na mesa. — Nós estamos no armazém em Denver. Tecelões abrem portas daqui para o lugar de ataque. Strikers vem e vão de acordo com suas missões.

— E nós Reapers permanecemos sozinhos. — Isaac disse, parecendo desolado.

Tess estalou sua língua. — Você está dizendo que não sou boa companhia?

— Não se quer dizer que vai parar de cozinhar pra mim. — Isaac gracejou.

— Ele tem você cozinhando para ele agora? — Lydia perguntou. — Você é boazinha demais.

— Não arruíne meus arranjos, mulher! — Isaac protestou. — Ainda mais por que eu lavo os pratos.

— Lava mesmo. — Tess disse.

Dei um gole em meu café, tentando me manter no ritmo. — O que são Reapers?

— Não há muitos Rastreadores sobrando no mundo. — a voz de Lydia estava na beira. — A maioria fica na Academia ensinando ou treinando; eles apenas saem para missões que precisam do básico. Mas aqueles que ainda continuam lutando a boa luta dia-após-dia vivem em observatórios como esse. Nossas equipes sempre têm a mesma distribuição de membros: grupos de dez, tarefas específicas para cada membro. Os Reapers reúnem suprimentos e administram preciosas mercadorias pelo mercado negro, mantendo nosso dinheiro fluindo no moderno ciclo do mundo.

— Mercado negro? — franzi, um pouco nervosa.

— Não se preocupe, Calla. Nós não negociamos coisas asquerosas, como órgãos humanos. — Tess sorriu, balançando a cabeça. Quando eu sorri de modo constrangedor, ela se apressou. — Em sua maioria são artes e antiguidades. Coisas que sabemos como encontrar que outras pessoas não teriam acesso.

— Ela está tentando dizer que Reapers são contrabandistas. — Connor disse. — Mas dos bonzinhos.

— Connor, você sabe que treinamos muito e duro por esse trabalho. — Isaac disse.

— Mais do que você. — Tess adicionou.

— Quanto tempo? — perguntei.

— O treino padrão para os Rastreadores são dois meses de habilidades gerais e outro ano de especialização para missões. — ela disse. — Reapers fazem um adicional de dois anos.

— Para aprender como contrabandear?

— Olha o que você fez, Connor. — Tess balançou a cabeça. — Não, não é como funciona. Reapers conhecem história da arte, linguagem, e clássicos de trás pra frente. Isso adiciona ao seu treino de combate. O trabalho dos Reaper é o mais perigoso do que os deveres dos Strikers.

Clareei nervosamente minha gartanta. — E os Strikers são?

— Os Strikers são a contraparte. — Lydia disse. — Eles treinam para ser a primeira linha de ofensa contra os Protetores. Eles executam golpes contra alvos inimigos designados. Mas isso na maioria quer dizer que eles matam os Guardiões.

— Ótimo. — eu disse, sentindo meus caninos se afinarem em cada palavra. — E os Tecelões abrem portas. E Monroe, ele é seu...

Eu tentei lembrar do que eles o chamavam.

— Guia. — Tess ofereceu. — Ele é nosso Guia.

Ethan se aproximou, batendo sua xícara vazia na mesa. — Agora que a pré-escola acabou, podemos nos mover? Anika tinha um ponto. Nós temos apenas algumas horas do dia restantes.

—Ethan! — Tess se levantou.

— Calminha, garota. — Connor se levantou também. — Eles está certo. Nós temos que avançar.

Lydia olhou para mim. — Tenho certeza que ainda tem várias perguntas. Desculpe se não podemos respondê-las agora.

— Não se preocupe. — levantei-me da cadeira, músculos zunindo. A cafeína me agitava e o pensamento de entrar na floresta me fez desejar correr.

Era hora desta alfa encontrar seu clã.

Capítulo 6



A porta de Adne abriu desta vez revelando uma paisagem que eu conheci por toda minha vida. A ladeira coberta de neve, o sol da tarde brilhando sobre ela, cortado em intervalos pelas sombras de altos pinheiros.

— Aquele é o lado leste. — eu murmurei. A necessidade de correr para acompanhar meus companheiros de clã e trazê-los para a segurança era devastadora. Cerro os dentes como se lutasse por controle.

— Sim. — Adne disse. — Isso vai funcionar? Nós temos o ponto de encontro do grupo perto. Grant está em uma trilha coberta de neve há cerca de meia milha de distância; é no parque da reserva que corre contra os limites de suas rotas de patrulhas, mas ele não deve chegar perto de um ataque de lobos...espero.

— Eu odeio inverno. — Ethan resmungou, calçando suas botas.

— Eu não posso esperar para fazer um anjo de neve. — Connor replicou enquanto amarrava um par de sapatos de neve.

— Às vezes, eu realmente não gosto de você. — Ethan disse, alcançando suas luvas, mas eu podia dizer que ele estava tentando não sorrir.

Lydia sorriu e continuou a colocar sua própria roupa de inverno. — Calla, Ethan e eu vamos com você para rastrear seus companheiros de clã. Connor está indo em outra direção para encontrar com Grant.

Eu assenti, embora, eu silenciosamente desejava que fosse Connor vindo conosco em vez de Ethan. Não ajudou que Lydia tomasse à dianteira enquanto nós seguíamos dentro do portal com Ethan vinha na retaguarda. Eu me preocupava que tendo minhas costas expostas ao alcance de sua balestra, podia vir a ser um pouco tentador também.

— Eu estarei esperando. — Adne disse, fechando a porta. Ela inclinou-se contra a árvore. — Não demorem muito. Eu acho que até minhas vinte camadas não podem sustentar essa temperatura. Está congelando.

Seus comentários puxaram-me de volta dos pensamentos de correr selvagem através dos montes de neve. — Por que você apenas não espera lá dentro?

Os Rastreadores olharam fixamente para mim. Eu olhei de volta, não entendendo o porquê eles estavam olhando com carrancas. Quando uma porta era aberta, você podia ver outros deles ao lado do portal. Estava desfocado, mas não tão desfocado.

Ethan resmungou alguma coisa sob sua respiração. Adne deu uma olhada para ele, antes de oferecer-lhe um pequeno sorriso.

— Desculpe. — ela disse. — Nós esquecemos que você não sabe todas as regras. Portais nunca são deixados abertos.

— Nunca. — Ethan gravou na neve. — E Tecelões nunca aderem a um ataque — eles ficam no lado externo das zonas de missão.

Adne fez uma careta, mas Connor balançou a cabeça. — Você sabe por que é necessário, querida.

— Cale a boca.

Lydia colocou a mão no ombro de Adne.

— Tecelões são o mais poderoso e valioso instrumento entre os Rastreadores. Nós tentamos manter seus riscos mínimos.

— Mas esse é meu ponto. — eu disse frustrada pelo muito que eu não sabia sobre meus supostos aliados. — Se ela está do outro lado, ela pode apenas fechar o portal no primeiro sinal de perigo.

— Não importa quão cuidadoso um Tecelão é, nós ainda cometemos erros. — Os olhos de Adne são como facas.

— Alguma coisa pode passar.

— Eu pensei que você disse que Protetores não podiam fazer portais. — eu disse.

— Protetores não podem criar portais. — Adne disse. — Eles ainda podem vir através deles. Suas criaturas também. Guardiões, Espectros, qualquer um.

— E se os Protetores alguma vez colocarem suas mãos em um Tecelão, — Lydia disse — se eles força-rem um cativo a abrir as portas, nós nunca os veremos vindo. Isso

é o porquê dos portais permanecerem fechados e Tecelões não poderem ser atacantes. Eles trabalham do lado de fora da zona de perigo... tão mais do lado de fora quanto nós podermos controlar, pelo menos.

Adne parecia como se tivesse mordido um limão.

— Se alguma coisa vier que não seja nós, nós voltamos ao Purgatório. — Connor disse para ela.

— Eu conheço o protocolo. — ela disse. — Formada, lembra-se?

— Como eu poderia esquecer? — Connor sorriu, soprando um beijo para ela antes vagar fora através da neve.

— Ok, Calla. — Lydia disse. — Você é obviamente a melhor perseguidora. Lidere o caminho.

Eu dei risada, mudando de forma e saltando através da neve. O ar frio do inverno fluindo através das minhas narinas. Eu ansiava uivar. Um coelho lançou-se de baixo de uma moita de galhos quebrados e minha boca encheu de água.

— Calla! — Lydia gritou.

Eu derrapei até parar, neve elevando-se ao meu redor como um véu de névoa branca. *Oops.*

A emoção de correr na montanha tinha me feito esquecer que eu não estava com outros lobos. Humanos são lentos. Eu dei a volta e corri de volta para Lydia e Ethan, mudando de forma quando eu os alcancei.

— Desculpe.

— Você pode explorar em frente, mas não se perca de nós. — Lydia disse.

Ethan ajustou a balestra em suas costas. — Se nós acharmos que você tenha ido muito longe, eu vou atirar em sua cauda.

Lydia olhou para ele.

— Brincando, eu estava brincando. — ele replicou, mas o sorriso que ele me deu não era amigável.

De volta à forma de lobo, eu conduzi a fileira à frente dos Rastreadores, mas os mantive à minha vista. A nevasca fresca não estava ajudando. Encobrendo os aromas, abrandando novos traços, apagando aromas mais velhos.

A porta que Adne abriu estava à sudoeste da Caverna de Haldis. Eu conduzi através do perímetro que teria esperado que a patrulha de Guardiões estivesse correndo neste ponto de tarde. O ajuste com meus novos aliados não foi fácil. Nossa inabilidade para comunicação era tediosa na melhor ou terrivelmente frustrante na pior das hipóteses. Toda a hora que eu queria falar com eles, eu tinha que correr de volta, mudar de forma e correr para dianteira de novo. Isso só deixou-me mais desesperada para conseguir meus companheiros de clã de volta. Eu tentei lembrar como era fazer esta caminhada com Shay quando ele ainda era humano. Eu era paciente com sua subida, e os Rastreadores estavam provando serem mais do que capazes de mover-se rapidamente ao longo do terreno nevado. Embora não fosse a parceria ideal, eu sabia que podia funcionar. Eu mantinha esse pensamento focado enquanto eu mergulhava em direção aos montes de neve.

Batendo com as patas através dos montes de neve para alcançar a terra fria, erguendo meu focinho para testar o ar, eu fiz todas as coisas que eu podia para localizar evidências do rastro de meus companheiros de clã. Mas eu não pude encontrar nada. Sem traços, sem cheiros. Nada. Onde eles estavam?

Minhas esperanças estavam caindo tão baixo quanto o sol no horizonte quando Lydia me chamou de volta.

— Alguma coisa? — Ela olhou para as sombras indistintas que se espalhavam como um derramamento de tinta ao longo da neve.

— Não. — eu disse, chutando a neve. — Este material está enterrando os cheiros. Eu não apanhei nenhuma trilha diferente do que de caça.

— Seus companheiros de clã não teriam mudado de direção para uma nova trilha acima daqui durante sua patrulha? — Ethan perguntou.

Eu fiz uma careta. Ele tinha localizado a mesma coisa que tinha me importunado enquanto nós avançávamos sobre o perímetro. Mesmo se a rota tivesse mudado, eu devia ter visto algum sinal dos Guardiões cruzando esta parte da montanha. Nós estávamos tão perto da Caverna de Haldis para a patrulha perdê-la tão completamente. Exceto... Exceto... Nós tínhamos roubado o objeto escondido na caverna e os Protetores sabiam disto. Nosso grupo tinha cheirado seu medo, sua tensão depois que Shay tinha encontrado o estranho cilindro, clamando-o para si próprio. Haldis já não mais precisava de proteção. Não havia mais patrulhas. E a única

razão para os lobos virem a estar guarneendo o perímetro sagrado era para esperar por...

— Oh, não. — eu disse, batendo minha palmas enluvadas contra minha testa. Senti meu sangue gelado.

— O que? — Lydia perguntou.

Eu não queria contar a eles. Eu senti-me como uma idiota. Como eu tinha esquecido algo tão importante? Minhas bochechas queimaram porque eu sabia por quê. Eu tinha estado tão agarrada na possibilidade de encontrar Mason ou Ansel, até mesmo a irritante Fey, de reunir-me com meu clã que eu tinha caído dentro da expectativa que eu sempre tive enquanto uma alfa. Este foi o lugar onde nós coríamos as patrulhas. Este terreno tinha sido o foco da minha vida inteira. Não tinha sequer me ocorrido considerar outras posições.

Mas por que Shay não tinha dito nada quando nós estávamos fazendo este plano? Ele sabia que Haldis estava faltando. Ele a tinha em sua posse.

— Calla—. Lydia falou de novo. — O que é?—

Enquanto eu formulava por uma explicação e uma desculpa, alguma coisa chamou minha atenção. A figura estava a cerca de cem metros de distância, vindo rápido para nós.

— Atenção. — Ethan disse, apontando sua balestra.

— Espere. — Lydia colocou sua mão no braço dele. A figura estava sobre duas pernas e estava olhando para nós, acenando freneticamente. — É Connor.

Ele estava movendo-se impressionantemente rápido para alguém em sapatos de neve – os Rastreadores devem ser treinados rigorosamente para o combate no inverno.

— Vamos. — Ethan disse indo na direção de Connor.

Quando nós o alcançamos, ele inclinou-se, descansando suas mãos sobre as coxas, ofegando para respirar.

— Ele está morto. — Connor disse entre suspiros. — Grant está morto. Sua garganta foi arrancada fora.

Tendo sido nascida para criar violência, eu nunca tinha pensado que a morte iria enervar-me. Mas a imagem do desajeitado e afável Sr. Shelby, deitado em uma poça de sangue e carne mutilada, fez-me estremecer.

— Merda. — Ethan arqueou sua cabeça.

Lydia fechou seus olhos. — Isto é uma pena. E significa que nós precisamos cair fora daqui. Se os lobos ainda estão caçando, eles não terão nenhum problema em rastrear-nos... Ou farejar até Adne.

Connor assentiu, mas olhou para mim. — Você encontrou seus companheiros de clã?

— Não. — eu disse ainda prostrada pela notícia da morte súbita de Sr. Shelby.

— E eu apenas percebi que...

O uivo engoliu minhas palavras. O segundo e terceiro uivo levantou o cabelo na parte de trás do meu pescoço.

— Este não é o meu clã. — eu sussurrei.

— Eles sabem que nós estamos aqui. — Ethan disse. — Vamos nos mover.

— Fique perto. — Lydia disse para mim, tomando a liderança mais uma vez.

Nós começamos a voltar, mas Lydia conduziu-nos por um caminho em zig-zague diferente da linha reta que nós tínhamos atravessado em nosso caminho a fora. Ela mudou de direção para uma nova trilha, indo em direção à Adne enquanto evitava o percurso que nós tínhamos criado em nossa caminhada afora. Em forma de lobo, eu voltei para trás, reconstituindo nossos passos, constantemente testando ao ar, ouvindo qualquer sinal dos lobos que tinham uivado, tentando perceber se eles estavam nos rastreando. Mas o aproximar do anoitecer trouxe um silêncio inquietante com ele, e eu lembrei o quão a neve absorvia os sons tão bem quanto os cheiros. Uma rajada de vento levantou a camada superior de neve, molhando nossos rostos com cristais de gelo, soprando na direção que os uivos tinham vindo.

Não era bom. Nós estávamos no sentido contrário ao vento dos Guardiões. Eles seriam capazes de nos cheirar, mas eu não iria pegar seu cheiro até que eles estivessem quase sobre nós.

Os uivos começaram de novo, muito mais perto.

— Eu não acho que eles vão sair daqui sem uma luta. — Ethan disse.

— Apenas mantenha-se correndo. — a respiração de Lydia saiu em baforadas brancas.

Nós estávamos próximos do local que tínhamos deixado Adne quando uma sombra pulou de um galho de árvore sobre nós.

Lydia girou punhal na mão.

— Sou eu! — Adne levantou as mãos.

— O que você está fazendo em cima de uma árvore? — Ethan perguntou, espreitando um olhar para os galhos.

— Escondida. — Adne escovou fora a neve de suas pernas. — Eu ouvi os uivos e pensei que seria melhor modo de jogar pela segurança.

— Muito bom. — Connor disse, claramente aliviado por vê-la ilesa.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

— Eles mataram Grant. — Connor disse.

Adne empalideceu. — Oh, não.

Minhas orelhas sacudiram para cima, atraídas para novos sons nas madeiras atrás de nós. O raspar de patas no gelo. Eu não queria mudar de forma, então eu lati para os Rastreadores.

Foi o suficiente.

Ethan preparou sua balestra. — Adne, abra uma porta.

Eu andei de forma grave para frente, esquadrinhando a floresta. Um lampejo de movimento apareceu. Um lobo avermelhado deslizou entre as árvores. Meu coração pulou. Era uma Nightshade. Sasha — a mãe de Fey e uma das companheiras de patrulha da minha mãe. Eu lancei-me na direção dela.

— Calla, não! — Lydia chamou, mas eu mantive a corrida.

Eu lati novamente, desta vez chamando Sasha. Sua forma brilhou entre dois e três troncos e eu enviei um pensamento correndo velozmente atrás dela.

Sasha, Sasha, espere!

O lobo vermelho girou, indo em direção a mim. Ela estava correndo à toda velocidade, não reduzindo de todo enquanto ela chegou mais perto, rosnando.

Seja bem vinda à casa, Calla.

Minha mente girou enquanto seu corpo colidiu contra o meu e nós rolamos pela neve. Eu rolei para longe, saltando para o lado quando sua mandíbula agarrou meu ombro.

Pare! O que você está fazendo?

Ela não respondeu, mas lançou-se para mim de novo, seus olhos cheios com desejo de sangue.

Meu instinto quebrou como um chute e eu contra ataquei, rosnando. Meus dentes afundaram dentro de seu peito, mas o gosto do sangue do meu clã em minha boca balançou minha essência. Nada sobre essa luta parecia natural. Eu estava atacando algo de mim mesma, a mãe de uma companheira de clã. Ia contra todas as coisas que eu já tinha conhecido.

Eu tentei alcançá-la novamente.

Por favor, Sasha eu estou aqui para ajudá-la.

Eu mal escapei de seu próximo golpe.

Menina tola.

A fria verdade estabeleceu-se sobre minha pele. Sasha estava tentando me matar e se eu quisesse sobreviver, eu teria que matá-la. Eu estava desesperada para encontrar outra maneira de sair desse desastre.

Desta vez, quando Sasha avançou, eu rolei para o lado, revolvendo em torno da neve e apertando minha mandíbula sobre o tendão de sua perna. Ela gritou quando meus dentes cortaram através de seu tendão. Eu rasguei o músculo e ela gritou de novo torcendo e mordendo inutilmente para mim. Satisfeita que ela não iria poder perseguir, eu soltei sua perna e corri de volta na direção dos Rastreadores. Eu podia ver o portal cintilando através das árvores. Mas eu ouvi os gritos de batalha também. Eu empurrei-me mais duramente, ganhando velocidade.

— Calla! — Adne acenou. Eu fiz uma linha reta para ela. Ela estava só a dez pés⁵ de distância quando alguma coisa dura e pesada bateu sobre mim. Eu rolei de novo e de novo, respiração forçada para fora dos meus pulmões. Em membros instáveis eu esforcei-me para meus pés e girei meu rosto para meu atacante.

A pele de lobo avermelhada era manchada de cinza e marrom.

Eu pensei que meu coração tinha parado quando meus olhos travaram com os de Emile Loroche.

O alfa Bane tinha estado nos caçando.

Medo paralisou-me como eventos cristalizados em minha mente. Sasha tinha estado caçando com Emile. Com Emile. Não fazia nenhum sentido. Sasha era a parceira de caçada de minha mãe. Ela era uma Nightshade. Lobos Nightshade respondiam somente ao seus alfas, meus pais: Stephen e Naomi Tor. Nightshades e Banes desprezavam uns aos outros e evitavam contato tanto quanto eles poderiam. O essencial foi sempre apenas a colaboração pela ordem direta dos Guardiões.

Mas agora Emile Laroche, o alfa Bane, estava liderando os Nightshades. Eu ericei, rosnando para ele mesmo enquanto eu lutava contra minha própria descrença. Cada coisa da dura realidade disposta diante de meus olhos estava errada, antinatural. Por que Sasha iria seguir Emile? Por que ela tinha me atacado? Onde estava meu pai e minha mãe? Onde estava meu clã?

Saliva escorria na mandíbula de Bane e ele dirigiu-se para frente.

Voltou para pedir perdão?

Meus membros estavam tremendo.

Seus músculos ondulavam quando ele sacudiu sua pelagem.

Eu acho que você deve descobrir que é tarde demais.

Eu rosnei. Se Emile queria uma luta, eu daria uma a ele, embora a idéia parecendo sem esperança – Emile tinha feito sua reputação entre os Guardiões como um assassino. Ele era uma besta infinita e poderosa e tinha muito mais anos de anos de luta em suas costas do que eu tinha.

Eu não estou arrependida de nada.

⁵ Um pé equivale a 0,3048, ou seja, dez pés dariam em torno de aproximadamente 3,038 metros.

Eu mantive a mim mesma no lugar contra o chão, esperando por sua investida. Mesmo se eu não pudesse vencer Emile, eu poderia ainda fazer algum machucado nele. Muitos.

Ele se agachou seu grunhido quase como uma risada gutural. *Isso foi exatamente o que seu pai disse.*

Meu pai?

Eu ainda estava sentindo o choque de suas palavras quando ele gritou, torcendo sua cabeça para arrancar o punhal de seu lado. Ele rolou ao longo da neve, deixando uma trilha carmesim em seu caminho enquanto um segundo punhal plainou passando por ele.

— Calla, vá para Adne! — Lydia gritou. Ela estava correndo para Emile com mais dois punhais em suas mãos.

Eu arrastei-me, correndo em direção ao portal.

— Vá! Vá! — Connor gritou mesmo enquanto ele atacava o outro Bane mais velho, a poucos pés de nossa rota de fuga. Guardiões e Rastreadores tombando através da neve, deixando uma nuvem de poeira branca cintilando em seu caminho. Eu peguei flash dos punhais de Connor na luz do sol com cada golpe nos lobos. As presas do Bane dando dentadas buscando por carne, mas perdendo enquanto Connor girava e contorcia-se, mantendo a si mesmo fora do alcance de sua mandíbula. Enquanto eu corria passando por ele, ele desviou do ranger de dentes do Guardião com o plano fio de uma lâmina, com habilidade o executando com outra. Ele chutou o corpo inerte do lobo longe de seu punhal e seguiu em meus calcanhares.

Com o canto do meu olho eu vi Ethan dando cobertura para Lydia com um ataque de uma supressão de flechas de fogo de onde ele estava em pé ao lado do portal. Eu troquei de forma, ofegante por respirar, mas precisava perguntar o que viria depois.

— Vamos! — Um braço alcançou através da cintilante entrada e Adne puxou-me dentro do calor da sala de treinamento do Purgatório, enquanto Connor empurrou-me para frente, ambos caindo fora na floresta nevada.

— Lydia nós estamos livres! — Ethan gritou. — Volte aqui! — Ele tinha dado dois passos em direção a ela quando mais quatro lobos emergiram da floresta, arrancando em direção ao alfa Bane.

— Lydia! — Ethan gritou, disparando mais flechas.

Ela tirou seus olhos de Emile e viu a aproximação dos Guardiões. Arremessando mais dois punhais nos novos atacantes, ela conseguiu levar um abaixo, o outro foi mais lento. Mas quando ela girou e arrancou através da neve em direção ao portal, Emile saltou nela, navegando através do ar.

A força toda de seu salto trouxe-a para baixo achatando-a contra a neve. Os três lobos restantes o alcançaram com suas mandíbulas travadas em torno de seu pescoço.

— Não! — Connor gritou, empurrando ao passar por mim em direção ao outro lado da porta. Mas Ethan estava lá, bloqueando seu caminho. Ethan balançou sua cabeça, então olhou para Adne.

Connor xingou, mas não discutiu.

— Ela se foi, Adne. — Ethan disse não se virando para ver Emile rasgando o corpo de Lydia distante. — Feche a porta.

Capítulo 7



Tess estava deitada encolhida no chão enquanto Connor falava baixinho para ela.

— É melhor levarmos ela conosco. — Ethan disse para Isaac. — Eles podem mandar outro Reaper por enquanto. Eu continuarei trabalhando no ponto até que a Anika resolva isso.

Isaac assentiu.

Enquanto Adne tecia uma porta para a Academia, eu me sentei na mesa, tentando encontrar um sentido no que acabara de acontecer. Lydia estava morta. Eu mal a conhecia, mas a maneira que ela morreu me assombrava. Náusea atingiu minhas entranhas, fazendo-me estremecer. Eu enterrei meu rosto nas mãos.

Eu não podia espantar o pensamento de que eu trouxe este pesar aos meus novos aliados. Tess estava soluçando, e cada choro era como uma lâmina cortando a minha pele. Eu tinha corrido para a Sasha. Eu presumi que qualquer Nightshade seria um aliado. Eu não poderia estar mais errada. Meu julgamento pobre havia custado a vida de Lydia.

Alguém tocou meu ombro. Eu ergui minha cabeça para ver Adne olhando para mim.

— A porta está aberta. — ela disse.

Eu a segui para o portal brilhante. Tess chorou no ombro de Isaac quando ele a abraçou, murmurando adeus, antes que Connor colocasse seu braço ao redor da cintura dela e a guiasse pelo portal de Adne.

Quando eu passei pelo Ethan no meu caminho para a porta, eu estiquei meu braço, agarrando a manga do casaco dele. Eu poderia ter sido mais esperta e ter escolhido outra pessoa, mas as palavras queriam sair da minha garganta.

— Sinto muito. — eu sussurrei.

Ele sacudiu minha mão para longe, mas seu olhar era mais triste do que bravo. — Não sinta. Isso é o que somos.

Eu podia ver essa verdade em ação. Com exceção de Tess, os Rastreadores jogaram para fora seu pesar e seguiram em frente de uma maneira que era brutal e linda.

— Mande uma atualização quando você puder. — Ethan disse.

— Mandaremos. — Adne disse, e gesticulou para eu passar por ela.

Anika estava esperando por nós. Os olhos da Arrow estavam fixados na Tess, que estava lutando contra suas lágrimas.

— Lydia? — Anika perguntou. Tess quebrou de novo e Anika inclinou sua cabeça.

— E nosso operativo. — Connor acrescentou.

— Tess, você deveria se retirar para os seus aposentos na ala Haldis. — Anika disse.

Tess assentiu. Quando ela tinha ido, Anika se aproximou de Connor.

— O que aconteceu?

— Não tenho certeza. — Connor esfregou a sua nuca. — Quando eu cheguei ao ponto de descida, Grant estava morto. Ele sangrou até morrer pelo menos uma hora antes. Seu corpo já estava congelado.

Anika fez uma careta, virando seus olhos para mim. – E o clã?

Eu balancei minha cabeça, me perguntando se eu deveria contar para eles sobre Haldis. Sobre o terrível erro de cálculo que eu de alguma forma negligenciei. Com o que tinha acabado de acontecer, eu decidi não contar.

– Os lobos que nós encontramos nos atacaram sem hesitar. – Connor disse.

Tentando ultrapassar a aridez na minha garganta, eu disse. – Algo está mudado.

– O quê? – Connor olhou para mim afiadamente.

– Um dos lobos que nos atacou era um Nightshade. – eu continuei. – Não um do meu próprio clã, mas um ancião. E ela estava sendo liderada pelos Banes.

– Você tem certeza? – Os olhos de Anika haviam se estreitado.

– Tenho. – eu disse, forçando a minha própria voz a permanecer firme. – O lobo que matou Lydia era Emile Laroche.

– O que você acabou de dizer? – Monroe estava de pé no batente da porta, Shay ao seu lado.

Adne já estava cruzando o cômodo. Ela colocou sua cabeça no peito de Monroe.

– Nós perdemos a Lydia. – Connor disse, assistindo enquanto Monroe colocava seus braços ao redor de sua filha. Era a primeira vez que eu havia os visto agindo como pai e filha.

– E era o Emile? – Monroe perguntou, correndo sua mão pelo cabelo de Adne. – O alfa Bane?

– Sim. – eu disse.

O grupo de Rastreadores próximo a Anika havia se fechado ao redor dela em um círculo apertado, palavras apressadas em tons baixos passavam entre eles.

Shay começou a vir na minha direção e eu andei para encontrá-lo. Eu não hesitei quando ele esticou seus braços. Minha cabeça estava girando. Coisas estavam acontecendo em Vail. Coisas que eu não entendia. Eu me inclinei nele, deixando seu cheiro cair sobre mim, me estabilizando.

— Você está bem? – ele sussurrou.

— Não estou ferida – Mantive minha voz baixa. – Mas coisas aconteceram.

Seus braços me apertaram ainda mais ao meu redor. – Que coisas?

— Não aqui. – eu murmurei.

Ele beijou o topo do meu cabelo.

Monroe olhou para nós, rosto sombrio. – Nós precisaremos discutir isso com o Silas.

Anika assentiu. – Ele deve estar em seu escritório.

Adne já havia saído do abraço de seu pai, limpando as marcas de lágrimas de suas bochechas. – Eu vou com você.

— Você deveria descansar.

— Não. – Qualquer vulnerabilidade havia sumido, substituída pela sua expressão normal de rebeldia.

— Então eu irei também. – Connor disse. Ele estava assistindo Adne. Eu vi perguntas lampejando em seus olhos, ansioso.

Eu me perguntei por que ele estava sendo tão protetor. Adne me parecia ser nada menos do que feroz, e ela estava se segurando admiravelmente bem considerando... *oh*. O escrutínio de Connor repentinamente fez sentido.

Esta havia sido a primeira missão de Adne como Tecelã, sua primeira vez trabalhando com a equipe Haldis, e eles haviam perdido duas pessoas. Ela estava realmente levando tudo isso no tranco, como os outros Rastreadores, ou era apenas de fachada até ela estar sozinha?

— Por aqui. — Monroe disse, apesar de ele ter franzido as sobrancelhas para Adne antes de nos guiar para fora do cômodo.

Ao invés de nos levar pelo corredor, ele passou pelas portas de vidro. O ar no pátio era frígido, mas Monroe não demonstrou nenhuma reação enquanto ele caminhava pelo percurso. Eu olhei para baixo para a terra árida. Eu podia ver os caminhos retorcidos e fontes vazias bem abaixo de nós. Ninguém falou enquanto caminhávamos. Nossa respiração enchia o ar com pequenas nuvens brancas. O pátio era enorme. Nós andamos um quilômetro quando Monroe abriu as portas do lado oposto da Academia.

Enquanto a arquitetura do corredor que nós entramos espelhava àquela da ala Haldis, seu desenho era surpreendentemente diferente. Haldis – das paredes às madeiras escuras do cômodo tático – estava cheio de mognos ocre ricos, carmesim.

O espaço que nós entramos brilhava como se tivesse sido esculpido no gelo. Azul gelo, lavanda, prata, e branco cintilante cobriam as paredes. As cores serpenteavam e ondulavam, acompanhadas por um silencioso farfalhar como a suavidade de uma brisa suave.

— Onde nós estamos? – eu perguntei. O constante serpentear das cores nas paredes fazendo parecer como se o prédio ao nosso redor estivesse se mexendo.

— Essa é a ala Tordis. – Monroe olhou por cima do ombro. Eu percebi que ele ainda estava andando e eu fiquei para trás do grupo. Por mais impactante que este espaço fosse, os Rastreadores – e até mesmo o Shay – já devem tê-lo visto antes. Eles não pareceram notar sua beleza, ou se eles notaram, eles não estavam comovidos o bastante para comentar.

— Quantas alas existem?

— Quatro. — Monroe disse enquanto eu o alcançava. — Haldis, Tordis, Pyralis, Eydis.

— Terra, ar, fogo e água. — Adne murmurou.

— Os quatro elementos. — Shay estava dando olhadas nas paredes também. Talvez ele não as tivesse visto antes. — Tordis é ar.

Monroe assentiu. — Cada elemento tem características específicas. Nós precisamos das qualidades de todas as quatro para sobreviver, mas cada Rastreador se especializa quando eles entram na Academia.

— O que é Haldis?

— A terra faz os guerreiros. — Connor disse, beliscando a bochecha de Adne. — Nós somos mais corajosos.

— Nos seus sonhos. — Adne socou seu braço. — Além disso, Pyralis faz Strikers também. Haldis é conhecida por seus Reapers... e Guias.

Ela olhou para Monroe, que inclinou sua cabeça de leve.

— E quanto à você? — eu perguntei para ela. — Você não foi treinada em Haldis? Mas você trabalha com eles?

— Como eu disse. — Monroe parou em frente a uma estreita e primorosamente esculpida porta de pinho. — Nós precisamos de todos os elementos para sobreviver. Tecelões treinam com cada divisão — criando portas que requerem o uso de todos os elementos em conjunto.

— Uau. — Shay disse, erguendo uma sobrancelha para Adne.

— Não é tão impressionante como soa. — Ela jogou um olhar obscuro ao seu pai.

— Claro que é. — Connor bagunçou seu cabelo e ela mostrou a língua para ele.

— Mas a maioria de nós permanece em uma única divisão. — Monroe bateu na porta. — Tordis... Ar... É o elemento do intelecto. Os Escribas treinam aqui e moram aqui.

A porta abriu, revelando Silas. Seus braços estavam cheios de pergaminhos.

— O quê? — ele fez uma careta para o Monroe. — Eu estou no meio de algo.

— Nós perdemos o Grant.

Os pergaminhos caíram no chão enquanto o rosto de Silas ficava branco. — Não.

— Sinto muito. — Monroe passou por ele, gesticulando para nós o seguirmos.

Silas ainda estava congelado no batente da porta quando eu passei por ele.

— Uh... — Shay estava encarando as nossas cercanias. — Este é o escritório?

Era uma boa pergunta. O cômodo que nós entramos parecia como se todos os dicionários do planeta haviam vindo aqui para morrer mortes macabras. O chão estava coberto de papéis. Torres de livros balançavam precariamente como monumentos prestes a desabar.

— Não toque em nada. — Silas, aparentemente recuperado do choque, me enfiou de lado e fez o seu caminho de volta à sua mesa... ou o que eu poderia adivinhar que era uma mesa enterrada embaixo de mais papéis e mapas... como se alguém estivesse pisando através de um campo minado.

Connor caminhou em linha reta através do cômodo, chutando livros e pilhas de notas para fora de seu caminho.

— Droga, Connor! — Silas gritou. — Agora eu não vou conseguir encontrar o que eu preciso.

— Não é problema meu. — Connor disse, caindo em uma cadeira depois que ele tombou mais livros para fora do assento. — Como se eu desse a mínima sobre os seus

privilégios especiais de prodígio. Só porque a Anika mima você não quer dizer que eu vou fazer isso.

Monroe passou pelo cômodo com um pouco mais de cuidado, seguido por Adne e Shay. Eu decidi pegar o caminho que o Connor já havia limpado.

— Alguma outra cadeira, Silas? — Adne perguntou.

— Este é o meu escritório. — Silas sibilou. — Não os arquivos de Tordis. Eu normalmente não tenho companhia.

— Você pode sentar-se no meu colo. — Connor piscou para Adne, dando tapinhas nas suas coxas.

— Que cavalheiro. — ela murmurou, se inclinando contra a mesa de Silas.

— Nós ficaremos bem de pé. — Monroe disse.

— Você irá me dizer como nós perdemos um operativo? — Silas estava mexendo em montes de rolos. Quando ele localizou uma caneta e um pedaço branco de papel, ele começou a escrever.

— Nós não temos certeza. — Monroe disse olhando para mim.

Eu o encarei por um momento, então percebi que ele queria que eu assumisse. *Bem, é isso que sou, não é?* Eu fiquei de pé um pouco mais reta, surpresa, mas agradecida que Monroe havia reconhecido o meu lugar como alfa.

— Algo está errado com os clãs dos Guardiões. — eu disse. — Eu não tenho certeza o que aconteceu, mas as patrulhas que eu conhecia não estão na jogada mais.

Silas apertou seus lábios, então assentiu para que eu continuasse.

— Emile Laroche estava liderando os lobos Nightshade. — eu disse, meus ombros ficando tensos com a memória de lutar com a Sasha. — Eu ainda não posso imaginar como isso é possível.

Quando eu falei o nome do Emile, a mandíbula do Monroe ficou tensa.

— O alfa Bane estava patrulhando com os Nightshades? — Silas não olhou para cima de onde ele estava escrevendo.

— Não patrulhando. — eu disse, me sentindo gelada enquanto eu falava. — Caçando. Eles estavam nos caçando.

A caneta deslizou dos dedos de Silas. Seus olhos estavam grandes quando eles encontraram os meus. — Você acha que eles sabiam que a nossa equipe estava vindo?

— Se eles não sabiam, eles não estavam surpresos. — eu disse. — Eu acho que eles estavam esperando que nós aparecêssemos.

— Eles podem ter conseguido informação do Grant antes que eles o matassem. — Silas suspirou.

— Eu acho que não. — Connor disse. — Eu o encontrei. Parecia como se ele tivesse sido emboscado, matado instantaneamente.

Silas fez uma careta. — Eles devem estar pegando informações de suas próprias fontes, então.

— Você quer dizer espiões aqui? — Shay perguntou. — Você acha que eles têm alguém infiltrado?

— Claro que não. — Silas fungou. — Nossas pessoas não são vira-casacas. Eu quero dizer as pessoas dela.

Ele apontou para mim. O ar saiu dos meus pulmões. Demorou menos de um segundo para eu me transformar e pular na mesa dele, rosnando. Minhas presas apareceram a centímetros de seu rosto. Silas gritou, deslocando sua cadeira para trás, e rolou para o chão.

— Calla! — Monroe gritou.

Eu me transformei de volta, ainda agachada na mesa.

— O que você quer dizer com os meus? — Eu encarei Silas, que estava brandindo um abridor de cartas para mim.

— Você sabe que ela não é um lobisomem, certo? — Shay sorriu para o Escriba. — Essa coisas de prata não serão de muita valia.

— Monroe! — Os olhos de Silas ficaram esbugalhados enquanto eu me empoleirava na beirada da mesa, pronta para atacar.

— Calla, por favor. — Monroe disse.

Eu não olhei para ele. — Só me diga o que você quis dizer, Silas.

Ele engoliu com dificuldade. — Eu só quis dizer que os seus companheiros de clã são as fontes mais prováveis de informação sobre você e o Shay. Eles estão sendo interrogados provavelmente.

Meus membros tremeram e eu quase perdi o meu equilíbrio.

Eles estão sendo mantidos para questionamento.

— Mas... mas eles não sabem de nada. — eu gaguejei. — Somente o que Shay e eu sabíamos... Oh Deus.

— O quê? — Connor se inclinou para frente. Eu podia sentir o sangue sendo drenado do meu rosto.

— Ren. — eu sussurrei. — Ren sabia.

— Quanto ele sabia? — A voz de Monroe se quebrou.

— Eu contei para ele sobre Corrine... que os Protetores haviam executado-a. — eu disse, lutando com a névoa de memórias daquela noite. — Eu contei para ele que o Shay era o Herdeiro.

— Merda. — Connor disse. — Lá se vai a nossa aliança.

— Por quê? — Shay perguntou.

Silas estava se levantando lentamente, olhando-me o tempo inteiro. — Porque eles deixarão aqueles jovens lobos presos à chaves até que eles tenham certeza de onde a lealdade deles está. Nós não seremos capazes de chegar até eles.

As mãos do Monroe estavam cobrindo seu rosto. Ele xingou e balançou o punho, fazendo com que uma torre de livros caísse no chão.

— Sinto muito. — Adne disse para o seu pai.

Ele não respondeu.

Connor se levantou, carregando a cadeira até o Monroe, e a colocou na frente dele. Monroe assentiu agradecidamente, sentou-se, e descansou seus cotovelos em seus joelhos, perdido em pensamento.

— Já que esta opção está fora. — Connor disse, — e agora?

Eu saí da mesa, ignorando a maneira como o Silas recuou quando eu passei por ele.

— Eu não quero desistir do meu clã. — eu disse. — Nós não podemos apenas deixá-lo.

Eu sabia que o Ren estava em risco, mas o pensamento de Bryn e Ansel sendo interrogados era ainda pior. Eles não sabiam de nada. O que quer que tenha acontecido a eles era de minha responsabilidade. Meus segredos somente os colocavam em perigo.

— Nós não vamos. — Monroe disse, olhando para frente. — Mas nós estamos olhando para uma missão de resgate agora. Não uma aliança. Pelo menos não no momento.

— E nós precisamos de mais informação antes que nós possamos pensar sobre um resgate. — Silas disse, se apoiando contra uma prateleira de livros quando eu o encarei.

— Ele está certo, Calla. — Adne disse. — Nós não podemos entrar em Vail cegos. Pode ser apenas o Ren que eles estejam questionando, mas poderia ser todos os seus companheiros de clã.

Eu olhei para o Shay. Ele assentiu relutantemente.

— Então o quê?! — Eu estourei. — Nós só esperamos?

— Não. — Monroe disse. — Esperar não é uma opção.

— É hora de virar nuclear. — Connor sorriu para Silas. — Certo?

— Esta é a pior metáfora que eu já ouvi. — Silas voltou para a sua mesa, choramingando enquanto ele levantava papéis que eu despedacei.

— Do que você está falando? — Shay fez uma careta.

— Você ainda não descobriu, garoto? — Connor lançou um olhar de relance para ele. — Nós estamos falando de você.

— Eu? — Shay piscou.

Monroe olhou para cima. Seus olhos estavam vermelhos. — Silas, é hora.

— Hora para quê? — eu perguntei. Minha mente ainda estava no meu clã. Em Ansel e Bryn. Meu peito estava queimando enquanto eu tentava lutar contra as imagens de todas as coisas que poderiam ter acontecido com eles. Que ainda poderiam estar acontecendo.

— Para o Shay aprender quem ele é. — Monroe disse.

— Eu sei quem eu sou. — Shay disse.

— Quer apostar? — Connor riu. — Você vai ter uma surpresa... ou cem. Eu te dou uma probabilidade de dois para um.

— Deixe-o em paz. — Adne disse.

— Você quer a história ou o plano? — Silas perguntou.

— Um plano. — eu estourei. — O que o Shay pode fazer que irá ajudar o meu clã?

— Ele não pode fazer muito ainda. — Silas respondeu. — Primeiro nós temos que juntar os pedaços.

— Pedaços? — Shay fez uma careta para o Escriba. — Que pedaços?

— Os pedaços da cruz. — Silas respondeu com um tom agradável, como se isso explicasse tudo.

— Os pedaços da cruz? — A sobrancelha de Shay ficou ainda mais enrugada.

Com uma sobrancelha arqueada e Silas se arqueou para frente, uma questão quase acusatória cutucou Shay. — Quanto de *A Guerra de Todos Contra Todos* você leu, exatamente?

Eu vim para o resgate dele. — Olha, Professor, nós estávamos correndo pelas nossas vidas logo que nós percebemos que o Herdeiro iria ser posto em um altar de sacrifício no Samhain. E eu entendo que se nós não tivéssemos chegado aqui, vocês todos estariam presos tentando salvá-lo e provavelmente não conseguindo. Cuidado. — Eu mostrei os caninos afiados para ele.

Uma onda de choque atravessou a sala. Connor fungou, rindo enquanto o Silas tentava pegar o abridor de cartas novamente.

Monroe ergueu uma mão. – Ela está certa, Silas, nem todos têm o luxo de devotar as suas vidas para os estudos como você. Nós estamos felizes que eles estão aqui, e julgá-los por não terem conseguido aprender toda a história antes de fugir é inútil.

Silas estremeceu como se ele tivesse que se forçar a não ficar enjoado, mas depois de um momento ele olhou de mau-humor para o Shay. – Desculpa.

Shay ofereceu um sorriso fraco. – Nós somente lemos pedaços.

– Tudo bem, então. – Silas respirou fundo, como se ele estivesse tentando quebrar um recorde por nado submerso. – Cada um dos lugares sagrados possui um pedaço da cruz. Você precisa carregar a cruz como a profecia diz. É a única maneira que nós podemos ganhar. – Depois que as palavras saíram, ele deixou o resto de seu fôlego de maneira explosiva e apertou seus dentes.

– Escrever Guias de Estudos seria uma escolha ruim de carreira para você, Silas.
– Connor murmurou. – Não há nem um pouco de apreciação pela abreviação.

– Ou sanidade. – Adne murmurou, e sorriu para o Shay, que riu, mas tentou não encontrar o olhar magoado de Silas.

– Abreviar é uma blasfêmia. – Silas disse.

Eu me inclinei para frente hesitantemente, sem querer outra observação crítica. – Eu não entendo. Shay já está em posse da cruz. Ele tem a tatuagem.

Connor riu. – Cara, eu queria que você tivesse aceitado aquela aposta.

Shay e eu trocamos olhares confusos.

Silas parecia como se fosse um ganso prestes a botar um ovo de ouro.

Shay fraziu as sobrancelhas para ele. – Então?

— A tatuagem é apenas uma marca de quem você é, um sinal para aqueles que te procuram. Não é a cruz. – O brilho nos olhos do Escriba era quase cintilante demais para se olhar, particularmente porque era tão presunçoso.

— Então o que é a cruz? – eu perguntei baixinho.

Monroe não olhou para mim; seus olhos castanhos se focaram no Shay. Um suspiro sóbrio, quase arrependido emergiu de sua garganta.

— É uma arma.

Capítulo 8



— Uma arma? — A pergunta de Shay saiu apressada, mas não temerosa.

— Tecnicamente são duas armas. — Silas disse empolgadamente. — Mas elas foram feitas para serem usadas em conjunto. Como uma força única.

— Duas armas? — eu perguntei.

— Sim. — Monroe, disse, sua voz ainda baixa. — Duas espadas.

— Espadas? — Shay fez uma careta.

— A Cruz Elementar. — Silas disse. — Uma espada da terra e de ar, a outra de fogo e água. Se você olhar de perto a marca, você verá que cada haste da cruz possui uma ponta afiada. Elas são pontas de uma espada.

— Espadas. — Shay disse de novo. Ele soava frustrado e um pouco decepcionado.

— O que foi? — eu perguntei.

Ele fez uma careta, olhando para suas mãos.

— Shay? — Monroe se inclinou para frente, de sobrancelha franzida.

— É só... é tão previsível. — Shay murmurou. — Eu nunca realmente me vi lutando com espadas. Particularmente agora que eu sou um lobo.

Uma corrente quente percorreu minhas veias com suas últimas palavras, e eu tive que desviar o olhar de seu rosto para diminuir o solavanco repentino do meu

coração. *Talvez ele entenda o que significa ser um Guardião.* Se isso fosse verdade, ele poderia ajudar a guiar o meu clã, o que na minha mente valia mais a pena do que qualquer arma.

— Elas não são somente espadas. — Monroe disse. — Você é o único que pode manipulá-las.

O único? Isso era impressionante. Eu olhei para o Shay; sua expressão estava curiosa, mas cuidadosa. Ele entrelaçou os dedos juntos, fazendo careta de novo.

Eu ri, de repente entendendo a sua frustração e pesar. — Eu tenho certeza que ficará tudo bem, Shay, mas talvez não tão excitante quanto um chicote... ou furadores de gelo.

— Furadores de gelo? — Connor se animou.

Shay assentiu, mas manteve seus olhos para baixo.

— Eu aposto que você estava desejando agora que você tivesse lido mais daquelas revistas em quadrinho sobre ninjas, hein? — Eu não conseguia segurar meu riso.

Adne olhou de mim para o Shay. — Do que vocês estão falando?

— As aspirações de infância de Shay. — eu disse, sorrindo. — E seus manuais favoritos de treinamento.

— Espadas parecem tão... *Comuns.* — Ele balançou a cabeça.

— Se você está procurando por uma inspiração gráfica, *O Caminho do Assassino* ou *O Guerreiro Shaman* seriam os melhores. — Silas ofereceu. — Muitas lutas de espadas e combate duplo, no qual você precisará se tornar especialista. Eu posso te emprestar minhas coleções.

Shay se animou um pouco e sorriu para o Escriba.

— Nós vamos continuar o treinamento que você começou na Academia esta semana. — Monroe disse. — Não será um problema. Connor pode cuidar disso.

— Eu posso ajudar. — Adne atirou um olhar obscuro para Monroe. Ele fez uma careta.

— Ela está certa. — Connor disse. — Eu sei que ela não é uma Striker, Monroe. Mas a Adne possui umas habilidades sérias de combate.

Ele piscou para Adne. — Eu tenho certeza que nós todos estaremos na fila para ver o seu primeiro combate com o Herdeiro.

Adne sorriu para ele. — Viu, Monroe?

— Muito bem. — Ele suspirou. — Adne irá ajudar com o treinamento.

— Nós ainda temos que conseguir os quatro pedaços da cruz antes que isso se torne um problema. — Silas acrescentou.

Apesar da minha raiva, meus pensamentos estavam borbulhando. Pedaços da cruz. Shay disse que havia quatro mapas nos textos dos Protetores. Haldis era um destes pedaços? E que tipo de pedaço era? Não parecia com nenhum tipo de arma que eu já tinha visto... a menos. A Cruz Elementar eram duas espadas. O cilindro que nós encontramos na caverna obviamente não era uma espada, mas eu sabia o que poderia ser. Particularmente já que Shay *era o único que poderia portar as espadas*. E ele era o único que podia tocar no Haldis. Tinha que ser.

— Não. — eu disse baixinho. — Nós só temos que achar três pedaços.

O cômodo caiu no silêncio, todos os olhos escancarados para mim.

— Com licença? — Silas disse por final.

— Shay e eu fomos à Caverna Haldis. — eu disse. — Ele tem um pedaço que está escondido lá.

Shay empalideceu. – Uh, eu não contei para eles sobre Haldis ainda, Cal.

– Eu sei. – Eu deixei o meu olhar dizer para ele exatamente o que eu pensei *dessa* decisão. – É com cabo. Não é? Uma espada com cabo?

– Sim... é. – Monroe se virou para encarar Shay. – Por que você não nos contou sobre Haldis?

Shay alcançou dentro do bolso de sua jaqueta. – Desculpa. É só que eu não sabia se nós podíamos confiar em vocês. Mas eu acho que isso é um ponto discutível agora. – Ele retirou o cilindro ocre brilhante.

O silêncio no cômodo havia se tornado tão denso que parecia como se eu pudesse esticar minhas mãos e pegá-lo nos meus braços.

– Quando vocês recuperaram Haldis? – Monroe finalmente murmurou. Seus olhos estavam presos no estranho objeto.

– Calla e eu fomos olhar a caverna em outubro. – Shay disse, rolando o cilindro para frente e para trás em suas palmas. Quanto mais eu olhava para ele, notando a maneira que seus dedos se curvavam perfeitamente ao redor de seu formato, mais convencida eu estava que eu entendia.

– Foi aí quando o Shay usou os furadores de gelo. – eu disse. – Os Protetores tinham uma aranha gigante guardando o Haldis. Ele a matou.

– Com furadores de gelo? – Os olhos de Connor se alargaram.

Shay estremeceu. – Foi horrível.

– Eu não sei. – eu disse, um sorriso puxando meus lábios enquanto eu me lembrava da luta. – Você pregou aquela besta sem muitos problemas.

– Com furadores de gelo? – Connor disse novamente, olhando para o Shay como se estivesse vendo-o realmente pela primeira vez.

— Sim. — Shay disse, mas ele parecia um pouco enjoado. Ele agarrou o brilhante cilindro com mais força.

Silas fungou e se inclinou para procurar em uma bolsa de couro meio enterrada embaixo dos papéis em sua mesa. Quando ele se levantou, ele tinha colocado um par de luvas grossas de couro. Ele se esticou na direção do objeto brilhante.

Eu comecei a abrir minha boca, mas a fechei bem firme e assisti. Seus dedos roçaram a superfície suave e ele gritou e pulou para trás, balançando sua mão. O resto dos Rastreadores encararam o Silas.

— Isso é estranho. — ele disse, se esticando para a Haldis novamente.

— Eu não faria isso se fosse você. — eu disse baixinho. — A dor fica pior a cada vez.

Todos os olhos no cômodo se focaram em mim. Eu fiquei parada, retornando o olhar de cada um com um olhar desafiador.

— Você sabia que iria me machucar? — A voz de Silas borbulhava com ultraje.

— Eu não sabia. — eu disse. — Bem, pelo menos não com certeza. Eu pensei que talvez só os Guardiões não pudessem tocá-lo. Mas parece que somente o Shay tem permissão.

Os olhos de Silas de esbugalharam. — Até mesmo com luvas encantadas?

Este cara era louco. — Você pensou que as luvas te deixariam tocar no Haldis?

— Bem, eu tinha essa teoria... — Ele coçou a cabeça.

Monroe gemeu, deixando seu rosto cair em suas mãos.

— Silas, você não disse que era uma teoria. Você jurou que iria funcionar. Nós dissemos para a Anika que iria funcionar!

— Idiota. – Connor fungou. Ele se aproximou de Shay, examinando o Haldis enquanto mantendo uma distância segura.

— O que está errado? – Shay perguntou, fazendo uma careta para as suas expressões derrotadas.

— Silas concebeu os mais recentes ataques dos Strikers. – Adne sorriu apertadamente. – As equipes de ataque dos Rastreadores têm tentado chegar aos locais na esperança de que nós pudéssemos tirar os pedaços da cruz nós mesmos e mantê-los a salvo até que o Herdeiro aparecesse.

— Mas nenhum de vocês pode tocar neles. – eu disse. Minha confiança nos Rastreadores se esvaíando um pouco. Eles poderiam realmente ajudar o meu clã se eles cometiam erros como esse?

— Nós não sabíamos disso. – Connor encarou Silas. – E dezenas de Strikers foram perdidos em tentativas de até mesmo chegarem próximos dos locais.

Eu tive que desviar o olhar, muito consciente de que nós havíamos cometido o mesmo tipo de erro hoje. *Eu não posso culpá-los. Nós todos estamos fazendo o melhor que podemos.*

Silas só pareceu um pouco desapontado. – Eu estava certo de que iria funcionar.

— Por que vocês estão focados nos pedaços? – eu perguntei. – O que tem de tão especial nestas espadas?

— A Cruz Elementar é a única força no mundo que pode banir os Espectros. – A voz de Monroe estava mortalmente baixa. – Quando o Herdeiro empunhar as espadas, ele pode expeli-los da terra, derrotar os lacaios do Submundo. Até mesmo o Bosque Mar. Nada mais pode.

Shay encarou Monroe, o rosto do menino de repente branco como giz.

— Eu posso lutar com os Espectros?

— Sim. — Monroe disse, colocando sua mão no ombro de Shay. — Você pode e você irá. No devido tempo.

Silas, aparentemente recuperado de seu momento de humilhação, falou. — Nós devemos recuperar a Cruz Elementar. É a única coisa que irá nos dar vitória sobre os Protetores.

Eu assenti, tentando imaginar o tipo de poder que iria ser necessário para derrotar Bosque e a sua horda.

— Por que você não nos contou isso? — Monroe se virou para Shay, olhos relampejando de raiva.

Shay olhou ao redor para seus rostos desanimados e suspirou.

— Sinto muito. — ele disse. — Mas eu não estava convencido que vocês eram os mocinhos. Eu não iria confiar em vocês até que a Calla confiasse.

Eu mordi meu lábio, grata pelas palavras dele, mas me arrependendo do que isso custara aos Rastreadores.

— Ótimo. — Monroe disse grosseiramente, cruzando seus braços no peito. — Vamos seguir em frente. Pelos menos nós sabemos que os Protetores não podem tirar a arma dele uma vez que ele a tenha.

— É bom que você está com o Haldis, Shay. — Adne disse. — Isso nos salvará uma viagem.

Shay sorriu. — Eu suponho que irá. — Ele virou seus olhos para Silas. — Então quem é a senhora?

— A senhora? — Silas ergueu uma sobrancelha.

— A mulher que estava na caverna; ela cantou, e então todas as luzes se apagaram e o Haldis estava na minha mão.

— Ah. — Silas sorriu. — Essa foi a Cian.

— Quem? — Shay olhou para ele sem expressão.

— Guerreira, profetisa. — Silas respondeu. — A única razão que nós estamos aqui hoje.

— Ela foi a primeira Rastreadora. — Monroe acrescentou. — E sua tataravó por várias gerações. A linhagem de sangue do Herdeiro começa com os antepassados Eira e Cian.

— Quem era Eira? — eu perguntei.

O rosto de Monroe se obscureceu e ele olhou para o Shay. — Sua própria tataravó. Ela era a irmã de Cian e a primeira Protetora.

— Sua irmã? — Os olhos de Shay se ampliaram. — Como isso é possível?

Silas limpou sua garganta.

— Oh, só acabe logo com isso. — Connor gemeu. Ele se deixou cair sem cerimônia no chão e se esticou, arrumando uma pilha de papéis em uma almofada.

— Não é realmente uma história muito longa. — Silas murmurou.

Connor não abriu seus olhos.

— E é uma boa história. — Silas pleiteou.

— Boa? — Com isso os olhos de Connor se abriram. — É um maldito desastre, isso é que é.

— Eu quero dizer *excitante*. — Silas corrigiu.

— Sim, nossas vidas arruinadas e você pode chamar isso de triunfo literário.

— Só deixe-o contar a história, Connor. — Adne disse curtamente, e gesticulou para Silas. — Era uma vez...

Silas sorriu. — O mundo dos espíritos não era escondido dos seres humanos. Sociedades ao redor do globo misturavam as forças da terra e aquelas do Submundo. Essa mistura é o que a maioria das pessoas chama de 'magia', mas é muito mais do que isso.

— Como assim? — Shay perguntou.

— Se conectar aos poderes elementares da terra é natural. Algo que vem junto com a vida como um ser neste planeta. Tudo é parte do mesmo sistema, as mesmas energias. A habilidade de usar estas forças variam de pessoa para pessoa, mas a habilidade latente está lá para todos.

— Então qual é o problema? — Shay fez uma careta. — Se a magia é apenas parte das pessoas.

— Não somente das pessoas. — Silas corrigiu. — Animais, plantas, terra, céu, pedra. Tudo.

— As forças elementares não são o problema, Shay. — Monroe disse baixinho. — Mas a magia da terra não é o único tipo que toca este mundo.

— Você quer dizer o Submundo? — eu perguntei. Dedos gelados se rastejaram pela minha espinha. — De onde espetros e succubus vêm?

Monroe assentiu.

— Nada mal, menina-lobo. — Silas sorriu. — O Submundo existe como um tipo de força oposta à terra. Nunca realmente parte deste mundo, mas sempre junto com ele. Como tens em linhas paralelas.

— Ou seu irmão gêmeo do mal. — Adne riu, mas não havia alegria no som.

— Bem verdade. — Silas assentiu. — Quando mais humanos estão ativamente usando o mundo dos espíritos, alguns acharam ser prudente tentar colher as forças do Submundo para seus próprios ganhos.

— Por que nada disso está gravado? — Shay perguntou. — Apesar das pessoas sempre saberem sobre o Submundo.

— Sinto muito. — Silas estourou. — Eu pensei que você era para ser supostamente educado. Você nunca leu nenhum livro de história?

— Claro que eu li. — Shay disse.

— Bem, se você estivesse prestando atenção, você teria notado que as pessoas até o meio do século dezenove falavam sobre bruxas, demônios, e monstros sem parar.

— Eu pensei que isso era apenas superstição. — Shay franziu a sobrancelha.

— Entra a revolução científica e a era moderna. — Silas sorriu. — Vamos todos dar aos Protetores uma salva de aplausos.

Shay e eu trocamos olhares confusos.

— Você está se precipitando, Silas. — Monroe murmurou.

— Claro, minhas desculpas. — o Escriba disse rapidamente. — A idéia da superstição é uma invenção moderna. É usado, claro, para explicar seres pavorosos que sempre foram muito reais e difíceis de controlar. Como você acabou de demonstrar, superstição é um artifício muito útil e teve um sucesso tremendo em reescrever a história.

Shay estava incrédulo. — Você tem que estar brincando.

— Ele não está. — Adne disse friamente.

— Então o que aconteceu realmente? — eu perguntei, ainda lutando contra a parede de mentiras que cercava a minha vida até agora.

— Como eu disse antes, o uso de poder elementar é bom e saudável, mas algum trapalhão do reino do Submundo criou problemas para eles e seus vizinhos. Criaturas do Submundo não se misturam bem com os humanos.

— O que você quer dizer? – Shay perguntou.

— Você já viu. — eu disse. — Nós somos a comida deles. Espetros, succubi, e incubi. Eles se alimentam das piores partes desta vida. Prosperam com o nosso sofrimento.

O rosto de Adne estava pálido, mas ela se afastou quando Monroe deu a volta na mesa e tentou pegar sua mão.

— Oh. — Shay murmurou. — Certo. Sinto muito.

Silas acenou sua mão desdenhosamente. — Não é um problema. Mas antigamente, alguns humanos de caráter nobre tomaram para si reinar com a presença do Submundo. Eles reduziram a prática de pessoas irresponsáveis que não perceberam que estavam brincando com fogo, e eles lutaram contra os seres do Submundo que se manifestaram na terra.

— Mas você não pode lutar com os espetros. — eu protestei.

— Espetros são novos. — Monroe disse. — Bem, relativamente novos, como quinhentos anos, mais ou menos.

— Isso é novo? – Eu fiquei boquiaberta.

— Historicamente falando. — Silas respondeu. — Espetros vieram junto com os Protetores. Antes da existência deles, os magos podiam apenas levantar succubi e incubi – eles possuem mais traços humanos e portanto, podem cruzar sem requerer muito poder por parte do conjurador.

— Como os Protetores apareceram? – eu perguntei impacientemente.

— Estou chegando lá. — Silas respondeu, impassível com o meu tom. — Os guerreiros que se elegeram sentinelas da ponte entre a terra e o Submundo foram bem sucedidos. Vigilantes, pacientes, e ferozes, eles mantiveram as forças do Submundo à margem e a destruição de seus habitantes podia deixar o mundo à beira do colapso. Mas então uma cavaleira emergiu no século quinze que era linda, carismática, e aparentemente invencível no combate. Ela vislumbrava um novo propósito para seus colegas. Eira.

A voz de Shay era pouco mais do que uma lufada de ar. — O que ela fez?

— Ela era ambiciosa. — Silas disse. — Ela afirmava que os guerreiros podiam fazer mais, não só proteger o mundo, mas livrar a terra do Submundo de uma vez por todas. Fechar as portas entre o nosso mundo e o outro.

— Isso soava como uma boa idéia. — eu disse.

— E é. — Silas respondeu. — Mas a estrada para o inferno está pavimentada de boas intenções.

— Quase literalmente neste caso. — Connor murmurou. Ele jogou seu braço em cima dos olhos, mas eu podia ver os músculos em sua mandíbula se apertarem.

Silas lançou um olhar desdenhoso a ele. — Eira decidiu que ela iria guiar os cavaleiros nesta nova missão. Mas para fechar as portas entre os mundos, ela precisava saber como eles haviam aberto elas. Ela procurou o conhecimento do reino do Submundo e isso a transformou.

— A transformou como? — Um pouco da cor havia retornado para o rosto de Shay.

— Ela encontrou a fonte, a origem do caminho do Submundo para a terra. Um ser mais poderoso do que qualquer um que a humanidade havia encontrado em seus breves contatos com o reino obscuro. Esta criatura enviava seus emissários para o nosso mundo para tirar poder e carregá-lo de volta para ele, fazendo-o ainda mais forte e alargando as portas e permitindo que mais de suas criações se infiltrassem na terra.

Eu me arrepiei, sentindo-me como se eu estivesse sendo empurrada para um túnel, vendada e sem querer enxergar onde eu estava uma vez que a venda fosse removida.

— Eira estava errada, mas a ambição dela se provou mais forte. Mais do que qualquer coisa, a criatura esperava que eventualmente ele iria abrir o caminho com largura o suficiente para que ele próprio pudesse vir para o nosso mundo e o tornar seu domínio. Senhor de não um, mas dois reinos, tanto do Submundo quanto da terra. Ele prometeu a Eira um lugar ao seu lado se ela o ajudasse.

— E ela ajudou. — Monroe encarou suas mãos, que estavam tremendo.

— Ela não estava sozinha. — Silas disse. — Muitos dos guerreiros haviam se cansado de manter o Submundo à margem e sacrificarem suas próprias vidas em troca. A fome por poder entre os colegas de Eira se provou muito grande. Ela não teve problema em reunir uma massa de seguidores leais.

— Os protetores. — Shay disse.

— O nome que eles deram a eles mesmos. — Silas disse. — Protetores de um poder muito grande para a maioria dos humanos. Eles se consideravam à margem, uma elite. Eleitos pelo destino para reinar a terra ao aproveitar o poder do Submundo.

— Mas é uma mentira. — Connor cuspiu.

— É? — eu murmurei. — Os Protetores reinam a terra; eles colhem todos os benefícios de usar seus poderes.

— Eles fazem isso. — Monroe respondeu, olhos distantes e quebrados. — Mas o poder não pertence a eles, e eles vivem com medo de perdê-lo. No final do dia, eles são escravos da mesma criatura que seduziu Eira. Nossas histórias o nomeiam como Precursor. Vocês o conhecem como Bosque Mar.

Capítulo 9



Shay havia se calado quando saímos da sala. Eu não sabia se devia falar com ele, tocá-lo. Como eu me sentiria se descobrisse que meu único ‘parente’ vivo era na verdade algum tipo de demônio?

Minha pele se arrepiou. Havíamos descoberto verdades demais, revirado pedras que eu desejaria que ainda escondessem a feiúra sob elas. Eu sabia que meus mestres eram cruéis, mas agora tinha que encarar sua verdadeira natureza: os Protetores não somente usavam as forças do Submundo, mas de bom grado submetiam-se à sua escuridão. Aquele mundo sombrio que dera à luz criaturas que traziam apenas sofrimento, e seus horrores eram a própria fonte do poder dos Protetores. Um poder que eu passara a vida lutando para proteger.

Andei para frente, forçando meu corpo teimoso adiante. Eu queria me encolher, fechar os olhos, e espantar a verdade como um sonho. Queria que Bryn estivesse aqui para conversar a respeito – eu tinha certeza de que ela encontraria um jeito de me provocar. Suas piadas sempre se contrapunham às minhas dúvidas. Sua risada brilhante acalmava minha tensão quando eu tinha que fazer alguma decisão difícil enquanto alfa. A imagem de sua face sorridente enviou uma espiral de culpa por meu corpo. Onde estava ela agora? Os Guardiões a teriam ferido?

— Vocês deviam descansar um pouco. – Connor disse – Eu os acompanharei de volta a seus quartos.

— Conheço o caminho – Shay disse, envolvendo meu braço com seus dedos – Não precisamos de escolta.

— Acalme-se, garoto – Connor disse – Você ainda é nosso convidado aqui. Mostre um pouco de respeito.

— Garoto? — Shay irritou-se; seu aperto em meu braço beirava o doloroso. — Você é apenas três anos mais velho que eu.

Connor endireitou os ombros, a mão repousando no punho da espada. — Aposto que já vi mais coisas do que seu estômago poderia suportar. Herdeiro ou não...

Eu podia ver onde aquilo ia dar. — Parem, vocês dois.

Estávamos todos exaustos e por um fio.

— Ela está certa. — Adne disse — as coisas já estão difíceis do jeito que estão. Não precisamos de vocês sangrando uns aos outros para coroar um péssimo dia.

— Isso não é verdade — a mão de Connor não abandonara o punho da espada.

Tentei sufocar minha própria irritação examinando as veias de cristal que formavam pequenas ondas nas paredes. Mesmo nos corredores, agora iluminados apenas pelo suave cintilar das arandelas a intervalos regulares, os padrões emanavam um brilho sutil. Enquanto caminhávamos, as cores do Tordis, como teias de aranha de gelo cobrindo as paredes, tornavam-se cor de rosa e amarelo pálido. A trama intrincada de luzes multicoloridas começou a se contorcer e estremecer. Logo chamadas cor alaranjadas e escarlates saltavam ao longo das paredes ao nosso redor, como se tivéssemos entrado em uma fornalha.

As cores não foram a única coisa a mudar. O ar à nossa volta se aquecia, mas ao invés de me trazer conforto, me deixou inquieta. Espirrei, balançando a cabeça para afastar um odor novo, estranho, ao mesmo tempo em que o nariz de Shay se enrugava.

— O que é isso? — perguntou ele.

A mistura invisível assaltando minhas narinas possuía componentes familiares — pimenta, sálvia, cravo e cedro — mas a combinação de aromas era esmagadora. Meus olhos ardiam e lacrimejavam. O calor que se derramava sobre minha pele começou a coçar — uma sensação desagradável como a da picada de minúsculos mosquitos.

Shay rosnou, arranhando os braços.

— Oh – Connor lançou-nos um olhar enviesado – nós provavelmente deveríamos ter tomado um atalho pelo pátio.

Shay começou a tossir e olhou acusadoramente para Connor.

— Não se preocupe – disse Adne – Estamos quase passando por ele.

— Passando o quê? – pus as mãos em concha sobre meu nariz e boca, mas estava tossindo também, como se houvesse inalado fumaça.

— Este é Pyralis, e estamos passando por sua Botica⁶– disse Adne, gesticulando para um conjunto de portas duplas que se assemelhavam ao da sala de planeamento Tático de Haldis, apenas os triângulos esculpidos nas portas da Botica eram simples, com suas pontas apontadas para cima.

— Desculpe-me – Connor murmurou – não percebi que afetaria vocês.

— Por que não está incomodando vocês dois? – perguntei com a respiração curta, embora desde que havíamos passado em frente às portas, os odores acres tinham começado a se desvanecer.

— A Botica cria nossos encantamentos, os compostos que usamos para tornar nossas armas mais eficazes contra... – Adne estremeceu quando olhou para mim.

— Guardiões.

Corri a língua sobre meus caninos afiados.

“Flechas encantadas, espero que esteja apreciando o passeio.”

Era uma coisa boa que Ethan tivesse ficado no Purgatório. Se ele estivesse caminhando ao meu lado, quando as lembranças dos Rastreadores serpenteando por

⁶ Forma arcaica para farmácia.

minhas veias fizeram meu peito pulsar fortemente, eu não seria capaz de resistir a rasgar um pedaço de seu braço.

— É. – acrescentou Connor – Você deve passar longe da Botica. Jamais será um lugar agradável para você visitar.

— Obrigada pela dica. – murmurou Shay, desapertando o colarinho da camisa, o qual ele puxou como uma tenda para cobrir o nariz.

Eu soube que havíamos chegado a Haldis quando os tons de fogo pararam de piscar nas paredes e tornaram-se os delicados tons escuros encontrados apenas no solo. Os vapores ardentes de Pyralis haviam desaparecido. Respirei profundamente, apreciando o modo como o ar claro acalmou meu peito ardente. A coceira diminuiu, embora Shay e eu tivéssemos arranhões avermelhados correndo nossos braços acima e abaixo como recordações de nossa breve passagem pela Botica.

— Então, cada ala reflete seu elemento fonte? – perguntei – Terra, ar, fogo e água?

Tendo visto as outras três alas, imaginei como seria a ala da água da Academia.

— Sim. – disse Adne.

— Lindo, não é? – Connor perguntou – Um ótimo lugar para chamar de lar.

— Obrigada. – Adne sorriu para ele por sobre o ombro.

— Hã? – franzi a testa.

Connor riu.

— Os Tecelões fizeram o trabalho pesado no edifício. Mas Adne apenas decidiu levar todo o crédito.

A tensão em meus ombros aliviou-se um pouco ao som de sua risada; eu sabia que Connor voltava a ser ele mesmo. O efeito imediato de sua provocação tornou

óbvio o quanto seu humor ácido poderia ser um trunfo para seus aliados. Mesmo que fosse muitas vezes irritante.

— Trabalho pesado? – perguntou Shay.

— É a chave pela qual comandamos a Academia – disse ela, esfregando as têmporas – Mas minha cabeça está simplesmente latejando. Posso maravilhá-los com minhas loucas habilidades em outra ocasião?

Ela havia parado em frente a uma porta.

— Este é o seu, Calla.

Connor poupou-me de um sorriso malicioso.

— Estarei logo ali se você tiver pesadelos, loba. A cama é grande o suficiente para a compartilharmos, desde que você não morda... com força.

Segurei Shay antes que ele pudesse avançar em Connor.

— Você precisa mesmo relaxar. – rosnou Connor, balançando a cabeça ao ver os punhos cerrados de Shay.

— Por Deus, Connor – Adne gemeu – Dor de cabeça, lembra-se? Poderia guardar seus comentários por esta noite?

— Me desculpe.

Eu estava atônita. Ele nunca se desculpara por suas piadas antes. Connor foi até ela, afastando tufo de cabelo para longe de seus olhos.

— Você deveria dormir um pouco.

— Ainda é muito cedo para ir para a cama. – pensei tê-la visto estremecer – Mesmo se não fosse, acho que não serei capaz de dormir esta noite.

— Podemos conversar, então. – disse ele. Qualquer evidência de seu humor endiabrado havia desaparecido. Ela olhou para ele, silenciosa por várias batidas de coração, então assentiu.

— Você consegue encontrar seu quarto, Shay? – perguntou Connor, sem afastar os olhos de Adne.

— Estou certo de já ter dito que sim. – disse Shay. — Há uns dez minutos.

— Hum-hum. – Connor pôs o braço ao redor dos ombros de Adne, conduzindo-a pelo corredor. Observei-os afastando-se, tentando decifrar a montanha russa que eram suas interações.

O som de Shay clareando a garganta afastou meus pensamentos do estranho relacionamento de Adne e Connor.

— Onde é seu quarto? – perguntei.

Ele enfiou as mãos nos bolsos, olhando pelo corredor, mas sem encontrar meu olhar.

— É logo ao lado, mas achei que talvez...

Meu pulso acelerou e minhas faces arderam enquanto o comentário de Connor se repetia em minha mente.

— Você quer entrar? – perguntei.

Ele sorriu, erguendo olhos esperançosos para encontrar os meus. Segurei sua mão, sabendo que ele podia sentir minha pulsação acelerando em minhas veias quando nossos dedos se tocaram. Meu quarto estava escuro, mas pude perceber a cama, uma escrivaninha, e cadeiras estofadas. O quarto parecia um cruzamento entre um dormitório e um hotel de luxo. Nada mau.

Mas para onde eu deveria ir? Eu tropeçara em território desconhecido. Shay e eu estávamos sozinhos e não tínhamos que nos esconder. Neste lugar não havia ninguém

para nos pegar. Estávamos a salvo... teoricamente. Meus membros tremiam, cheios de desejo e da liberdade da possibilidade.

Devo guiá-lo até a cama? Estamos indo muito rápido? Eu deveria ser tímida? Cara, detesto isso.

Shay parou atrás de mim. Seus braços circundaram minha cintura e ele me atraiu para a curva de seu corpo. O calor que me preencheu quando ele beijou meu pescoço enviou sedosos tentáculos aos meus membros. Me recostei contra ele, inundada de alívio. Meu corpo se acalmou, cada músculo relaxando. Estávamos sozinhos, não mais sob o escrutínio dos Rastreadores – os quais, apesar das boas vindas, ainda me deixavam inquieta. Mesmo que não estivesse inteiramente confortável com este novo arranjo, pelo menos estava viva. Shay ainda estava vivo. Respirei profundamente com a percepção de que estávamos a salvo, por enquanto.

Fechei os olhos enquanto as mãos dele moviam-se lentamente por meu corpo. Mesmo através das roupas eu podia sentir o calor de sua pele. Era incrivelmente confortante.

— Então, o que você acha? – ele perguntou – Dos Rastreadores? Eles são os mocinhos, pelo que entendi.

— É o que parece – mudei ligeiramente de posição em seus braços – É estranho, mas eles meio que me lembram dos Guardiões.

— Faz sentido. Ambos são guerreiros. E vocês fazem sacrifícios por causa da Guerra. – ele afastou a gola de minha blusa, e seus lábios tocaram meu ombro.

— Sacrifícios – estremeci ao toque suave de sua boca em minha pele, subitamente pensando em Lydia. No Sr. Selby. Em troca de quê eles achavam que tinham dado suas vidas? Ainda havia muito que eu não sabia sobre os Rastreadores.

— Eles são lutadores incríveis – eu disse, minha mente, voltando-se para a costa oeste – mesmo se não são lobos.

— Às vezes ser um humano tem suas vantagens. – Shay disse.

— Quando, por exemplo?

— Se nós fôssemos lobos agora, a única coisa que eu poderia fazer seria lambe-
você.

Eu ri, tentando me virar de frente para ele, mas ele me segurou. Ele beijou a parte
de baixo do meu maxilar.

— Vê? Muito melhor que lambe.

A repentina aceleração de meu coração e o calor em minhas veias me disse que
era muito, muito melhor.

Seus lábios roçaram minha orelha uma vez mais enquanto suas mãos
deslizavam por meus quadris, moldando-me contra ele.

— Tenho certeza de que poderíamos descobrir outras coisas que seriam melhores
também.

Me virei antes que ele pudesse impedir, inclinando meu rosto em direção ao dele,
ansiosa para que nossos lábios se encontrassem. Quando isso aconteceu, foi como se
uma flecha em chamas atingisse o núcleo do meu corpo. Ele manteve o beijo leve,
provocante. Os movimentos suaves de sua boca na minha me deixaram desejosa,
faminta por ele. Enrosquei meus dedos nos cachos macios de seu cabelo, atraindo-o
para um beijo mais profundo. Tomei seu lábio inferior entre meus dentes, e ouvi um
rugido surdo de prazer em seu peito.

Uma de suas mãos pressionava minhas costas, enquanto a outra deslizava para
baixo de minha blusa, acariciando, explorando.

— Senti sua falta – sussurrou ele, beijando-me outra vez – Demais.

— Eu também – disse eu, respirando com dificuldade quando seus lábios se
moveram sobre meu rosto. Minha pele criou vida sob seus dedos, cada toque causava

um crepitar elétrico em minhas veias. Ele riu, e eu consegui recuperar o fôlego por tempo suficiente para perguntar:

— Isso é engraçado para você?

— Não. – murmurou ele contra meus lábios – É que este traje é mais fácil de lidar do que aquela geringonça que você usava na última vez em que nos beijamos.

Tremi enquanto seus dedos enfatizavam sua observação.

— Você está falando do meu vestido de casamento? – Tentei me concentrar em falar coerentemente – Estas são mais confortáveis, mas é um tanto estranho vestir as roupas dos meus inimigos.

— Eles não são mais seus inimigos. E este é um bom visual para você. – ele sorriu contra a minha boca – Eu gosto especialmente dessas calças de couro.

Suas mãos se moveram novamente e minhas pernas ameaçaram ceder.

— Você quer ir para o meu quarto e continuar de onde paramos? – perguntou ele – Quer dizer, do ponto onde paramos *antes* de correr por nossas vidas?

Meu coração acelerou, mas uma outra voz ecoou em minha cabeça. Uma voz de quando estávamos correndo por nossas vidas.

Você o ama? As palavras de Ren rodopiaram ao meu redor, preenchendo meus ouvidos. Tive que fechar os olhos a esse som, lutando contra a tempestade de sentimentos que me assaltou.

Trata-se apenas de amor.

Sua voz rica soava tão próxima, tão real. Meus olhos se abriram subitamente e quase esperei ver o alfa parado ali: cabelo escuro, brilhantes olhos da cor do carvão, sorriso maroto, lábios entreabertos para me cumprimentar. *Oi, Lily.*

Mas apenas as altas janelas de chumbo me encararam da parede externa da sala.

Com alguma relutância me afastei do abraço de Shay. *Por que isso continua acontecendo?* Eu não podia escapar das lembranças de Ren. Elas estavam ficando mais fortes.

— Acho que não devíamos. – minha voz estava rouca e meus membros ainda tremiam, mas eu não sabia se era por causa dos efeitos prolongados do toque de Shay ou da inesperada visão de Ren que se intrometera entre nós. Ele suspirou ao ver que eu me afastava dele.

— O que há de errado? – Eu não queria contar a ele, então me agarrei ao outro pensamento que me incomodava.

— A luta de hoje foi dura. Lydia morreu para que eu pudesse voltar. Ela morreu por mim. É difícil acreditar que os Rastreadores não me odeiam.

— Acho que Ethan odeia você. – ofereceu Shay com uma careta.

— O sentimento é mútuo. – sorri com tristeza – Quis dizer o resto deles. Monroe é reservado, mas não zangado. Connor na verdade é bem legal.

— Entendo. – Shay rangeu os dentes.

– Não *desse* jeito. – murmurei – Apenas divertido e legal. Você sabe, como Adne.

Deixei escapar um tom de competição ao dizer o nome dela. Dois poderiam bancar os ciumentos.

Ou ele não percebeu ou ignorou.

— Pois é, ela é ótima. Passei a semana inteira com ela.

— Fazendo o quê? – perguntei, contendo um rosnado antes que deixasse minha garganta.

— Ow, você fica uma graça quando está com ciúme. — ele afagou minha bochecha, afastando os dedos quando avancei neles de brincadeira. — Você sabe que eu só tenho olhos para você.

— Certo. — eu ri, mas um rosnado ainda permanecia no riso.

— É sério. — o calor em sua voz atraiu meu olhar para o dele. Quando ele se inclinou para frente e beijou a ponta do meu nariz, eu derreti, sabendo que era o que ele queria.

— Adne apenas me mostrou o lugar — ele disse — Treinamos um pouco. Eles são realmente bons nisso — no treinamento.

— Que tipo de treinamento? — corri meus dedos por seu ombro, seu braço, demorando-me em seus músculos retesados.

— Combate. — replicou, apertando o maxilar. Senti seus bíceps flexionando sob minha mão.

— Oh. — disse eu — E como é?

Ele riu.

— Sei lutar melhor, acho.

— Você já era muito bom. — concedi.

— Você devia me ver agora, amor. — ele sorriu.

— Não me chame assim outra vez. — disse eu — ou você vai precisar de suas habilidades de combate.

— Certo — disse ele, erguendo as mãos em uma rendição zombeteira. — Nada de nomes depreciativos de bichinhos de estimação. Eu aprendi um pouco sobre a Academia e como os Rastreadores são treinados, mas tanto quanto ao futuro ou ao que devo fazer, ainda estou cego e mudo.

— Shay... Por que você não lhes mostrou Haldis até hoje? – alguma coisa sobre aquele segredo ainda me incomodava, mas ainda não podia identificar o que era.

— Eu não queria dar nada a eles até que soubesse que podia confiar neles. Até você voltar.— ele disse, enviando picos de calor por sob minha pele que foi se alojar em um ponto baixo de meu corpo. – Agora confio.

— Então você e os Rastreadores têm dado um ao outro o tratamento de silêncio?

— Pois é. – ele riu – Eu queria ter certeza de que eles falavam a sério sobre a aliança com os Guardiões, de que eles não machucariam você assim que despertasse.

— Obrigada por isso.— disse eu, mas ainda era surpreendente que ele os tivesse enganado – Shay, você sabia que voltaríamos para buscar meu clã. Por que não nos impediu?

— Você queria ir – protestou ele, mas eu sabia que estava se esquivando.

— Tudo em que eu pensava era em chegar até eles – disse eu – Nem mesmo me ocorreu que as patrulhas teriam parado... Não até que não pudemos encontrá-las.

Shay não conseguiu esconder um esboço de sorriso.

— Você sabia – rosnei – Sabia que não os encontraríamos.

— Eu não sabia – ele disse – Eu supus.

— Por que não disse nada? – minha surpresa se transformou em raiva. Duas pessoas estavam mortas. – Meu instinto alfa assumiu quando eu estava caçando Ansel e os outros. Não conseguia pensar em nada mais. Você deveria tê-lo feito.

— Eu queria que você estivesse segura. – ele disse, os ombros tensionando-se – Achei que você provaria seu valor aos Rastreadores sem realmente se meter em apuros.

— Nos metemos em muitos apuros – rosnei, furiosa por ele ter pensado que poderia me proteger e que ele tentara fazer isso por meio de mentiras. – Pessoas morreram. Boas pessoas.

— Eu sei – respondeu ele prontamente, e notei que ele estava ficando tão zangado quanto eu – e sinto muito por isso. Calla, eu não disse nada porque pensei que não haveria lobos perto de Haldis. Como eu poderia saber que eles estariam esperando por você?

Porque é o que fazemos melhor. Mordi a língua, não mais querendo me lançar a ele. Lágrimas arderam em meus olhos e o cansaço se instalou profundamente em meus ossos, fazendo-os doer. Caminhei até a cama e me sentei. Não eram apenas as perdas dos Rastreadores que me dilaceravam. Meu próprio desapontamento pressionava meu peito, um peso grande e doloroso. Eu me atirara àquela missão porque tinha a esperança de reunir a matilha. Agora não sabia o que aconteceria, como os encontraríamos.

Deslizei no colchão, descansando a cabeça entre os travesseiros. Algumas lágrimas solitárias escorreram por minhas faces quando fechei os olhos. A cama cedeu sob o peso de Shay quando ele se estirou ao meu lado. Seus lábios tocaram a parte de trás de meu pescoço, mas eu não estava mais com ele no quarto. Estava de volta a Vail, com minha matilha. Encarar Emile hoje não havia me mostrado somente contra o que eu estava lutando — me fez recordar o que eu havia perdido. Eu desprezara o alfa Bane, mas não odiava seu filho.

Veio implorar perdão? Acho que vai descobrir que é tarde demais.

Correr me concedera a liberdade, mas Ren ainda estava em Vail. E ele mentira para nos ajudar a escapar. Como Emile teria reagido àquela traição? Que tipo de perdão os Guardiões ofereceriam a Ren, se o fizessem? Estaria ele vivo?

Os dedos de Shay correram por meu quadril, atraindo-me de volta para ele.

— Pare, Shay. Não. – minha voz tremeu quando rolei para longe dele – Eu só... Não posso.

Eu o queria, mas a enxurrada de emoções derramando-se sobre mim me deixava inquieta, desconfortável.

Ele escorregou o braço em volta de minha cintura. – Por que não?

Levei um momento para falar.

— Você sabe o porquê.

Um rosnado baixo brotou de sua garganta.

— Ele não está aqui, você sabe. Sua união, esse negócio de alfa, tudo isso é passado. Não precisa continuar agindo como se ele tivesse algum controle sobre você. Eu só queria que você...

Shay não sabia como estava errado. Ren estava ali; de algum modo ele estava comigo, assombrando cada movimento meu. Unidos ou não, como alfas tínhamos um elo poderoso. Esse elo sempre estivera presente desde o dia em que nos conhecemos e nossa união havia sido anunciada.

Aquela conexão, aquela lealdade ainda me ligava a Vail, e a ele. A única coisa que me fazia questionar se Ren e eu estávamos destinados a ficar juntos era esse rapaz deitado ao meu lado. E eu não tinha certeza de saber o que aquilo significava.

Shay estava silencioso, mas eu podia sentir seus olhos zangados fitando a parte de trás de minha cabeça.

— Não entendo. – ele disse – Você é livre agora, Cal. Você quer isso.

Ele estava certo. Eu queria isso, porém meus próprios desejos eram o que me compelia.

— Não, eu não sou. Não realmente. – suspirei, me virando para olhar para ele – Me desculpe, mas eu quero que meu clã esteja seguro, não quero fazer mais nenhuma escolha que me faça sentir como se os estivesse abandonando.

Assim que as palavras saíram, eu soube o quanto eram verdadeiras. Não era apenas Ren a me assombrar; eram as escolhas que eu fizera.

Sua boca tornou-se uma linha fina.

— Me amar é trair seu clã? Mesmo depois de tudo o que aconteceu, você ainda está pensando em ser a noiva de Ren por causa deles?

— E-eu não sei. – e percebi que realmente não sabia o que fazer a seguir. Tentei imprimir um tom persuasivo à minha voz. – Com tudo o que está acontecendo, você não acha melhor mantermos as coisas neutras? Temos coisas maiores com que lidar do que você, eu e Ren. Certo?

Mesmo enquanto falava, meus dedos encontraram o anel de Ren, traçando seu formato.

Os pálidos olhos verdes de Shay endureceram como ágatas.

— Coisas mais importantes?

— Como salvar o mundo? Essa guerra que devemos vencer para os Rastreadores? Eu chamaria isso de importante. – tentei rir, mas falhei miseravelmente.

Shay também não estava rindo. – Problemas. Completamente. Diferentes.

— Eu sei. – não conseguia mais sustentar seu olhar. — É que... Muito bem, você não vai gostar disso.

— Não importa – ele disse – Eu só quero que você me conte a verdade.

E se eu não souber qual é a verdade? E se meus sentimentos escorrerem como água entre meus dedos toda vez que tento retê-los?

— Não acabou. – eu mal consegui sussurrar.

— O quê não acabou?

— Eu e Ren.

— Como você pode dizer uma coisa dessas? – ele perguntou – E por que continua a se remexer tanto?

Meu coração congelou quando os olhos dele pousaram em minha mão.

— O que é isso?

— Nada. – tentei enfiar a mão embaixo de um travesseiro, mas ele a agarrou e olhou fixamente para o metal reluzente e a safira azul escura.

— Calla. – ele falou lentamente – O que é isto?

Limpei a garganta, tentando permanecer calma apesar das batidas fortes de meu coração. — É um anel.

— Um anel. – quando ele tocou o ouro branco trançado, puxei a mão. – Ele lhe deu isto.

Senti seu corpo inteiro ficar tenso e o ouvi rosnar – Não deu?

Assenti. Por um momento, pensei que ele fosse mudar de forma e me morder.

— Quando? – perguntou, os olhos ainda endurecidos.

— Na noite da união.

— Tire-o.

— O quê? – peguei um travesseiro e usei-o como escudo.

— Tire-o. – ele disse outra vez – Por que você ainda usaria um anel que ele lhe deu?

— Eu não... – sufoquei com as palavras – Se eu o tirar, posso perdê-lo.

— E?

Não respondi, baixando o olhar.

— Então quando você diz que não está acabado entre você e Ren, isso significa que ainda está noiva dele? É por isso que está usando o anel dele? – ele soava calmo, mas eu sabia que não estava. Eu podia sentir a torrente de emoções emanando dele. Sua ira girava ao nosso redor como a densa fumaça da madeira, havia algo mais sob ela. Meu peito se apertou quando reconheci o cheiro sutil, agridoce, do pesar – poeira e rosas murchando.

— Não é isso o que eu quero dizer... Mas não posso ficar com você. Não assim – minha voz tremia – quando ele voltar, só Deus sabe o que acontecerá. A todos eles. Shay, nós *os deixamos para trás*. Como posso pensar em qualquer outra coisa? Eu não posso. Simplesmente não posso.

— Mas isso não significa...

— Não.

— Dane-se. – ele rolou para fora da cama. – Vá dormir, Calla. Não vou mais perturbá-la esta noite.

Meu estômago deu um nó quando ele se afastou. Lutei contra o desejo de correr atrás dele e ao invés disso deitei-me de costas, olhando para as estrelas cintilantes que eu podia ver através do teto de vidro, e esperando que em algum momento a exaustão me fizesse dormir.

Eu fugi de Vail e isso pode ter mudado tudo, mas ainda não sei onde é meu lugar.

Capítulo 10



Minhas presas fecharam em sua garganta, esmagando sua traquéia. Sangue quente e acobreado se derramou em minha boca, na minha garganta. Seu coração desacelerou. Horríveis pausas pontuando suas batidas. Seus olhos encontraram os meus, seus lábios se curvaram em um sorriso, e ouvi sua voz em minha mente.

Bem vinda, Calla.

Eu saltei para trás e passei para a minha forma humana, de repente com frio, doente. O morto Stuart continuou sorrindo, apesar do buraco em seu pescoço. Um leve toque escovou meu ombro. Me virei e enfrentei uma mulher. Ela usava um sorriso como o do homem morto, benéfico, acolhedor. Seu cabelo castanho escuro caiu em ondas pelas costas e sua íris cor de carvão tinha raios de prata. Luziam com prazer quando ela olhou para mim. Seus lábios carnudos se separaram.

— Calla. — *Ela murmurou meu nome como se entoando uma oração, fervoroso e cheio de esperança. Seus olhos escuros piscaram para baixo, e eu segui seu olhar. Uma criança, pouco mais de um bebê, estava dormindo em seus braços. O rosto pacífico da criança chamou-me para dar um passo à frente. Quando eu olhei para baixo, os olhos da criança se abriram. Céu noturno cheio de estrelas cintilantes. Os olhos iguais aos de sua mãe.*

Ren.

Ele olhou para mim. Uma risada em cascata exuberante escapou de seus lábios e ele aplaudiu em reconhecimento e celebração. Um calor como em casa queimou para a vida dentro do meu peito. Olhei para Corrine Laroche e o sorriso morreu. A sombra se aproximava por trás dela, uma nuvem de tempestade cheia de destruição. Minha boca se abriu, pronta para gritar um aviso, mas a minha respiração não vinha. Fendas translúcidas borraram seu pescoço e seus ombros. As videiras serpenteadas de preto se enrolaram em seus braços. Ela começou a gritar e Ren caiu de sua mão. Ele gritou com medo. Eu avancei para pegá-lo, mas um outro par de braços musculosos pegou a criança no ar. Corrine gritou quando o espectro a levou, seu corpo ligado nas ondulantes cordas pretas que pulsavam e torciam junto com o auge da sua agonia.

Eu caí de joelhos no horror. Uma risada afastou meu olhar da mulher torturada. Emile Laroche lançou um olhar furioso para sua companheira, seus olhos azuis cheios de desprezo. Ele olhou para a criança berrando em seus braços. Seus ombros se contorceram e ele balançou a cabeça, seu cabelo loiro sujo caiu para frente, roçando o queixo, sombreando suas feições, transformando seu rosto em uma máscara de crueldade diabólica. Ren gritou e a boca de Emile se reduziu a uma linha, uma careta de repulsa. Ele agarrou a criança com mais força. Com um último olhar de desdém para a forma convulsionada de Corrine, ele virou as costas e afastou-se. Os gritos de medo de Ren chegaram a meus ouvidos; o choro do bebê unido com os gritos de sua mãe em um coro medonho.

Eu não podia me mover. Meus olhos estavam presos no tormento de Corrine. Uma figura assomou ao meu lado, meu rosto virou. Ren olhou espantado para a mulher fantasma. Ele não era mais uma criança, mas um homem jovem, meu companheiro pretendido. Os olhos de carvão do menino que já tinham brilhado como uma galáxia eram agora planos e ocos. Seu cabelo escuro estava cheio do suor de sua testa e pescoço. Um mosaico de contusões roxas, amarelas, verdes e pretas cobria seu torso. Vergões carmesins e cicatrizes de queimaduras criavam um padrão grotesco em seus braços e costas. Seus olhos moveram-se lentamente para sua mãe. Ele franziu a testa como se a cena de horror que aparecia diante dele não fizesse sentido. Ele balançou a cabeça e suspirou.

— Oh Deus, Ren. — *Cheguei até ele, mas minha mão atravessou seu corpo. Ele continuou a olhar para a mulher gritando. Seu olhar não se voltava para mim, mas seus lábios se moviam levemente.*

— Onde está você, Lily? — *Seu pulso sacudiu. Algo pegou a luz, brilhando azul: o meu anel, preso sobre a ponta do seu dedo, balançando como um pêndulo marcando o tempo que ele não tinha.*

Fendas apareceram em seus ombros, a pele aberta, o sangue derramando para baixo, lavando seu corpo em um rio vermelho. Rios de líquido vermelho deslizavam em torno de seus braços, pulsos, dedos. Ele caiu de joelhos, cabeça baixa. Corrine e eu gritamos juntas.

Eu engasguei com a respiração quando minhas pálpebras se abriram. O pesadelo girava nas bordas de minha mente. Os gritos se tornaram uivos ecoando em meus ouvidos. Eu lutei para não bater na cama, tentando diminuir o meu batimento cardíaco. Uma tristeza oca lentamente substituiu o medo que me arrastou do sono.

Meu coração desacelerou. O mundo voltou ao normal. Eu ainda estava cansada e supus que eu tinha dormido pouco mais de uma hora. Apenas meio acordada, meus

dedos agarraram o anel que Ren tinha me dado na noite de nossa união. Mesmo no escuro do meu quarto ele brilhava, pegando a mínima luz das estrelas que escorria pelo teto de vidro. Rolei para o meu lado, fechando os olhos, mas no momento em que o fiz, eu pude ver o sangramento de Ren novamente. O sono não era uma opção, pelo menos não por enquanto.

Eu saí do meu quarto, não tendo a mínima noção de onde eu iria. O único pensamento em minha cabeça era de que sair da minha cama e vagar pelos corredores da Academia iria distrair-me do horror desse sonho. Olhei para a porta próxima ao fundo do corredor. Parte de mim queria ir até Shay, pedir desculpas e procurar conforto nos braços dele. Mas eu ainda estava muito inquieta com este lugar, pela luta com Emile. Muitas coisas sobre essa batalha me abalaram até o âmago, enchendo-me com a dúvida. Não só a morte de Lydia, mas minhas próprias escolhas. Eu não tinha matado Sasha. Eu não quis. Eu ainda teria algum valor na batalha dos Rastreadores?

Enquanto caminhava, eu torci o anel no meu dedo, lembrando-me do jeito que tinha brilhado em meu sonho. O que significava eu ter aceitado este sinal de devoção de Ren, mas ainda assim o ter deixado no altar? Isso fazia de mim uma traidora ou apenas uma covarde?

Meus pensamentos sombrios foram interrompidos quando o meu nariz se contraiu. Um cheiro familiar e sedutor me levou a uma escada e para baixo. Tomei outra respiração profunda, deixando o aroma rico e pesado puxar-me para a frente. Dois lances abaixo, entrei em uma sala muito ampla cheia de mesas. Algumas lâmpadas brilhavam delicadamente iluminando o espaço.

Eu rapidamente encontrei a fonte desse aroma delicioso. Várias prensas de vidro de café francês descansavam em cima de uma das mesas. Vapor subia dos copos de café que os Rastreadores sorviam enquanto estavam sentados e falando baixinho uns com os outros. Monroe derramou café na xícara de Tess. Ela não estava chorando agora, mas seu rosto estava apertado com a dor. Adne estava com eles, um violão no colo. Connor estava lá também, parecendo um pouco abatido. Fiquei surpresa ao ver Silas sentado ao lado de Monroe. O clima da sala deixava claro que os Rastreadores se reuniram para chorar seus mortos. Apesar do cheiro do café me ter seduzido, eu não queria interrompê-los. Eu tinha começado a virar quando ouvi meu nome. Olhei por cima do meu ombro. Monroe estava acenando. Aproximei-me da mesa hesitante.

— Você precisa de algo? — O Guia perguntou.

— Não. — eu disse, desconfortável, agora que todos os seus olhos estavam em mim. — Eu não estava dormindo bem e senti cheiro de café.

— Lá de cima? — Connor perguntou.

Eu assenti, mudando de posição.

— Truque legal. — Ele sorriu, tirando um frasco de seu cinto e acrescentando o seu conteúdo em seu café. Uísque, eu imaginei, pelo cheiro, e pela aparência do líquido âmbar.

— Eu não queria incomodá-los. — eu disse.

— Você não está. — Tess fez um gesto para eu me sentar, derramando café em um copo e empurrando-o na frente da cadeira vazia ao lado dela. — Por favor, se junte a nós.

— Estamos apenas contando histórias. — disse Adne. Ela dedilhou as cordas do violão. — Sobre Lydia e Grant.

— Você pode oferecer uma história, se quiser. — disse Monroe. — É assim que honramos os mortos e os mantemos conosco.

— Eu? — Franzi o cenho, mas tomei o assento e envolvi minhas mãos em torno da xícara de café quente.

— Você viu Grant mais do que nós. — Silas tinha um caderno aberto na frente dele, mas ele olhou para cima da sua escrita. — Você deve ter uma história que você poderia compartilhar.

Eu pensei sobre o Sr. Selby. O que eu poderia dizer? Ele tinha sido um bom professor. Mas de alguma forma dizer que *Grandes Idéias era a minha classe favorita* parecia simplesmente triste.

— Sinto muito. — eu disse calmamente. — Eu realmente não acho que eu posso.

— Não se preocupe. — Connor disse, tomando um gole de seu café. — Eu não acho que eu possa ouvir mais contos de dor hoje à noite.

— Não seja um cafajeste. — Silas colocou caneta de volta para a página. — Mostre um pouco de respeito.

— Lydia era uma lutadora. — disse Connor. — Ela acharia que nós estávamos loucos para lastimar sobre ela.

— Connor. — Monroe repreendeu, olhando para Tess. Mas ela balançou a cabeça.

— Ele está certo. — Tess sorriu. — Estamos todos muito decepcionantes para ela agora, eu acho.

— Você nunca poderia desapontá-la. — Adne estendeu a mão e tocou o rosto de Tess. Os olhos de Tess brilharam, mas ela continuou sorrindo. Adne sorriu também, mas ela não estava olhando para Tess.

— Ei, dorminhoco, já ouviu falar de um pente?

Eu me virei para ver Shay correndo os dedos pelos cabelos, apesar de não fazer muito para corrigir a bagunça de cachos macios. Ele vestia jeans e uma camiseta, mas fora isso, ficou claro que ele tinha acabado de sair da cama.

— Desculpe. — disse ele. — Eu tive alguns pesadelos e não consegui voltar a dormir. Então eu senti cheiro de café...

— Como as ervilhas em uma vagem. — Connor disse.

Olhei para Shay, me perguntando se ele ainda estava zangado. Ele caiu na cadeira entre mim e Adne. Quando ele ofereceu um sorriso tímido, eu soube que ele estava arrependido pela nossa briga. Eu também estava. Inclinei-me e beijei-o na bochecha. — Eu não conseguia dormir, também.

Ele colocou o braço em meus ombros. Silas estava de olho em nós.

— O quê? — Eu perguntei.

— Estive pesando teorias concorrentes sobre o herdeiro. — disse ele. — Eu não posso decidir se é mais provável que ao transformá-lo melhorou suas habilidades ou minou-as.

— Que habilidades? — Shay perguntou.

— Você tem poder inato, — Silas continuou. — Por causa de sua herança.

— Minha herança? — Shay estava franzindo a testa. — Você quer dizer todos os cavaleiros e outras coisas de demônios que você estava falando antes?

— Quero dizer seu pai, é claro. — Silas inclinou a cabeça, olhando para o rosto de Shay, antes voltar para o seu caderno, rabiscando furiosamente.

Sentei-me. — Você está tomando notas sobre ele?

— Claro. — Silas não levantou a cabeça.

— Pare com isso! — Eu tirei a caneta da mão dele.

Silas ficou boquiaberto a olhar para mim.

— Você sabe. — Connor sorriu para mim. — Eu acho que amo você.

— Eu ia apenas gravar minhas observações. — Silas seguiu a sua caneta. — Esta é uma oportunidade única na vida.

— Eu não sou uma oportunidade. — Shay estourou. — Eu sou uma pessoa.

— Você é o Herdeiro. — Silas falou. — É imperativo que tenhamos uma compreensão plena de seu potencial antes de tomar o nosso próximo passo. Anika me colocou no comando de aferir a sua capacidade de realizar as tarefas necessárias.

Monroe suspirou. — Eu não acho que ela disse para você anotar todas as suas interações com Shay, Silas.

— Sim. — Connor derramou mais café e encheu seu copo. — Por que você sempre é uma aberração?

— Você é um bruto. — Silas sentou-se, olhando para Connor. — Eu gosto mais de mim.

— Eu ainda não entendo o que você quer dizer sobre a minha herança. — disse Shay, enchendo seu próprio copo de café. — Eu nem me lembro do meu pai. Ele morreu quando eu tinha três anos.

Silas olhou para ele, a testa franzida.

— Eu fui levado ao redor do mundo por Bosque Mar nos últimos 16 anos, — disse Shay. — Você o chamou de Precursor hoje cedo. Ele obviamente não é meu tio. Qual é a grande coisa sobre o meu pai?

Abruptamente a sala parecia mais fria, e até mesmo Silas empalideceu quando Shay falou o nome do Protetor.

— Sim, é verdade. Bosque Mar não é seu tio. — disse Monroe. — Mas seu pai era um dos Protetores.

O rosto de Shay empalideceu. — Obrigado por me lembrar.

— Isso não é o que importa, Shay. — disse Monroe.

— O que importa é que você é o Herdeiro.

— Isso significa que eu não sou humano? — O copo na mão de Shay começou a tremer quando ele olhou para mim com olhos suplicantes.

— Você é humano... ou pelo menos você era até que eu transformei você. — Apressei-me a tranquilizá-lo, e então eu olhei para Monroe. — Eu posso dizer a diferença entre os mortais e nossa espécie. Shay não é um Protetor.

— Você de repente virou uma especialista em descendência folclórica? — Silas cuspiu.

— Gentilmente, Silas. — Monroe disse calmamente. — Os Protetores teriam precisado fazer Shay permanecer na ignorância de sua herança. — Ele se concentrou em mim. — E eles teriam mantido tal conhecimento em segredo dos guardiães também. E, Calla, é importante que você entenda que os Protetores são humanos. Assim como nós somos.

A respiração ficou presa em meus pulmões e uma espiral doentia passou por mim.

— Então eles estavam mentindo. — disse Shay. — Eles não são Anciões místicos.

— Mentir é o que fazem melhor. — disse Tess.

Consegui botar pra fora uma pergunta. — Mas como eles podem ser humanos? Eles não têm cheiro humano, e nem você, para que conste. E o que dizer de todos os seus poderes?

— É o uso da magia que você pode perceber, Calla, o cheiro persistente do poder. Rastreadores e Protetores aproveitam algo fora de si, mas ainda somos todos humanos. Houve um tempo quando os seres humanos estavam mais próximas da

Terra e seus poderes inerentes. — disse Monroe. — Aqueles com a maior conexão com magias elementares e a capacidade de utilizá-las foram separados de suas comunidades. Eles eram os curandeiros, os homens e mulheres sábias.

— Mas eles não podem ser humanos. — eu protestei. — Eles são imortais.

— Não, eles não são. — disse Monroe. — Eles queriam que você acreditasse que eles são por causa da maneira que eles vão usar os seus poderes e nós não, como Tess acabou de dizer.

— O que você quer dizer? — Shay perguntou.

— Reverência pela terra, o poder natural inerente à criação, e seus ciclos. — Connor respondeu com um sorriso zombeteiro.

— Rastreadores acreditam que a mortalidade é uma coisa boa ao invés de algo para evitar. — Silas ignorou Connor, impedindo-o de mergulhar em uma palestra. — Nós envelhecemos e morremos. A morte é uma parte do ciclo natural. Protetores usam seu poder para estender suas vidas por durações não naturais. Ao se misturarem com o Submundo isso muda a essência de quem eles são, mas eles ainda começaram como humanos e permanecem humanos no fundo. Eles aumentam o tempo de vida de seus Guardiões também. É por isso que raramente existem clãs novos. Apenas quando é necessário eles são convidados a ter filhos. Nossos registros mostram que não houve novos filhotes de lobo afiliados com Haldis até cerca de duas gerações atrás. Em seguida, os Protetores pareceram ter um novo interesse em estabelecer laços familiares mais fortes entre os seus clãs novamente.

Shay olhou para mim, um novo olhar de horror tinha preenchido o seu rosto, e eu assenti para confirmar as palavras de Silas.

— Mas os Protetores tem filhos. — protestou ele. — Quero dizer, havia filhos de Protetores na nossa escola. E Logan herdou o seu clã.

Silas sorriu. — Os Protetores são incrivelmente vaidosos, e eles guardam ciosamente os seus poderes. Demasiados Protetores conduziriam inevitavelmente a luta dentro de suas próprias fileiras, o que eles não arriscariam. Somente os mais poderosos entre eles estão autorizados a ter filhos para continuar seu legado nesse mundo. Alguns deles residem em Vail, como você viu. O restante está espalhado em todo o mundo, concentrados perto dos locais de poder. E nós temos postos de pesquisadores para rastrear suas atividades nesses mesmos locais. Mas seus números,

embora maior que os nossos, ainda não rivalizam com a população humana. Assim, os Protetores têm levado ao uso de seres humanos como peões no seu próprio jogo da vida. Política, os mercados mundiais, tudo isso.

— Mas como eles conseguiram a vantagem? — Minha mente estava confusa com o dilúvio de novas informações. Mentira, tudo mentira.

— Sim. — disse Shay. — Eu percebo que eles agora usam seu poder para ser quase imortais, mas no início não tinham os mesmos números que vocês?

— Mais ou menos. — Silas fez uma careta, parecendo desapontado que seu discurso não tinha nos deixando em silêncio e nos apavorado com a sua erudição.

— Esta seria a parte onde eles ganharam a sua vantagem sobre nós. — Connor se recostou na cadeira, ombros caídos.

— Eu não entendo. — disse Shay.

— Talvez fosse melhor começar com quem é Shay e deixar a história encaixar no lugar. — disse Monroe.

— Mas... — Silas começou.

— Simplifique. — disse Monroe. — Comece com linhagem de Shay.

— Ótimo. — Silas suspirou. — O Herdeiro é o descendente do primeiro Protetor, Eira, e o filho do traidor. É assim que os Rastreadores o identificaram. Isso e a marca.

— O traidor? — Shay parecia ainda mais confuso. Eu estava completamente desnorteada com a conversa. Nenhum dos Rastreadores parecia surpreso, aparentemente não era novidade para eles.

— Sim, sim. — Silas tamborilava com os dedos sobre a mesa.

— O presságio do Herdeiro foi que um Protetor, um descendente poderoso de Eira, iria abandonar a sua espécie, se voltar contra eles, e seu herdeiro seria a queda deles. O filho desse Protetor é o Herdeiro.

Quando Shay continuou a carranca para ele, Silas folheou as páginas de seu caderno, virando-o para mostrá-lo a Shay. — Está aqui mesmo.

— Isso é latim. — disse Shay.

— Você não sabe latim? — Silas perguntou incrédulo.

— Não sem um dicionário. — Shay retrucou.

— Silas, a maioria de nós não lêem o latim tão habilmente como você pode. — repreendeu Monroe.

— Podemos avançar? — Connor tinha colocado a cabeça entre as mãos.

— Espere. — eu disse, atirando-lhe um sorriso apoloético. — Eu estou dizendo a você, mesmo se os Protetores são humanos mágicos ou o que quer que seja, não havia nada disso em Shay. Ele não tinha o cheiro deles. Eu conheço Protetores, mas eu nunca identifiquei Shay como um deles.

— Sim. — disse Monroe. — Eu sei disso. Mas isso é porque a mãe de Shay era humana.

— Seu pai traiu os Protetores por amor. — Adne disse.

— Por quê? — Shay ainda parecia confuso. — Por que ele abandonou os Protetores?

— Oh, vamos, Adne, isso é tão clichê. — disse Silas. Adne olhou para ele, e ele apenas olhou para ela.

— É clichê porque o amor é importante, Silas. — Tess explodiu, olhos nebulosos. — É uma das poucas coisas na terra que realmente fazem as pessoas assumirem riscos.

Eu encontrei os olhos de Shay, sentindo o aumento de calor no meu rosto.

— Certo. — Silas parecia entediado. — De qualquer forma. Ele abandonou os Protetores, porque amando o poder como eles amam, proibiram casos permanentes entre seu tipo e seres humanos. Tristan fugiu com Sarah e tentou se esconder com ela. Aves e abelhas... bebê. — Ele apontou para Shay.

— Então, como vocês o encontraram? — Eu perguntei. — Se ele estava escondido, então como é que os Rastreadores sequer sabiam que o traidor da profecia existiu?

— Nós não tivemos que encontrá-lo. — disse Monroe. — Ele nos procurou.

— Ele procurou? — Os olhos de Shay se arregalaram.

— Sim. — disse Monroe. — Ele queria proteção para sua esposa e filho. Ele sabia quem ele era e o que aconteceria. Infelizmente, não foi o suficiente.

— Os Protetores os encontraram? — Eu perguntei.

Ele assentiu. — Nas ilhas Aran. Pensávamos que tínhamos isolado-os, mantido o local em segredo absoluto, mas falhou. Eles levaram a família, mataram Tristan e Sarah, e Bosque Mar manteve Shay sob sua guarda. Até agora.

Shay olhou fixamente em frente, suas mãos ainda estavam tremendo.

— Eu não entendo porque ele não é um Protetor. — eu disse. — Não importa quem era seu pai?

— É importante para a profecia. — Silas respondeu. — Mas em termos de sua essência, seu ser, é a mãe que importa. É sempre a mãe que importa.

— Huh? — Eu fiz uma careta.

Tess sorriu. — Porque o poder da criação está nas mulheres.

— Regozije-se tudo o que você quiser, Tess. Pelo menos eu consigo manter a minha figura. — Connor bateu em seu estômago plano.

— Batalha dos sexos à parte. — Silas disse, — Tess está certa. A essência da mãe sempre parece dominar, determina a natureza da criança. É por isso que você o reconhece como humano - em todos os aspectos ele é. O uso por seu pai do poder do Submundo não passou para ele. O único sinal de sua ascendência mista é a marca.

— O que quer dizer, a essência da mãe sempre domina? — Eu perguntei. — Isto já aconteceu antes?

— Com os Protetores, não. — respondeu Silas. — Ninguém além de Tristan jamais ousou repudiar o tabu dos Protetores na reprodução fora de suas próprias linhagens. A razão pela qual nós sabemos sobre o padrão é por causa da época da Reviravolta.

— Mas isso foi apenas uma guerra. — repliquei. O que poderia ter a ver com as crianças?

— Alianças se formam por muitas razões. — Monroe disse calmamente. Ele virou o rosto para o resto de nós, de repente, seus olhos distantes.

Silas acenou com a cabeça. — Nos anos que antecederam a revolta dos Guardiões, os laços entre Rastreadores e os soldados lobo cresceram muito - em muitos aspectos. Os registros nos dizem que as crianças das uniões, resultam sempre na linhagem da mãe. Se o pai fosse um guardião, a criança seria um Rastreador, se o pai fosse um Rastreador, a criança permaneceria um lobo.

Meus olhos se arregalaram. — Rastreadores e Guardiões tiveram filhos?

— Há muito tempo atrás. — respondeu Monroe, sua mandíbula se apertou e ele continuou a desviar o olhar. — Os Protetores fizeram o possível para acabar com todos os filhos, para cortar os laços para sempre.

Minhas mãos tremiam. — Mas as fêmeas Guardiãs não podem simplesmente ter filhos...

Parei, sentindo o calor correr até meu pescoço. Eu não tinha a intenção de dizer isso. As palavras tinham apenas escapado. Muitos segredos sobre a minha vida tinham sido derramados, mas este era um que eu queria manter escondido.

Quando falei, trouxe Shay para fora de seus próprios pensamentos. — O quê? — Ele olhou para mim rapidamente.

Olhei para a mesa. Não. Não. Eu não quero falar sobre isso. Era muito privado. E muito horrível. Monroe limpou a garganta. — Parte das tentativas dos Protetores para exercer maior controle sobre os clãs foi através da regulação de parcerias e de nascimentos entre seus soldados. Algo que começaram a fazer após a Reviravolta. Eles usam seu poder para parar e iniciar o ciclo reprodutivo em guardiãs fêmeas, por isso só engravidam quando o companheiro designado e o momento certo são estabelecidos por seus mestres.

— Oh meu Deus. — murmurou Shay.

Eu estava achando difícil respirar. *O que ele vai pensar de mim agora?*

— Não é culpa sua, querida. — Tess deslizou o braço em volta de mim. O cheiro dela era reconfortante - de flores de maçã e mel. Eu me agarrei a ela, grata por sua gentileza constante. — Eles são verdadeiros bastardos.

Silas falou. — Mas a Reviravolta foi o advento dessa prática, os Protetores não tinham sido tão cuidadosos com essas coisas antes da revolta.

— Sua mãe era humana, Shay. — Monroe disse com um olhar breve e simpático na minha direção. — Sua essência humana é a qual com que você nasceu e aquela que Calla percebia.

— Então a traição do meu pai sinalizou que eu seria o Herdeiro? — disse Shay.

Fiquei aliviada que parecia que a conversa estava se movendo e decidi continuar a empurrá-la para frente.

— E a marca. Mas ele não pode vê-la. — Fiz um gesto para Shay. — Quando eu disse a ele sobre a tatuagem da cruz, ele não tinha idéia que estava lá.

— Há uma proteção no símbolo para mantê-lo escondido. — explicou Silas. — Não é apenas uma marca de nascença, e nem uma tatuagem. É um emblema místico.

— Então, os seres humanos são cegos para a tatuagem? — Eu perguntei.

Silas revirou os olhos, lançando a mão dele brevemente até seu rosto, como se afastando um mosquito irritante. — É um encantamento mais sutil do que isso. Eles são bons nisso, os Protetores: sutileza, manipulação. É a sua arte, realmente. A tatuagem apenas sugere para aqueles que possam notá-la que a mesma deve ser ignorada. Usamos uma tática similar para impedir as pessoas de tropeçarem do outro lado da Academia. Os seres humanos sempre desviam o olhar, rejeitam o que vêm. Apenas o suficiente para que ninguém vá até Shay e pergunte quem a fez.

Ele olhou para Shay, os olhos úmidos com uma espécie bastante irônica de reverência. — Eles pensam que você não esfregou seu pescoço bem o suficiente depois de uma partida de rugby desagradável ou algo semelhante. Você sabe: lamacento, esse tipo de coisa.

— Mas eu pude vê-la. — eu disse.

— Você não é humana. — disse Silas. — Você é...

Eu o cortei. — Uma abominação. Certo. Como eu poderia esquecer.

Ele empurrou sua cadeira para trás, quando eu arreganhei meus dentes.

Shay fez uma careta e cuidadosamente passou os dedos pela nuca. — Ótimo. Então eu sou o Escolhido, mas não tenho habilidade em higiene pessoal.

O rosto de Silas se iluminou com um sorriso surpreendente.

— Exatamente.

Adne gargalhou e deitou um olhar devastador sobre Shay. — Ajude-me, Obi-Wan, você é minha única esperança... mas você poderia tomar um banho primeiro? — Ela bateu as pestanas para ele. — Eu lavaria as costas para você a qualquer hora.

O rosto pálido de Shay ficou carmesim e eu joguei a Adne um olhar de reprovação. Mas ela estava olhando para Connor, que simplesmente adicionava mais uísque no seu café. O sorriso de Silas não desapareceu. Ele se recostou na cadeira, estudando Shay. — Mas agora que sua namorada lobo aqui transformou você e tudo, você deve ser capaz de vê-la. Guardiões não são afetados pela magia.

— Eu não sou a namorada dele. — eu estalei, e depois estremei quando Shay enrubescou ainda mais profundamente. Os Rastreadores todos me encararam, surpresa escrita em seus rostos.

— Bem, eu não sou. — eu terminei desajeitadamente, sentindo-me fria e escorregadia como o mármore. Eu não conseguia olhar para Shay novamente. Foi duro, mas eu tinha falado a verdade. Eu o amava, mas eu não sabia o que era para Shay. Tudo em nossas vidas estava mudando constantemente. Eu não conseguia encontrar uma base sólida para me sustentar. Shay colocou sua cabeça entre as mãos. — Eu pensei que conhecer a verdade faria isso mais fácil. Mas não. Eu não posso acreditar que a única família que eu conheço é algum tipo de criatura do Submundo.

— Não apenas qualquer criatura do Submundo. Ele é mais poderoso do que qualquer outro inimigo que enfrentamos, e você é a chave para garantir o seu reinado. — disse Monroe. — O Precursor não podia confiar sua proteção para seus asseclas sozinhos. Como você pode ver, eles falharam em seu dever. Tenho certeza que alguns sofreram terrivelmente por causa de sua fuga.

Na palavra “sofreram” comecei a tremer e descobri que não conseguia parar. O que está acontecendo com meu clã? Shay colocou a mão na minha, olhando para Monroe.

— Já aconteceu antes, não aconteceu? — Shay perguntou. — Nós lemos sobre a última vez que os guardiões tentaram se rebelar.

— Você quer dizer a Reviravolta? — Silas perguntou. — Esse foi um período importante da nossa história. O mais próximo que chegamos à vitória. Embora tenha acabado bastante mal.

— Não. — Eu me endireitei, olhando diretamente para Monroe, porque eu sabia que ele tinha as respostas para as perguntas que estavam queimando em mim. — Essa não foi a revolta mais recente.

Monroe recuou. — Não.

— Esqueça isso, Lily. — Adne havia lançado um olhar acusador para mim. — Isso não é o seu negócio.

Eu mostrei meus caninos para ela. — Será que você poderia não me chamar assim?

— Não quando isso sempre tira essa reação de você. É bom saber que você é um pouco humana. Aquela coisa de lobo austera me assusta, você sabe.

Olhei para ela. Eu conheço esta garota a menos de um dia e ela pode ler-me como um livro. *Como isso é possível?*

— Adne está certa. — Connor inclinou-se para mim. Eu podia sentir o cheiro do uísque em seu hálito. — Esqueça isso.

— Eu não vou. — eu disse. — O que aconteceu com aos Banes? Como Corrine Laroche morreu?

— Eu disse para esquecer. — Connor deu um soco na mesa.

— Afaste-se. — Shay rosnou para ele.

— Monroe? — Tess murmurou, olhando ansiosamente para Connor.

— Está tudo bem. — Monroe disse calmamente. — Eles devem saber.

Connor balançou a cabeça, esvaziando o resto de seu frasco na sua xícara de café. — Tanto para não mais histórias tristes.

Capítulo 11



Monroe se recostou na cadeira. — Vim pela primeira vez para o Purgatório, quando eu tinha vinte anos para servir como um Striker. Eu era um homem jovem e impetuoso, uma pessoa irascível e ambiciosa e sem senso do que falar. Eu me achava muito bom.

Ele riu, correndo a mão pelos cabelos escuros. — Eu não apreciava as regras estabelecidas pelo nosso guia no momento. Ele era um meticuloso homem chamado Davis. Eu estava impaciente com sua insistência de que Strikers jovens sempre patrulhavam em pares. Por nós gastarmos tanto tempo coletando informações sobre os Protetores quanto planejando e executando ataques.

Ele cruzou os braços sobre o peito, o rosto perdido em memórias. — Um dia, quando eu deveria estar treinando, eu saí por conta própria. Caminhei até perto de Haldis, convencido de que eu poderia derrubar um ou dois Guardiões sozinho. Eu fui um tolo. Se as circunstâncias tivessem sido diferentes, eu teria sido morto.

— Quais foram as circunstâncias? — Shay perguntou.

— Eu encontrei uma Guardiã solitária. Ela chegou até mim mais rápido do que eu teria imaginado possível; eu nem sequer tive tempo para puxar uma arma. Eu havia completamente subestimado a habilidade de meus adversários. Ela me derrubou, e pensei que ela iria me matar.

Sua voz saiu apertada e ele engoliu em seco. — Mas então não era mais um lobo em cima de mim. Era uma mulher jovem. — Ele olhou para mim e sorriu. — Pouco mais velha que você, Calla.

Eu balancei a cabeça, meu coração batendo. — Por que ela mudou para a forma humana?

Monroe cerrou a mandíbula. — Ela pediu-me para matá-la.

— O quê? — Shay engasgou.

Eu ouvi um soluço abafado e olhei para ver que Tess tinha começado a chorar novamente. Adne entrelaçou seu braço em volta dos ombros dela.

— Eu fiquei estupefato. — continuou Monroe. — Ela mal conseguia falar em meio às lágrimas. Ela se agarrou a mim, chorando.

Emoção tórrida passou através dos olhos de Monroe, e de repente eu tive dificuldade para respirar. Ele se moveu em sua cadeira. — Ela estava acasalada com um homem cruel que ela não amava, atormentada pelo medo constante de um mestre ainda mais perverso do que seu marido, apavorada com o bem-estar dos companheiros de clã dos quais ela gostava muito, mas cujas vidas eram tão imprevisíveis e desprovidas de livre arbítrio como a dela própria.— fez uma pausa e respirou lentamente antes de falar novamente. — Mas todas estas coisas, ela disse que tinha sido capaz de suportar. Até aquele momento.

— O que mudou? — Shay sussurrou. Ele olhou para mim e viu meu rosto contorcido. Seus dedos deslizaram entre os meus e agarrei sua mão.

— Seu mestre mandou-a ter um filho.

Monroe fechou os olhos. — E ela não poderia enfrentar a idéia de que ela iria trazer outra vida a este mundo, que seria forçada a lutar com as mesmas dores que a mergulharam no desespero a cada dia.

— O que você fez? — Eu perguntei num sussurro.

— Eu me ofereci para ajudá-la.— Os olhos de Monroe abriram-se, eles giraram com violenta emoção. — Eu disse a ela sobre a Reviravolta. A verdadeira história que minava todas as mentiras que tinham sido contadas a ela a partir de seu nascimento.

Um tempo em que Rastreadores e Guardiões se uniram para lutar contra os Protetores. Eu estava desesperado para convencê-la de que havia outra maneira. Algo além da morte para dar-lhe esperança. Eu nunca tinha encontrado uma dor como essa. Eu não queria nada mais do que salvá-la.

Shay e eu nos sentamos em silêncio, fascinados pelo seu conto. Connor estava olhando para seu copo, enquanto Adne tinha começado a afagar o cabelo de Tess. Silas não parecia estar prestando atenção, sua atenção estava direcionada a seu notebook, ocasionalmente parando para espreitar Shay.

Monroe sorriu tristemente. — Começamos a nos encontrar em segredo. Eu lhe levei tanta informação quanto eu pude sobre como as alianças do passado tinham se formado.

Senti um carinho na minha mão. Olhei para Shay e ele sorriu gentilmente para mim. Monroe assistiu a troca e suas sobrancelhas subiram. — Soa familiar? — Shay assentiu.

O sorriso de Monroe tornou-se uma careta e ele falou de novo. — Davis tinha ficado furioso comigo por desobedecer a sua ordem, mas ele agarrou a chance de ter Guardiões do nosso lado. Parecia nossa melhor chance de derrubar o controle de Haldis. Corrine foi capaz de reunir apoio entre vários de seus companheiros de clã. Nosso plano era levá-los em primeiro lugar, reunir uma força significativa de equipes de vários Rastreadores, e então fazer um ataque combinado contra os Protetores em Vail.

— Mas algo deu errado? — Shay franziu o cenho. Monroe assentiu. Ele limpou a garganta, mas sua voz ficou grossa. — Corrine ficou grávida. Ela tinha a esperança de evitar isso de alguma forma. — ele fez uma careta, — mas essas coisas podem ser difíceis de controlar.

Ele ficou quieto por um momento, ele cruzou as mãos sobre a mesa. — Ela tinha medo de fugir enquanto estivesse grávida, e ela não queria correr riscos com o filho recém-nascido, então ela pediu que o plano fosse adiado. Para esperar até que a criança tivesse crescido, até que seu filho tivesse um ano de idade e não fosse tão

vulnerável quando fizéssemos nossa fuga. Eu concordei. — Ele fez uma pausa. Vi suas mãos trêmulas. Eu forcei a minha pergunta para fora, apesar do meu medo crescente. — O que aconteceu?

— No período de intervenção, a trama foi descoberta.— Monroe apertou tão ferozmente suas mãos até ficarem brancas. — Em vez da fuga, a equipe de Rastreadores encontrou uma emboscada no complexo Bane. Perdemos mais de metade do nosso número.

— E Corrine? E seus aliados? — Shay elevou sua voz.

Monroe respondeu em um tom liso. — Eles já tinham sido entregues a Espectros. Todos mortos antes mesmo de nós chegarmos.

Eu tive que fechar meus olhos assim que Monroe deu vida às cenas do meu pesadelo. Me senti frágil, pronta para desmaiar.

— Mas eles deixaram Ren viver? — Eu sussurrei. — Eles não mataram seu filho.

— Tem sido difícil juntar as peças, mas pelo que entendi, o companheiro de Corrine sempre foi leal ao seu mestre, nunca conspirou contra um dos Protetores. E o menino ficou sob seus cuidados. Afinal, um novo clã de alfas jovens ainda era necessário. E como você já disse, ele não sabia nada sobre como sua mãe realmente morreu.

Shay apertou minha mão de novo e percebi que eram lágrimas correndo pelo meu rosto. Eu rapidamente limpei-as. Ele olhou para Monroe. — Você tem alguma idéia de como ela foi traída?

Monroe apertou da mandíbula e olhou para suas mãos.

— Eu acho que isso é tudo, pessoal. — murmurou Connor. — Você está satisfeito?

Shay cabeça estalou em volta. — Você apenas...

— Não, Shay. — Eu coloquei minha mão em seu braço. — Obrigado, Monroe.

Monroe saiu, dando-nos as costas. — Eu vos desejo boa noite.

— Eu também. — disse Tess. Ela seguiu Monroe até a escada.

— Boa forma de esvaziar uma sala. — Connor murmurou, olhando para sua xícara de café vazia.

— Deixe-o, Connor. — disse Adne, e se levantou.

— Vamos encontrar outra maneira de passar o tempo.

Ele sorriu para ela. — Eu tenho algumas idéias.

— As minhas são melhores e no reino da possibilidade. — Adne estava na mesa, colocou seus pés no banco, e descansou o violão nos joelhos. Ela dedilhou os acordes e inclinou a cabeça.

— Pedidos?

— As garotas escolhem. — Connor disse. Ela começou a cantar, sua voz rica e baixa. — Raiva, raiva contra luz a morrer. — ela cantou.

Shay se animou. — Dylan Thomas?

Ela fez uma pausa, dando de ombros. — Yeah. É uma espécie de mantra nosso aqui. Eu inventei uma melodia para ir junto com o poema.

— Há quanto tempo você toca? — Shay assistiu seus dedos se moverem ao longo das cordas, claramente fascinado.

— Desde que eu tinha quatro anos. — Adne disse. — Minha mãe me ensinou.

— Ela é uma natural, mas isso não é surpresa. Adne é boa em tudo. Criança gênio e tudo. — Connor empurrou uma mecha de cabelo de Adne de sua testa. Seus olhos castanhos brilhavam à luz do fogo enquanto seus dedos permaneceram em sua pele.

Uma suspeita rastejou através de mim. Algo existia abaixo da superfície das brigas constantes de Connor e Adne. Eu tinha certeza disso.

Tantas histórias escondidas que ligavam todos eles juntos. Estes dois têm seus próprios segredos.

— Eu posso dizer. — Shay murmurou, os olhos fixos nos dedos de Adne movendo rapidamente. — Você pode me ensinar?

Adne parou. — A tocar?

Shay assentiu. Ela sorriu para ele, dando tapinhas no banco ao lado dela. — Claro. — Shay se mudou para o lado dela e ela colocou o violão em suas coxas. Engoli em seco quando ela mudou-se para se sentar atrás dele sobre a mesa, inclinando-se sobre ele para que ela pudesse guiar as mãos sobre o violão. Apesar de minhas suspeitas sobre Connor e Adne, eu me perguntava se sua história estava no passado e Adne tinha seu olho em um futuro com Shay. Eu não tinha dúvidas dos sentimentos de Shay por mim, mas o ciúme ainda beliscou-me no momento em que vi ele e Adne juntos. Mesmo que ele não estivesse interessado nela, eles foram se tornando amigos. Meu peito doeu. Eu perdi meus amigos. Especialmente Bryn. Mesmo ela tendo que arrancar informações de mim sobre meus sentimentos, sua preocupação constante, a sua presença tinha me sustentado. Todo o alfa necessita de apoio. Eu forcei meus olhos para longe de Adne e Shay. O pensamento de me transformar em um lobo e lançar Adne para o chão estava se tornando mais e mais atraente.

— Eu acho que vou dormir. — Connor bocejou alto, embora ele tivesse fixado um olhar duro sobre a aula de música improvisada. — Adne, posso acompanhá-la até seu quarto?

— O quê? — Adne mal olhou para ele. — De repente, preciso de uma escolta? Fizemos uma viagem até um tempo do século XIX que eu perdi?

Connor olhou para Shay e depois chutou o chão com o calcanhar da bota. Ele parecia vulnerável, algo que eu nunca tinha visto no Rastreador sempre brincalhão antes. — Não, eu... — ele murmurou. — Boa noite, então.

— Boa-noite. — A atenção de Adne estava de volta no violão.

Connor olhou para Shay e Adne mais uma vez, hesitando. A expressão em seu rosto era estranha, presa em algum lugar entre a raiva e a tristeza.

— Eu acho que vou para a cama também. — eu disse. *Antes que eu arrancasse os dedos dela fora.*

— Vou levá-la ao seu quarto. Vou até cantar uma canção de ninar... e talvez você poderia me mostrar o que a faz uivar. — disse Connor, um sorriso deslizando em sua boca.

— Hey! — Shay saiu de seu transe para encarar o Rastreador.

— Calma, rapaz. — Connor riu.

— Vamos, Shay. — Adne repreendeu, puxando suas mãos para o violão. — Preste atenção. Coloque os dedos aqui e aqui. Isso é um acorde G.

Shay ruborizou e virou o pescoço para olhar para Adne.

— Desculpe. Uh... bem, acorde G.

— Não se preocupe, você vai pegar o jeito. — Descansou o queixo em seu ombro. Segui Connor para fora da sala de jantar, um nó flamejante estava ocupando o lugar em que meu estômago costumava estar.

— Você está se aguentando, garota? — Ele olhou para mim enquanto subíamos as escadas. — Grandes mudanças acontecendo em sua vida.

Revirei os ombros para trás, não certa sobre como responder sua pergunta. — Por que você se importa? — Eu lamentei meu tom áspero, mas eu ainda estava eriçada de assistir Adne embrulhar-se em torno de Shay na mesa. Além de sair com Connor era como andar de montanha-russa: eu não sabia se ele estaria fazendo comentários impróprios ou fazendo perguntas pensativas. Os Rastreadores estavam me dando colapso emocional.

— Você sabe que você terá que confiar em nós... eventualmente. — disse ele.

Eu atirei meus dentes para ele ao invés de dar-lhe um sorriso verdadeiro. — Eventualmente.

— Justo. — disse ele, parando na porta do meu quarto. — Bons sonhos, alfa.

— Obrigada. — eu disse, e abri a porta.

Eu não me incomodei em acender a luz, em vez disso eu desmoronei na cama e olhei para o céu escuro, minha mente também frenética para o sono ser uma possibilidade real. No entanto, eu ainda me sentia minada, cansada. Mas a dor era mais profunda do que isso.

Estou solitária.

Até aquele momento eu não tinha percebido que na verdade, eu nunca estive sozinha. Eu sempre tive o clã, não importa o que os desafios da vida tinham jogado no meu caminho. Na sua ausência me senti perdida, totalmente sem propósito. Eu fugi de Vail para salvar Shay, mas também para salvar meus amigos. Agora essa escolha parecia menos como uma solução e mais como uma esperança efêmera que se movia mais e mais longe de se materializar.

O que estou fazendo aqui?

Rolei na cama, enterrando meu rosto em um travesseiro e fechei os olhos. O quarto estava um pouco frio, mas eu não me incomodei em puxar o edredom grosso sobre mim. O frio desconfortável que se arrastou ao longo de meus membros ainda alimentou meu espírito desconsolado. Meu corpo ficou tenso, mas eu não me mexi quando eu ouvi a porta abrir e, em seguida, fechar mais uma vez. Eu senti o cheiro de sol-aquecido, gramíneas e do trevo. Os passos suaves de Shay atravessaram o quarto e então pararam.

— Eu sei que você está acordada, Calla.

Eu suspirei, virando para encará-lo.

— O que aconteceu com a sua aula de violão? — Eu soei maliciosa, e isso só aumentou a minha raiva por Adne ter tão facilmente se colocado sob a minha pele.

— Eu queria ter a certeza que você estava bem. — Ele se arrastou pela cama.

Inclinei-me para longe, rolando sobre minhas costas.

— Você deixou Adne sozinha? Eu acho que ela estava ansiosa para ensinar-lhe.
— *Acho que ela estava esperando mais do que isso.*

— Ela teve que voltar para Denver. — disse ele. — Silas apareceu com um relatório para ela levar de volta para o posto. Mas agora que estou aqui, parece que *você* preferia que eu te tivesse deixado sozinha.

Eu não conseguia decidir se ele soava irritado ou divertido, então eu não respondi. Eu deixei meus olhos vaguearem de volta para o céu estrelado. Em seguida, as minúsculas luzes foram substituídas por uma sombra quando Shay aproximou-se de mim. Minha respiração ficou ofegante quando ao invés de se esticar ao meu lado, ele posicionou seu corpo sobre o meu. Seu peso pressionou-me para baixo no colchão.

— Shay. — Fiquei surpresa, mas sem medo. — O que você está fazendo? — Minhas mãos subiram para seu peito e mantiveram seu torso suspenso logo acima de mim. Seus dedos circularam meus pulsos, me segurando, me impedindo de empurrá-lo para longe.

— Chega de se esconder atrás do seu medo, Calla. Chega de fugir. — disse ele. — Você pode tentar tirar as minhas duas mãos fora se você realmente quiser, mas eu vou te beijar agora.

Engoli em seco quando vi o brilho confiante em seus olhos. Ele não tinha medo de mim. Mesmo através do suave agarre de seus dedos, eu podia sentir a profundidade de sua força, era surpreendente e sedutora. Ele já não se aproximava de mim com o temor que ele tinha quando era um humano, agora ele era um Guardião. E não só isso, mas o Herdeiro: ele iria erguer a Cruz Elemental. Uma arma do tipo que o mundo nunca tinha visto. Ele era um verdadeiro guerreiro. Meu igual. Talvez mais. Meus lábios curvaram-se em um sorriso quando eu percebi que a vulnerabilidade de Shay, que pela primeira vez me levava a salvar a sua vida, tinha declinado e foi substituída por ferro e força que combinava com a sua vontade, feroz impenitente. Ele já não precisava de mim para ser sua protetora, mas ele ainda me queria. A expressão em seu rosto era faminta, cheia da necessidade de saber se eu o queria também. E eu queria.

Estou livre agora. Eu o amo. Não há qualquer razão para parar.

Ele libertou meus pulsos, esperando, me olhando. Eu não o afastei, mas deixei minhas mãos descansarem contra os músculos duros de seu peito. Ele se inclinou para mim e eu deslizei meus braços em volta do seu pescoço, meus dedos entrelaçando nos cachos suaves de seu cabelo. Em seguida, seus lábios estavam nos meus, abrindo-os delicadamente. O beijo de Shay era a realização da promessa de liberdade que eu desejava. Doce e terno como os ramos verdes que crescem para cima para encontrar o sol da primavera. Fechei os olhos e deixei a pura sensação me lavar.

Mel e trevo. Chuva, suave e quente enchendo minha boca, derramando sobre meu corpo. Ele era a luz do sol brilhante que afastava o frio do inverno. Seu corpo pressionou-se com mais força no meu, e eu envolvi minhas pernas em volta dele. Um

som baixo em algum lugar entre um gemido e um grunhido escorregou de sua garganta. Seus beijos eram demorados, explorando minha boca, cada carícia criando mais desejo dentro de mim. Minhas mãos se moveram por suas costas, sentindo a força em seus ombros, querendo saber mais dele. Ele deslizou suas mãos debaixo da minha camisa, acariciando a pele nua de meu estômago, e começou a subir lentamente. Meu sangue estava em chamas.

Eu puxei minha camisa por cima dos meus ombros e joguei fora. Senti cada centímetro do corpo Shay, de repente, se tencionar enquanto seus olhos me admiravam. Eu deslizei minhas mãos sob a camisa dele, meus dedos se movendo não para cima mas sim para baixo, encontrando os botões da calça, brincando com eles, querendo ir mais longe, mas não tendo certeza se deveria. Ele se inclinou, beijando-me com força. Eu me movi contra ele, a necessidade de estar mais próxima dele, odiando as roupas restantes que nos separavam. Meus dedos abriram o primeiro botão da calça jeans e deslizaram até o próximo. Minha respiração estava ofegante na trilha escaldante de suas mãos quando elas deslizavam sobre minha pele.

— Calla. — ele murmurou contra meus lábios. — Você não tem idéia de quanto tempo eu quis fazer isso.

Algo sobre as suas palavras me fez vacilar, como se eu tivesse tropeçado na escuridão e de repente estivesse caindo, caindo. E então não era Shay em cima de mim, mas Ren. Seus olhos escuros brilhavam sob a luz fraca do quarto, suas mãos deslizando sobre minha pele.

Apenas deixe-me beijar-te, Calla. Você não sabe quanto tempo eu quis.

Era como se um vento gelado varresse o quarto. O fogo lambendo a minha pele foi sufocado, substituído pelo frio oco. Estremeci e meu estômago embrulhou. Comecei a balançar minha cabeça.

— O que há de errado? — As mãos de Shay pararam.

— Pare. — Meus punhos se aproximaram de seu peito, e desta vez eu o empurrei com força suficiente para que ele recuasse, assustado. Fechei os olhos, agarrando minha camisa no chão, não sendo capaz de olhar para ele. — Eu não posso.

Meu corpo inteiro tremia tão violentamente que eu mal podia colocar minha camisa novamente. O abismo escuro, que residia no meu peito rugiu para a vida, sugando minha calma e meu breve esquecimento. Eu me odiava por me empurrar para longe dele, sabendo que eu queria Shay, o amava. *Por que não posso deixar o passado ir? O que há de errado comigo?*

Alarme encheu sua voz. — O que aconteceu? Você está branca. — Ele tentou puxar-me para seus braços, mas eu escapei.

— Sinto muito. — eu murmurei, incapaz de continuar a vocalizar devido ao conflito repentino de impulsos que rasgou através de mim. Juntei as mãos contra o peito. Espontaneamente, mas, instintivamente, meus dedos traçaram a superfície do anel de Ren. A voz de Ren encheu os meus ouvidos. *Me diga que você vai voltar para o clã. Para mim.* Parecia que o quarto estava girando. Eu o deixei para trás. Ele arriscou tudo por mim, e era assim que eu estava pagando a ele. Dando-me a outra pessoa quando eu estava prometida a ele. *O que estou fazendo aqui? Com pessoas que sempre foram meus inimigos? Eu pertencço a meu clã.* O fogo em minhas veias transformou-se em gelo quando eu percebi que não era livre. Eu não estaria livre até que meu clã estivesse a salvo. Uma parte de mim era prisioneira do medo de que eu os tivesse condenado a um destino terrível.

— Calla, o que é? — Shay deu um passo em direção a mim, mas ambas as nossas cabeças viraram para a batida repentina na porta. No momento seguinte, a porta abriu e Adne apareceu.

— Calla! — Seus olhos estavam selvagens. — Temos de voltar a Denver agora!

— O que está errado, Adne? — Shay correu para seu lado.

— Um ataque? Os Protetores?

— Não. — Ela olhou para ele por um momento como se chocada ao encontrá-lo no meu quarto. Ela sacudiu sua surpresa, voltando-se para mim. — Ethan derrubou um Guardião em patrulha.

— Um Guardião? — Meu coração começou a bater quando eu vi as faíscas aterrorizadas em seu olhar.

Sua voz tremeu. — Ele diz que é seu irmão.



INFERNO

Abandonai a esperança, vós todos os que entram aqui.

-- *Dante, Inferno*

Capítulo 12



— O quê? — Minha pergunta surgiu como um rouco sussurro.

— O irmão dela? — Shay ofegou. — Você quer dizer Ansel?

— Eu não consegui saber o nome. — Adne disse. — Por que você ainda está aí? Vamos lá!

Saí do meu choque e corri para a porta. Adne já estava correndo pelo corredor e eu podia ouvir os passos de Shay logo atrás de mim.

Ethan derrubou um Guardião. Derrubou? A adrenalina elétrica que me puxava atrás de Adne se transformou em um pavor entorpecedor. Os tentáculos de medo gelado se transformaram em pontadas afiadas de terror quando eu avistei a porta aberta da qual saía um brilho fraco.

Parei, não reconhecendo o homem que estava ao lado dela. — Bom, você os encontrou. — disse ele. — Todo mundo já chegou.

— Este é apenas Jerome, Calla. Vá em frente. — Adne empurrou-me para o portal. Eu tropecei para a frente, caindo em minhas mãos e joelhos na sala de treinamento do Purgatório.

— No que você estava pensando? — Monroe rugiu. — Ele é uma criança!

Eu estava com medo do que possivelmente poderia ter feito Monroe ficar com tanta raiva.

— Ele estava correndo para mim, Monroe. Gritando como uma banshee⁷, eu juro.
 — Ethan gritou, sua voz embargada e cheia de tensão. — Ele gritava: 'Eu sou um Guardião, eu sou um Guardião', repetidamente. O que eu deveria fazer?

Isaac, Connor, e Silas estavam olhando para alguma coisa no chão na frente deles, os seus rostos pálidos. Foi nessa altura que eu vi o sangue se acumulando aos seus pés.

Monroe tirou seus olhos enraivecidos de Ethan quando nos ouviu chegar. Sua raiva deu lugar ao medo quando ele me viu.

— Calla — Ele passou por cima dos riachos de sangue que se moviam para fora do círculo de Rastreadores e agarrou meu braço.

Eu me afastei dele e empurrei Connor de lado, que tinha ido para trás de Monroe em um segunda tentativa para proteger quem estava no chão de ser visto por mim. Ansel não estava se movendo. Suas roupas estavam escuras com sangue. Eu gritei e cobri minha boca com as minhas mãos. Flechas de besta se projetavam de seu peito.

— Ansel! Ansel!

— Eu não sabia quem era... — Ethan começou, e olhou para mim com olhos selvagens. — Ele simplesmente se jogou em mim. Eu pensei que ele ia arrancar meus olhos.

Me joguei para Ethan, mas os braços de Connor se envolveram em torno de mim por trás.

— Whoa, garota. — disse ele, tentando manter a voz calma, mas eu podia ouvir sua ansiedade. — Não vamos fazer nada precipitado.

— Eu vou matar você. — eu rosnei, lutando contra Connor.

— Oh Deus. — Shay estava ao meu lado, olhando para Ansel. Ele olhou para mim.
 — Você pode ajudá-lo?

⁷ As Banshee provêm da família das [fadas](#), e é a forma mais obscura delas. Quando alguém avistava uma Banshee sabia logo que seu fim estava próximo: os dias restantes de sua vida podiam ser contados pelos gritos da Banshee: cada grito era um dia de vida e, se apenas um grito fosse ouvido, naquela mesma noite estaria morto.

A onda vermelha de raiva tinha empurrado todos os pensamentos racionais para fora da minha mente. Fechei os olhos, tentando respirar.

— Se seu coração ainda estiver batendo. — murmurei. — Talvez.

— Ok, então vamos fazer isso. Eu vou ajudá-la. Você tem que se focar, Cal. Salve Ansel. — Shay tocou meu braço e olhou para Connor. — Deixe-a ir.

Connor olhou para Monroe, que tinha se posicionado entre mim e Ethan. Monroe deu um leve aceno. Connor aliviou o controle sobre mim, e Shay pegou as minhas mãos, me puxando para o lado de Ansel. Ajoelhei-me no sangue e pus as mãos no peito de Ansel.

Eu podia ouvir sua respiração, úmida e irregular. Seu pulso estava lá, mas era fraco e lento.

Engasguei com um soluço. — Oh Deus, Ansel.

— Eu sinto muito. — Ethan estava olhando para nós, seu rosto uma mistura de tristeza e horror. — Eu não sabia que ele era o seu irmão.

Eu olhei para ele, a raiva fazendo cada batida de meu coração soar ensurdecadora.

— Pare de falar, Ethan. — disse Monroe, e mudou-se para bloquear a minha visão do Rastreador.

— Calla. — A voz de Shay me trouxe de volta para a tarefa atual. — Ansel precisa de ajuda agora. O que posso fazer?

Balancei minha cabeça, tentando me concentrar. — Ele precisa de sangue, e as flechas têm que sair.

Shay assentiu.

— Quando eu disser, puxe as flechas tão rápido quanto conseguir.

— Tudo bem.

Ele se deslocou para o outro lado da forma flácida de Ansel e agarrou uma das flechas de besta. Levantei meu braço para meus lábios e mordi. Deslizei minha mão por baixo da cabeça de Ansel e inclinei-a para cima. Coloquei meus dedos entre os

lábios dele, separando-os. Então eu me inclinei para baixo e murmurei em seu ouvido enquanto pressionava o meu braço a sangrar contra sua boca.

— Ouça, irmãozinho. Por favor, ouça. — Eu estava soluçando enquanto falava. — Eu preciso que você me ouça. Você tem que beber, Ansel. Por favor, beba.

Meu sangue se derramou em sua boca. Na garganta dele. Eu fechei os olhos e apertei a minha testa contra a têmpora dele. Os Rastreadores olhavam para nós, em silêncio e congelados no lugar. Uma mistura de horror e curiosidade aparecia em seus rostos.

Ansel não se moveu. Meu sangue estava enchendo sua boca e começou a surgir por um canto dos seus lábios.

— Calla? — A voz de Shay continha uma borda de medo.

— Por favor, Ansel. — eu sussurrei de novo. — Beba. Eu amo você. Não faça isso. Beba.

O corpo de Ansel se sacudiu, um estremecimento forte de movimento. Sua mandíbula se abriu e ele engoliu. Seus músculos se convulsionaram e sua cabeça se afastou de meu braço.

— Adne, Connor, venham aqui. — eu gritei. — Ele vai lutar. Eu preciso que vocês o mantenham quieto.

Ambos vieram para meu lado e pressionaram os ombros dele contra o chão. Ele se sacudiu novamente mas eles não tiveram nenhum problema em mantê-lo quieto. Mesmo através do meu medo, eu franzi a testa. Ele estava lutando fracamente. Alguma coisa estava errada. Eu coloquei meu braço a sangrar novamente contra sua boca.

— Vamos lá, An. — eu disse. — Você precisa disso. Continue a beber. Não lute contra isso.

Ele engoliu novamente e então começou a beber de forma constante.

— Mantenha-o para baixo. — eu disse, olhando para Adne e Connor.

Eles fizeram uma careta e assentiram.

— Shay, comece a puxar as flechas.

— Ok. — Shay respirou fundo rapidamente. — Aqui vai. — Ele puxou a primeira flecha para fora do peito de Ansel.

Os olhos de Ansel não abriram, mas ele se arqueou para cima e rosnou, vomitando sangue de sua boca. Adne grunhiu, mas Connor apenas manteve a pressão constante contra o corpo de Ansel.

— Segurem-no! — Eu gritei, e empurrei meu braço novamente contra a sua boca.

Minha ansiedade crescia a cada minuto. Ansel mal estava lutando. *E se o meu sangue chegou tarde demais para salvá-lo?*

— Mais uma vez, Shay. — eu disse, empurrando para trás o medo doentio que se arrastou até a minha garganta. — Temos que tirar as flechas o mais rápido possível.

Shay acenou com a cabeça e tirou mais duas flechas.

— Já estão todas. — anunciou, jogando as flechas de besta para o lado.

Eu mantive meu braço pressionado contra a boca de Ansel. Ele parou de se sacudir e bebeu profundamente, mais constantemente. Eu apoiei-me contra o chão com minha outra mão.

Ele estava tomando muito sangue.

— Calla... — Shay mudou-se para meu lado e colocou o braço em torno de minha cintura.

— Eu vou ficar bem. — eu disse.

Ansel parou de beber. Hesitantemente eu afastei meu braço de sua boca e pressionei uma mão sobre a ferida. Seus olhos se abriram.

— Calla?

Eu solucei, puxando-o contra mim.

Monroe expulsou um suspiro estremecido. — Graças a Deus.

— Não admira que os Strikers tenham tanta dificuldade para matá-los. — brincou Silas. — Você viu o quão rápido que foi? Vou falar com a Academia sobre alguns novos encantamentos para combater isso.

— Agora não, Silas. — Connor disse através de dentes cerrados.

— É realmente você. — disse Ansel, piscando para mim, sua voz ainda um pouco instável. — Eu não posso acreditar que te encontrei.

— Ansel. — Eu enterrei meu rosto em seu cabelo emaranhado. — Oh Deus, Ansel.

Seus olhos permaneceram ligeiramente fora de foco à medida que ele os deslizou sobre o círculo de Rastreadores, finalmente descansando em Ethan, que deu um passo para trás.

— Ele atirou em mim. — Ansel soou estranhamente divertido. — É aquele que atirou em mim.

— Não se preocupe. — eu comecei. — Tudo vai ficar bem. Ele não sabia quem você era, mas você está seguro agora.

Ansel olhou para mim novamente. Eu não reconheci o sorriso vazio que atravessou sua boca.

— Você deveria ter deixado que ele me matasse.

Capítulo 13



Meus dedos cavaram seus ombros enquanto eu olhava para ele, incapaz de falar, não acreditando no que eu tinha acabado de ouvir. Eu mal podia reconhecer o cheiro do meu irmão sob os outros odores vis que o cobriam. Sujeira, sangue e o cheiro forte de medo.

Shay agachou-se ao nosso lado. — Ansel, hey. Respiração. Tudo está legal.

O nó doentio se apertou quando Ansel começou a rir. Eu nunca tinha ouvido um som tão arrepiante. Áspero e desprovido de alegria.

— Está, Shay? — Ele perguntou, sorrindo aquele sorriso horrível novamente. — Está tudo legal?

— Ansel, o que há de errado? — Eu empurrei para trás o cabelo que tinha endurecido na sua testa.

Ele golpeou minha mão, tentando afastar-se dos meus braços. — Parem com isso. Apenas me larguem.

Meu agarre nele ficou mais forte. Eu não conseguia entender o seu comportamento estranho. Ele me empurrou, mas não me movi um centímetro.

Os olhos de Shay se arregalaram enquanto observava Ansel parar de lutar. Ele se levantou, o rosto pálido. — Oh não.

Olhei para ele. — O quê?

Shay balançou a cabeça, seu olhar repousando sobre Ansel. — Eu nem sequer sei se é possível, mas eu acho...

— Você acha, garoto escolhido? — Ansel olhou para Shay com um estremecimento. — Você sabe. Claro que você sabe. — O sorriso desapareceu, substituído por uma expressão branca de derrotada.

— Do que vocês estão falando? — Eu sussurrei.

— Eu... — Ele levantou os olhos para os meus. Por um momento raiva queimou dentro de suas íris cinzas, fazendo-os brilhar como uma nuvem cheia de relâmpagos, mas então a luz se foi, substituída por uma neblina vasta, espessa e sem esperança.

Monroe deu um passo cauteloso para nós. Ansel não reagiu. Ele olhou para a frente, olhando para nada em particular. Monroe se ajoelhou ao lado dele, franzindo a testa.

— Ele está ferido?

— Não sei. — eu disse, mantendo meus olhos em Ansel.

— Irmãozinho, por favor. Fale comigo.

— Eles o pegaram. — O sussurro de Ansel era tão baixo que eu mal podia ouvi-lo.

— Pegaram o quê? — Eu perguntei.

— Calla. — A voz de Shay tinha uma nota de aviso. — Talvez devêssemos deixá-lo descansar. Deixá-lo em paz.

— A mim. — Ansel continuou, não encontrando os meus olhos. — Tudo. Desapareceu. Eu estou morto.

— Eles não podem tocá-lo aqui. — Monroe falou suavemente. — Sua irmã está certa. Você não está mais em perigo.

— Não importa. — disse Ansel.

Minha paciência acabou. — O que está errado com você?

Eu empurrei-o para longe e ele caiu no chão como uma boneca de pano. *Oh Deus. O que aconteceu?*

Ele ficou imóvel por um momento e depois seus ombros começaram a tremer ao mesmo tempo que ele batia no chão com seus punhos, soluçando.

Connor estava boquiaberto com meu irmão. — Todos os Guardiões podem simplesmente atirar uns aos outros por aí? Ou foi só porque você é uma alfa?

— Não! — Eu lutei contra a realização terrível que se derramou sobre mim.

Eu me arrastei para o lado de Ansel, virando-o delicadamente.

— Ansel? — Eu tentei alcançá-lo, mas ele se afastou.

— Não me toque.

— Porque você não pode lutar comigo? — Eu pensava que já sabia a resposta, mas meus instintos gritaram contra ela.

Ele me encarou, os seus punhos apertados firmemente contra seus lados.

— Eu disse a você. Levaram-no.

— Você tem que explicar, An. Eu não entendo. — Mas eu entendia, eu simplesmente não podia acreditar.

A voz de Shay veio diretamente das minhas costas. — Ele não é mais um Guardião.

Eu me virei para olhar para ele. Seu rosto ainda estava pálido e um pouco verde.

— Isso não é possível. — *Não, não, não.*

— É. — Monroe disse calmamente, mantendo uma respeitosa distância, enquanto observava o meu irmão começar a balançar com tristeza.

— Não, não é! — Eu gritava, não querendo acreditar o que eu estava vendo diante de meus olhos.

— Guardiões podem ser feitos. — continuou Monroe. — E desfeitos.

— Não! — Eu estava de pé diante de meu irmão como se ele estivesse sob ataque.
— Não pode ser!

— O Monroe está certo. — Silas alisou a frente de sua camisa. — Guardiões são aberrações da natureza. Os Protetores sabem como manipular suas criações como preferirem.

Eu rosnei para ele.

Ele olhou para mim, imperturbável. — É verdade.

— Cale a boca, Silas. — Connor socou-o na parte de trás da cabeça.

— Ow! — Silas gritou, esfregando o crânio. — O quê? Eu estou apenas dizendo...

— Pare. — Monroe latiu.

— Por quê? — Shay se agachou ao lado de Ansel, observando-o atentamente. — Por que eles fariam isso com você?

Ansel fez uma careta, olhando para Shay. — Um exemplo. Eles precisavam de um exemplo.

Fiquei com a boca seca. — Um exemplo para quem? — Eu resmunguei.

Ansel voltou seu olhar para mim e eu caí de volta para as palmas das minhas mãos. Como poderia o meu próprio irmão olhar para mim assim?

— Para o seu clã.— ele assobiou. — Ou você se esqueceu de nós desde que tem todos estes novos amigos?

— Calma. — disse Shay, colocando-se entre mim e Ansel. — Calla não é a culpada. Ela fez o que fez para salvar minha vida. Se você quer culpar alguém, culpe a mim.

Ansel sorriu para ele, vazio e frio. — Parabéns, cara. Você é o lobo que eu não sou. Ela te fez para ela e deixou-nos para trás.

— Não foi assim que aconteceu. Ansel, eles iam matá-lo! — Meus olhos ardiam, as lágrimas se derramando pelo meu rosto.

— Melhor ele do que nós. — disse ele, olhando para o chão novamente. — O clã inteiro estará morto em breve.

— Não. — eu sussurrei. Eles não iriam, pois não? Matar os jovens lobos? Todos eles? Minha mente vacilou, gritando contra a possibilidade. Os Protetores tinham executado Guardiões por revoltas no passado. Eu tinha selado o destino dos meus companheiros de clã com a minha fuga?

Monroe estava de repente ao nosso lado, apoiando as mãos nos ombros de Ansel.

— Ouça com atenção. Nós podemos ajudar você e seus amigos, mas você deve me dizer a verdade. Você foi seguido?

Os olhos de Ansel reviraram e ele cuspiu no rosto de Monroe.

Adne engasgou, mas Monroe levantou a mão.

— Eu entendo que você está com dor. — ele disse calmamente, mas sem raiva. — Mas eu preciso que você confie em mim. Nós não somos seus inimigos. Sua irmã está segura aqui. Você estará também.

Eu mal podia respirar. Lágrimas ainda corriam pelo meu rosto, pingando do meu queixo para a minha clavícula. O que eu tinha feito? Faces giraram diante dos meus olhos fechados.

Bryn. Mason. Ren.

Senti uma mão na minha. — Calla. — Shay murmurou. — Não é sua...

— Não. — Afastei meus dedos dele. — É minha culpa.

Ansel deu uma respiração estremeçada. — Eles me jogaram para fora de uma van no centro. Eles só disseram que eu ia encontrar a minha irmã se tivesse sorte.

— Ethan? — Monroe se levantou.

— Ele estava sozinho. — disse Ethan. — Ninguém o estava seguindo. Nada de Guardiões.

— Ele é provavelmente apenas uma advertência. — disse Connor. — É o tipo de coisa que eles gostam de fazer.

Adne estremeceu e Connor pôs o braço em seus ombros.

— Você provavelmente está certo. — disse Monroe.

Adne um passo em frente. — Devíamos limpá-lo. Posso encontrar algumas roupas.

— Eu só quero ficar sozinho. — Ansel murmurou, mas a raiva havia desaparecido de sua voz.

Eu me arrastei para o seu lado.

— Deixe-os ajudar, An. Eles realmente podem nos ajudar.

— Eu não deveria ter dito aquelas coisas para você. — Ele estremeceu, finalmente olhando para mim, olhos vidrados e repletos de tristeza. — Estou feliz por você não estar morta.

Eu ri com minhas próprias lágrimas. — Obrigado.

— Por que você nos deixou?

— Eu não podia deixar Shay morrer. Eu simplesmente não conseguia. — minha voz ficou embargada. — Eu não queria deixar vocês. Sinto muito.

Ele encostou a cabeça no meu ombro, tremendo quando eu coloquei meu braço em torno dele. — Eu também.

Capítulo 14



Nos reunimos na mesa da cozinha no Purgatório. Silas e Adne deixaram canecas de chá fumegantes diante de nós. Não mais uma massa solidificada de sangue e sujeira, usando roupas que Adne tinha trazido, Ansel parecia ele mesmo de novo. Quase. Seu rosto era uma sombra do que um dia eu lembrava, e ele estremecia mesmo embaixo do cobertor que envolvia ao redor de seus ombros. Meu irmão sempre irradiava otimismo, um sorriso constantemente contorcido nos cantos de seus lábios. Agora seus traços estavam marcados. Seus olhos, meio escondidos pela queda de seus cabelos marrons areia, eram distantes e entorpecidos.

Eu sentei em frente a ele, observando cada movimento seu, perguntando-me o que ele estava pensando, se ele estava com dor. Eu tinha tentado sentar mais perto dele, mas ele tinha mudado sua cadeira para mais longe. Era como se ele não pudesse tolerar a minha presença.

Ele já não era um lobo. Eu entendia o peso dessa perda. Lobos era o que nós sempre tínhamos sido. Viver sem uma parte de si mesmo seria... Impossível. Eu ficaria perdida no mundo. *Mas por que ele não ficava perto de mim? Eu sei que isso não é culpa dele. Ele está envergonhado? Ele está com medo de mim?*

Ansel tinha sido atirado não para os lobos, mas para longe deles. Abandonado como lixo na rua, não mais útil para seus mestres.

Nós ficamos em silêncio, esperando ele responder a pergunta que Monroe tinha acabado de perguntar.

Ele não se moveu, dedos apertando a caneca em frente a ele.

Monroe limpou sua garganta. — Eu sei que é difícil, mas você precisa nos contar o que aconteceu depois que Calla e Shay deixaram Vail.

Ansel empurrou sua caneca para longe, escondendo a agitação de suas mãos embaixo da mesa.

— Nós estávamos esperando por ela na clareira.

Eu fechei meus olhos, de repente voltei para floresta. Eu ouvi os tambores, Sabine e Nev cantando. Eu me lembro de capturar o cheiro de Shay, encontrando ele

amarrado e vendado. Meu coração começou a bater em meu peito igualando-se à memória da batida feroz dos tambores.

— Mas ela nunca veio. — A voz de Ansel perfurou o nevoeiro de imagens e eu abri meus olhos para encontrar ele olhando para mim.

— Ela me encontrou. — Shay disse. — Eu tinha sido seqüestrado. Eles tinham me amarrado, esperando me sacrificar naquela cerimônia.

— Interessante. — Silas murmurou.

— Isso não é interessante. — Connor repreendeu. — É doentio.

— O que você ainda está fazendo aqui? — Eu mostrei meus caninos para Silas.
— Você não é apenas um empurrador de papel?

— Essa é minha garota. — Connor sorriu.

— Os Escribas coordenam toda a inteligência dos postos avançados. — Silas disse, estufando seu peito. — Nós perdemos um agente chave hoje; esse menino pode ser capaz de nos dizer como isto aconteceu.

Ele levantou uma sobrancelha para Ansel, mas ele apenas continuou a olhar fixamente para cima da mesa.

Silas pigarreou, olhando para Shay. — Conte-nos sobre o sacrifício. Havia algum ritual de preparação envolvido?

— Ritual de preparação? — Shay perguntou. — Hum... Não. Eu fui nocauteado. Se houve alguma coisa que aconteceu antes de eu acabar na mata, eu não sei o que foi.

Connor olhou para Shay. — Você está bem, criança?

— Eu estou bem. — Shay respondeu, embora ele parecesse um pouco pálido.

— Nós podemos guardar as perguntas até que ele tenha terminado. — Monroe disse, gesticulando para Ansel continuar.

O grupo ficou em silêncio.

— Nenhum de nós sabia o que ia acontecer. — Ansel disse, pausando por um momento. — Bem, pelo menos nenhum do meu clã sabia, nós apenas pensamos que seria Ren e Calla juntos. Nós sabíamos que haveria uma morte, mas nós pensamos que seria...

Ele parou, olhando ao redor da sala.

— Oh, quão doce. — Connor sorriu sombriamente.

— O que? — Adne perguntou.

Ethan fez uma careta. Ele levantou, caminhando ao lado da lareira. — Um de nós. Eles pensavam que seria um de nós a ser morto.

Isaac tossiu um pouco de seu chá. Adne entregou a ele um papel toalha.

Um silêncio desconfortável caiu sobre a sala.

— Isso é passado. — Monroe disse finalmente. — Deixe-o.

Ansel olhou para Monroe e depois de receber um aceno de cabeça, ele continuou.

— Nós tínhamos estado esperando por tanto tempo que Efron ordenou que alguns dos Banes mais velhos entrassem na floresta. Eles começaram a uivar imediatamente. Todos nós corremos. Lobos e Protetores. Então eu a vi.

— Flynn. — Shay e eu dissemos juntos.

Ansel assentiu. — Eu não podia parar de olhar. Eu não sabia o por que ela estaria na floresta em primeiro lugar e agora ela está morta, obviamente morta por um de nós. — Ele parou, olhando para mim. — Você sabia que ela era um súcubo?

— Não até que ela nos atacasse. — eu sussurrei, lembrando suas asas, o fogo que expelia de sua garganta.

— Foi aí que tudo ficou louco. — Ansel continuou. — Efron e Lumine estavam gritando ordens. Eu tentei ficar com Bryn, mas os Banes mais velhos nos agarram. Eles me atiraram dentro de um carro e então nós fomos para o centro da cidade.

— Centro da cidade? — Eu perguntei, franzindo a testa.

— No Eden. — ele disse. — Mas não no clube. Debaixo dele. Efron tem algum tipo de... Prisão lá. Que é onde eles nos levaram.

— Bem, isso é útil. — Silas murmurou.

— Por quê? — Shay perguntou.

— Nós não sabíamos onde a instalação da prisão dos Protetores era. — Monroe disse. — Continue falando, Ansel.

— Eu não sei o por que nós estávamos sendo tratados como inimigos. — Suas palavras estavam rolando para fora agora. — Eles colocaram a mim e Manson em uma cela juntos. E eu acho que Fey e Bryn também – eu não as vi, mas eu podia ouvi-las gritando.

Eu comecei a tremer. Shay enrolou seus dedos através dos meus, e eu não me afastei.

— Nada aconteceu por um tempo. — A voz de Ansel era tão baixa que todos nós inclinamos para frente, nos esforçando para ouvi-lo. — Eles colocaram algemas em nós e não podíamos mudar de forma. Mas isso foi apenas o começo.

Shay olhou para Monroe. — Caras, vocês têm uma reunião de troca ou algo assim? — Monroe não respondeu.

— O que? — Eu fiz uma careta, olhando para Shay.

— Eles tinham isso colocado em você quando nós chegamos na Academia. — ele disse.

— Se ela recuperasse os sentidos enquanto nós estávamos movendo-a, ela teria nos atacado sem saber o que estava fazendo. — Connor disse. — Não tínhamos uma escolha.

Shay abriu sua boca para responder.

— Não, Shay. — eu disse rapidamente. — Está tudo bem.

— E então eles trouxeram Ren para baixo. — Ansel não parecia ter notado nenhuma de nossas perturbações. Ele estava perdido no passado, ou pior, preso nele.

Ao som do nome de Ren eu puxei minha mão para fora da de Shay. Ren. Ren tinha tentado nos ajudar. Ele mentiu para os Protetores por nós. O que isso custou a ele?

De repente eu podia ouvir sua voz. *Isso é somente sobre o amor.* Eu senti sua respiração contra minha pele, seus lábios sobre os meus. A ferocidade de seu abraço antes que eu o deixasse.

— E foi aí que tudo começou. — Ansel empurrou seu assento, os ombros tremendo violentamente.

— Quando o quê começou? — Monroe perguntou gentilmente.

— As punições. — Ansel sussurrou. — Os espectros vieram.

— Adne, você deve sair agora— Monroe disse, mantendo os olhos sobre a forma que Ansel estava tremendo.

— Não. — ela disse, apesar de suas próprias mãos tremerem.

— Seria melhor se não ouvisse isso. — Monroe disse. — Eu vou informar você quando nós tivermos terminado.

— Não. — ela repetiu.

— Por que ela não deve ficar? — Shay perguntou.

O maxilar de Monroe estava cerrado. Ela não respondeu. Shay, em vez disso manteve seu olhar preso em Adne.

Adne engoliu em seco, mas endireitou-se. — Espectros mataram minha mãe.

— Você deve ir. — Monroe disse calmamente. — Por favor.

— Está tudo bem, Monroe. — disse Connor, movendo-se para o lado de Adne e tomando as mãos dela nas suas. — Ela é forte.

Monroe franziu a testa, mas não discutiu mais. Ansel ainda estava falando e tremendo. — Primeiro eles entraram em nossas celas com Lumine e Efron. Eles levaram-nos, um de cada vez. Fazendo os outros assistirem. Algumas vezes era Emile e os Banes mais velhos. Nós éramos acorrentados na forma humana e eles atacavam, dentes e garras rasgando. Suficiente para fazer você sangrar, mas não para matar você. Outras vezes os Protetores vinham e convocavam os espectros. Os espectros eram piores que os Guardiões. Muito piores. É como se eles engolissem você inteiro e você ficasse preso dentro; você sente sua carne se despedaçando. É como ser comida vivo lentamente... tão lentamente. Por um tempo você apenas grita. Então você desmaia. Quando você acorda, eles se foram. Mas um par de horas mais tarde eles voltam e acontece tudo de novo. Eu podia ouvir Bryn e Fey gritando algumas vezes.

Eu abaixei minha cabeça, lutando com imagens de Bryn contorcendo-se envolta de faixas de sombras pretas. Adne balançou-se em seu pés, Connor deslizou seu braço em torno de sua cintura, equilibrando-a.

— Eles perguntaram alguma coisa a você? — Monroe perguntou. — O que eles queriam de você?

— Eles queriam saber onde Calla estava. — Ansel disse. — E eles continuaram perguntando sobre o Herdeiro. Eu não sei o que eles queriam dizer.

— Eles queriam dizer Shay. — eu disse. — Shay é o Herdeiro.

O sorriso de Ansel estava sombrio. — Eu sei disso agora. Eu sei que eles o queriam morto. Algumas coisas se encaixaram no lugar enquanto eles continuavam a fazer perguntas.

— E sobre Renier? — Monroe perguntou. Suas mãos repousavam sobre a mesa, fechadas em punhos apertados.

— Eles nos trouxeram para fora da cela dentro de uma grande sala. Tudo era novo e brilhante como um hospital. Exceto essa sala. Era escura e velha. Eu senti como se nós fôssemos para uma prisão no calabouço dentro de um castelo. E todo mundo estava lá.

— Todo mundo? — Eu perguntei.

— Todos os Guardiões. Mais de uma centena de nós e todos os Protetores com seus espectros. Eles estavam todos olhando uma pilha de pedras edificadas. Como um palco ou um altar.

Um altar.

Não, não. Ren não. Por favor, Ren não.

— Ren estava no altar? — A voz de Monroe balançou. Eu olhei para ele, sobressaltada que o medo dele fosse o mesmo que o meu.

— Não. Ele estava atrás do altar com Emile e meu pai. — Ansel disse, e então virou seu olhar para mim.

— Minha mãe estava no altar.

Eu estava em pé, apesar de meus músculos tremendo mal me sustentarem. — O que?!

Um sorriso vazio retornou ao rosto de Ansel.

— Surpresa?

— Como você pode perguntar isso? — Eu gritei. — Mamãe não tinha nada a ver com isso.

— Mas ela é a alfa fêmea. — Ansel disse. A calma em sua voz aterrorizou-me quase tanto quanto as suas palavras. — Era suposto ela lhe ensinar o seu lugar.

Meu lugar. Todas as coisas que eu tinha odiado sobre meu destino. Outra razão por que eu tinha fugido. Era quase tão ruim quanto a ameaça de perder Shay.

— E ela falhou. — Ansel sussurrou. — Isto foi o que Lumine disse. Ela falhou em cumprir o seu dever.

Eu afundei no banco, não hesitando quando Shay puxou-me para seus braços. — O que eles fizeram com ela?

— Eles deixaram Emile matá-la, enquanto papai ficava em pé lá.

Meus membros viraram geléia. Eu teria caído do banco sem Shay segurando-me.

Monroe olhou para Adne, que estava muito pálida.

— Eles assassinaram sua mãe? — ela sussurrou.

Connor puxou-a mais perto, murmurando em seu ouvido. Lágrimas escorriam sobre suas bochechas, mas ela não fez nenhum som.

— Eles disseram que seriam ambos punidos como alfas. Ela morreria porque você fugiu. Papai perderia sua companheira.

Eu sufoquei um soluço, meus olhos estavam queimando e minhas lágrimas borravam o rosto de Ansel.

Minha mãe. Eles mataram minha mãe por minha causa. Que tipo de monstro eu sou?

— Mas eles deixaram o alfa Nightshade viver? — Silas perguntou. Ele estava tomando notas e eu queria roer seus dedos fora. Lentamente.

— Já não há um alfa Nightshade. — Ansel disse.

— O que você quer dizer? — Shay puxou-me mais forte contra ele. Eu me sentia entorpecida, incapaz de mover-me.

— O resto da punição. — Ansel disse. — Os Protetores dissolveram o clã Nightshade. Emile é o único alfa agora. Ele tem estado liderando ambos os clãs. Efron e Lumine disseram-nos que essa seria a nova ordem. Os Banes tinham provado mais lealdade e eles reinariam sobre os Nightshades até os Nightshades demonstrarem sua lealdade.

— Mas como eles poderiam fazer isso? — Ethan perguntou.

— Era suposto eles trazerem ele de volta. — Ansel apontou para Shay. — Esta é a nova diretiva. Os Guardiões foram ordenados achá-lo e retornar para os Protetores.

Quem quer que consiga vai obter um ato de generosidade. Se for um Nightshade, esse lobo vai tornar-se o novo alfa e liderar um clã.

— Mas isso é impossível. — eu disse. — Alfas não podem ser promovidos, eles nascem. Enquanto nosso pai estiver vivo, ele é o alfa Nightshade quer os Protetores o reconheçam ou não.

— Diga isso aos Protetores. — Ansel olhou para mim.

— Isso pode funcionar a nosso favor. — Ethan murmurou. Ele pegou o olhar de Connor e Connor assentiu.

— Como? — eu perguntei. — Como isso poderia ajudar-nos? Nós vamos ser caçados.

— Isso poderia... — Connor começou, mas Monroe interrompeu.

— Espere. — ele disse. — Ansel, e Renier Laroche? — Ansel suspirou, baixo e longo. — Eles chamaram ele de traidor, como Calla. Eles fizeram ele ajoelhar-se diante do altar.

De algum modo, eu encontrei minha voz, um sussurro rouco.

— Eles o mataram?

Ansel balançou sua cabeça e algo dentro de mim que eu pensei que estava morto voltou à vida novamente.

— O que aconteceu? — Monroe perguntou, seus punhos cerrados relaxando um pouco.

— Eles disseram que sua traição foi culpa de Calla. Que as mulheres não podem ser confiáveis. Que as mulheres nasceram para seduzir e enganar. Que Calla enganou Ren. Que ele estava apenas tentando salvar a companheira que ele acreditava amá-lo.

A companheira que ele acreditava amá-lo. Eu tinha me apaixonado por outra pessoa, mas Ren era ainda parte de mim. Nós compartilhamos algo que não poderia nomear. Isso era amor também? Culpa perfurou-me como mil agulhas em minha pele. Eu me obriguei a endireitar-me, soltando os braços para longe de Shay.

Silas balançou a cabeça. — Hum, sim. O destino de Eva. Isso é um toque agradável.

— Silas eu juro que eu vou quebrar a sua mandíbula se você disser mais alguma outra coisa. — Connor disse, aumentando seu agarre nos ombros de Adne.

— Não há nada errado em compreender as escolhas de seu oponente. — Silas disse arrogantemente. — Se nós não os examinarmos, não vamos antecipar o próximo movimento deles.

— Deixe, Connor. — Monroe disse. — Silas, agora não é hora.

Silas resmungou baixinho enquanto Connor continuou a olhar para ele.

— Eles deixaram um espectro com ele. — Ansel estremeceu. — Muito mais tempo do que eu já tinha visto. Quando estava terminado, eu não podia acreditar que ele ainda estava consciente. Eles disseram que ele poderia escolher sua sorte. Que ele ainda controlava seu destino.

— Qual foi sua resposta? — perguntou Monroe.

— Depois do espectro ele não podia falar. Eu fiquei surpreso que ele tenha mesmo sobrevivido a isso. Ele aguentou tanto tempo... — Ele enrolou-se em si mesmo, fazendo um som suave de ânsia.

Frio apoderou-se de mim, como geada formando-se em meus ossos. Meus membros estavam tremendo fora de meu controle.

Minha mãe está morta. Ren torturado. E é tudo minha culpa.

— Eles o levaram embora. — Ansel limpou a saliva para longe de sua boca. Ele tentou tomar um gole de chá, mas o copo balançou demasiado violentamente em seu agarre. — Eu não sei onde. Mas se ele não der a resposta que eles querem ouvir, eu estou certo que eles vão matá-lo.

Monroe fez um som baixo de aflição. Seus olhos moveram-se para as chamas na lareira, sua mente indo para um lugar longe daquela sala.

— E então eles trouxeram-me para o altar. — Ansel disse.

Eu estendi minhas mãos através da mesa, esperando que ele as pegasse nas deles. Ele olhou para minhas palmas viradas para cima e então olhou para longe. Eu puxei minhas mãos vazias de volta, sentindo-me oca por dentro.

— Lumine disse que as crianças de Naomi Tor não podiam ser confiáveis. — Ansel disse. — Ela colocou suas mãos em minhas bochechas. Eu pensei que eu estava sendo rasgado em dois. Eu ouvia a mim mesmo uivando, vi minha forma de lobo flutuando em frente a mim e então ela estava em chamas. Queimando, queimando. A pele em fumaça. Eu podia cheirá-la, senti-la sendo queimada viva. E então o lobo era

cinza. Lumine agitou suas mãos e as cinzas sopraram para longe. Eu sabia. Eu podia sentir que o lodo tinha ido. Eu não era nada.

— Estar vivo não é nada. — Monroe tinha vindo atrás dele. Ele colocou sua mão no ombro de Ansel. Ansel estremeceu, mas não se afastou. — Nós somos apenas humanos e nós achamos que vale a pena viver.

— Eu não sou humano. — Ansel disse. — Eu sou um Guardião. Eu era um Guardião. Eu não sei o que sou agora.

— Eu podia transformá-lo de volta. — eu disse de repente. — Você poderia ser um Guardião novamente.

— Não. Eu fui desfeito. — O rosto de Ansel contorceu-se com raiva. — Isso é o que Lumine disse. Ela contou a todos eles. Eu posso ser apenas recriado através de Magia Antiga. Um Alfa não pode transformar-me. Eu estou amaldiçoado.

— Nós vamos ajudar você. — Monroe disse. — Nós podemos ensinar a você outras formas de lutar. Você não tem que ser um lobo para ser forte.

— Essa guerra teria terminado há muito tempo atrás se somente os lobos fossem fortes. — Ethan murmurou.

— Eu não quero lutar de nenhuma outra forma! Eu quero ser um lobo novamente. — Ansel virou para Monroe, uma febre queimando em seus olhos. — Você pode fazer isso? Eu sei que vocês têm magia.

Monroe estava em silêncio.

— Você disse que queria me ajudar. — Ansel estava frenético. — Isso é o que eu preciso. Calla, faça eles me ajudarem.

— Nós não fazemos Guardiões. — Monroe disse finalmente.

— Nós não alteramos a natureza.

— Sobre o que vocês estão falando? — Eu perguntei. — A natureza de Ansel é a de lobo. O que não é natural é o que eles fizeram com ele.

— Este pode ser o caso. — Monroe disse. — Mas francamente, nós não temos os meios para desfazê-lo. Nós não vamos destruir outra criatura para fazê-lo inteiro de novo.

— O que você quer dizer com destruir outra criatura? — Shay perguntou.

— Nós temos que tirar a essência de outro lobo, matando o animal no processo, para dar o que seu irmão quer.

Minha pele arrepiou. — Eu não entendo.

Silas ergueu os olhos de suas notas. — Guardiões foram criados por anos de experimentação com as leis do mundo natural. Os Protetores sempre gostaram muito de dobrar a natureza a sua vontade. Guardiões foram uma das primeiras demonstrações do poder que eles ganharam pela aliança com o Submundo. Eles pegaram os animais e pessoas, tentando por anos misturar os dois e criar o guerreiro supremo. Houve muitas, muitas falhas. Corpos lacerados, criaturas mutiladas que não se ajustaram a esse mundo ou qualquer outro. E então lá estavam os Guardiões. Mas a criação, as criaturas, elas são abominações contra a natureza em si mesma. Uma das muitas razões para os Rastreadores lutarem contra os Protetores.

Eu olhei para ele. — Você acabou de me chamar de abominação?

Silas olhou-me de cima a baixo. — Sim, sim eu chamei.

— Isso é o suficiente, Silas. — Monroe disse.

Minha pele parecia como insetos rastejando sobre mim, picando, mordendo, deixando minha carne crua. — Esta é realmente a forma em que os Guardiões foram feitos pela primeira vez?

Eu pensei nas histórias que tinham sido contadas enquanto criança. O primeiro Protetor – um nobre guerreiro, ferido, morrendo, salvo apenas pela ajuda de um lobo solitário. A recompensa de ser elevado. O vínculo do serviço e amor que não podia ser quebrado.

— Sim. Eles tinham um belo conto para oferecer para você sobre sua origem? — Silas brincou, obviamente querendo dizer mais, mas ele ficou em silêncio devido a um olhar de Monroe.

— Mais mentiras. — Shay sussurrou. Ele olhou para suas próprias mãos. Eu me perguntei se ele se arrependeu de ser transformado agora que ele tinha ouvido essa verdade – que minha espécie tinha nascido não como uma recompensa por lealdade, mas como uma violenta distorção da ordem natural. Um dos primeiros atos de tantos horrores pelos quais os Protetores eram conhecidos.

— Calla, você tem que fazer alguma coisa. — Ansel sussurrou. — Mesmo se você não puder me ajudar. Antes que eles os enviem para longe, Lumine disse que eles iriam desfazer o resto do clã, um por um, como um exemplo. Você não pode deixar que isto aconteça. Eles são seu clã.

Eu não podia falar. Minha língua parecia tão grossa quanto algodão molhado em minha boca e estava me sufocando. O que eu poderia fazer? Todas as escolhas que eu tinha feito tinham destruído meu mundo. Minha mãe estava morta, meu irmão uma casca esmagada do menino que tinha sido uma vez. E para quê? Shay e eu estávamos seguros, mas nós nada fizemos de bom. Eram os Protetores ao menos uma ameaça? Minha cabeça doía. Eu coloquei minhas mãos nas minhas têmporas, tentando colocar ordem através do caos da dúvida.

— Nós não vamos deixar isso acontecer.

Eu levantei meu rosto para as palavras de Monroe. Seu rosto era sombrio. Sua mandíbula endurecida.

— Nós vamos salvar seu clã.

Capítulo 15



Eu achava que não podia ficar com mais frio, mas quando as palavras de Monroe assentaram em torno de nós, eu poderia ter jurado que a temperatura caiu na sala.

Shay foi quem limpou a garganta, falando lentamente. — O que você quer dizer, vamos salvar o clã dela?

Monroe não respondeu.

Shay não olhava para mim. — Eu odeio dizer isso, mas Ren obviamente sabia o risco que ele estava tomando quando ele fez essas escolhas, o que significa que ele entende o objetivo final. Ele estava disposto a fazer esse sacrifício.

— Sacrifício? — Eu odiava a frequência com que a palavra estava surgindo na minha vida. Minha mãe tinha sido sacrificada. Meu irmão parecia pensar que estaria melhor se ele tivesse sido morto também. Eu não podia suportar o pensamento de que Ren em breve estaria entre as baixas que eu tinha criado salvando Shay.

— Não. — Eu olhei para eles. — Ren não é um sacrifício. Nós vamos para Vail buscá-lo.

Ansel estava acenando mesmo apesar de continuar balançando para a frente e para trás onde estava sentado. Shay se recusava a encontrar os meus olhos.

— Vamos para Vail fazer o quê? — Shay perguntou. — Para sermos mortos? Veja o quão bem correu sua última viagem!

— Shay. — disse Monroe. — Não podemos deixar os jovens lobos para os Protetores. Seria cruel. Poderíamos ainda trazer alguns deles de volta, salvar esta aliança. Simplesmente não vai acontecer tão rapidamente quanto esperávamos.

— Eu não estou tentando ser cruel. — disse Shay. — São vocês que continuam dizendo que isto é uma guerra. Guerras fazem vítimas.

Monroe manteve os olhos em Ansel. — Eles são crianças. É diferente.

— Crianças? — A risada de Shay foi dura. — Estamos falando sobre outro alfa. Eu sei que a Calla é jovem, mas eu não iria chamá-la de uma criança. Renier Laroche não é diferente. Ele sabia o que estava fazendo. Assunto encerrado.

— Como você pode dizer isso? — Eu olhei para Shay. — A única razão pela qual ele poderia morrer é porque ele estava tentando nos salvar!

— Estou sendo honesto. — ele respondeu friamente. — Se nós formos para Vail, será um banho de sangue. Você não pode correr esse risco. Eu não vou deixar.

— Não vai deixar! Quem diabos você pensa que é? — Sangue rugiu em minhas veias, meus dentes estavam tão afiados que perfuraram a superfície da minha língua enquanto eu gritava.

Virei-me para enfrentar Monroe. — Nós não podemos deixá-lo!

Monroe segurou minha mão. — Nós não vamos deixá-lo, Calla. Você tem a minha palavra.

— Como você pode dizer isso? — Shay estava gritando agora. — O que poderia justificar uma missão suicida como esta?

— Ele ama Calla. — Monroe disse calmamente. — Ele já arriscou a vida para salvá-la. Ele não vai traí-la. Ele vai morrer por ela.

Culpa rasgou minha barriga como uma faca. Shay jurou baixinho.

— Você não pode saber disso. — disse ele, os punhos cerrados a seus lados. — Ele é um Guardião. Eu vi o que eles podem fazer. Li sua história. Eles seguiram os Protetores sem duvidar por séculos. Ren é um deles.

Monroe se virou para Shay, sua mandíbula apertada. — Ele não é apenas um Guardião. Ele é o filho de Corrine. Ela mudou de ideia. Ele também vai.

— Corrine está morta. — Shay assobiou. — Esqueça sua história de amor, velho.

Um estalo sólido soou quando o punho de Monroe atingiu a mandíbula de Shay e o mandou deslizando pelo chão. Adne engasgou e se agachou ao lado de Shay onde ele tinha caído. Ethan veio para o lado de Monroe, com os lábios finos e olhos misteriosos.

— Vamos, pai. — Adne murmurou. Ela devia estar bastante chateada porque eu nunca a tinha ouvido chamar Monroe por outra coisa senão o seu nome. — Por favor, seja razoável. Shay está apenas com medo por Calla. Ele a ama também.

Mude isso para realmente chateada. Essa foi a primeira vez que ela reconheceu os sentimentos de Shay por mim. Poderia ter sido reconfortante, mas eu estava muito irritada com Shay para que as suas palavras me afetassem. Mesmo que fosse porque ele me amava, ele não tinha o direito de me impedir de ajudar o meu clã.

— Estamos claramente além da razão. — resmungou Shay, e esfregou o queixo enquanto Adne o ajudava a levantar.

— Sinto muito. — Monroe balançou a cabeça lentamente, olhando para seu punho ainda apertado.

Connor olhou uma vez para a minha expressão surpreendida e se moveu para ficar entre mim Monroe, Adne e Shay.

— Ouçam. — disse ele. — A última coisa que precisamos é de nos chatearmos entre nós. Estamos todos do mesmo lado.

— Você poderia ter me enganado. — Shay murmurou.

— Acalme-se, Escolhido. — Connor sorriu ironicamente. — Se você está falando sério sobre alterar as coisas, sobre tornar o mundo melhor, temos que ajudar os Guardiões. Suas vidas são o inferno, temos que tirá-los de lá. E Monroe está certo. Mesmo conseguindo salvar apenas alguns poderiam ser os primeiros passos para uma aliança. Temos que começar em algum lugar.

Monroe assentiu.

— Ethan. — disse Shay. — Ajude-me aqui.

— Eu sei que você é o Herdeiro e tudo isso, garoto. — Ethan murmurou. — Mas eu acho que Monroe e a garota lobo estão certos. Devemos ir, e logo.

— Você é a última pessoa que eu esperava assinar ‘Pessoas pelo Tratamento Ético dos Guardiões’. — Connor riu.

Ethan sorriu para Connor antes de olhar para Ansel, que ainda estava curvado, lamentável, apertando e relaxando os punhos. — Eu acho que posso tê-los julgado mal.

— E como você propõe que os ajudemos sem perder tudo? — Shay perguntou, esfregando a mandíbula machucada.

Meu coração pulou uma batida, quando todos os Rastreadores olharam para mim. Mas foi Adne quem falou.

— Eu.

— O quê? — Monroe saiu do seu devaneio triste para olhar para ela, seus olhos afiados e alarmados.

— Extração Stealth⁸ pouco antes do amanhecer. O que ainda nos dá algumas horas para nos prepararmos. Leve uma equipe pequena. Eu vou abrir uma porta interior.

— Não. — O rosto de Monroe empalideceu.

— Cada Tecelão tem que criar com sucesso uma porta interior, a fim de assumir um cargo. — disse ela. — Eu passei todos os exames. Você tem meus papéis. Eu posso fazer isso.

— O que é isso? — Shay franziu o cenho.

Ethan sorriu para Adne. — Garota inteligente.

— Não. — disse Monroe novamente, dando um passo em direção à sua filha. — Portas interiores são apenas para emergências. Elas não são feitas para serem usadas por uma equipe de ataque.

— O que é uma porta interior? — Eu perguntei.

Adne me encarou, os olhos brilhantes. — Isso é o que chamamos a um portal que é aberto em um lugar que o Tecelão nunca viu anteriormente. Você tem que criar a porta com base em sua própria imagem mental do lugar alvo com apenas informações incompletas como base.

Voltou-se para Monroe. — Neste caso, oferece o elemento perfeito de surpresa, o que precisamos.

— É contra o protocolo. — disse Monroe. — Eu não vou permitir isso.

⁸ *Stealth*, do [inglês](#), significa "disfarce", "camuflagem" ou até "invisibilidade". A tecnologia stealth é usada para ocultar navios e aviões em terreno inimigo, neste caso será uma extração que passará indetetável.

— O protocolo é imbecil. — Adne disse. — Eu posso colocar uma equipe dentro e fora. É o único jeito.

Ela olhou para Monroe. — Teria salvo Stuart e Kyle.

A mandíbula de Monroe se contraiu, mas ele não falou.

Connor pôs a mão no ombro de Adne. — Esse é um grande risco, garota. Você tem certeza disso?

Ela concordou, mas Monroe balançou a cabeça. — Proíbo qualquer discussão sobre este assunto. Está fora de questão. Proteger a Tecelã é a principal prioridade de uma equipe.

O riso de Adne foi arrogante. — Você estava disposto a jogar tudo fora cinco segundos atrás. Isto não é sobre o protocolo, é sobre mim. Desista, Monroe. Estou oferecendo-lhe a única estratégia possível e você sabe disso.

Monroe olhou para ela, com os olhos apertados.

A voz dela ficou mais baixa. — Por favor, eu posso fazer isso. Deixe-me ajudá-los.

Ethan olhou para Monroe. — Ela está certa. É a única maneira que isso pode funcionar. Provavelmente vai ser um total desastre à mesma.

— Teria que ser uma equipe muito pequena. — Connor disse, com os olhos em Adne.

— O quão pequena? — Shay franziu o cenho para ele. — Quero dizer, sem contar conosco aqui agora.

— Você não vai. — disse Connor secamente. — Você é o Herdeiro. Se você morrer, todos nós morremos.

Monroe expulsou um longo suspiro. — O Herdeiro não vai. Adne, você pode abrir uma porta perto do Eden, mas não dentro.

— Mas isso pode não ser suficiente. — ela rebateu.

— Uma porta dentro do clube seria suicídio. O risco de que perderíamos e de que ambos a Tecelã e o portal ficariam comprometidos é muito grande. — disse ele. — E nós acabamos de aprender sobre a localização deste local de detenção. Você estaria

indo no escuro. Eu não vou arriscar. Do outro lado da rua onde ele está ou em um beco. Vamos seguir a partir daí, fazemos a extração, e saímos de novo.

— Quem vai? — Shay perguntou. Ele não parecia feliz, mas a indignação havia fugido de seus olhos.

— Somente voluntários. — disse Monroe. — Isso não está vindo da Arrow. Isso é pessoal. Nós não vamos voltar para a Academia, o ataque vai acontecer uma hora antes do amanhecer. Quem for, deve descansar um pouco ou o fazer o que precise antes de partirmos.

Ethan limpou a garganta. — Eu vou.

Eu não consegui conter meu bufo de descrença.

Ele me ofereceu um sorriso frio. — Eu posso não gostar de você, loba, mas lamento quase ter matado o seu irmão. E esses bastardos mataram o meu. Eu gostaria de fazer uma rachadura em sua armadura... e irritá-los ao salvar os seus prisioneiros.

Monroe franziu a testa para ele, mas Ethan encolheu os ombros. — Como você disse, Monroe. Isto é pessoal.

— Tudo bem, Ethan. Você vai e eu vou.

— Dois? — Shay ficou boquiaberto com ele. — Você só vai levar dois?

— Não. — Monroe sorriu para ele e depois olhou para mim. — Vamos levar uma Guardiã alfa conosco. Que deve ser toda a força que precisamos para uma extração stealth.

— Não leve Calla. — disse Shay. — Eles querem matá-la. É muito perigoso.

Levantei-me, arreganhando os meus dentes para ele. — Você se lembra de quem eu sou? Eu não preciso que você me proteja!

Quando ele encontrou o meu olhar, minha indignação se dissolveu. Seus olhos estavam cheios de medo... e de amor. — Eu sei.

— Precisamos dela para nos ajudar a encontrar o seu clã. — Monroe afirmou. — Ela tem que ir.

Os ombros de Shay caíram, mas ele balançou a cabeça.

— Eu vou também. — disse Connor, de repente. — Se vai ser a última festa, com certeza não quero faltar.

— Está resolvido, então. — disse Monroe. — Silas?

— O quê? — O Escriba tinha estado a meditar sobre suas notas.

— Posso confiar em você para não relatar a Anika... pelo menos ainda não? — Monroe perguntou.

Ele começou a escrever novamente, mas acenou com a cabeça. — Eu vou fazer um acordo com você. Descubra como eles descobriram o Grant e eu não irei para a Arrow. O relatório que posso fazer agora é esparso na melhor das hipóteses.

— Obrigado. — disse Monroe. — Ethan, vamos falar sobre logística. Isaac, você poderia arrumar algo para esse garoto comer? Connor...

— Já estou nisso. — Connor disse, indo em direção à porta. Ele olhou por cima do ombro para Adne, Shay, e eu. — Vamos, jovens, não vou ser capaz de transportar tudo sozinho.

Olhei para Ansel, mas ele voltara a olhar para suas mãos e a estremecer. Melhor deixá-lo sozinho no momento. Eu queria ajudá-lo, mas se eu estava prestes a ir para uma luta, eu precisava de foco. Olhar para Ansel fazia meu interior se apertar. Tudo o que eu podia ver era como ele estava quebrado e uma visão do corpo da minha mãe sangrando em um altar. Engoli a bile e levantei-me para seguir Connor.

Adne já estava saindo da cozinha.

— Carregar tudo o quê? — Shay se levantou.

— Armas. — Connor sorriu e caminhou através da porta.

Capítulo 16



— Armas? — Repetiu Shay, assistindo enquanto Connor marchava pela sala de treinamentos.

— Oh, vá atrás dele — gemeu Adne — Garotos e seus brinquedos. E dizem que são adultos.

— Do que você está falando? — perguntei, sentando-me no degrau ao lado dela — Ele já não tem suas espadas?

— Apenas duas — disse Adne.

— Duas não são suficientes? — Shay murmurou enquanto seguia Connor.

No lado oposto da sala havia uma porta estreita. Connor destrancou-a e nós o seguimos. A escuridão nos engolfou, uma vez que a sala não tinha janelas. Franzi a testa, balançando a cabeça, quando um estranho zumbido pareceu encher minha mente.

— Ai! — Connor gritou — Maldição. Acho que Silas deixou seus manuais de treinamento no chão outra vez. Agora onde está a estúpida luz...?

— Aqui. — Adne chamou, e no momento seguinte uma luz sombria vinda de uma lâmpada nua inundou a sala.

Eu engasguei e Shay assobiou. As quatro paredes da sala estavam cobertas de armas, do chão ao teto: espadas perversamente curvadas, que iam do tamanho de um punhal até a altura de um homem de tamanho normal; adagas com lâminas viciadas e irregulares; machados de lâminas únicas ou duplas; maças e clavas; lanças e armas de cabo longo, para combate homem a homem. Todas as armas brilhavam, mesmo com a luz deficiente.

A sala pulsava com a Magia Antiga; esta se derramava das armas encantadas enchendo a sala, fazendo o ar ao nosso redor vibrar com poder. Meu assombro deu lugar a uma torção nauseante em minha barriga. Olhar para as armas me fez recordar que os Rastreadores passavam a vida aperfeiçoando maneiras de matar Guardiões. E era dessa maneira que eles o faziam. Como se recebesse uma deixa, meu ombro latejou. Os músculos pareciam se lembrar dos danos causados por estas armas.

— Olhe para isso — Connor disse, chutando vários textos espalhados pelo caminho — Se Silas ama tanto estes livros, por que os deixa jogados por aí?

— Silas treina aqui? — eu ainda olhava para as armas, mas o pensamento do Escriba usando qualquer daquelas armas era bizarro. — Pensei que Escribas não combatessem.

— Eles não combatem, mas todos os Rastreadores aprendem a lutar. Cada um de nós faz um rodízio em um posto avançado — murmurou Connor — Mesmo Escribas. Incluindo os inúteis.

— Ele não é inútil. Apenas esquecido — Adne cruzou a sala e subiu uma escada que dava acesso às armas que estavam penduradas no topo da parede. — O que você quer?

— Pegue o gládio⁹ francês — Connor disse — e traga um par de kataras, também.

— Você é tão previsível — Adne disse, puxando armas de seus ganchos. Uma parecia ser uma espada curta padrão, mas o par de lâminas mirradas que ela pegou a seguir não me eram familiares.

— Eu sei do que gosto — Connor sorriu, pegando a espada que ela jogava em suas mãos.

⁹ A espada utilizada pelas legiões romanas. Era uma espada curta, de dois gumes, de mais ou menos 60 cm, mais larga na extremidade. Era muito mais uma arma de perfuração do que de corte, ou seja, devia ser utilizada como um punhal, ou uma adaga, no combate corpo-a-corpo. Diz-se que era capaz de perfurar a maior parte das armaduras.

— Quantas lâminas você carrega? — Shay perguntou enquanto Connor recebia mais duas adagas das mãos de Adne.

— Depende — Connor replicou — Acho que seis é o ideal. Talvez sete.

— Ethan e Connor acham que sua masculinidade é igual à quantidade de aço que eles têm sob a roupa. — Adne riu — Acho que estão tentando compensar alguma coisa.

— Espere aí! — Connor disse.

— Uma vez eles competiram para ver quem poderia carregar mais de uma vez — Adne falou.

— Quem venceu? — perguntei.

— Eu. — respondeu Connor. — Vinte e duas.

— Mesmo? — as sobrancelhas de Shay se ergueram. Ele começou a avaliar os vários tamanhos e formatos de armas na parede.

— Ótimo. — Adne revirou os olhos — Parece que vocês têm um novo desafiante.

Connor balançou a cabeça.

— Eu não recomendaria, Shay. Quando passa das quinze, você começa a ser espetado de maneiras bem desagradáveis a cada movimento.

— Levarei isso em consideração. — Shay sorriu.

— Além do mais — Ethan estava encostado no batente da porta — Connor trapaceou. Punhais não são lâminas de verdade.

— Um dentro do olho ou preso embaixo da garganta mata muito bem. — Connor disse.

— Ainda assim é uma arma feminina e você sabe disso.

— Eu sei que você não está desrespeitando as garotas — Adne lançou-lhe um olhar penetrante — Porque isso poderia ser perigoso para a sua saúde.

— Claro que não. — Ethan falou — Apenas desrespeitando Connor.

— Você só está irritado porque perdeu. — Connor ergueu uma espada contra a luz — Esta aqui precisa ser afiada.

— Você deveria cuidar melhor de suas armas. — disse Ethan, ignorando o gesto de Connor e falando com Adne — Então esta é a sala verde hoje à noite?

— Parece que é no que está se transformando — disse Adne — Você precisa de mais flechas? E um alvo para praticar enquanto esperamos?

— Você sabe. — ele sorriu.

Enquanto Adne reunia mais lâminas e Ethan vasculhava algumas caixas de armazenamento, Shay se aproximou de mim e enfiou as mãos nos bolsos.

— Me desculpe pelo que eu disse lá atrás.

Cerrei os dentes, lutando contra a raiva, mas não querendo perder as estribeiras com ele.

— Eu só não quero perder você.

Assenti, mas não olhei para ele. Mesmo se fosse por amor, eu me ressentia de suas palavras. Eu não as merecera. Ou Ren. Meu peito estava apertado, pensando em Shay e no alfa Bane. Perguntei-me se eles jamais seriam capazes de lutar juntos.

Shay estava olhando para mim pelo canto do olho. Balançou a cabeça e suspirou.

— Você está bem? — perguntei, engolindo o restante da minha raiva.

— Estou — murmurou ele — Apenas pensando.

Ele olhou para mim e suspirou novamente. — Então ele vai voltar.

— Quem? — perguntei, observando o cintilar do aço enquanto Connor brandia as armas.

— Ren — Shay disse, e com aquele nome pairando entre nós, ele tinha toda a minha atenção. — Quer dizer, se isto funcionar. Ele estará aqui. Conosco.

Desviei o olhar.

Ren.

Ren estaria aqui. Não pude ignorar a onda de calor em minhas veias ao pensamento de que ele estaria seguro. E que ele estaria perto de mim.

— O que isso significa? — Shay pressionou.

— Eu não sei — eu disse, honestamente, adiantando-me para inspecionar a parede de ornamentos mortais.

Ele agarrou minha mão.

— Calla, espere.

Quando me virei para encarar Shay, seus olhos estavam brilhantes como folhas de primavera cobertas de orvalho.

— Não quero falar sobre isso, Shay. — murmurei. — Tenho coisas mais importantes em que pensar. Como não morrer.

— Você não tem que falar. — ele disse — Apenas ouça.

Suas mãos se ergueram, segurando meu rosto.

— Não me importa que Ren esteja aqui. Certo, é mentira. Só a idéia dele perto de você me deixa louco. Não posso pensar claramente e tudo o que eu sinto é o lobo dentro de mim. É por isso que eu disse...

Um rosnado surgiu em sua garganta e pude ver o lobo lampejar em seus olhos, predador e defensivo. — Não importa. Juro que tudo o que eu quero é ajudar o clã. E também não quero que nada de mal aconteça a Ren... bem, a maior parte do tempo. Tudo o que me interessa somos eu e você. As coisas tem sido diferentes entre nós desde que estamos sozinhos. Pelo menos eu gostaria que estivessem.

Eu não queria olhar para ele. Meu coração parecia estar se jogando contra minha caixa torácica, como se estivesse tentando escapar dessa conversa.

— Você não está em Vail. — ele continuou — As regras mudaram. Vou lutar para ser aquele que estará ao seu lado.

Mudaram? Eu não sabia se essas regras ainda se aplicavam ou qual era meu lugar naquilo.

— Shay... — tentei me afastar, mas a mão dele deslizou ao redor de minha cintura e me manteve no lugar.

— Diga que não é o que você quer e eu vou embora — ele disse, inclinando-se de modo que seus lábios roçaram minha face.

Minha garganta se fechou. Eu queria dizer que o amava. Era verdade. De um jeito que eu pensava ser impossível antes que ele entrasse em minha vida. Ele merecia saber disso. Ele deveria ser assegurado de que seus sentimentos eram completamente correspondidos. Mas eu não confiava mais em mim mesma. Não depois da história de Ansel. Eu trouxera tortura e morte às pessoas que eu amava. Minha mãe fora morta. Meu clã ainda estava em perigo, meu irmão mutilado e odiando a si mesmo. Tudo aquilo era minha culpa. Como eu poderia responder? Quando eu fazia escolhas por mim mesma, elas destruíam todos a quem eu amava. O que eu realmente tinha a oferecer a Shay, quando tudo o que eu trazia comigo era carnificina?

— O que vocês dois estão cochichando aí? — Adne chamou de onde estava encarapitada. — Aqui, peguem!

Ela arremessou uma espada para Shay. Me encolhi, mas ele se adiantou, agarrando facilmente sua empunhadura.

— Para que isto? — ele perguntou — Eu nem vou com vocês.

— De que outra maneira passaremos o tempo antes que Monroe nos mande sair?

— Sei que não vou dormir — Connor disse — Não está afim de uma pequena luta, Shay? Só porque você vai ficar para trás não significa que não possa dar alguns golpes por diversão.

— Acho que sim.

Tive uma visão de presas afiadas quando Shay rosnou para Connor.

— Quer uma, Calla? — Adne gesticulou para a parede de armas.

— Não, obrigada. — disse eu, olhando para a miríade de reluzentes machados, espadas e dúzias de outras armas que não saberia nomear. — Usarei meus dotes naturais.

— Esses você possui... em abundância — Connor mexeu as sobrancelhas para mim.

Quando eu sorri, mostrando dentes afiados, ele parou de rir.

Ethan riu, sorrindo para mim pela primeira vez.

— Boa garota.

Ao meu lado, Shay virava e mergulhava a espada, testando-a.

— O que você acha? — Adne perguntou, descendo da escada e caminhando em direção a ele.

— Não tenho certeza — ele disse melancolicamente — Gostaria de saber como é a Cruz Elemental. Seria bom praticar com algo parecido.

— Não existe nada parecido. — Connor disse, lançando punhais em um manequim utilizado para prática. Cada lâmina pousou diretamente no peito do alvo. Meu estômago revirou. *Onde aquelas lâminas se alojarão quando atacarmos Eden? Nos corações dos lobos que eu conhecia? Ao lado dos quais uma vez lutei?*

— Acho que sim. — Shay olhou para a parede. — Mas nenhuma destas será tão boa. Apenas imagino se praticar com elas será tão útil.

— Pare de insultar nossas armas, Escolhido. — Connor disse, girando rapidamente duas espadas diante de si. Dei um passo atrás, afastando-me da onda mortal de lâminas que Connor produzia tão casualmente.

— Elas não são tão ruins.

— Tenho certeza de que não são. — Shay riu. — Apenas quis dizer... — ele abriu as mãos, impotente. — Esqueça.

— Sei o que você quis dizer. — Connor sorriu. — E praticar não lhe fará mal, mesmo se não for com sua sagrada Cruz Elemental. Se um contra um é tedioso para você, talvez esteja pronto para tentar sua mão contra dois de nós ao mesmo tempo.

Shay olhou para Connor e então para Adne.

— Acho que sim.

— Não o tente, Connor. — Adne sacudiu a cabeça. — Ignore-o, Shay. Você não tem que tentar lutar com dois de nós. Isso é loucura.

— Desculpe — Connor disse — Os seus inimigos ficam em fila esperando sua vez?

— Connor — Adne pôs as mãos nos quadris.

— Não — Shay disse, franzindo a testa. — Ele está certo. Vamos tentar.

— Tem certeza? — Adne perguntou, embora um sorriso brotasse em seus lábios.

— Tenho. — Shay disse, de repente sorrindo. — Passe-me outra espada.

— Deixe-o experimentar a tsurugi. Seu punho é parecido com os Haldis.

— Entendi. — Adne voltou à parede, em busca de uma espada estreita, ligeiramente curva.

— E o que minha dama usará? — Connor perguntou.

O modo casual como ele girava as espadas diante de si demonstrava o controle fatal que possuía sobre as armas.

— Vejamos como ele se sai contra qi jie bian. — Adne falou. — É uma coisa diferente.

— O chicote? — Connor perguntou — Não é uma má idéia.

— Ele é muito bom com açoites. — estremeci, lembrando-me da noite da união. A floresta escura e o sorriso diabólico de Flynn. O modo como ela gritou quando decepei sua mão, como Shay arrebatou o chicote de seu membro amputado, no momento seguinte voltando contra ela sua própria arma.

— Existe alguma coisa em que ele não seja bom? — o sorriso de Adne era ofuscante. Prendi meus dedos às costas para não sufocá-la.

— Golfe. — Shay disse com um sorriso triste — Não tenho paciência para isso.

O ar silvou quando Connor o varreu com suas lâminas.

Adne moveu a cabeça para frente e para trás, alongando o pescoço enquanto caminhava em direção a ele. Em cada mão levava um chicote com empunhadura de madeira com sete elos de metal. A ponta de cada chicote possuía um dardo afiado. Eles eram assustadores, parecendo quase vivos, retorcendo-se no ar, guiados pelos golpes graciosos de Adne.

— Isso são chicotes? — Shay perguntou, olhando para o metal serpeante que Adne agitava facilmente diante do corpo.

As armas não se pareciam com qualquer uma em que eu já pusera os olhos.

— São, sim — ela disse, sacudindo o pulso. As correntes prateadas dispararam, e antes que pudesse piscar, o dardo estava cravado no pescoço de um manequim próximo.

—Opa! — Shay disse, dando um passo atrás.

— Nada mal — disse Adne, liberando o chicote.

— E o que são aquelas coisas? — perguntei, observando enquanto Connor prendia as lâminas curtas ao cinto.

— Aproxime-se com esses dentes enormes e eu lhe mostrarei.

Ethan bufou, erguendo sua besta.

— Jamais entenderei o porquê de você gostar de kataras.

Ele disparou quatro vezes contra um manequim com surpreendente velocidade.

Shay caminhou até o alvo.

— Como consegue atirar tão rápido? Sempre achei que bestas fossem lentas. Poderosas, porém lentas.

— Você está pensando em bestas européias. — Ethan disse, vindo para o lado de Shay e arrancando as flechas do manequim — Esta é baseada no desenho chinês. Construída para ter velocidade, não força. Possui um pente que carrega uma nova flecha após cada disparo.

Apertei os dedos em meu peito, lembrando-me muito bem de como as flechas de Ethan se haviam alojado em meu peito. Ele me lançou um olhar e assentiu.

— Se você não é capaz de atingir Guardiões rápida e repetidamente, está morto.

Connor olhava a arma de Ethan com desdém.

— Eu morreria de tédio usando essa coisa.

— Força bruta não é o único jeito de lutar — Ethan replicou.

— Você só tem medo de sujar as mãos.

Connor puxou uma das kataras de seu cinto. Seus dedos se apertaram ao redor do punho, que corria horizontalmente em direção à lâmina larga e curta.

— Sangrenta. — Adne disse, olhando para a arma. — A palavra que você está procurando é ‘sangrenta’.

Connor lançou-lhe um olhar de soslaio, sacando a outra katara. Num piscar de olhos seu corpo tornou-se um borrão. Ele saltou pelo ar, desviando-se do manequim, indo pousar agachado atrás do alvo.

Shay assobiou, olhando para o emaranhado de talhos profundos que Connor havia deixado no alvo de práticas nos poucos segundos em que estivera próximo a ele.

Tossi. — Ninja.

Shay olhou em minha direção, dando-me um sorriso fraco.

— Exibido. — Ethan riu — Não poderia dizer que ele já estava morto? — ele ergueu as flechas que acabara de retirar do manequim.

— Não eram vocês quem deveriam estar se exibindo — Adne falou.

— O que é isso? — Ethan perguntou.

— Shay precisa de treino. — Adne sacudiu o chicote, que se enrolou e desenrolou como uma serpente metálica.

Shay coçou a nuca, parecendo um tanto desconfortável.

— Talvez não devêssemos.

— Ora, vamos — Connor disse — Tenho certeza de que você ficará bem. E estou louco para me desafogar antes de pôr em prática a loucura que estamos prestes a cometer.

— É uma idéia. — Shay remexeu os ombros para trás. — Estou meio nervoso também.

Ethan riu.

— Não se preocupe. Serei o árbitro e garantirei que esses dois não joguem sujo.

— Você não é nem um pouco divertido. — Connor disse, trocando as kataras por suas espadas habituais.

— Estamos prontos? — Adne perguntou.

— Sempre. — Connor sorriu.

Shay assentiu, olhando os dois Rastreadores que lentamente começaram a circundá-lo. Eu podia ver as veias de sua garganta saltarem, começando a pulsar à medida que os dois se aproximavam. Os chicotes de Adne o alcançaram primeiro,

voando baixo, atingindo-o nos tornozelos. Shay esquivou-se do golpe tão facilmente como se estivesse pulando corda. Mas quando ele aterrissou novamente, Connor veio para ele, suas espadas não mais se movendo em uma dança casual, mas rodopiando em tal velocidade que eu mal pude ver onde uma lâmina começava e a outra terminava.

Comecei a me adiantar, meus instintos gritando para que eu me pusesse entre o aço brilhante e Shay. Meu corpo tentou seguir o chamado por sangue. Senti como se estivesse sufocando, empurrando o peso do lobo que tentava desesperadamente sair de sua prisão humana. Mas eu não podia interferir. Shay precisava disso. Era hora de o Herdeiro lutar sozinho. Eu apenas não antecipara como seria difícil para mim deixá-lo ir. Encostando-me contra uma parede para aumentar a distância entre mim e a luta, saltei para a frente quando as pontas de uma maca que estava pendurada se pressionaram contra a pele de minhas costas.

Os olhos de Shay estavam fixos em Connor. Suas espadas se encontraram, o retinir de suas lâminas ressoando nas paredes e no teto. Enquanto os dois homens concentravam-se um no outro, Adne atacou Shay por trás. Os chicotes voaram em direção às suas costas desprotegidas. Engasguei quando Shay de repente forçou as lâminas de Connor para baixo enquanto lançava o próprio corpo no ar, passando por sobre Adne e aterrissando bem atrás dela. Connor gritou, caindo ao chão e escapando por pouco de ser atingido no peito pelas pontas afiadas dos chicotes dela. Shay agarrou-a pela cintura, trazendo-a para trás e descansando a lâmina de uma espada contra sua garganta.

— Você se rende?

O rosto dela estava congelado em uma máscara de choque. Ela engoliu em seco, assentindo cautelosamente para não pressionar o pescoço contra a espada.

— Caramba. — Connor ria enquanto se punha de pé. — Agora entendo. O Herdeiro é escolhido por ter olhos atrás da cabeça. Se você raspar o cabelo, nós os veremos, certo?

Adne tinha a respiração pesada quando Shay baixou a espada, sorrindo quando ela girou o pescoço para olhar para ele.

— Como você fez isso? — perguntou ela.

A mesma pergunta estava pulando em minha própria mente. Nunca vira algo como o que Shay acabara de fazer. Eu estava atônita. Minha mão pressionou meu peito enquanto eu tentava recuperar o fôlego, as pontas dos dedos vibrando com as batidas rápidas de meu coração.

Ele deu de ombros.

— Não tenho certeza. Eu apenas sabia que você estava vindo. Pude senti-la atrás de mim.

Ethan permaneceu em silêncio, mas ele e Connor trocaram um olhar.

— Muito bem. — Connor disse, erguendo suas espadas — Você venceu o primeiro round. Melhor de três?

— Adne? — Shay perguntou.

— Você não usará aquela manobra comigo uma segunda vez — ela disse, empurrando-o de brincadeira para se libertar.

— Veremos. — Shay sorriu.

Eu não aguentava mais. Observar a ferocidade da luta, ouvir a provocação fácil entre eles, tudo isso me fez sentir uma intrusa. Nem necessária nem desejada. A força deles, sua fluidez e suas risadas eram farpas cravando-se em mim. Era como se nada do que fora revelado na cozinha importasse. Minha mãe estava morta, meu clã desamparado e eles já seguiam adiante. Eu sofreria sozinha.

Enquanto a tristeza arrastava meu humor para um poço negro de autopiedade, pensei em Ansel. O quanto tudo isso deveria ser pior para ele? A culpa tomou conta de mim, lembrando-me de que eu não era a única que perdera um ente querido. Naomi, nossa mãe, havia sido arrancada de nós, mas não era tudo o que

Ansel perdera. Seu lobo fora tirado dele e *destruído*. Eu podia estar sofrendo, mas ainda estava inteira. Ainda era uma Guardiã. Não havia retorno para ele.

Ninguém notou quando dei meia volta, andando de lado em direção à porta, enquanto Connor se atirava sobre Shay, assustando-o e fazendo-o deixar cair uma espada.

— Ei!

— Você acha que vai receber um aviso depois da última luta? — Connor ladrou — Adne, derrube-o!

— Com prazer. — Ela riu, entrando na briga.

Shay se esquivou, rolando pelo chão para evitar o veloz chute de Adne.

— Nada disso!

O clamor de aço contra aço me seguiu enquanto eu deslizava para fora da sala.

Capítulo 17



Uma lança de luz amarela atravessava o corredor vinda de um quarto no alto de uma escada que eu descobri enquanto seguia o cheiro de Ansel, a porta estava aberta apenas com uma fenda. Eu calmamente empurrei a porta para trás, olhando para dentro.

— Você está me matando, garoto. — Isaac esfregou as têmporas enquanto enfrentava o meu irmão. — O que mais posso dizer?

Bati na moldura da porta. Isaac virou-se e Ansel olhou para cima, só para abaixar a cabeça novamente no momento em que me viu.

— Você é a equipe de socorro? — Isaac perguntou, vindo para a porta.

Eu assenti, observando Ansel sentar na borda da cama e olhar para seus sapatos.

— Que bom que você está aqui. — Quando Isaac se aproximou de mim, baixou a voz. — Tess é muito melhor neste tipo de coisas do que eu. Ela sempre lida com os nossos hóspedes.

— Eu não sabia que havia quartos no posto avançado. — eu disse, olhando em volta do pequeno quarto espartano.

— Quando equipes de ataque vêm, às vezes precisam de vários dias para realizar uma missão. — disse Isaac.

— Estes são os quartos que eles usam quando não estão permanecendo na Academia. Além disso, os Reapers vivem aqui.

— Certo. — eu disse, antes de perguntar: — Como ele está?

— Ele diz que não está com dor. — disse Isaac. — Mas a criança está claramente perturbada. Eu não consegui convencê-lo a comer. Aqueci um ensopado para ele. Está na mesa de cabeceira. Talvez você tenha mais sorte.

— Obrigado por ter ficado com ele. — eu disse.

— Não há problema. — disse Isaac. — Se você está bem aqui, eu devo voltar para baixo.

— Tudo bem. — eu disse, já passando por ele.

Sentei ao lado de Ansel na cama. Ele não disse nada. Ele estava olhando para suas mãos, que estavam em concha em torno de algo que eu não podia ver.

— Então você não vai comer? — Eu disse, apontando para a tigela de ensopado intocada.

— Eu vou comer quando estiver com fome. — ele murmurou.

— Eu tenho comido a comida deles. — disse eu, tentando clarear meu tom. — Juro que não está envenenado.

Ele não riu, mas suas mãos se abriram quando ele empurrou o que ele estava segurando em suas mãos para dentro do bolso. Parecia um pedaço de papel amassado.

— O que é isso? — Franz o cenho.

— Nada. — Cruzou os braços sobre o peito. — O que você quer?

— Você já passou por muita coisa. — eu disse, desistindo da conversa suave. — Você precisa ter certeza de que está cuidando de si mesmo.

Quando estendi a mão para tocar o seu ombro, ele se afastou.

— Não me toque.

— Por que não? — Eu perguntei com cuidado. — Estou tão feliz de ver você, An. Senti sua falta.

Ele riu, mas foi aquele som metálico horrível novamente. — Sentiu? Eu não teria imaginado.

Eu não sabia o que poderia aliviar a dor corroendo as minhas vísceras estimulada pelo som oco de suas palavras. — Eu tive que partir.

Ele não respondeu.

— Eu tive que fazê-lo. Eles iam matá-lo.

— Eles mataram a Mamãe. — ele sussurrou.

— Eu sei. — eu disse, engasgando com as palavras. — Mas a cerimônia, An. Eles iam me fazer matar Shay.

— Quantas vezes você vai me dizer isso? — Ansel perguntou baixinho. — Isso não torna certo o que aconteceu conosco. Você não sabe o que eles fizeram. Você não estava lá.

Ele estava arrastando suas unhas sobre seus pulsos. Inclinei-me para mais perto e vi as faixas vermelhas de carne viva que ele fizera. Agarrei a mão dele, afastando-a do pulso.

— Pare com isso!

Ele riu novamente. — Por quê?

— Eu posso não ter estado lá, mas eu posso ver o quanto eles te machucaram.

Ele estremeceu, agarrando o seu estômago, como se ele estivesse prestes a ficar doente. — É como se eu ainda pudesse senti-los rasgando-o para fora de mim. Não consigo parar de lembrar como eles o tiraram de mim.

Sua voz caiu para um sussurro. — Eu não posso viver assim.

— Ansel, sua vida não acabou. Você ainda é você e eu te amo. — Segurei a mão dele na minha. — Por favor, não se machuque.

Eu não podia dizer que não importava que ele tivesse sido desfeito. Teria sido uma mentira. Eu sabia o que perder o lobo significava.

— Nós vamos encontrar uma maneira de melhorar a situação.

— As únicas pessoas que poderiam me fazer completo novamente são os Rastreadores. — disse ele. — E eles já disseram que não vão fazê-lo. E os Protetores...

— O que eles fizeram para você é horrível, mas você não pode desistir. Por favor. Você tem que ser forte por mim. Por Bryn.

Ele fez uma careta. — Mesmo que Bryn não esteja morta, ela estaria melhor sem mim.

— Isso não é verdade.

— Ela merece alguém que possa estar com ela. Se ela ficasse comigo, ela não poderia ser seu verdadeiro eu. Ela precisa de um Guardião.

— Não, ela não precisa. — eu disse.

— Como você sabe disso?

— Não foi sempre assim. — eu disse baixinho.

— Do que você está falando, Calla? — Ele olhou para mim, com raiva de uma maneira que nunca tinha visto antes. *Ele sente que perdeu tudo o que importa.*

— Porque eu descobri que Rastreadores e Guardiões se apaixonaram antes. — Apertei sua mão suavemente. — Você não tem que ser um lobo para ser digno de ser amado.

Ele olhou para mim, incrédulo.

— É verdade. Há muito tempo atrás. — eu disse. — Nós fomos aliados... e às vezes mais.

— Há muito tempo atrás. — Eu vi seus olhos perderem o interesse, vi-o desistir novamente.

— Mas eu também sei porque eu amava Shay. — Minha voz começou a tremer. — Mesmo antes de eu o transformar.

Ansel olhou para mim. Por um momento o aspecto entorpecido de seu rosto mudou e eu estava olhando para meu irmão novamente. — Eu sabia. — Ele quase sorriu.

— Eu sei que você sabia.

— Eu acho que isso vale alguma coisa. — Ele suspirou. — Eu na verdade te disse que era capaz de fugir por Bryn. Talvez tudo isso seja minha culpa. — O canto de sua boca começou a curva para cima.

Então, ele franziu a testa para mim. — Você alguma vez amou Ren? Eu achei que você podia amá-lo. Quero dizer, vocês, obviamente, tinham uma conexão de algum tipo. Foi só porque vocês eram ambos os alfas?

Eu tremi quando emoções cruas e assustadoras percorreram a minha coluna. — Eu...

Imagens dançaram em minha mente, memórias do riso de Ren, seu rosto, seu toque. Eu só admiti o meu amor por Shay quando pensei que iria perdê-lo. Agora era Ren quem estava em perigo. A minha necessidade de salvá-lo era também baseada em amor?

E depois foi como se ele estivesse lá, sussurrando-me. *Isto é apenas sobre amor.* Eu quase podia sentir a sua respiração na minha pele.

Quando eu não respondi, Ansel balançou a cabeça.

— Não se preocupe.

Ele rastejou através da cama, se deitando. — Então você confia neles? — perguntou.

— Os Rastreadores?

— Sim.

— Eu acho que sim. — eu disse. *Não tanto quanto eu gostaria.*

— O que você vai fazer a seguir? — Perguntou. — Se você reunir o clã amanhã, o que acontece depois?

— Depois nós ajudamos Shay. — eu disse, ainda um pouco perdida em pensamentos sobre Ren.

— Ajudamo-lo a fazer o quê?

— Salvar o mundo.

— É só isso? — Ansel riu, e desta vez parecia real.

— Sim. — Sorri. — Isso é tudo.

Nós dois ficamos em silêncio por vários minutos.

No silêncio do quarto o meu batimento cardíaco era ensurdecedor. — Ansel, eu acho que deveríamos tentar.

— Tentar o quê?

— Transformar você. — eu disse. — Os Protetores sempre mentem. Eles podiam estar mentindo sobre isso também.

Eu assisti os músculos de sua garganta trabalharem quando ele engoliu em seco.
— Você realmente acha isso?

Eu não sabia o que pensava, mas eu esperava com cada onça do meu ser que eles tivessem mentido sobre isso.

— Eles sempre mentem. — eu sussurrei.

Ele virou a cabeça para olhar para mim. — Okay. — Seu corpo tremia.

Quando eu mudei para a minha forma de lobo, ele fez uma careta. Eu não podia imaginar como era difícil ver a minha transformação, tão fácil, tão natural, quando esse poder tinha sido roubado dele.

Ansel se deslocou em cima da cama, me olhando. Eu abaixei o meu focinho em seu antebraço, minhas orelhas agitadas. Olhei para ele e ele concordou. Mordi-o, rápido e profundamente. Ele respirou rápido. Peguei o cheiro acre do seu medo.

Eu mudei de volta, levantando o queixo dele para que seus olhos encontrassem os meus.

— *Bellator silvae servi*. Guerreiro da floresta, Eu, a alfa, te chamo para servir neste momento de necessidade.

Tudo o que eu ouvia era o som da nossa respiração, rasa e com medo, como eu esperava. Fechei os olhos, esperando pelo aumento de poder se mover de mim para Ansel, ligando o alfa e o companheiro de clã. Apertando os meus olhos com força, falei novamente, desta vez a minha voz tremeu.

— *Bellator silvae servi*. Guerreiro da floresta, Eu, a alfa, te chamo para servir neste momento de necessidade.

Nada. Nenhuma mágica surgiu no espaço entre nós.

Quando abri os olhos, Ansel estava sacudindo a cabeça. Seus próprios olhos estavam fechados. Uma lágrima deslizou por sua bochecha.

— *Bellator silv...*

— Pare. — Ansel resmungou, com os olhos avermelhados encontrando os meus.
— Não.

Eu não sabia o que dizer. Eles realmente fizeram isso.

O lobo de Ansel foi embora, e eu não podia trazê-lo de volta. Naquele momento eu odiava os Protetores mais do que nunca.

— Deixe-me dar-lhe o meu sangue. — Engasguei com as palavras e percebi que estava chorando também. — Você ainda está sangrando.

— Não. — Ansel tirou sua camisa, amarrando-a em torno da ferida no braço. — Eu não quero.

— Ansel... — Estendi a mão para ele.

— Eu não quero! — A fúria em seu olhar me paralisou.

Ele deslizou na cama. Seu rosto tinha ficado vazio de emoção, mas sua expressão em branco era mais assustadora do que a sua raiva.

— Você deve ir. — disse ele, olhando para o teto.

— Você vai precisar de dormir antes de amanhã.

— Eu não te deixarei.

Ele enfiou a mão no bolso, puxando o papel amassado.

— Ansel, o que é isso? — Eu perguntei, tentando obter uma olhada melhor.

— Deixe-me sozinho. — Seus olhos pousaram sobre o papel amassado por um momento antes que ele o agarrasse em um punho apertado, apertando-o contra o peito. — É de Bryn, ok? Eu consegui segurá-lo enquanto os Protetores nos separavam.

— Oh. — Ela deve ter escrito um poema para ele. Meu coração apertou e meus olhos estavam queimando. Será que ela tinha alguma coisa dele com ela? Meu irmão e minha melhor amiga, cujo amor eu queria esconder dos Protetores. Talvez tivesse sido melhor se eles tivessem fugido juntos. Isso poderia ter levado a alguma coisa pior do que o que estava acontecendo agora?

Ansel se virou, de costas para mim. — Apenas vá.

Eu fiquei na beira da cama, os joelhos dobrados para cima embaixo do meu queixo. Quando suas respirações longas e constantes me asseguraram que ele tinha caído no sono, eu me estiquei, com cuidado para não tocá-lo, repousando minha cabeça sobre um travesseiro, ainda observando meu irmão dormir.

Depois de um tempo ele começou a fazer sons, um choramingar suave como um animal jovem com dor. Isso continuou enquanto ele tremia e tremia ao meu lado, se mexendo mas nunca acordando. Eu finalmente adormeci, ainda ouvindo os gritos suaves manifestados por quaisquer pesadelos presos à mente de Ansel.

Capítulo 18



— Calla. — sussurrou Shay, gentilmente balançando meu ombro.

O som de sua voz despertou-me de sonhos assombrados por gritos, de angústia e sombras deslizando que ameaçavam me invadir.

Por um momento eu não conseguia me lembrar onde estava. Eu só ouvi o calor da voz de Shay e peguei a atração sutil de seu perfume. Comecei a inclinar-me para a frente, desejando a sua proximidade.

Ele pareceu perplexo quando meus dedos traçaram a linha de sua mandíbula. — Eles me pediram para acordá-la. Está na hora.

A doçura do momento foi expulsa pelo tapa frio repentino de saber onde eu estava e o que eu estava prestes a fazer. Pisquei para afastar a sonolência, me sentando rapidamente e, em seguida, lamentei tê-lo feito quando Ansel ficou agitado. Ele não acordou totalmente, mas continuou a murmurar, inquieto no sono como tinha estado a noite toda. O meu humor despencou ainda mais quando me lembrei que tinha tentado ajudá-lo, mas não consegui.

— Vamos lá. — disse Shay. — Os outros estão à espera no andar de baixo.

Saímos do quarto em silêncio.

— Como ele está? — Shay perguntou enquanto descíamos as escadas.

— Eu tentei transformá-lo. — Tive que me apoiar no corrimão enquanto a tristeza me envolvia.

— Você tentou? — Shay perguntou. — Pela expressão em seu rosto, eu estou supondo que não funcionou.

Balancei a cabeça. Ele deslizou um braço em volta dos meus ombros, escovando seus lábios contra minha têmpora.

— É bom que você tenha tentado, Cal. Sinto muito.

— Eu também.

— Será que ele vai ficar bem?

— Não sei. — eu disse, olhando para trás no escuro corredor. — Ele só parece... quebrado.

— Sim. — Shay disse com um estremecimento. — Eu só sou capaz de mudar há pouco tempo, mas é uma parte tão importante de mim. Eu não consigo imaginar perdê-la.

Assenti, olhando para ele. Seria verdade? Shay realmente tinha uma conexão tão forte com o seu lobo interior? Ou ele estava apenas tentando simpatizar com Ansel?

— Eu devia estar indo com você. — disse ele.

— Não. — eu disse. — Os Rastreadores estão certos. Você é um risco muito elevado.

Ele deixou cair o braço dos meus ombros, empurrando as mãos nos bolsos. — Você ainda acha que eu não consigo lutar.

— Eu sei que você consegue lutar. — eu disse. — Eu vi você lutar mais de uma vez. Você é um guerreiro. Essa não é a questão.

— Eu poderia ajudar. — disse ele, olhando de soslaio para mim. — Eu sei que poderia.

— O quão bem você consegue lutar não importa neste momento. — Balancei minha cabeça. — Nós ainda estaremos enfrentando espectros. Até você ter a Cruz, não pode lutar contra eles.

— Nenhum de vocês pode, também. — ele rosnou, e eu vi os seus caninos afiados capturando a luz.

— Eu sei. — Um peso repousava no meu peito como um pedregulho.

Uma missão suicida.

Estávamos arriscando tanto, e eu nem sabia se o resto do clã ainda estava vivo. Se Ren ainda estava vivo. E se já tivéssemos perdido todos eles?

Eu podia ouvir os Rastreadores fazendo barulho em torno do vestibulo vazio. Quando chegamos ao fundo das escadas, Shay agarrou meu braço, me virando. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, seus lábios estavam nos meus. Eu me inclinei para ele, abrindo minha boca, acolhendo o beijo. Suas mãos deslizaram por meus braços, os dedos cavando em minha pele. Eu podia provar seu medo e me perguntei se devia me afastar, sabendo que ele bebia de minha própria ansiedade com cada carícia. Comecei a tremer, tanto do fogo que iluminava minhas veias enquanto o beijo se aprofundava como da consciência súbita de que se as coisas corressem mal em Vail, eu poderia nunca mais beijar Shay novamente. Nunca.

Ele interrompeu o beijo, descansando a testa contra a minha. — Talvez você não devesse ir. Ansel precisa de você. Deixe Monroe levar os Rastreadores. Eles podem fazer o resgate sem você.

— Eu tenho que ir. — eu disse, empurrando-o para trás. — Eu sou a única que pode convencer o clã de que os Rastreadores podem ser confiáveis.

— Se alguma coisa acontecer com você...

— Aqui estão eles. — Adne apareceu na escada e estalou a língua. — Não há tempo para longas despedidas. Você não ouviu? O romance está morto. Estamos com pressa.

— Desculpe. — Saí do abraço de Shay, com medo que se eu ficasse perto dele por mais tempo, o meu medo venceria, abandonando qualquer esperança de que eu pudesse salvar os meus companheiros de clã.

Você ainda é a alfa deles, Cal. O clã precisa de você. Você sabe quem você é.

Me agarrei a essa ideia enquanto atravessava o espaço vazio, encontrando Ethan e Connor me esperando.

Connor acenou com a cabeça quando me aproximei. — Isaac irá manter um olho no seu irmão enquanto estamos fora.

— Eu também. — Shay tinha vindo atrás de mim.

— Obrigado. — eu disse, incapaz de olhar para ele, com medo de ter um ataque de covardia brotando de meu próprio desejo egoísta de ficar perto dele.

No que eu me tornei? Ceder ao meu amor por Shay me fez fraca? Me senti sem forças, nada que refletisse a pessoa que eu sempre pensei que era. Determinação de aço, independência, essas características que eu valorizava pareciam ter sido drenadas ao longo das últimas semanas. Eu queria desesperadamente me encontrar novamente. Eu tinha que provar para Ansel e para o meu clã que eu não os tinha abandonado. Se eu não fizesse isso, eu não seria capaz de viver comigo mesma.

Monroe veio caminhando de dentro da cozinha. — Qual é a situação?

— Todos presentes e prontos. — Connor disse, guardando um punhal na bota.

Monroe assentiu. — A porta de Adne será aberta em um beco sem saída junto ao clube de Efron. Vamos entrar pela entrada lateral e seguir até à prisão.

— O que Adne vai fazer enquanto vocês estão lá dentro? — Shay perguntou. — Você vai deixá-la no portal sozinha?

Monroe assentiu.

— E se ela for atacada? — Shay franziu o cenho. — Deixe-me ir com ela. Eu vou ficar no portal, só no caso.

— Não é uma opção. Sob nenhuma circunstância você deve aderir a esta luta, Shay. — A mandíbula de Monroe se contraiu, mas ele sorriu sombriamente à sua filha. — E se o portal for atingido, ela pode se defender.

Adne ficou surpreendida e seus olhos se alargaram de surpresa. — Obrigado.

— Acho que vou chorar. — disse Connor, enterrando seu rosto no ombro de Ethan.

— Oh, me largue. — Ethan rosnou, e reajustou a besta pendurada em seu corpo. — Todos nós, provavelmente, vamos morrer em uma hora. Talvez menos.

— Mais uma razão para valorizar cada momento. — Connor fingiu enxugar as lágrimas do rosto.

— Adne, eu posso falar a sós com você por um momento? — Monroe perguntou.

— Não, de jeito nenhum. — Ela balançou a cabeça. — Eu não vou deixar você me dar algum discurso cafona entre pai e filha porque podemos morrer. Apenas me deixe fazer o meu trabalho.

— Isso não é... — Monroe começou, mas Adne virou as costas para ele.

— Connor. — Monroe assistiu Adne tirar os Skeans¹⁰ de seu cinto. Ele apontou com a cabeça para longe do nosso pequeno grupo. — Há algo que precisamos discutir.

Connor franziu a testa, mas seguiu Monroe para um canto escuro afastado.

— Ah, sim. — Ethan sorriu. — Para a fogueira com você.

Adne olhou por cima do ombro para Shay. — Você não vai tentar saltar por esta porta depois de eu abri-la, não é? Estou querendo saber se deveria fazer você tomar um juramento.

— É melhor que você não tente. — disse Ethan. — Nós já discutimos isso. Eu não vou arriscar o meu pescoço a menos que eu saiba que você está seguro aqui. Na verdade, por que você não vai para a cama?

— Vou subir para cuidar de Ansel depois que vocês partirem. — Shay disse, mas eu ouvi o retumbar de um rosnado fraco por trás de suas palavras. — Eu não vou fingir que isto não está acontecendo.

— Como queira. — Ethan encolheu os ombros. — Se eu fosse você, eu ia dormir.

— Ele é apenas o cavaleiro que você não é. — disse Adne, jogando os braços em torno de Shay e passando os lábios sobre sua bochecha. — Obrigado por se importar, Shay. Nós vamos ficar bem.

De repente, era eu quem queria rosnar.

— Você está malditamente certa, eu não sou nenhum cavaleiro. — disse Ethan. — Se você me pegasse assim, eu não te deixaria ir embora com apenas um beijo na bochecha.

Shay fez uma careta, esfregando o pescoço quando um rubor rosado percorreu sua pele, enquanto Adne ria sobre sua reação.

Meus olhos pousaram em Connor e Monroe e ficaram lá. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo, mas os dois homens estavam agitados. Os lábios de Monroe se moviam rapidamente, e ele tinha algo em suas mãos. O que era?

¹⁰ Um punhal de dois gumes anteriormente utilizado na Irlanda e na Escócia.

Envelopes? Connor andava para a frente e para trás ao lado Monroe, passando suas mãos pelos cabelos e sacudindo a cabeça. Eu olhei para eles, me perguntando o que havia acontecido.

Finalmente, Monroe agarrou os ombros de Connor, pressionando os papéis contra o peito do homem mais jovem. Vi os ombros de Connor afundarem, como se ele tivesse dado um longo suspiro derrotado. Ele pegou os envelopes das mãos de Monroe e escondeu-os dentro do bolso de sua jaqueta. Monroe apertou o ombro de Connor uma vez antes de voltar para nós. Desviei o olhar, ainda perplexa com o que acabara de testemunhar.

— Ela está quase terminando. — disse Ethan quando Monroe se aproximou. Voltei-me para Adne, que pulava e girava no êxtase da tecelagem. Embora eu a tenha visto abrindo portas antes, eu ainda fiquei atônita com os ardentes padrões de luz que giravam à sua frente.

Percebi uma súbita presença ao meu lado. Connor estava por perto, em silêncio, observando Adne tecer. Todos os traços de sua alegria tinham desaparecido, o seu rosto estava agora pálido, duro com a tensão. Olhei para Monroe, mais uma vez me perguntando o que havia acontecido entre os dois homens.

Sangue rugiu nos meus ouvidos quando o outro lado do portal brilhante entrou em foco. Um beco escuro cercado por montes de neve. Na distância eu podia ver uma luz da rua lançando um brilho maçante sobre as empresas fechadas do centro de Vail.

Casa.

Capítulo 19



Estava frio do outro lado do portal. O ar fresco do inverno cortou pela minha pele. Eu tomei uma respiração profunda, deixando o vento gelado derramar-se abaixo de minha garganta. O instintivo arrepio resultante alcançou dentro de meus ossos, fazendo-me sentir viva. Eu ansiava correr, uivar, caçar. Eu observei minha respiração espiralar como fumaça em frente de meus olhos.

Olhei para trás de mim e vi a imagem nebulosa de Shay andar compassadamente diante da porta de entrada aberta. Eu desejava poder estender a mão e tranquilizá-lo de algum modo. Quando Monroe tinha dado a ordem, eu tinha atravessado o portal sem olhar para trás, não querendo mostrar nenhuma dúvida sobre nossa missão. Agora eu lamentava não dizer alguma coisa: um sorriso pelo menos ou outro beijo. Eu somente me senti pior quando percebi que Adne tinha sido a última pessoa a beijá-lo. Ela ficou em pé ao lado do portal, espada desembainhada e rosto sereno enquanto Connor e Ethan espiaram o beco.

— Você não está preocupado que alguém veja a luz? — Eu perguntei, apontando para o portal cintilante.

— Não há nenhuma janela nesta parte do beco. — Adne replicou. — Foi por isso que nós o escolhemos.

Suas palavras deixaram-me somente um pouco tranquila. Pelo menos a porta não estava tão brilhante quanto ela estava durante a tecelagem, mas ainda era perceptível, como o piscar de luzes de Natal. Estávamos perto o suficiente do feriado para eu ter esperança de que seríamos sortudos e que ninguém que visse aquilo iria assumir o que era.

— Nós estamos livres. — Ethan disse, reaparecendo do beco escuro. — Não há obstáculos ou patrulhas entre aqui e o outro lado da porta.

Connor não falou, seus olhos examinando minuciosamente as sombras.

— Bom. — Monroe disse. — Vamos nos mover.

Ethan tomou a ponta com Monroe, e eu mudei para a forma de lobo, andando a passos surdos ao longo do beco em patas silenciosas enquanto Connor vinha por

último. Meus batimentos cardíacos zumbiam em minhas veias, tão ensurdecedores para meus sensíveis ouvidos de lobo que eu dificilmente acreditava não serem audíveis para os Rastreadores. Nenhum deles falou ou mesmo olhou para mim. Cada um dos rostos dos homens estava determinado enquanto eles andavam com gravidade silenciosamente ao longo do corredor estreito.

Quando nós alcançamos a porta lateral, Monroe levantou seu braço.

— Alarme?

— Não. — Ethan disse. — Apenas a fechadura.

— Adiante. — Connor puxou alguma coisa de metal de seu bolso e moveu-se para porta.

Ethan ocupou sua posição guardando nosso flanco.

Houve um clique e um barulho quando a porta balançou aberta. Monroe e Connor foram através da entrada instantaneamente, abaixando-se inesperadamente, esperando por um ataque.

Ninguém veio.

Eles trocaram um olhar, mas gesticularam para nós seguirmos. Ethan fechou a porta atrás de nós.

Nós deslizamos corredor abaixo. Meu estômago torceu, lembrando a caminhada ao longo da sala do escritório de Efron. O mestre Bane estava aqui agora? Eu ergui meu focinho, testando o ar. O clube fedia a suor velho temperado pelo lento, enjoativo aroma doce da respiração de succubus. Eu bati com as patas em meu nariz, desejando poder me livrar da mistura nociva.

Até onde eu podia dizer, não havia nenhum aroma, nem qualquer movimento, dentro do clube. O som baixo tocando e o borrão de luzes coloridas tinha sido substituído pelo silêncio e escuridão. Sem dança, nem as succubus go-go girls¹¹, nem Guardiões. O único som era a batida abafada dos passos dos Rastreadores enquanto nos movíamos lentamente para frente em direção às sombras. Eu não achava nossa solidão aparente tranquilizadora. Havia demasiado silêncio, quietude demasiada para um lugar como o Eden que alimentava o impulso de sangue e luxúria.

¹¹ Seria uma espécie de dançarina que fica em posição de destaque e dança semi-nua, em alguns casos. Streaper para alguns.

— Aqui estão as escadas. — Connor sussurrou. Ele ficou em pé no topo de uma escada em espiral de ferro forjado. Eu inclinei-me sobre o parapeito, observando o comprido espiral de metal cair dentro de um buraco sem fundo de escuridão.

— Sem luzes? — Ethan perguntou.

— Ainda não. — Connor disse, começando sua descida.

As escadas conduziam para baixo, e baixo, e baixo. O acentuado círculo giratório de degraus me deixou tonta. A escuridão envolveu-nos, fazendo parecer como se eu tivesse fechado meus olhos e começasse a girar.

Mesmo com minha capacidade de perscrutar através da escuridão a descida deixou-me em uma situação crítica. Eu fiquei grata quando uma luz fluorescente surgiu, ficando mais brilhante à medida que nós descíamos a escada, revestindo nosso entorno em um cinza esverdeado. A escadaria em espiral arrastou-nos mais para as profundezas do interior do clube. Eu me sentia como se tivesse estado caminhando para sempre. O quão longe dentro da terra nós tínhamos andado?

— Deve ser aqui. — disse Connor, no último degrau livre da escadaria de ferro dentro de uma sala quadrada que tinha provavelmente sido pintada de branco, mas com o tempo tinha sucumbido para as encardidas tonalidades de teias de aranhas. Ele tinha dado um outro passo quando um vulto escuro saltou das sombras atrás da escadaria, derrubando-o e enviando sua espada flutuando para o canto.

Atrás de mim Ethan xingou, atirando-se por cima do parapeito e caindo no chão enquanto eu empurrei Monroe para investir para o lobo. Ethan disparou flechas em direção ao Guardião que tinha Connor preso ao concreto enquanto eu afundei meus dentes em seu flanco desprotegido. O lobo rosnou e debateu sua cabeça em direção contrária enquanto as flechas alojavam-se em seus ombros. Mostrando os dentes, o lobo virou-se para mim, mas eu facilmente esquivei, agachando para dar uma segunda investida.

Com a atenção do Guardião desviada, Connor puxou uma katara¹² de seu cinto, empurrando a curta lâmina dentro da barrida do lobo e torcendo. O Guardião gritou antes de seu gemido tornar-se um gorgolejo. Ele caiu atravessado em Connor, imóvel. Connor empurrou o cadáver de lobo de cima dele. Ethan segurou sua balestra na mão, examinando minuciosamente a sala.

¹² A katara ou Katar é um punhal caracterizado pela sua forma em H. Exclusiva do Sul da Ásia, é o mais famoso e característico punhal indiano. Ela também fora utilizada em cerimônias de adoração por diversas seitas religiosas. Era muito usado pelos mercenários da Antiguidade para executar suas vítimas com muita velocidade, precisão e silêncio. São perfeitas para perfurar armaduras.

— Só um? — Monroe perguntou, vindo em nossa direção com sua espada em punho.

— Por enquanto — Ethan disse, baixando sua arma.

— Sorte nossa. — Connor limpou o sangue de suas mãos. Eu fui para seu lado, examinando o lobo que jazia morto perto dele. Era um dos mais velhos Bane, mas não um estranho. Esse único eu conhecia: o pai de Sabine. Eles tinham acabado de matar o pai de Sabine.

Eu mudei de forma, balançando minha cabeça.

— Você está bem? — Connor perguntou.

— Alguma coisa não está certa. — eu disse, os olhos movendo-se rapidamente através da sala pequena, inquieta por ser humana quando o perigo estava tão próximo. — Este lobo não devia estar aqui.

— O que você quer dizer? — Monroe perguntou. — Eu estaria surpreso se um Guardiã não estivesse de guarda aqui. Na verdade, eu estou surpreso que nós tenhamos encontrado apenas um.

— Não. — eu disse, lutando contra a forma como minhas vísceras tinham começado a lançar-se para trás e para frente. — É este lobo. Eu conheço ele... Conhecia-o. Ele não trabalha de segurança para Efron; ele é um Guardiã da patrulha da montanha. Como os lobos de meu clã.

— Eles não podiam ter trocado de posições? — Ethan perguntou.

— Isso não acontece. — eu disse. — Não com os clãs da montanha.

— Eu apostaria que muito pode ter mudado desde seu ato de desaparecimento. — Connor murmurou.

— Talvez. — Eu senti-me instável enquanto eu olhava para o lobo morto. Ele não devia estar aqui. Eu sabia que ele não devia.

— Nós estaremos alerta, Calla. — Monroe disse, guiando-me para longe do corpo. — Mas nós precisamos nos manter em movimento, levou-nos mais tempo para chegar aqui do que eu tinha previsto. Nós não podemos mais perder tempo. Eu sinto muito que ele era alguém que você conhecia.

Atrás da escada em espiral estava uma única porta. Connor tentou a maçaneta, em seguida, ele puxou suas ferramentas usadas para arrombar fechaduras. Ele cuidadosamente abriu a porta, revelando um estreito corredor, iluminado pelas mesmas florescentes que zumbiam. Havia seis portas no corredor, uma em cada

extremidade e duas em cada lado. As portas laterais eram retângulos metálicos duros cortados por uma estreita fenda na altura dos olhos.

— O que agora? — Ethan perguntou.

— Nós começamos a abrir as portas. — Monroe disse. — Nós podemos arrombar cada uma das fechaduras; todos tentem uma porta.

— Não, espere. — Eu agarrei o braço de Monroe. — Apenas sigam-me.

Eu mudei de forma, mantendo meu focinho baixo, farejando ao longo do corredor. Quando eu cheguei à porta mais distante no lado direito do corredor, eu choraminguei, arranhando a superfície de metal.

— Só essa? — Monroe perguntou.

Eu choraminguei de novo, desesperada por atravessar através da porta. Cada batida do meu coração pulsava em meu pescoço enquanto Monroe arrombava a fechadura. Eu não conseguia respirar quando a porta balançou aberta.

Dois rapazes sentados, encostados contra paredes opostas da cela. Correntes ligadas de seus pulsos para as paredes, mantendo eles separados, seus movimentos limitados. Eles permaneciam imóveis, com os olhos fechados. Restos de roupas penduravam em seus corpos. Calças rasgadas, camisas em farrapos. Ambos os seus rostos eram uma confusão de contusões e carne inchada, verde, roxo e vermelho. Um arco-íris doentio pintado em suas peles.

Eu gritei correndo para a sala.

As pálpebras de Manson se abriram ao ouvir o som de meu grito. Ele virou sua cabeça, olhando para mim.

— De jeito nenhum.

Nev gemeu, mantendo seus olhos fechados. — Apenas me diga quando isso acabar.

— Calla? — Manson inclinou-se em direção a mim, estremecendo. Eu lambi seu rosto, mudando de volta para a forma humana então eu podia falar. — Manson. Sou eu. Eu estou te levando para fora daqui.

— Sério? — Manson olhou-me como se eu pudesse ser um produto de sua imaginação.

— Calla? — Os olhos de Nev estavam abertos agora.

— Você quer dizer que ela é real? — Manson levantou-se, raspando a cadeira no chão de concreto e tocou meu rosto. — Oh meu Deus.

— Você pode andar? — Monroe tinha vindo para o meu lado, agachando-se para enfrentar Manson.

— Quem é você? — Manson franziu a testa, seu nariz enrugando. — Hey! Você é um Rastreador. Que inferno!

— Está tudo bem, Manson. — eu disse, pegando sua mão. — Eles estão do nosso lado.

— Rastreadores? Do nosso lado? — Nev riu. — Talvez ela não seja real.

— Eu sou real. — eu disse calmamente, sentindo a pressão do tempo. — Por favor, responda ele. Você pode andar?

— Eu acho que sim — Manson disse, esticando suas pernas. — Eu não tentei há algum tempo. Você vai nos dizer como você chegou aqui? E por que os Rastreadores estão ajudando você?

— Depois que nós colocarmos milhas entre nós e Vail. — Connor disse. — O tempo para estórias pode esperar.

— Ele está certo — entretanto mais tarde, eu prometo, isso vai fazer sentido.

— Desde que estejamos fora deste buraco infernal, não tem que fazer sentido. — disse Nev, cobrindo os olhos.

— Eu não sei se seremos muito úteis para você. — Manson disse. — Eu não tenho sido capaz de mudar desde que eles nos colocaram aqui dentro.

— São as correntes. — eu disse, tocando o ferro em seus pulsos. — Você será capaz de mudar uma vez que elas tenham sido retiradas.

— Connor. — Monroe disse, apontando para Nev. — Tire ele fora das restrições.

Monroe se abaixou para libertar Manson.

— Eu não sei se isso é uma boa ideia. — Ethan disse, olhando cautelosamente para os dois Guardiões acorrentados às cadeiras.

— O que você vai fazer, atirar neles? — eu vociferei. — Você ainda lembra o porquê nós estamos aqui?

— Nossos libertadores querem matar-nos, hum? — Manson perguntou, notando que a balestra de Ethan estava apontada para seu peito. — Legal.

— Bem, isso combina com a forma que todo o resto tem estado acontecendo ultimamente, — Nev disse. — Eu diria que eu estou surpreso, mas eu iria estar mentido.

— Eles não vão matar vocês. — Eu olhei para Ethan até que ele lentamente abaixou sua arma.

— E se... — Ele começou.

— E se for um truque? — Eu disse. — Olhe para eles. Como eles vão lutar assim? Eu estou preocupada que nós não seremos capazes de tirá-los daqui em uma única peça.

— Isto faz dois de nós. — Connor disse. — E eu aqui estava esperando por reforços lobos enquanto nós cooperássemos.

— Se há uma luta, nós lutaremos. — Nev rosnou enquanto as correntes caíam longe de seus braços. Então ele era um lobo, rosnando enquanto ele mancava em direção a Manson.

— Oh, homem. — Ethan recuou, levantando a balestra.

— Pare com isso! — Eu disse. — Eles não são nossos inimigos.

No momento em que foi libertado, Manson mudou também. Os dois lobos circulavam um ao outro, farejando, lambendo, aconchegando-se e encontrando o conforto através de seu contato. Eu observei, desejando me unir a eles, mas querendo deixar eles terem seu próprio momento de reencontro.

— Whoa. — Ethan murmurou quando Manson mostrou seus dentes, afundando as presas no ombro de Nev, lambendo o sangue que derramou.

— Está tudo bem. — eu disse calmamente. — Eles vão se curar fazendo isso agora. Então eles podem lutar conosco.

Nev tomou sangue do peito de Mason; eu podia sentir o poder de seu vínculo fluindo através da sala, substituindo suas feridas com força.

— Fico contente que funcionou. — Connor disse, aparentemente sentindo a tensão na sala da mesma forma que eu estava. — Mas nós precisamos nos mover.

Ethan estava franzindo a testa. — Espere.

— O que? — Connor perguntou.

— A coisa do sangue vai ser um problema. — Ethan virou para mim. — Como diabos você vai matar qualquer um dos outros?

Minha sobrancelhas uniram-se juntas. — O que você está falando?

— Se vocês lobos levarem mordidas de outros, vocês vão curar toda vez que vocês engolirem?

Eu tive que trabalhar duro para não espancá-lo no rosto.

— Não é assim que funciona. — Monroe disse.

Eu olhei para ele, assustada, embora dado sua conexão para um ataque revoltoso com os Guardiões, eu provavelmente não deveria ter ficado surpresa que ele já tivesse descoberto os segredos de cura do clã.

Com minhas mãos em meus quadris, eu olhei para Ethan. — Não é apenas beber sangue de Guardião que cura as feridas. O sangue tem que ser presenteado; caso contrário é só sangue.

— Presentado? — Ethan olhou para mim. Manson estava observando a troca de ideias. Ele mudou para sua forma humana.

— Ela está certa. — ele disse. — Não pode ser tomado. O sangue deve ser oferecido para invocar seu poder. — Os hematomas em seu rosto não tinham ido, mas eles tinham desbotado consideravelmente.

— Isso está muito, muito melhor. — Ele sorriu, abrindo seus braços para mim. Eu atirei-me dentro de seu abraço.

— Eu estou contente que você está segura. — ele disse. — Eu pensei que você estava morta.

— Presentado. — Ethan murmurou de novo, sua expressão fixada em algum lugar entre perplexidade e admiração. Nev permanecia um lobo, em pé ao lado de Manson protetoramente, mas quando eu sorri para ele, ele abanou o rabo.

Eu apontei os Rastreadores. — Connor e Ethan, conheçam Manson e Nev. Monroe está no comando. Ele ajudou Guardiões antes.

As sobrancelhas de Manson subiram.

Eu balancei minha cabeça. — Como eu disse, eu vou explicar mais tarde. Onde estão os outros?

— Eu não sei. — ele disse. — Eles nos mudaram muito ao redor. Mantendo-nos separados, nos reorganizando. Nós sempre estivemos em pares.

Ele parou, engolindo. — Eles devem ter pensado que nós iríamos quebrar mais rápido se nós tivéssemos que observar o outro companheiro de clã sendo tomado pelos espectros. Nev e eu temos estado na mesma sala por um longo tempo agora, mas eu não tenho sido capaz de manter a rotina dos dias clara. Eu não sei quanto tempo passou desde que eu vi qualquer um dos outros.

— Você acha que eles estão vivos? — Monroe perguntou.

— Sim. — Manson suspirou. — Os Protetores não tem execuções secretas. Se eles matarem um outro lobo pelo que aconteceu, nós teríamos sido arrastados para assisti-lo.

Ele virou, os olhos tristes para mim. — Sua mãe, Calla. Eu... Eu sinto muito...

— Eu sei. — eu murmurei, interrompendo-o com um caroço subindo em minha garganta. — Ansel contou-me. Ele nos encontrou.

— Ele está bem? — Masnon empaideceu. — O que eles fizeram para ele...

— Ele está em forma incompleta. — eu disse. — Mas ele está seguro.

— Você disse que eles moveram vocês ao redor. — Monroe interrompeu. — Onde?

— Havia quatro blocos de celas abaixo daqui. — Mason disse. — Cada uma é colocada de modo a levar até à Câmara.

— O que é a Câmara? — Ethan perguntou.

— Onde a violência se torna um espetáculo. — Manson disse, sorrindo tristemente. — Eu estive escrevendo uma canção sobre isso dentro de minha cabeça. Você sabe, para passar o tempo. É lá que mataram Naomi.

Manson pegou minha mão quando me encolhi. — E onde eles puniram Ansel... E Ren.

Quando ele disse o nome de Ren, seus olhos encontraram os meus, cheios de perguntas. Meu sangue correu quente, pulsação correndo com a necessidade de encontrá-lo.

— Nós precisamos checar aqueles outros blocos. — Monroe disse, sua voz marcada com a mesma urgência que eu senti. — Vamos.

Connor verificou a última cela daquele bloco, encontrando-a vazia. Manson e Nev eram os únicos prisioneiros aqui.

— Eu acho que é a porta número cinco, então... — Connor disse, movendo a porta na extremidade oposta no fim do corredor de onde nós tínhamos entrado.

O lobo ao lado de Manson, sua pelagem uma mistura de cobre e aço cinza, começou a rosnar.

— Qual é o problema com seu cão de guarda? — Ethan perguntou.

Monroe lançou-lhe um olhar severo.

— Não quero ofender — Ethan acrescentou rapidamente.

— Esse leva para a Câmara. — Mason disse, suas mãos começando a tremer.

— Existe outra forma de acessar os outros blocos de celas? — Monroe perguntou.

Manson balançou sua cabeça.

— Abra a porta, Connor. — Monroe disse.

Capítulo 20

Não havia nenhuma luz fluorescente na Câmara. Ao invés disso, luzes minúsculas se agitavam e tremulavam, circulando pelo cômodo, uma turba de lanternas a óleo nos sinalizando como um alarme sombrio. Banhado com aquele amarelo escuro e oscilante, o espaço amplo se escancarava como uma boca faminta. Eu me senti como se uma britadeira estivesse trabalhando contra minhas costelas.

— Nós passamos por um portal do tempo ou alguma coisa? — Connor perguntou.

— Os dois, ou isso aqui é o lugar mais depressivo do mundo do festival Renaissance¹³, — Ethan disse, andando pelo espaço, com a balestra pronta.

Enquanto eu olhava ao redor, tentei engolir meu estômago, que queria saltar pela minha garganta. Eles estavam certos. Diferente dos blocos de celas estéreis e modernos, este lugar fora construído com grandes rochas, uma em cima da outra, como um monte de lesmas, um cinza escuro pegajoso que parecia perpetuamente encharcado. O espaço mal iluminado estava vazio, exceto por um palco, um escárnio gótico de um tablado que se projetava de uma parede. Palavras haviam sido gravadas na pedra atrás da plataforma.

Abandonem a esperança, todos que entrarem aqui.

Dante. Eu tremi, pensando nas imagens infernais que enfeitavam as paredes do segundo piso do escritório de Efron e como aquelas cenas provavelmente eram recriadas nesta câmara. O lugar cheirava a mofo, teias de aranha, urina... e sangue. Muito sangue. Eu esmoreci. O cheiro estava me oprimindo. Morte invadindo meus pulmões, fazendo meu estômago se agitar. Manson segurou meu braço, me equilibrando.

¹³ O Festival Renaissance (Renaissance festival) é uma reunião ao ar livre, que acontece geralmente nos EUA, aberto ao público e de natureza comercial, que imita um período histórico para divertir os convidados. Geralmente incluem atores fantasiados, música e teatro, arte e artesanatos para venda, e festival de gastronomia. Alguns também oferecem acampamento, para aqueles que desejam ficar mais que um dia.

— Eu sei. — foi tudo que ele disse.

Meus olhos continuaram se desviando para o tablado, apesar de ter tentado arrancar o olhar de lá. Minha mãe fora morta aqui. Assassinada por Emile Laroche enquanto meu pai era obrigado a assistir. Meu irmão fora mutilado. E Ren. O que eles fizeram com Ren? Lágrimas queimaram pelo meu rosto até que Monroe encostou a mão na minha bochecha, seu polegar enxugando as dolorosas lágrimas.

— Algum dia, tudo isso aqui será demolido, pedra por pedra. — ele disse. — É por isso que lutamos.

Eu concordei, incapaz de falar.

— Os blocos de celas se ramificam dos dois lados desse lugar. — Manson disse, apontando para a porta mais próxima (igualzinha à que nós havíamos acabado de passar).

— Está sempre vazio? — Monroe perguntou, sua pergunta ecoando pela Câmara cavernosa, enfatizando o que ele disse.

— Não quando eu estive aqui. — Manson disse. — Estava apinhado com Guardiões que esperavam pelo decreto dos Protetores.

— Não gosto disso. — Ethan disse.

— Nem eu. — Monroe disse, me dando uma olhada. — Você pode nos conduzir até os outros?

Eu respirei e quase vomitei. Os restos do tormento haviam se infiltrado no chão. Parecia que eu estava tentando localizar um perfume em meio a uma pilha de corpos putrefatos. A náusea fez minha cabeça rodar novamente.

— Não aqui. — eu disse. — Talvez nos blocos. Como aquele do qual viemos.

— Devíamos fazer isso o mais rápido possível. — Monroe disse. — Connor, Ethan, e os lobos vão à frente enquanto eu tento as portas.

Nós fomos primeiro para a porta sul. Monroe arrombou a fechadura enquanto Connor e Ethan mantinham os olhos no cômodo, procurando sinais de emboscada. Manson e Nev estavam na forma de lobo agora, as presas nuas contra o violento assalto do cheiro que circulava ao nosso redor.

Monroe abriu a porta e entrou, e eu o segui. Apesar de estarem ainda desagradáveis, os cheiros dentro do bloco não me confundiam. Eu dei uns passos para frente antes de mudar para a forma humana.

— Este está vazio. — eu disse. — Próximo bloco.

— Sem sorte? — Ethan perguntou quando voltamos para a Câmara.

Monroe balançou a cabeça, afirmando.

— Para onde agora? — Connor mexeu os ombros tensos, os olhos ainda percorrendo as entradas da Câmara.

— Bloco Oeste. — Monroe disse, cruzando a câmara. Eu olhei ao redor. Do jeito que Monroe escolhera, significava que iríamos procurar no bloco norte por último, se não encontrássemos ninguém no próximo conjunto de celas. O bloco norte ficava mais perto do tablado — e eu não queria ir para perto das pedras manchadas com o sangue de minha mãe. Será que seu sangue se destacaria no meio das nódoas? Será que eu desmoronaria se sentisse o cheiro de seu sangue derramado naquelas pedras?

Quando tirei os olhos do tablado, pensei ter visto movimento, como se as sombras perto do teto tivessem tremido. Parei, espreitando a escuridão.

— Calla? — Ethan parou do meu lado.

Esperei, observando o ponto onde pensei ter visto o movimento. Somente sombras descansavam ali. Meus nervos acumulados estavam me fazendo ver coisas.

— Não é nada. — eu disse, me apressando atrás de Monroe.

Quando alcançamos a porta sul, Nev choramingou, arranhando o pé da porta.

— O que foi? — Monroe perguntou.

Nev mudou de forma. — Posso sentir o cheiro de Sabine. Ela está aqui. Outros lobos também.

— E o resto do seu clã? — perguntei. — Ren está lá dentro?

— Se ele está, os outros lobos estão cobrindo seu cheiro. — Nev disse. — Não consigo senti-lo agora.

— Mas você pode farejar esta Sabine? — Ethan franziu as sobrancelhas.

— Ela tem o cheiro de jasmim – é um odor distinto. Fácil de sentir mesmo numa multidão.

— Ah.... Tá. — Ethan disse. Seus olhos brilhando curiosos. — Jasmim?

— Podemos falar sobre perfume mais tarde? — Connor vociferou. — Eu estou achando que temos uma luta nos esperando atrás dessa porta.

— Estamos prontos. — Nev disse, voltando à forma de lobo, o pelo se eriçando enquanto rosnava.

— Vou abrir a porta agora. — Monroe disse. — Estejam prontos para qualquer coisa.

A fechadura estalou. A porta abriu. Mudei de forma, os pelos eriçados.

O corredor estava vazio, idêntico aos outros onde já havíamos procurado.

— Qual porta? — Monroe murmurou, olhando para Nev.

Nev passou pelas duas primeiras celas, o focinho seguindo baixo, farejando. Manson ficou atrás dele, as orelhas achatadas contra a cabeça.

Ele parou na frente da última porta à direita e olhou para Monroe, que acenou. Connor e Ethan tinham as armas erguidas quando Monroe virou a maçaneta. Ele hesitou, lançando um olhar aos outros.

Destrancada, ele fez uma careta.

Os Rastreadores trocaram um olhar, erguendo os ombros quando Monroe escancarou a porta.

Ouvi os rosnados antes que dois velhos Bane saltassem da cela. O primeiro se chocou contra Connor, gritando quando uma adaga escorregou pelas suas costelas. Duas flechas de Ethan se alojaram no peito do segundo lobo. Ele bateu no chão, gritando mas ainda de pé, e virou rapidamente para atacar de novo. Manson se jogou sobre o Bane ferido. Eles rolaram pelo chão, num furioso emaranhado de dentes e garras, rasgando um ao outro. Nev se apressou para ajudar Manson. Ethan entrou rapidamente na cela.

— Vá com ele, Calla. — Monroe disse. — Se seus companheiros de clã estão lá dentro, eles precisarão de você para lhes convencer que somos aliados.

Eu concordei e saltei dentro da cela. Ethan estava encarando um terceiro Bane, que estava agachado na frente de um vulto caído junto da parede. Eu vi a mecha de cabelo preto, a curva de pernas esguias cobertas pelos farrapos de um vestido. Sabine. Ela não estava se mexendo. Meu sangue congelou. Ela estava morta?

— Calla? — Eu virei ao som do meu nome e pensei que meu coração ia explodir. Bryn me olhava, os olhos arregalados com descrença. Ela estava acorrentada na parede exatamente como Manson e Nev haviam estado. Seu rosto estava magro, faminto, seu vestido um pouco menos esfarrapado que o de Sabine. Fiquei com um nó na garganta quando percebi que elas ainda estavam nos vestidos que usaram na noite da união – ou o que sobrara deles.

Eu gritei, andando em sua direção, mas parei quando ouvi a voz grave de Ethan.

— Se você sabe o que é bom para você, vai se afastar da garota. — ele disse, mirando o Bane que rosnava na frente de Sabine.

As orelhas do lobo se achataram, ele manteve os olhos fixados em Ethan. Ele se curvou sobre Sabine, suas presas próximas a sua garganta. Eu podia ouvir o prazer vingativo em seu rugido grave e forte.

Ela gemeu suavemente, seus olhos entreabertos. O ímpeto de alívio de que ela ainda estava viva foi invadido pelo horror quando o Bane abaixou o focinho, pegando o pescoço de Sabine na boca.

— Calla, você tem que fazer alguma coisa! — Bryn gritou, se contorcendo contra as correntes. — Efron ordenou aos Bane que a matassem se alguém tentasse um salvamento.

Eu virei, me concentrando no outro lobo.

Ethan já estava se mexendo. Sem falar nada, ele jogou a balestra fora, se jogando no lobo atemorizado. Humano e Guardiã se espatifaram no chão. Ethan praguejou quando os dentes do lobo afundaram em seu ombro. Ataquei, me precipitando pelo aposento. O lobo se preparou para atacar novamente, sua atenção focada em Ethan. Minhas presas afundaram no ombro do lobo. O sangue jorrou e ouvi um estalo quando meus dentes bateram no osso. O Guardiã guinchou, virando para me atacar. Eu rolei pelo chão para longe de suas presas impetuosas. Aquele pequeno segundo de distração era tudo o que Ethan precisava. Ele pegou a adaga, escorregando sob o lobo, e empurrou a lâmina na sua garganta. O lobo tremeu e ficou quieto. Seu corpo mole caiu no chão quando Ethan puxou adaga.

A mão de Sabine estava na garganta e ela estava assistindo Ethan. Ele foi para seu lado, tocando seu braço delicadamente.

— Você está machucada? — ele perguntou, os olhos percorrendo seu corpo. Ele olhou para outro lado, corando quando percebeu o quanto seu vestido rasgado estava revelando.

— Não. — ela murmurou, ainda o observando. — Quem é você?

— Ethan. — ele disse, limpando a garganta enquanto tentava encontrar um lugar a salvo para seus olhos. — Estou aqui para te ajudar.

Ela respirou com dificuldade. — Você é um Rastreador.

Ele confirmou, finalmente encontrando o olhar dela. — Mas estou do seu lado.

Eu quase sufoquei, não por causa do sangue em minha boca, mas porque eu nunca tinha imaginado que aquelas palavras saíam da boca de Ethan.

— Pensei que ia morrer. — Lágrimas escorreram pelo seu rosto. — Tinha certeza disso. Ele disse que eu nunca escaparia com vida.

— Quem disse? — Ethan lentamente baixou a mão, tocando sua bochecha. Vi que seus dedos estavam tremendo.

Foi Bryn quem respondeu. — Efron.

— Efron Bane? — Como se estivesse se lembrando, Ethan tirou a mão e girou para encarar Bryn. — O Protetor.

Ela confirmou. — Ele... gosta de manter a Sabine por perto. Acho que ele a escolheu pessoalmente.

— O que você quer dizer com 'por perto'? — Ethan franziu a testa. Sabine encontrou seus olhos e alguma coisa pareceu passar entre eles.

Ele fechou o punho. — Maldito seja aquele desgraçado!

Sabine olhou para o lado, outra lágrima escorrendo.

Eu troquei de forma, dando um passo em direção a Sabine. — Que escolha?

— Ele disse que eu poderia fazer um novo juramento de fidelidade. — ela murmurou, mais lágrimas deslizando sobre sua pele. — Voltar para o clã de Emile se eu delatasse você e seus companheiros.

Uma escolha. Os Rastreadores ou eu. Tremi.

— Eu não faria isso. — Sabine continuou, fazendo uma careta antes de limpar o rosto. — Eu não sei por que você foi embora, Calla, mas o que eles fizeram ao Ansel... Eu sabia que eles fariam o mesmo com Manson e Bryn. Eu não podia ter parte naquilo.

— Efron a puniu severamente. — Bryn disse. — Os espectros vinham todos os dias. E só por ela. Eles vieram para mim muito menos. Quatro, talvez cinco vezes. Fui poupada.

— Eu não diria isso. — Sabine lhe deu um sorriso fraco. — Uma vez é duro o suficiente.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu com vocês. — Eu me ajoelhei ao lado de Bryn.

Ela me abraçou tão forte que eu não conseguia respirar. — Estou tão feliz que você está viva.

— Sinto muito. — sussurrei novamente, horror arrepiando minha espinha. Eu devia ter sido uma prisioneira, mas eu tinha sido salva, bem tratada, e ficara longe daquela agonia a qual minhas companheiras de clã tinham sido sujeitadas dia pós dia desde que eu fugi de Vail.

— Não, — ela disse. — Você não fez isso. Eles fizeram.

— Eu sei, mas...

Ela me interrompeu, silenciando as palavras. — Cal, eu não sei o que eles fizeram com Ansel depois que o machucaram. Acho que ele pode estar...

— Não. — Eu agarrei seus ombros, forçando-a a olhar em meus olhos. — Eu sei o que fizeram com ele, Bryn. Uma coisa horrível, mas ele não está morto. Ele está à salvo. E encontrou o Shay e eu.

— Ele está? — A voz dela estava chocada, os olhos arregalados, desesperada para acreditar mas sem confiar em minhas palavras.

— Eu juro, você vai ver ele assim que chegarmos em Denver.

Connor rompeu dentro da cela, as espadas gotejando sangue. Mason e Nev estavam logo atrás dele, seus focinhos com o mesmo escarlate que a lâmina de Connor. — Tudo sob controle aqui?

— Sim. — Ethan disse. — Você pode a libertar daquilo? — Ele gesticulou, apontando para os pulsos acorrentados de Bryn, voltando a atenção para Sabine que tinha as pernas e braços algemados. — Eu dou conta aqui.

Connor foi até Bryn, Mason o seguiu. Mudando de forma, mordeu o pulso, deixando que ela bebesse seu sangue enquanto Connor a libertava. Ethan deu espaço para Nev, que se ajoelhou ao lado de Sabine.

— Você consegue se levantar? — Nev murmurou, estendendo a mão para ela.

— Mais ou menos. — ela disse, afundando os dentes na carne dele.

Ethan pairava sobre eles, assistindo enquanto a aparência pálida de Sabine se animava com nova vida. Ouvi ele expelir um longo suspiro quando ela ergueu o rosto e sorriu.

— Como se sente? — ele sussurrou.

— Vou ficar bem. — ela disse, parecendo tímida de um jeito que eu nunca tinha a visto ficar. Ela levantou os olhos para encontrar os dele. — Você salvou minha vida.

E foi a vez de Ethan evitar o olhar. — Eu, bem... — Ele esfregou a nuca, procurando palavras.

Livre das correntes, Sabine se inclinou e passou os braços ao redor do pescoço de Ethan, abraçando-o.

— Obrigada. — ela disse. — Muito obrigada.

Ele se enrijeceu nos braços dela, seus músculos tensos finalmente relaxando quando ela não o soltou. Ele deixou a cabeça descansar levemente contra o cabelo dela.

— Jasmim. — ele murmurou.

— O que? — Sabine perguntou, olhando para ele.

Ele limpou a garganta. — De nada.

— Até um Rastreador. — Nev riu silenciosamente. — Só você, Sabine. Eu juro.

— Do que você está falando? — Ela deu uma olhada para Nev, franzindo a testa. Nev só deu um sorriso.

— Ah, deixa pra lá. — Ethan disse rapidamente, limpando a garganta enquanto lançava um olhar gélido a Nev. Ele se libertou dos braços dela, levantando. Sabine sorriu novamente, só para ele, e Ethan pareceu um pouco atordoado.

Nev riu abafadamente, balançando a cabeça.

— O que é tão engraçado? — Sabine perguntou quando ele a ajudou a ficar de pé.

Monroe apareceu na porta antes que Nev pudesse responder. — Quem encontramos?

— Mais duas. — eu disse, acenando para as garotas. — Bryn e Sabine.

O rosto dele deu uma decaída. — Nenhum sinal dos outros?

Neguei, sabendo que nós dois dividíamos o mesmo sentimento de aflição. Não tínhamos encontrado Ren. Imaginei se iríamos encontrá-lo.

— Se elas estiverem curadas, precisamos ir. — Monroe disse. — Ainda precisamos procurar pelos outros.

— Podemos lidar com outra emboscada? — Connor perguntou. — Os Protetores obviamente estavam nos esperando; o primeiro grupo pode ter sido só o começo. A próxima luta que enfrentarmos poderia ser muito pior.

— Vamos terminar o que começamos. — Monroe disse. — E nosso número dobrou.

Connor abriu a boca para protestar, mas Monroe balançou a cabeça.

— Vamos terminar isso. — Monroe disse. Ele deu as costas antes que Connor pudesse responder, já caminhando rapidamente pelo salão.

Capítulo 21



Bryn pegou minha mão, inclinando-se em mim quando saímos da cela.

— Senti tanto sua falta, Cal. — disse ela. — Eu achei que nunca mais veria você de novo.

— Eu senti sua falta também. — eu disse, embora não me sentisse digna de seu afeto. Ela tinha passado por tanta coisa enquanto esperava que eu voltasse. Todos eles tinham.

— É melhor eu me aguentar sozinha. — disse ela, retornando o meu sorriso antes de cair no chão, como um lobo com pêlo cor de bronze. Ela se juntou aos outros lobos, que trotavam lado a lado, bem agrupados, encostando o nariz uns aos outros, seus rabos abanando.

Ethan e Connor observavam os jovens lobos restabelecer os laços do clã. Os rostos dos Rastreadores estavam intrigados. Achei que eles estavam tentando entender a forma como os seus inimigos jurados demonstravam afeição, lealdade, e até mesmo ludicidade. Características que os Rastreadores associavam à sua própria espécie, mas não aos Guardiões. Apenas Monroe não parecia surpreso pelo comportamento dos lobos. Ele caminhou em frente, impulsionado por uma única finalidade.

Atravessamos a sala, indo para o bloco de celas ao norte. O palanque surgia diante de nós e o cheiro de sangue, velho e novo, ficou mais forte. O cheiro forte, camada sobre camada de agonia, inundou os meus sentidos em uma onda cegante. Eu tropecei, engasgando enquanto nos aproximávamos das pedras erguidas. A violência testemunhada por este lugar parecia ter se entranhado no chão e nas paredes. Abaixei minha cabeça, querendo tapar os ouvidos. Achei que conseguia ouvir minha mãe gritando. Connor pegou meu cotovelo, firmando-me.

— Força. — ele murmurou.

Eu assenti, tentando não olhar para as manchas no palco hediondo.

Monroe destrancou a porta do bloco de celas. Ele tinha-a aberto apenas metade quando algo cintilou na minha visão periférica. Foi exatamente como antes, um momento furtivo nas sombras.

— Espere. — Agarrei o braço de Monroe.

— O que está errado, Calla? — Perguntou ele, me observando.

Meus olhos rastrearam o ponto de onde eu pensei que o movimento tinha vindo. Então eu vi.

A gárgula.

Ela não estava se movendo agora. Parecia apenas uma estátua empoleirada contra o friso de pedra que cercava o teto, mas cada nervo no meu corpo gritou que não era.

— Ethan. — Apontei para a criatura, sussurrando. — Atire nisso. Agora.

— Isso é uma estátua. — Ele franziu o cenho. — Assustadora como o inferno, mas eu não posso desperdiçar flechas.

— Apenas atire.

Ele me olhou por um momento e depois mirou. A flecha atingiu o alvo. Ethan xingou quando a flecha não fez ricochete em um monstro de pedra, mas sim se enterrou em carne. A gárgula gritou, pedra vindo à vida.

— Que diabos! — Connor saltou para trás quando a criatura tombou da borda, voando para nós.

Eu cobri os meus ouvidos, pensando que meus tímpanos estourariam devido aos seus gritos horríveis. Bryn rosnou, saltando para encontrar a criatura no ar. Assustada por sua falta de medo, a gárgula hesitou um momento, gritando a sua indignação. Os dentes de Bryn rasgaram através de uma de suas asas e a criatura caiu no chão, sangue cinza leitoso escorrendo de sua carne rasgada. Sabine saltou para o seu peito, prendendo-a contra o estrado. Bryn atacou novamente, desta vez sacudindo sua cabeça ferozmente quando ela pegou sua garganta. Eu ouvi o estalo de ossos quando o pescoço da gárgula estalou.

— Tem estado nos observando o tempo todo. — eu respirei.

— Existem outros? — Connor perguntou, virando-se em um círculo rápido, mantendo os olhos no teto.

— Não, mas Calla está certa. Deve ter estado rastreando nossos movimentos desde que chegamos. — disse Monroe. — Eu acho que podemos ter acabado de disparar o alarme.

Cada um de nós ficou parado, assimilando o significado das palavras de Monroe. Nosso silêncio foi recebido por um som baixo e urgente na distância, como um fraco tamborilar. O raspar de unhas em ferro forjado, passos batendo nas escadas. Vindo rapidamente, o tamborilar se transformou em sons mais altos quando nossos inimigos desceram do superior nível do clube.

— Eles estão vindo para nós. — disse Monroe, olhando em direção à porta que nos levaria para fora da prisão e de volta às escadas.

— Vocês sabem de outra saída? — Connor perguntou olhando para os lobos. Meus companheiros de clã olharam uns para os outros. Sabine choramingou antes de mudar de forma.

— Nenhum de nós viu outra saída. — disse ela. — Foi por ali que nos trouxeram para cá. Sinto muito.

Seus olhos encontraram os de Ethan quando ela se desculpou.

— Estamos presos aqui embaixo, então. — disse ele, olhando para Sabine como se estivesse pesando as possibilidades de como ele gostaria de passar seus últimos momentos na Terra.

— O resto do clã tem que estar neste bloco. — Monroe disse. — Se nós conseguirmos libertá-los, vamos ser capazes de colocar uma luta decente. Talvez sair daqui.

— Nem todos. — disse Connor.

— Nós não temos outra escolha. — disse Monroe.

— Ele está certo. — Ethan carregou novas flechas em sua besta. — Tempo para a última posição. Sempre soube que viria um dia.

— Não. — disse Sabine. — Eu não vou morrer aqui em baixo. Não vou dar a Efron essa satisfação.

Ela caiu em forma de lobo e uivou. O resto dos meus companheiros de clã levantou seus focinhos, juntando-se ao grito de guerra. Dos níveis acima de nós ouvi os uivos de resposta dos Guardiões que se aproximavam, cantando seu próprio desafio.

Os uivos dos lobos pareceram reviver os Rastreadores desanimados.

— Eu posso obstruir a fechadura! — Connor correu até ao outro lado da sala. — Se realmente é a única maneira de entrar, poderia comprar-nos algum tempo.

— Bem pensado. — disse Monroe. — Ethan, ajude Connor e os lobos. Tente manter os outros afastados. Calla, venha comigo.

Segui Monroe para o bloco de celas, olhando para trás para ver os meus companheiros de clã circulando Connor e Ethan enquanto brincavam com a fechadura da porta leste da prisão. Dei uma respiração lenta e estremeci. Por baixo do odor metálico duro do bloco de celas, um sussurro de fumaça de madeira se enrolou através do ar.

— O que é isso? — Monroe perguntou.

— Ele está aqui. — eu sussurrei.

Um uivo de outra parte da prisão se derramou no bloco de celas. Os pêlos na parte de trás do meu pescoço se levantaram. Reconheci o grito - Mason estava pedindo ajuda. O uivo de resposta de Nev soou um momento mais tarde. Monroe olhou para mim. Eu ouvi o raspar de unhas nas lajes, seguido de latidos e rosnados.

— Guardiões. — eu disse. — Eles entraram.

— Encontre-o. Deixe-o saber que estamos chegando. Vou dizer aos outros - vou certificar-me de que mantemos a luta longe daqui - e eu estarei de volta para você e para o resto de seu clã. Eu prometo.

Assenti, engolindo meu medo.

Monroe sacou a espada e correu de volta para a Câmara.

O cheiro me puxou para a porta distante à esquerda. *Por favor, que esteja destrancada. Por favor.*

Virei a maçaneta e a porta se abriu. Esta cela era maior do que as outras. Metal brilhante e esparsos iluminados por luzes fluorescentes zumbindo ao longo do teto. Peguei o cheiro dele antes de meus olhos o encontrarem. O calor de sândalo e a áspera borda de couro fizeram o meu peito doer. Sem pensar, eu tropecei em frente, correndo em direção a uma figura agachada no canto da sala.

— Ren! — Eu passei meus braços em torno de seus ombros, puxando-o contra mim.

— Calla. — ele murmurou. Sua testa descansou contra minha garganta, as mãos pressionadas contra a parte inferior das minhas costas.

— Você está machucado? — Eu sussurrei, ainda segurando-o apertado, estourando com alívio por ele estar vivo.

— Não.

— Graças a Deus. — Afastei-me ligeiramente para trás, pegando o meu fôlego, mal conseguindo ouvir as minhas próprias palavras sobre as batidas do meu coração.

— Nós não temos muito tempo. Eu não posso explicar agora. Temos que sair daqui.

Ren olhou para mim e de repente eu fui arrastada para a frente, esmagada contra ele. Seus lábios estavam nos meus, febris, ardendo em minha pele. Memórias choveram em cima de mim, me afogando em uma enxurrada de emoções.

Ren.

Este era o Ren que eu conhecia há tanto tempo. Meu companheiro pretendido. O jovem alfa Bane. Meu rival e meu amigo. Aquele que lideraria o clã a meu lado. Um guerreiro como eu. Um lobo como eu.

Retornei seu beijo enquanto lágrimas queimavam em meus olhos. A maré do passado me levou, e eu me pressionei mais perto de seu corpo. Eu não sabia o que pensar ou sentir. Tudo o que eu sabia era como era bom estar perto dele novamente. Pressionada contra ele, fui assombrada pelo destino que eu tinha antecipado, mas não tinha cumprido. Uma altura em que eu não sabia que mentiras eram mentiras. Quando eu pensava que entendia o meu lugar no mundo. Uma pequena parte de mim ansiava por essa certeza, pela vida que eu poderia ter tido antes do meu mundo girar no caos.

Ele recuou, olhando para mim. Levantando a mão, ele traçou a forma do meu rosto. A outra mão pegou na minha. Seus dedos pausaram, se demorando na faixa de ouro branco trançado do meu anel.

— A mim. — ele murmurou. — Você pertence a mim.

O nó na garganta era doloroso, me impedindo de falar, mesmo se eu pudesse ter encontrado as palavras. Quantas promessas eu tinha feito apenas para quebrá-las? Quanto eu tinha roubado dele, ao deixá-lo?

Ele me beijou de novo, desta vez suavemente. Seus lábios se moveram sobre o meu queixo, a minha garganta. Puxou-me ainda mais perto, sussurrando em meu ouvido.

— Eles disseram que você viria. Eu não acreditei, mas agora você está aqui.

O turbilhão de emoções que me elevava parou quando suas palavras me trouxeram de volta ao presente.

Eles disseram que você viria.

Eu levantei meu rosto, olhando para ele mais atentamente. Ele estava aqui. Vivo na sala. Mas, diferentemente dos outros, ele não estava ferido. Seu rosto não estava afundado por provações de dor e fome constante. Suas roupas não estavam rasgadas ou cobertas de fuligem. Seu cheiro era aquele tão familiar para mim, quente e masculino, mas não marcado por vômito, sangue, ou sujeira. Olhei para seus braços. Ele não estava preso. E ele estava sozinho.

Medo gelado serpenteou sobre a minha pele.

— Ren? — Eu sussurrei. Meu coração estava gritando contra os fatos arrepiantes que a minha mente estava rapidamente assimilando.

Ele se inclinou para a frente, beijando o lóbulo da minha orelha.

— Eu senti sua falta, Lily. Tanto. — ele murmurou, segurando meus braços em um firme aperto. — Sinto muito.

De repente, eu estava voando através do ar em todo o comprimento total da cela. Minha cabeça bateu contra a parede e por um momento eu não pude ver nada. Meu corpo virou e me afundei em direção ao chão. Dedos se cavaram em meus braços, erguendo-me. Senti a respiração de Ren quente contra

minha pele. Seus lábios esmagaram os meus novamente, mas desta vez eu senti o gosto de sangue. Afastei minha cabeça e ofeguei, lutando para recuperar o equilíbrio e visão.

— Ren, pare. Por favor. — Minhas mãos encontraram seus ombros e eu tentei afastá-lo. — O que você está fazendo?

Seu olhar se prendeu no meu e eu vi o aperto de sua mandíbula, a tensão em seus olhos. Fúria e tristeza agrupados na escuridão de sua íris.

— Eu não quero isso, eu nunca quis isso. — disse ele com os dentes cerrados. — Eu não tenho uma escolha. Você não me deu nenhuma escolha.

Bateu-me contra a parede novamente, forçando o ar para fora dos meus pulmões. Por um momento ele hesitou, olhando para mim, luto gravado em suas características mesmo quando o seu aperto sobre os meus braços ficou mais forte.

— É o único jeito. — Ele se engasgou com as palavras como se estivesse desesperado para acreditar nelas. — Você é minha companheira. É o meu dever trazer você de volta. Para fazer você ficar. Eles disseram que eu tenho que fazê-lo.

Olhei para ele. — Fazer o quê?

— Te quebrar.

Capítulo 22



Ren me fixou ao aço frio da parede da cela, seu joelho abrindo minhas coxas.

Choque drenou a força de meus membros. Eu não conseguia encontrar a vontade de mudar de forma. *Isso não podia estar acontecendo.*

— Oh Deus, Ren. Não. — Eu mal conseguia sussurrar as palavras, olhando para Ren. Eu já não reconhecia o garoto na minha frente, loucura e dor ardiam em seus olhos, levando-o a me machucar. Terror tomou conta de mim tal como nunca antes. Eu não queria acreditar que esta mudança era possível, mas seus dedos cavaram em meus pulsos, fazendo-me gritar. Eu senti o gosto de sangue na minha boca. Seus dentes tinham rasgado meus lábios. *Ren pertence aos Protetores agora?*

Meu corpo tremia; ondas doentias atravessavam meus membros. Eu só estava de pé, porque Ren ainda me prendia contra a parede. O frenesi em seus olhos me aterrorizou, fazendo-me plenamente consciente de que sua escolha era toda alimentada pelo sofrimento e pela dor.

— Você não precisa fazer nada, Renier. — Uma nova voz veio da porta da cela, silenciosa mas dura. — Solte-a.

Os dentes de Ren já estavam arreganhados quando Monroe se deslocou lentamente na nossa direção. Ele tinha uma espada abaixada em cada mão.

— Você tem uma escolha. — Ele continuou a falar em tons baixos. — Deixe este lugar, deixe tudo isso para trás. Você pode vir conosco.

— Com vocês? Rastreadores? — Ren cuspiu no chão.

— Nós não somos o que você pensa. — disse Monroe. — Nós viemos por você. Calla está aqui para ajudá-lo. Eu também.

Eu lancei um olhar suplicante para o alfa enquanto me torcia contra seu agarre dolorosamente apertado. — Por favor, Ren. É verdade. Venha com a gente.

— Suas mentiras levaram tudo de mim. — Os olhos de Ren estavam fixados em Monroe. — Eu vou te matar antes de acreditar em qualquer coisa que você disser.

Ele olhou para mim, o rosto contorcido com indignação e tristeza que causou arrepios correndo sobre minha pele.

— Espero que não chegue a isso.— Monroe respondeu. — Eu não sou seu inimigo, mas não posso forçá-lo a fazer a escolha certa. Isso não tem que ser o fim, mas se você não vem com a gente, pelo menos, deixe a garota ir. Não piore o seu estado.

— O que poderia ser pior do que aceitar a mão estendida de um monstro? — Um homem pisou das sombras da porta.

Meu coração bateu descontroladamente quando eu reconheci Emile Laroche, amplo e volumoso em contraste com seu filho alto e aerodinâmico, seu corpo todo repleto de músculo apertado e cabelo eriçado grosseiro. O alfa Bane olhou para mim. Embora ele permanecesse em forma humana, ele estava acompanhado por três lobos: Dax, Fey e Cosette. Meu coração estilhaçou quando os olhos deles se trancaram em mim e rosnaram em uníssono. Eu podia perceber seu único pensamento compartilhado a partir de seus olhares de ódio.

Traidora.

Eu não queria ver a verdade que estava diante de mim. Verdade testemunhada pelo flash afiado de presas e pêlo eriçado, os olhos cheios de ódio quando eles olharam para mim.

A escolha. Eles receberam uma escolha. Assim como Sabine.

Três dos meus companheiros de clã tinham me virado as costas. Eles pertenciam ao clã de Emile agora. Eles tinham escolhido os Protetores em vez de seus amigos.

Por quê?

Então virei meu olhar para trás, para Ren. Seus dedos ainda prendiam meus braços. Eles tinham dado a ele uma escolha também. Minhas entranhas se apertaram violentamente e eu pensei que podia ficar doente. Eu podia ver a dor por trás de sua fúria e sabia que Ren não queria me machucar, que ele só escolheu os Protetores porque eu o tinha deixado para trás. Porque eu traí alguém que me amava. Ele mentiu

por mim e eles tinham-no torturado. Ele havia sido quebrado e era culpa minha. Que outra escolha ele poderia ter feito?

— Emile. — A voz rouca de Monroe afastou meus olhos de Ren. O rosto do Rastreador tornou-se quase irreconhecível, enquanto olhava para Emile, olhos escurecidos por uma raiva oca e infinita.

Emile continuou sorrindo. — Você não sabe o quanto eu esperava vê-lo novamente, Monroe. Obrigado por vir.

Monroe não falou, mas suas mãos começaram a tremer.

Emile virou-se para Ren. Quando falou, sua voz estava fria e sedosa. — Renier, conheça o homem que matou sua mãe.

As mãos de Ren caíram dos meus braços, a cor drenada de seu rosto.

Eu me afastei, agachada contra a parede lateral. Meus olhos se deslocaram de Ren, para Monroe, para a porta ainda bloqueada por Emile e os lobos. Não havia como escapar.

Monroe respirou um assobio. — Seu bastardo mentiroso.

O vazio em seus olhos brilhou com o brilho sutil de lágrimas.

O riso de Emile era como o estalar de ossos. — Mentiras? Você realmente acredita que Corrine teria morrido se não fosse por sua causa?

Com um grito repentino Monroe atacou Emile.

Mas Ren estava ali, mudando de forma no ar, e um lobo cinza escuro aterrou rosnando entre seu pai e o Rastreador, bloqueando o caminho de ataque de Monroe. Monroe vacilou com a visão, perdendo sua força. Ele se jogou para o lado, rolando para fora do caminho quando Ren se virou para ele de dentes arreganhados.

— Eu pareço ter o controle aqui, velho amigo. — Emile sorriu enquanto Ren perseguia Monroe, encurralando-o contra a parede mais distante da cela.

— Vamos ver sobre isso. — disse Monroe, mantendo seus olhos em Ren. Os músculos do lobo estavam tensos, seu rosnar furioso. Eu sabia que ele estaria em Monroe há qualquer momento, ansiando o sangue que ele acreditava que iria vingar a morte de sua mãe.

— Ren, não! — Gritei. — Monroe não matou a sua mãe. Ele tentou salvá-la!

— Mate essa cadela, Dax. — Emile sibilou, apontando para mim. — Agora.

Dax veio para mim, rosnando, revelando todos os seus dentes afiados. Eu nunca tinha pensado muito sobre como Dax era grande quando não estava na forma humana. Eu nunca pensei que teria que lutar com ele. O melhor guerreiro dos jovens Banes. Enquanto eu observava seus músculos ondulando sob sua pele, eu percebi que ele era o maior lobo que eu já vira. Troquei de forma, com pêlo eriçado, e me preparei contra o chão. Ele tinha a vantagem do tamanho e força, mas eu tinha velocidade.

Enquanto procurava uma maneira de me defender, a minha mente estava gritando. Eu não quero matar Dax. Como eu poderia matar Dax?

Ele estava apenas a alguns metros de distância, uma distância que poderia cobrir em um único pulo. Eu rosnei, mas estendi a mão para ele com a minha mente.

Não faça isso.

Você fez sua cama, Calla. Dax se agachou, seus músculos enrolando como molas, expondo suas presas.

Mesmo os dentes eram enormes.

Um rosnado afiado atravessou a sala e Dax hesitou, voltando-se em resposta ao chamado de Ren. Seus olhos se encontraram. Dax deu um latido curto e confuso, olhando de Ren para Emile.

Ren não tinha aberto sua mente para mim, só Dax podia ouvi-lo, mas eu estava desesperada por saber o que passava entre os dois lobos.

— Não interfira, garoto. — Emile encarou Ren.

Dax hesitou e eu dei um passo para mais perto da porta, me perguntando se eu podia fazer uma corrida para ela. Mesmo se eu pudesse, isso significaria deixar Monroe para trás. Eu congelei no lugar, recusando-me a abandoná-lo.

— Eu sou o seu alfa. — disse Emile, mostrando a Dax caninos afiados. — Mate-a. Mate-a e tome seu lugar como o meu segundo.

Dax virou o rosto para mim, seus olhos ardentes, cheios de luxúria de sangue, e eu sabia que ele não hesitaria novamente. Eu tinha que me libertar de quaisquer

dúvidas que ainda me faziam hesitar com a perspectiva de lutar contra um ex-companheiro de clã. Agora. Ou eu estaria morta.

— Se afaste, peludo! — Connor apressou-se pela porta, atirando-se entre Dax e eu, brandindo suas espadas. — Desculpe acabar com a festa, mas é hora de nós dizermos adeus. Não que você não tenha sido maravilhoso.

Dax disparou para a frente. Connor fintou, cortando o ombro do lobo. Dax avançou novamente, mas Connor correspondeu a sua velocidade, deixando mais dois cortes na lateral de Dax. O lobo enorme rangeu os dentes, latindo furiosamente, enquanto circulava Connor, mantendo as lâminas voando entre eles a uma velocidade vertiginosa.

Fey e Cosette começaram a vir na nossa direção, rosnando.

— Não! — Emile gritou, apontando para Monroe. — Esqueça a garota. Este homem é quem nós queremos. Dax, se afaste. Deixe os outros partir. Não importa. Não há para onde fugir.

Ele virou seu olhar para trás, para Monroe. — Temos negócios mais importantes para cuidar. Negócios pessoais.

Dax lentamente se afastou de nós, ainda rosnando. Fey e Cosette tomaram posições ao lado de Ren, acabando com qualquer caminho de fuga que Monroe poderia ter tido.

— Connor. — Monroe chamou com uma voz firme quando os quatro lobos se fecharam sobre ele. — Leve Calla e corram.

Connor olhou para Monroe, de olhos arregalados. — Não.

— Agora, Connor. — Monroe não tirou os olhos de Ren. — Isso é uma ordem.

— Eu não vou. — A voz de Connor tremeu. — Não vale a pena. Não pode valer.

— Vale. — Monroe disse calmamente. — Você sabia que esta era uma possibilidade. Agora vá com a garota para fora daqui. E não tente voltar por mim.

Eu estava tão assustada que mudei de volta para a forma humana. — Não!

Emile começou a rir. Ren ainda estava agachado entre seu pai e o Rastreador, seus olhos cor de carvão em chamas enquanto observava Monroe baixar suas espadas.

— Eu não vou machucar o garoto. — disse Monroe. — Você sabe isso.

— Eu deduzi. — disse Emile, seus olhos se deslocando sobre os jovens lobos que rosnavam. — Certifiquem-se de que ele não escapa. É hora de Ren vingar sua mãe.

— Ren, não! Ele está mentindo. É tudo mentira! — Eu gritei. — Venha com a gente!

— Ela já não é um de nós. — Emile assobiou. — Pense em como ela o tratou, como virou as costas a todos nós. Cheire o ar, garoto. Ela fede a Rastreadores. Ela é uma traidora e uma puta.

Ele me encarou e eu tropecei para trás pelo fogo lívido em seus olhos. — Não se preocupe, garota bonita. Seu dia está vindo. Mais cedo do que você pensa.

Eu me afastei para o lado quando Connor agarrou o meu braço e puxou com força. Ele me puxou para a porta desprotegida.

— Nós não podemos deixá-lo! — Gritei.

— Nós temos que fazê-lo. — Connor tropeçou em mim quando eu lutei para me libertar, mas rapidamente recuperou o equilíbrio, apertando seus braços em volta de mim.

— Deixe-me lutar! — Lutei, desesperada para voltar mas não querendo ferir o Rastreador que estava arrastando-me para longe.

— Não! — O rosto de Connor era como pedra. — Você ouviu-o. Vamos sair daqui. E se você se transformar em lobo, eu juro que ponho você inconsciente.

— Por favor. — Meus olhos arderam quando vi as presas de Ren brilhando, e minha respiração parou quando Monroe baixou a espada.

— O que ele está fazendo? — Eu chorei, esquivando-me quando Connor tentou agarrar-me novamente.

— Esta é a luta dele agora. — disse ele por dentes cerrados. — Não a nossa.

Ren saltou para trás quando as espadas atingiram o chão na frente dele. Embora seu pêlo ainda estivesse eriçado, seu rugido morreu.

— Ouça-me, Ren. — disse Monroe, agachando-se para encontrar Ren ao nível dos olhos, sem olhar para os outros dois lobos aproximando-se dele com uma lentidão cruel. — Você ainda tem uma escolha. Venha comigo e descubra quem você realmente é. Deixe tudo isso para trás.

O latido curto e acentuado de Ren, terminou em um gemido confuso. Os outros três lobos continuaram perseguindo o Rastreador, sem ser detidos por seu inimigo abruptamente ter largado as suas armas.

O braço de Connor envolveu meu pescoço, pegando-me em um aperto doloroso.

— Não podemos ver isto. — retrucou, lentamente levando-me para fora da sala.

— Ren, por favor! — Gritei. — Não os escolha! Escolha a mim!

Ren se virou ao ouvir o desespero em minha voz, assistindo Connor me puxar pela porta. Ele mudou de forma, olhando surpreso para as mãos estendidas de Monroe, e deu um passo em direção a ele.

— Quem é você?

A voz de Monroe tremia. — Eu...

— Basta! Você é um idiota, rapaz. — Emile rosnou para Ren antes de sorrir para Monroe. — Assim como seu pai.

E então ele estava pulando no ar, transformando-se em um lobo - um feixe grosso de peles, dentes e garras. Vi-o bater em Monroe, suas garras afundando em torno da garganta do homem desarmado, um momento antes de eu ser levada. Connor me trouxe de volta pelo corredor em um ritmo alucinante.

Olhei por cima do ombro, na esperança de ver Ren e Monroe emergirem juntos, se unindo à nossa fuga.

Mas tudo o que eu ouvi foram rosnados e grunhidos que ecoaram no espaço vazio atrás de nós.

Capítulo 23

Nós nunca conseguiremos voltar para fora. Era uma armadilha. Eu soluçava enquanto corria, despedaçada pelo que eu tinha visto, pelo que eu sabia agora. Tinha sido sempre uma armadilha. Guardiões e Protetores estariam fervilhando no piso principal do Eden agora, bloqueando nossa fuga. Eu corri em frente, ainda de mãos dadas com Connor apesar de meus passos parecerem mais pesados e mais pesados, parecendo que eu corria através de cimento molhado.

Gritos alcançaram meus ouvidos da sala à frente.

Connor escancarou a porta, empurrando-me para dentro da Câmara. Qualquer esperança que eu tivesse estado agarrando desapareceu ao ver a cena à nossa frente. Guardiões se pressionavam para entrar através da entrada leste no bloco de celas, dois ou três de cada vez. Ethan estava em pé no palco e disparava flechas, lançando uma enxurrada de fogo para os segurar tão rápido quanto ele podia, desacelerando sua abordagem enquanto eles sucumbiam aos compostos alquímicos rodando através de sua corrente sanguínea. Os lobos balançavam em seus pés, apertando seus focinhos e finalmente caíam sobre o chão de pedra. Aqueles atingidos por múltiplas flechas empilhavam-se uns sobre os outros na porta de entrada, criando um obstáculo que misericordiosamente desacelerou o número que poderia chegar até nós. Meus companheiros de clã já estavam na briga pegando aqueles Guardiões um por um que tinham se esquivado do fogo de Ethan.

Connor xingou, arrastando-me para o palco.

— Não está parecendo bom, amigo. — Ethan disse entre dentes cerrados, mirando seu arco uma vez mais. — Eu estou quase sem munição.

— Vamos ser dominados em menos de cinco minutos. — Connor disse, examinando minuciosamente a sala.

— Onde está Monroe? — Ethan perguntou.

— Nós o perdemos. — Connor disse calmamente. Minhas veias ficaram geladas quando ele disse em voz alta.

— Bem, isso encerra a questão. — Ethan disse sombriamente. — Algumas últimas palavras?

— Calla. — Connor disse — Se nós atrairmos o ataque deles na nossa direção, você e os outros podem alcançar as escadas?

Eu olhei para a pressão dos lobos inimigos lutando sobre a pilha de corpos bloqueando o corredor, rosnando e empurrando uns aos outros enquanto eles entravam na Câmara.

— Mesmo se eu pudesse, eu acho que eles têm cinquenta ou mais Guardiões bloqueando todos os caminhos para o primeiro andar. Nós não conseguiríamos.

Connor balançou a cabeça, olhando de volta para a porta, para o bloco norte de celas. Eu segui seu olhar, imaginando se Monroe ainda estava vivo, se existia alguma chance dele ainda poder surgir.

Um estrondo ensurdecador e um clarão ofuscante arremessaram-me contra o chão; meus ouvidos soavam como se um raio tivesse caído nas pedras do pavimento atrás de nós. A sala crepitava com eletricidade e o ar cheirava a ozônio. Ethan grunhiu ao meu lado, virando com um movimento brusco e mirando sua balestra em seja o que fosse que tinha nos atirando para baixo.

— Eu não acredito. — Connor murmurou enquanto Adne se lançava pelo portal cintilante, estendendo suas mãos para ele.

— acredite. — Ela sorriu, ajudando-o a levantar-se. O sorriso dela desapareceu quando ela viu os Guardiões fervilhando dentro da Câmara.

— Uma porta dentro do Eden. — Ethan engasgou, olhando para a porta. — Você fez isso. Você realmente fez isso.

— Eu receberei suas críticas brilhantes mais tarde. — ela disse, — Agora nós precisamos ir.

— Meu clã. — eu disse, movendo lentamente meus pés.

— Estou tratando disso. — Ethan disse. Ele pulou do palco, puxando sua balestra para as costas e puxando espadas. Ele cortou caminho em meio a multidão, gritando. — O show acabou, crianças! Nós acabamos de receber nosso bilhete para fora daqui!

As orelhas de Mason sacudiram; ele viu o cintilante portal sobre o palco e deu um longo, alegre uivo. Nev virou-se, correndo para a plataforma. Bryn liberou a garganta de outro lobo, correndo em nossa direção. Sabine estava presa contra a parede sul, lutando com três lobos de uma vez.

— Aguenta, Sabine! — Ethan gritou. — Eu estou à caminho.

— Calla, mantenha os Guardiões longe de Adne! — Connor ordenou.

Connor seguiu o rastro de Ethan, lutando contra Guardiões que tentavam perseguir meus companheiros de clã. Eu mudei de forma, rasgando qualquer lobo que conseguia passar por ele.

Ethan alcançou Sabine, arrastando dois dos lobos para longe dela com ataques de sua espada inoportuna.

— Corra! — ele gritou enquanto ela levava o terceiro lobo abaixo. — Eu estou bem atrás de você.

Ela saltou passando por ele, arrancando para o palco. Ele correu direto por um dos Guardiões, mas o outro fechou sua mandíbula ao redor de seu braço. Ele xingou, lutando para libertar a si próprio. O lobo cavou suas presas mais profundo, disposto a um resultado. Ethan deixou cair a espada em sua mão livre e alcançou um punhal. O lobo ainda estava agarrado a ele quando a lâmina afiada entrou no olho dele. O Guardião caiu no chão, mas o sangue jorrou em torno da carne do braço de Ethan quando ele tropeçou de volta ao palco.

— Eu encarrego-me de sua retaguarda, homem. — Connor disse, cortando um lobo e batendo com seu punho no rosto de outro enquanto dois deles caíam para trás.

— Aqui! — Adne gritou, acenando para eles. — Passem através do portal! Eu tenho que fechá-lo antes que eles possam seguir-nos.

Mason, Nev e Bryn já tinham saltado através do portal repleto de luz. Sabine esperou ao meu lado. Ela mudou de forma quando Ethan subiu no palco, envolvendo seu braço em volta da cintura dele para ajudá-lo através do portal.

— Vem, Calla. — Adne disse, olhando a sala ao redor mais uma vez. — Connor, onde está meu pai?

— Vem, Calla. — Connor repetiu suas palavras, empurrando-me através do cintilante portal.

Eu olhei sobre meu ombro quando eu passei dentro da luz, assistindo quando Connor puxava Adne contra ele, sussurrando em seu ouvido. Seu rosto enrugou-se e ela caiu contra ele. Connor envolveu seu corpo dentro dos braços dele, carregando-a através do portal e para fora da luta.

Minhas unhas do pé rangiram no cascalho. Eu aspirei com a boca o ar frio da madrugada. Ele tinha gosto de liberdade, mas meu alívio foi de curta duração e agri-doce. Atrás de mim eu podia ouvir Adne soluçando e Connor murmurando. — Você tem que fechar a porta, Adne. Por favor.

Eu ouvi o rosnado e o grito dela ao mesmo tempo. Girando em direção ao portal, eu me preparei para uma nova luta. Dois Guardiões tinham saltado através da porta. O primeiro estava em cima de Adne, agarrando o rosto dela enquanto ela contorcia-se embaixo dele, enquanto o segundo lobo lutava com Connor.

Eu movi-me em direção a Adne, capturando formas turvas que corriam passando por mim pelo canto do meu olho. Enquanto Connor erguia suas espadas, Nev e Mason chocaram-se com o lobo em frente a ele. Pele e sangue voaram no chão quando meus companheiros de clã rasgaram o lobo inimigo ao meio.

Eu afundei meus dentes no flanco do outro lobo, tentando puxá-lo para longe de Adne. O lobo torceu sua cabeça ao redor para rosnar, mas de seguida gritou e estremeceu, desfalecendo. Adne grunhiu, empurrando seu corpo de cima dela, revelando o punhal coberto de sangue com que ela tinha empalado o Guardião. Sem hesitação, ela apressou-se para o portal ainda aberto, esquivando-se quando outro lobo saltou através dele.

Adne trabalhou seu punhal de lado a lado do portal. A luz brilhante que cintilava na escuridão piscou no espaço aberto enquanto eu disparei para um novo ataque. Nossos corpos bateram no chão. Nós deslizamos em meio ao cascalho, mesmo através da espessa camada de pele. Quando nós paramos de correr, o outro lobo tentou fugir, mas eu disparei em sua direção, visando seu pescoço, mas agarrando a parte superior da frente de sua perna com minha mandíbula em vez disso no momento que tentou esquivar-se. O lobo gritou, tentando afastar-se, mas eu apenas mordi mais duro. O ressoar da balestra de Ethan, em seguida de três breves estalidos, alcançaram meus ouvidos. O latido do outro lobo tornou-se um gemido e ele caiu no chão.

Rosnados e gritos diminuíram, substituídos pelo nosso ofegar e os suspiros da respiração dos Rastreadores. Nosso pesado exalar formou finas nuvens no ar frio.

— Onde nós estamos? — Ethan finalmente perguntou.

Ele estava meio deitado no chão, apoiado em um cotovelo, seu braço multilado repousando transversalmente sobre seu peito. Sabine estava agachada ao lado dele, examinando seu antebraço retalhado. Bryn, Mason e Nev ainda estavam em forma de lobo, encolhidos em um pequeno grupo apertado ligeiramente afastados dos outros. Adne não respondeu a Ethan; ela tinha desabado aos pés de Connor. Ele colocou uma mão sobre sua cabeça, enquanto examinava minuciosamente nosso entorno.

— Parece que nós estamos no telhado do prédio próximo ao clube.

— No telhado? — Ethan perguntou. — Isto está certo, Adne? — Ela não respondeu.

— Adne. — Ethan disse de novo. — Onde nós estamos?

— Deixa ela em paz. — Connor rosnou.

— Eu não estou tentando ser um imbecil. — Ethan replicou. — Mas nós não estamos exatamente fora de perigo ainda. Nós precisamos voltar para Denver.

Adne lentamente desenrolou seu corpo, levantando-se estavelmente. Ela andou para longe quando Connor tentou alcançá-la.

— Ele está certo, e sim, nós estamos no telhado do prédio vizinho. Eu vou abrir a porta para casa. Apenas me dê um minuto.

Ela tropeçou para longe de nós, limpando seu rosto.

Eu sentei no chão e mudei para forma humana, dobrando meus joelhos para cima em meu peito. Uma parte de mim pensava que eu deveria ir ter com os meus companheiros de clã e certificar-me que eles estavam bem. A primeira viagem deles através do portal foi provavelmente um choque que só adicionou stress para nossa fuga. Mas eu não podia me forçar a juntar-me a eles; minha mente ainda estava se recuperando do que tinha acontecido no bloco de celas norte. Fechei meus olhos, meu corpo inundado com não somente um pesar, mas uma onda de confusão.

Assim como seu pai.

O que Emile tinha dito não fazia sentido. O modo como ele tinha sorrido para Monroe quando ele tinha dito as palavras fizeram minha pele ferver. Por que ele teria chamado ele mesmo de tolo? Por pensar que ele podia pedir a Ren para machucar-me quando ele ainda me amava?

Meu corpo doeu com a perda quando percebi o quão provável era que eu nunca iria ver Ren novamente. E se eu visse, seria como inimiga dele.

— Calla? — Eu abri meus olhos para ver Sabine ajoelhada na minha frente. Agora em sua forma humana, Bryn, Mason, e Nev em pé logo atrás dela.

— Sim? — Eu disse.

Sabine engoliu, seus olhos brilhando. — Eu estava demasiado ocupada lutando para notar que você voltou sem os outros. Mas agora que nós estamos aqui e eles não estão...

Um peso de chumbo solidificou-se dentro de meu peito, tornando difícil respirar.

— Eles estão mortos, não estão? — Sabine sufocou com as palavras.

Eu não podia responder, minha garganta parecia em carne viva. Eu olhei fixamente para o rosto cheio de sofrimento dela, não querendo compartilhar uma verdade que seria mais dolorosa do que o que ela acreditava que tinha acontecido.

— Todos eles? — Bryn sussurrou, seu próprio rosto tremendo com tristeza.

— Até Ren?

— Não. — eu sussurrei.

Connor tinha calmamente levantado atrás de mim. Ele pôs a mão sobre meu ombro.

— Você viu eles? — Mason perguntou. — E eles ainda estão lá dentro? Vivos?
— A expressão aflita de Sabine tornou-se um carranca. — Você vai deixá-los para trás?

Ethan levantou cambaleando e se juntou ao grupo, traído pela crescente tensão.
— O que está errado?

Sabine ainda estava olhando para mim. — Como você pôde?

— Calla não tinha escolha no assunto. — Connor disse.

— É claro que ela tinha. — Sabine vociferou.

Mesmo o rosto de Bryn caiu, cheio de decepção por minha aparente covardia.

Eu não podia olhar para nenhum deles mais, então eu olhei para o chão, lágrimas queimando meus próprios olhos.

— Nós não os deixamos. — Connor respondeu por mim. — Eu estava com Calla quando ela encontrou o resto de seu clã.

— Então por que eles não estão aqui? — Os olhos de Sabine se estreitaram.

— Eles ficaram, Sabine. — Neville disse em voz baixa, pegando o olhar sombrio de Connor. — Eles ficaram com os Protetores.

— Não. — Bryn disse.

— Isso é impossível. — Sabine silvou. — Cosette nunca ficaria com eles!

— É verdade. — Connor disse. — Eles atacaram Calla.

— Por que eles atacariam Calla? — Mason perguntou.

— Emile. — eu disse. — Eles estavam seguindo ordens de Emile.

— E Ren? — Bryn perguntou, a voz trêmula. — Ele ficou também?

— Sim — *Ele ficou por causa do que eu fiz a ele.*

— Droga. — Nev afastou-se, balançando sua cabeça. Mason seguiu-o, dando-me um triste sorriso antes de sair.

Sabine estava chorando baixinho. — Oh, Cosette.

Ethan clareou sua garganta. — Parece que se Cosette ficou para trás, foi somente porque ela estava com medo.

— Com mais medo de sair do que daquilo que vai acontecer com ela sem mim lá? — Ela engasgou nas palavras. — Eu não posso proteger ela de Efron agora. Ela sabe que vai...

— Melhor o diabo que você conhece. — Connor disse. — Acontece.

Ela balançou sua cabeça e soluçou.

— Vocês eram próximas? — Ethan perguntou calmamente.

— Eu... eu sempre pensei nela como uma irmã. — Sabine disse. — Eu apenas não entendo.

— Calla. — Bryn pegou minha mão. — Sobre Ren... Você está...

Eu levantei minha mão. — Eu não posso, Bryn. Por favor.

Culpa. Vergonha. Pesar. Uma avalanche de sentimentos caiu sobre mim. Eu não podia suportar a ideia de tentar explicar o que tinha acontecido.

— Certo. — Ela levantou-se, franzindo a testa. — Eu vou deixar você sozinha.

Ela foi atrás de Mason e Nev.

— Ethan, você pode dar-nos um minuto? — Connor perguntou, agachando-se próximo a mim.

— Certo. — ele disse. Ele já estava observando Sabine, que tinha se levantado, movendo-se lentamente para longe de nós. Mas diferente de Bryn, ela não tinha seguido os outros lobos, ao invés disso tropeçando para a borda do telhado, sozinha. Ethan arrastou-se atrás dela, mantendo uma respeitosa distância.

Connor me observava atentamente. — Monroe contou-me que você e Ren eram próximos.

A densidade em minha garganta era dolorosa, mas eu consegui assentir com a cabeça. Como isso poderia ficar pior? Eu não penso que eu poderia suportar mais nenhuma questão acerca de Ren e eu.

— Você ouviu o que Emile disse. — Connor continuou em voz baixa. — Pouco antes... — Ele não conseguiu terminar, olhando para longe de mim. Eu observei ele engolir a dor.

— Sim. — eu disse entorpecida, eu não sabia por que isso importava. Connor pigarreou algumas vezes antes que ele pudesse falar novamente.

— Eu estou pedindo para você não dizer nada antes que eu tenha tempo de falar com Adne.

Dizer alguma coisa sobre o quê? Ren estava perdido. Da mesma forma estava Monroe. Metade do clã tinha voltado para os Protetores. Aqueles que nós tínhamos conseguido salvar pensavam que as nossas perdas eram minha culpa. Mas o que eu poderia fazer para mudar isso? Afinal, era verdade. — As pessoas sabem. — ele disse calmamente. — Ou até mesmo se elas não sabem, elas falam. Não é nenhum segredo que Monroe amava Corine. Mas ninguém sabia sobre a criança.

A criança.

Eu pensei que meu coração iria se dividir em mil pedaços quando a verdade se apoderou de mim. As infinitas questões de Monroe sobre Ren. Os riscos inacreditáveis que ele tinha assumido, todos tentando salvar Ren. O modo que ele tinha abaixado suas armas antes da investida do lobo.

Como Ren não se parecia em nada com Emile, mas ele se parecia com Monroe. Foi por isso que o Guia sempre tinha parecido familiar quando eu falei com ele. Cabelo escuro como café, os ângulos esculpidos de suas bochechas e mandíbulas.

Eu não vou machucar o menino. Você sabe disso.

Monroe era o pai de Ren. Corine tinha pedido para ele matá-la por que ela tinha sido ordenada a ter uma criança. E ela apaixonou-se por Monroe enquanto eles passaram os meses planejando uma revolta... Um tempo em que o corpo dela tinha estado livre dos encantamentos dos Protetores.

— Oh meu Deus. — eu sussurrei, sentindo lágrimas derramarem-se de meus olhos. — Ren.

É filho de Monroe — não de Emile — e ainda um Guardiã. A essência da mãe sempre parece dominar, determinar a natureza da criança.

— Nós não podemos fazer nada por ele agora. — Connor disse. — Eu gostaria que fosse diferente. Mas Monroe queria que Adne soubesse a verdade. Mesmo se ele não voltasse. Eu vou contar a ela, mas agora não é o momento.

Embora fosse doloroso, eu engoli a densidade em minha garganta. — Mas... como? E quanto à mãe de Adne?

— Foi antes de meu tempo. — Connor manteve sua voz baixa. — Mas eu tenho ouvido coisas. Depois da aliança, quando os Rastreadores foram emboscados e Corine morreu, as coisas estavam ruins. Realmente mal. E ninguém estava em pior estado do que Monroe. Nós estamos falando de não vir de volta da beira do pior precipício. Eu acho que ele estava bebendo muito álcool. Irresponsável em missões. Parecendo querer se matar.

— O que mudou? — Eu perguntei. Era tão fácil imaginar o quanto de culpa Monroe tinha colocado em si mesmo.

— Houve tantas perdas que as posições estavam embaralhadas por todos os lugares depois da catástrofe de Vail, — ele disse. — Diana, a mãe de Adne, era uma nova Striker atribuída para Haldis. Ela fez amizade com Monroe... foi a única pessoa que conseguiu chegar até ele, o salvando dele mesmo. E no final das contas houve Adne.

— Você conheceu Diana? — Eu tentei imaginar uma mulher com os cabelos longos e soltos de mogno de Adne e olhos cor de âmbar. Aos olhos de minha mente ela estava trocando golpes de espada com Monroe e ambos os dois sorrindo.

Ele balançou a cabeça. — Eu fui o substituto dela. — Connor disse, deslocando seu olhar para longe de mim para observar Adne. Ela estava em pé na beira do telhado, cabeça baixa. — Se Monroe alguma vez contou a Diana sobre Ren, nós nunca saberemos. — Então seus olhos voltaram para mim. — Você pode guardar esse segredo?

Eu assenti, esmagada pelas revelações cataclísmicas que continuavam vindo, cada novo segredo lançando o meu mundo no caos.

— Obrigado. — ele murmurou. Eu observei ele levantar-se, perguntando-me como ele contaria a Adne que ela tinha um irmão que ela nunca tinha conhecido e provavelmente nunca conheceria exceto para matá-lo.

Quando Connor se afastou, minha atenção foi atraída para as vozes de Ethan e Sabine.

Ethan estava inclinado longe do braço estendido dela. — Eu disse não.

— Pare de ser um bebê. — Sabine disse, e eu vi o sangue escorrendo de seu braço sobre o chão.

— Eu não vou beber seu sangue. — Ele tentou afastar o braço dela mas vacilou, incapaz de colocar qualquer peso sobre seu braço mutilado.

— Pense acerca do quanto vai doer por deixar curar por si próprio. — ela disse. — Isso vai levar uma eternidade. Isso irá tratá-lo instantaneamente, e mais ainda, você não terá nenhuma cicatriz.

— Eu não me importo com cicatrizes. — ele rosnou.

— Eu estou certa que não, cara durão. — ela riu. — Embora saliente a sua masculinidade não vale muito se seu braço estiver em uma tipoia pelo próximo mês. Você realmente acha que pode lutar assim?

— Mas eu... — Ethan gaguejou.

— E eu sei que você está sangrando naquele ferimento do ombro também. — Sabine disse. — Por que você não me deixa ajudar você?

— Apenas deixe-me sozinho. — ele disse, soando como uma criança petulante enquanto virava seu rosto para longe.

— Eu vou. — ela disse. — Depois.

Sabine deslizou por trás dele, envolvendo um braço ao redor de seu ombro, prendendo ele contra o corpo dela.

— Hei! — ele gritou, olhos arregalados em alarme. Suas próximas palavras foram perdidas quando ela pressionou o sangramento do antebraço dela contra sua boca.

Ele lutou para se libertar, mas Sabine estava completa com a força de Guardiã e teve pouca dificuldade para mantê-lo imóvel. Ela manteve seu braço colado contra os lábios dele, o sangue dela escorrendo ao longo de sua mandíbula. Ele se debateu algumas vezes mais antes que fosse forçado a engolir. Eu observei alguma coisa passar sobre o rosto dele – uma mistura de medo e admiração.

A cena diante de mim era tão familiar, fazendo-me tremer. Era como assistir um reflexo obscuro do dia que eu influenciei Shay a beber meu sangue. A mesma expressão de surpresa tinha enchido o olhar de Shay. Ethan apertou o pulso de Sabine, puxando sua carne ainda mais dentro de sua boca ao invés de afastá-lo. Ele fechou seus olhos e bebeu, tremendo em êxtase.

Connor, que tinha estado observando silenciosamente, soltou uma aguda exclamação quando a carne dilacerada do braço de Ethan começou a emendar-se por si mesma diante de seus olhos. Músculos fragmentados foram reconstruídos como

novos, pele foi fechada, completamente livre de cicatrizes. Ele estava perdido no poder do sangue de Sabine fluindo através dele.

Quando a ferida foi curada, ela segurou seu ombro, tirando seu braço de seu alcance.

— Cuidado aí, tigre. — ela murmurou. — Ou você me fará desmaiar. — Sua voz trouxe Ethan de volta para o telhado, o frio da noite, e cinco pares de olhos fixos nele.

Ele girou para longe de Sabine, pulando sobre seus pés, pernas tremendo. — Isso...

Seu rosto assumiu um tom assombrado quando ele olhou para ela, afastando-se. A expressão dissolveu-se em uma carranca. — Eu não queria isso.

— Você é bem vindo. — Ela disse, tremendo quando uma rajada de vento gelado passou sobre sua pele nua.

O olhar de Ethan ainda estava duro, mas ele tirou a jaqueta de couro de seus ombros e atirou para ela.

— Eu vou ter certeza de que não há nenhum espectro achando o caminho até as escadas de incêndio.

Espectros. Bryn choramingou. Eu olhei fixamente para ela e vi que todo o clã, exceto Sabine, tinha voltado à forma de lobo. Nev e Mason pressionaram seus focinhos contra ela, seus próprios membros tremendo. Eu estremeci. Era muito fácil imaginar o tormento a que meus companheiros de clã tinham sido submetidos, as memórias do medo e dor que ficariam com eles mesmo que eles estivessem livres agora. Eu tomei uma lenta respiração, procurando por algum modo de acalmar minha mente. Nós fomos sortudos que somente os Guardiões nos tinham emboscado. Nós tínhamos sido capazes de combatê-los.

Sortudos...

— Tudo limpo. — Ethan disse, retornando para nosso amontoadado grupo. — Ninguém veio atrás de nós. Adne está pronta para abrir a porta agora?

— Ela está. — Adne disse, retornando de sua solidão. As linhas de lágrimas ainda reluziam em seu rosto. — Você tem certeza que ninguém está nos seguindo? Eles estavam do lado de fora antes; isso é como eu acabei aqui em cima.

— O que aconteceu? — Connor perguntou. — Como você chegou até nós?

— Aproximadamente vinte minutos depois que vocês foram embora, houve muita atividade na rua do lado de fora do clube, carros arrancando para cima; eu ouvi gritos e movimentação. — ela disse. — Dezenas de Guardiões entraram pela porta lateral. Eu me preocupei que iria ser vista, então eu fechei o portal e abri uma porta para o telhado. Eu esperei até que eu percebi que vocês estavam em sérios apuros.

— O que fez você abrir a porta dentro do Eden? — Ethan perguntou.

— Eu observei o clube da beira do telhado. — ela disse. — Os Guardiões continuavam vindo. Havia tantos deles, e muito tempo tinha passado. Eu sabia que vocês estariam presos. Eu decidi que eu tinha que arriscar.

— Obrigada por isso. — Ethan disse. — Nós todos seríamos comida de animais e estaríamos em pedaços se você tivesse julgado que estávamos seguros.

— Guardiões não comem pessoas. — eu disse, franzindo a testa. — Nós nunca comemos pessoas.

— Você sabe o que eu quis dizer. — ele sorriu.

— Eu estou apenas contente que eu estava prestando atenção quando seu irmão descreveu a prisão. — Adne disse, oferecendo-me um fraco sorriso. — Esses foram os detalhes que eu usei para tecer a porta.

— Como você faz isso? — Sabine perguntou, puxando a jaqueta de Ethan apertada ao redor de seu corpo. — Eu nunca tinha visto nada como isso.

— Adne pode usar magia para conectar um lugar ao outro. — eu disse, tentando dar a explicação tão simples quanto possível. — É como eles viajam.

— Uau, isso é muito legal. — Nev tinha mudado para a forma humana. — E os Protetores simplesmente não seguem você?

— Os Guardiões não podem criar portas. — eu disse rapidamente. — Eu vou explicar isso mais tarde. — Eu não achava que agora fosse a hora para contar para meus companheiros de clã que os Rastreadores descreviam nossa criação como uma ofensa contra a natureza. E eu estava distraída. As palavras de Ethan zumbiam em meus ouvidos. Ninguém tinha vindo atrás de nós. Por quê? Nós estávamos escondidos, mas não tão bem. Somente iria fazer sentido para os Protetores esquadrihar as ruas, mesmo o topo dos telhados, caçando-nos.

Resistindo mais do que a um combate de nervos, eu levantei minha voz. — Isso não faz sentido.

— O que não faz sentido? — Connor perguntou.

— Nossa escapada. — eu disse. — Foi muito fácil.

— Muito fácil? — Adne silvou. — Meu pai está morto!

Tristeza derramou através de mim. Eu abaixei minha cabeça, pensando em Monroe, em Ren. Da forma como terminou um pai que tinha tentado recuperar seu filho perdido. Eu me perguntava se Bryn, Mason e Nev, e Sabine carregariam as marcas do sofrimento como meu irmão. Eles pareciam bem agora, mas iria o fluxo de adrenalina da liberdade ser engolido pela miséria quando eles percebessem que nada em suas vidas jamais seria o mesmo? Nós realmente tínhamos salvado alguém? Pesar inundou minha inquietação, mandando-me para dentro de uma espiral de desespero.

Connor pressionou sua mão sobre o ombro dela. — Espere, Adne. Eu acho que ela não quis ofender. Sobre o que você estava falando, Calla?

Eu balancei minha cabeça, não querendo fazer um buraco profundo dentro de mim mesma onde eu iria ser sufocada pela dúvida e o arrependimento.

— Não. — Ethan disse. — Diga-nos. Você conhece os Protetores. O que está incomodando você sobre isso?

A força em sua voz puxou-me fora da auto-piedade. Eu tentei lembrar quem eu era, ou ao menos quem eu tinha uma vez sido. Uma líder. Uma guerreira.

— Foi uma armadilha. — eu disse.

— Obviamente. — Ethan assentiu, seus olhos estreitando enquanto eu falava. — E uma muito boa.

— Mas não tão boa quanto poderia ter sido. — eu disse lentamente.

— Continue. — ele disse.

— Espectros. — eu disse simplesmente.

Connor, que estava ao lado esquerdo de Adne, deu alguns passos em direção a mim. — O que sobre eles?

— Por que não havia nenhum espectro? — Eu lutei para manter a confiança em minha voz apesar do novo medo doentio que serpenteava através de minhas vísceras. Ninguém respondeu, mas todos os olhos estavam em mim.

— Pensem sobre isso. — eu disse. — Eles sabiam que nós estávamos vindo, mas só os Guardiões lutaram. Eu não vi nenhum Protetor, e sem Protetores não há espectros.

— Aonde você quer chegar? — Ethan perguntou.

— Onde estavam os Protetores? — Eu repliquei. — Por que não fizeram parte da emboscada?

— Não queriam sujar suas mãos. — Connor resmungou.

— Não. — Ethan disse, uma sombra de preocupação passou sobre seu rosto. — Ela tem um ponto. Por que eles não usariam sua arma mais eficaz se eles queriam ter certeza que nós não escaparíamos?

— Talvez eles estejam ao redor do edifício. — Adne disse, limpando suas lágrimas longe com as costas de sua mão. — Eu nunca tinha aberto uma porta interior antes de hoje. Eles poderiam ter estado esperando que nós corrêssemos para uma porta uma vez que deixássemos o clube.

— Talvez. — eu disse, mas o medo continuava a subir sobre minha pele. — Mas então por que eles não estão lá embaixo procurando por nós?

Ninguém respondeu.

— Bem, não vai nos fazer nenhum bem esperar aqui e descobrir. — Connor disse. — Adne, abra uma porta. Vamos voltar para Denver.

— Certo. — Adne disse. — Apenas faça o trabalho. Como se nada tivesse acontecido.

Ela afastou-se dele, emburrada. Não era um bom sinal. Meu desconforto cresceu pelos segundos. Nós precisávamos sair daqui e o luto de Adne estava retardando nossa fuga. Ela podia ser talentosa para sua idade, mas ela ainda era jovem e agora mostrava isso. Connor agarrou seus ombros, girando-a para encarar o rosto dele. Ele tomou seu queixo nas palmas das mãos, inclinando-se mais perto dela.

— Você não é a única que perdeu alguém hoje, Adne. — ele murmurou, apoiando sua testa contra a dela. — Eu amava seu pai também. Assim como Ethan.

Eu desviei o olhar, sentindo-me uma intrusa dentro desse momento íntimo.

— Mas você é a única que pode nos tirar daqui. — eu ouvi Connor dizer.

Eu lancei um olhar de soslaio para eles. Adne tinha se afastado dele e estava desembainhando o punhal de seu cinto.

— Eu sei. — ela disse, e começou a tecer.

Bryn mudou de forma e veio para o meu lado.

— Isto é incrível. — ela sussurrou, observando a porta surgir dos filamentos de luz.

Eu assenti.

Ela pegou minha mão. — Eu sinto muito por me ter afastado de você, Calla. Há apenas tanta coisa que está acontecendo.

— Não se desculpe. — eu disse. — É tudo minha culpa.

— Não é não. — ela disse. Eu fiquei surpresa pela rispidez dura em sua voz. — Se os outros ficaram para trás, eles são tolos. E não é sua culpa.

— Mas Ren... — Quando ele tinha me beijado, eu tinha sentido o quanto ele ainda me queria, e pela forma como meu sangue tinha pegado fogo, eu sabia que pelo menos uma parte de mim ainda o desejava. O conhecimento pegou-me de surpresa, roubando minha respiração quando eu revivia aqueles horríveis primeiros minutos na cela com Ren. Eu ainda podia ver a dor em seus olhos quando ele tinha pensado que não tinha escolha senão machucar-me.

— Não. — Bryn disse, sua voz abrindo caminho através de meu turbilhão de pensamentos. — Calla, eu não sei por que você deixou Vail, mas eu posso imaginar. Ansel e eu ficamos imaginando há muito tempo atrás. Eu não culpo você por seguir seu coração.

— Havia mais do que isso. — eu disse.

— Eu estou certa que há. — ela disse. — Mas mesmo se não houvesse, não faria com que a fuga fosse errada. E você ainda não seria culpada pelas escolhas de Ren. Isso é tudo o que é. Escolha dele.

Eu olhei para ela, tocada pelo amor em seus olhos. O perdão.

— Obrigada. — eu sussurrei.

— O que na vida vale a pena um sacrifício, a não ser o amor? — Ela sorriu tristemente.

— Você soou como o Ansel.

— Igual atrai igual. — ela disse e eu estremeci.

— O quê? — ela perguntou.

— Nada. — eu disse rapidamente, não querendo lhe contar que tinha ouvido essa frase antes. Que Ren tinha falado essas mesmas palavras para mim, e ao lembrá-las, eu agora percebia que era seu modo de dizer-me que nós fomos feitos um para o outro. A memória ardia em meu peito como brasas acesas, queimando muito lentamente.

— Eu não posso esperar para vê-lo. — Eu percebi que Bryn tinha ficado no meio da frase.

— Desculpe? — eu disse, afastando-me do passado.

— Ansel. — ela disse. — Ele está lá, certo? Em Denver?

— Sim. — eu disse. — Mas Bryn, ele está... — eu parei a mim mesma. Talvez Ansel mudaria se Bryn estivesse lá para ajudá-lo. Eu não queria dar a ela mais medo do que ela já tinha.

— Ele está esperando por você. — eu disse, e ela sorriu.

Quando a porta estava terminada, eu olhei para ela intrigada. Alguma coisa não parecia certa. Eu não podia ver a sala que nós tínhamos vindo. A imagem atrás do portal estava escura e embaçada.

— Isso é para onde nós estamos indo? — Mason perguntou, também cuidadoso pela escuridão que estava diante de nós.

— Sim. — Adne disse simplesmente. — Eu não sei porque está escuro.

— Isso não é importante. — Connor disse. — De qualquer modo, nós não temos uma escolha; nós temos que voltar. Se alguma coisa está errada, nós vamos descobrir quando nós chegarmos lá.

— Muito reconfortante. — eu disse. Bryn tomou uma rápida, nervosa respiração e eu apertei a mão dela, lamentando o que disse.

— Mas é a verdade. — replicou Connor. — Ethan, lidere o caminho. Lobos, vão à direita atrás dele e coloquem suas caras de jogo, apenas no caso. Calla, Adne e eu seguiremos vocês e fechamos a porta tão logo quanto nós todos tivermos atravessado.

— Caras de jogo? — Bryn franziu a testa.

— Ele quer que vocês mudem de forma. — eu disse.

— Felizmente. — Nev disse, e era um lobo no momento seguinte. Mason e Bryn também mudaram. Os três lobos circulavam um ao outro, lambendo, aconchegando-se. Sabine estava observando Ethan. Ela lançou um olhar aos outros Guardiões, mas não mudou de forma.

Connor sorriu tristemente para mim. — Vá em frente, que é onde você pertence.

Minhas presas já estavam nítidas quando eu retornei seu sorriso. — Apenas não tente me tratar como um animal de estimação.

Bem vinda de volta, Calla. Bryn lambeu minha mandíbula. *Nós sentimos sua falta.*

Nev e Mason amontoaram-se, empurrando-me com seus focinhos.

Vocês estão bem? Eu perguntei.

Diga-nos você, você é a alfa. Nev mordiscou meu ombro. *Eu imagino que se esse é nosso clã agora, nós temos que dar o melhor que pudermos.*

Eu abanei o rabo. *Bastante justo.*

Nós podemos sair daqui agora? Mason bateu com as patas no chão.

Eu olhei para Connor, que observava-me, uma mistura de espanto e curiosidade oscilando sobre seu rosto.

Sabine olhou para nós, mas ela manteve sua distância, permanecendo em forma humana.

Ethan levantou uma sobrancelha, olhando dela para nosso clã, como se a escolha de permanecer longe de nós o surpreendesse.

— Parece que nós estamos prontos, Ethan. — Connor disse. — Você quer liderar o caminho? Agora que você é um homem inteiro de novo.

— Vá para o inferno. — Ethan rosnou, corando quando lançou um olhar de soslaio para Sabine.

Ela ainda estava olhando para a frente, olhos distantes, e ela enrolou-se mais apertado na jaqueta dele, tremendo. Eu não acho que era pelo frio.

— Por que você não segue ele, Sabine? — Connor disse. — Fechando o espaço juntos.

Ela assentiu, desaparecendo dentro do portal. Meus companheiros de clã correram atrás dela. Eu hesitei por um momento, observando eles irem, olhando de volta para o beco que levou-nos ao Eden. Aquele lugar tinha mudado todas as coisas. Tinha tomado a alma do meu irmão, reivindicou Ren como se seu próprio, e levou Monroe para a cova.

Em vez de seguir o clã, eu retornei para meu corpo humano e encarei Connor. — E se...

Connor balançou sua cabeça. — Não olhe para trás.

Eu fiquei surpresa quando ele se aproximou, puxando-me para um abraço.

— Nós todos perdemos algo hoje. — ele sussurrou, apoiando seu queixo contra o topo da cabeça em meu cabelo.

Adne observou-nos em silêncio; as lágrimas acumulando-se em seus olhos refletiam um brilho sutil, da oscilante porta aberta.

Eu assenti, apoiando-me nele por um momento antes de mudar para forma de lobo e pular dentro das profundezas do portal escuro.

Capítulo 24



A onda de calor me empurrou para trás, me jogando para a porta de onde eu tinha acabado de emergir. Por um momento pensei que algo tinha dado errado com o portal e eu estava presa entre dois mundos, caindo no esquecimento, e logo seria queimada viva. Eu não podia ver. Espessa fumaça enchia o ar, fazendo meus olhos arderem, enchendo meus pulmões. Troquei de forma, querendo gritar para os Rastreadores, mas caí de joelhos, tossindo, agarrando na minha frente cegamente.

— Calla! — Uma mão agarrou meu braço, empurrando-me para o lado. Eu mal podia ver o rosto de Ansel através a fumaça.

— Você tem que sair daqui. — ele assobiou, afastando-me do portal.

— O que está acontecendo? — Eu disse, engasgando com a fumaça. Finalmente eu podia reconhecer o que me rodeava. Eu estava de volta na entrada do Purgatório. Chamas saltavam ao longo das paredes, eviscerando o esconderijo dos Rastreadores.

— Há mais dois pela escada! — Reconheci o grito de Ethan.

— Mantenha-se em movimento. — Isaac gritou um segundo mais tarde. — Não os deixe encurralar você!

Ansel me puxou para o chão quando um vulto escuro deslizou dentro e fora das plumas de fumaça a poucos metros de distância de nós. Medo deslizou por baixo da minha pele quando percebi que era um espectro.

— Fique quieta. — Ansel soprou em meu ouvido.

Meu coração bateu contra minhas costelas. Onde estava Shay?

Ouvi gritos, mas não podia dizer se o som veio de um homem ou uma mulher.

As silhuetas de Adne e Connor foram iluminadas contra a luz do portal.

Connor se encolheu ao sentir o calor e começou a tossir.

— Que diabos?

Eu vi um espectro se virar, afastando-se do nosso esconderijo, mas deslizando em direção a eles. Ansel tentou segurar-me de volta, mas eu o empurrei, me jogando em direção ao par confuso.

— Corram! — Eu gritei, batendo neles, afastando-os da porta brilhante.

Adne se mexeu debaixo de mim.

— Oh meu Deus. O que aconteceu?

— Eles encontraram-nos. — disse Connor, tirando suas espadas. — Os Protetores nos encontraram.

— Adne? Connor? — Ethan surgiu da fumaça, embalando uma Sabine inconsciente em seus braços. Isaac havia se juntado ao lado de Ethan. Ambos brandiam armas, mas seus rostos estavam sombrios.

— Droga. — Connor olhou para a fumaça.

— O que aconteceu? — Eu perguntei, olhando para o corpo mole de Sabine.

— O prédio está desabando. — disse Ethan, empurrando a mão para uma imensa pilha de escombros. — Uma seção inteira do telhado caiu bem quando viemos através da porta. Ela foi atingida na cabeça. Eu perdi os lobos tentando sair do caminho. Não sei onde estão. Eles podem ter sido enterrados embaixo.

— Um está vindo! Ethan, se prepare! — Connor segurou as suas espadas em posição baixa, mas seus olhos estavam planos e sem esperança enquanto o espectro se aproximava. — Calla, fique atrás de mim!

— Adne, abra uma porta! — Ethan gritou. — Tire-nos daqui!

Um espectro estava apenas a alguns metros de distância agora.

Ainda não havia sinal de Shay ou do resto do clã. Estavam enterrados sob os escombros? Já tinham sido capturados? Quem conduziu este ataque? Como é que os Protetores tinham encontrado o Purgatório?

— Nós não vamos conseguir. — Connor fez uma careta, colocando-se entre nosso grupo e o espectro.

— Alguns de nós vão. — Isaac murmurou. Ele empurrou Connor para trás e pulou para o espectro.

— Não! — Ethan gritou quando sombras escuras se envolveram em torno de Isaac, enquanto o resto de nós ficava congelado em horror.

Isaac não fez nenhum som. Seu corpo apenas se enrugou sobre si mesmo quando a criatura dos Protetores o levou.

— Adne! — Connor se moveu entre nós e a visão horrível.

— Está aberto! — Adne gritou. Virei-me para ver uma nova porta brilhando atrás dela.

— Vão! — Connor sacudiu a cabeça e Ethan, com Sabine, foram através da passagem.

— Você também. — Connor pegou a mão do Adne.

— Eu não vou até você ir. — disse ela.

— Isto não é uma discussão. — disse Connor. — Se nós não estivermos lá em dois minutos, feche a porta. Entendeu?

Seus olhos transbordavam, mas ela assentiu e desapareceu pela porta.

— Shay! — Eu gritei, perscrutando desesperadamente a fumaça por qualquer sinal dele ou dos outros. — Ansel!

— Através da porta. — Connor tentou me alcançar, mas eu arremessei-o para longe. — Eles vieram por *ele*. Provavelmente já o levaram. Você tem que ir agora!

— Eu não vou deixá-los! — Gritei, tossindo quando o fumo rasgou meus pulmões.

Várias formas escuras apareceram nas nuvens de cinzas inconstantes. Connor xingou, olhando de mim para a porta.

— Eu não sei quantos espectros existem, mas não podemos esperar para descobrir. — Ele segurou meu braço, arrastando-me de volta.

— Por favor. — eu solucei. — Eu tenho que encontrá-los.

As silhuetas de quatro lobos materializaram-se a partir da fumaça - correndo em nossa direção. Meu grito sufocado tornou-se um grito de alegria. Shay mudou de forma e seus braços estavam ao meu redor, me puxando apertado contra ele.

Então Bryn, Mason e Nev estava ao lado dele, seus olhos selvagens e rostos pálidos.

— Graças a Deus, você está bem. — sussurrou Shay, pressionando seu rosto no meu cabelo. — Nós estivemos correndo através do esconderijo como se fosse algum labirinto louco, esquivando-nos dos espectros.

— Onde está Ansel? — Bryn estava chorando. — Toda a fumaça, eu não consegui seguir o seu cheiro... não consegui encontrá-lo.

— Eu não sei onde ele está. — Meu estômago apertou. *Eu tinha abandonado o meu próprio irmão para os espectros?*

— Passem suas bundas através desse portal! — Connor afastou Shay de mim, empurrando-o através da porta brilhante. — Nós temos que fechá-lo antes que os outros espectros nos encontrem.

— Mas... — Bryn começou, movendo os olhos sobre a fumaça, em busca de qualquer sinal de Ansel.

Mason e Nev mudaram de forma novamente, farejando o ar e choramingando.

— É isso. — Connor sibilou, alcançando Bryn. — Acabou a espera.

— Eu sabia que você ia me deixar para trás. — A voz de Silas cortou através da fumaça. — Bastardo.

Ele estava caído sobre os ombros de Ansel. Meu irmão cambaleou para frente, apoiando o peso do Escriba.

— Ansel! — Eu procurei o seu corpo em busca de sinais de lesão. — Você está bem?

Ele assentiu, não levantando os olhos para os meus.

— Você está machucado? — Connor perguntou a Silas.

— Caí das escadas, quando eles apareceram... Acho que torci o tornozelo. Uma sorte que ele tenha aparecido. — Silas respondeu, acenando para Ansel com a cabeça.

— Leve-o para o outro lado. — Connor disse, virando-se rigidamente para longe do Escriba, mas eu vi alívio se espalhar sobre o rosto dele por Silas ter aparecido. — Vamos todos partir. Agora.

Ansel manteve os olhos no chão, mas assentiu, arrastando Silas para o portal cintilante. Bryn correu atrás deles. Shay manteve seus braços em volta de mim e fomos em direção à porta, juntamente com Mason e Nev em nossos calcanhares. Atrás de nós, ouvi um estrondo, seguido por uma explosão de trovão. Uma explosão nos jogou para a frente, rasgando-me para longe dos braços de Shay. Eu caí na inconsciência enquanto observava os corpos de meus companheiros caindo para a luz do portal como sombras piscando contra o sol.

Capítulo 25



Eu fiquei com meu clã, olhando para o céu cinza monótono. Pedacos de cinza flutuando pelo ar, estabelecendo-se na minha pele e derretendo. Derretendo?

Eu respirei fundo, sentindo o fluir gélido dentro dos meus pulmões. Flocos dispersos de neve continuavam a cair de forma constante. O som zunindo muito em volta de mim. O calor pressionante das chamas e a sufocante fumaça estavam indo embora. Eu rolei, agachando e tentando fazer sentido de onde eu estava.

Finas, desbotadas colunas estendiam-se em direção ao céu em linhas retas, estendendo-se no que parecia como uma plana eternidade, finalmente caindo dentro de um horizonte infinito.

Mas que diabos? Minha mão esbarrou contra uma casca seca que se estendia sobre a terra gelada.

Milho. Pés de milho. Eu olhei para meus pés, a terra embaixo de mim era dura, capturada pelo aperto frio do inverno, mas mesmo abaixo da camada de neve eu podia ver a escuridão do solo rico. Um campo.

Nas proximidades eu ouvi alguém ofegante. Adne rolou para o seu lado, fazendo caretas.

— Seja bem vinda de volta a Iowa.

— Onde nós estamos? — Eu perguntei, balançando minha cabeça. Meus ouvidos ainda estavam ressoando.

— No perímetro abaixo das fundações da Academia. — Adne disse.

Shay resmungou, esfregando seu estômago. — Eu acho que quase fui empalado por um pé de milho. Por que nós não estamos dentro da Academia?

— Eu não quero arriscar sermos seguidos. — Adne disse, em pé. — Não se preocupem, não é longe.

— Hey! — Connor estava gritando chamando minha atenção.

Mason em forma de lobo rosnou, enquanto Bryn estava além deles tentando segurar Ansel, que se mantinha movendo-se para longe dela.

Nev estava de joelhos. Suas mãos estavam fechadas numa ação estrangular, segurando alguma coisa contra o chão – alguma coisa que fez Mason eriçar, pronto para atacar. Não alguma coisa – alguém.

— Que diabos? — Ethan virou-se e olhou para ele. Ele ainda estava segurando Sabine inconsciente.

— Calla, o que está errado com eles? — Connor perguntou.

Quando eu cheguei mais perto. Eu pude perceber picos de cabelo cor de ouro. Não podia ser.

Eu podia ouvir palavras gaguejantes de dentro da traquéia que Nev estava lentamente esmagando.

— Por... favor. — Logan sufocou. — Eu estou... ungh... eu estou... aqui... para... ajudar... vocês...

— Nev, espere. — eu disse, agarrando seu antebraço. — O que ele está dizendo?

— Eu não me importo. — Nev fez uma careta. A pele de Logan estava ficando azul.

Eu olhei para eles, paralisada pela indecisão, eu não culpava Nev por querer machucar o Protetor. Longan permaneceu preso à terra, contorcendo-se inutilmente enquanto o ar era cortado de seus pulmões. O rosto de Nev contorceu-se com raiva, seu aperto na garganta de Logan continuamente aumentando a pressão.

— Quem é esse? — Connor ficou ao nosso lado.

— Um Protetor. — eu disse. — Este é o filho de Efron Bane.

— O que ele está fazendo aqui? — Connor piscou para Longan em descrença. — E como ele chegou aqui?

— Eu não tenho ideia. — eu disse.

Logan empurrava em vão as mãos de Nev. Seus olhos arregalados para Connor.

— Salvar... eles... — A voz de Longan guinchou para fora. — Tristan... não... morto...

— O que? — Connor se abaixou para frente, empurrando Nev para o lado. Agora era Connor sobre Longan, mantendo ele para baixo com um pé no peito. Longan engasgou e cuspiu, alcançando com o toque as contusões escuras em sua garganta.

Connor sacudiu ele. — O que você acabou de dizer?

— Dêem-me asilo. — Logan tossiu. — Eles vão me matar se você enviar-me de volta.

— Nós vamos cuidar disso por eles. — Nev rosnou, ainda agachado nas proximidades. — Você não tem que ir a lugar nenhum.

— Por que nós alguma vez daríamos refúgio a um Protetor? — Eu perguntei, olhando para Logan. Eu não confiei nele em momento algum. Ele e seu pai representavam todas as coisas que tinham dado errado em Vail. Era culpa deles que Ren estava...

O pensamento moveu-se em alta velocidade de ponta a ponta em mim. Ren. Eu tinha perdido ele para sempre. Pior que isso, minha traição tinha afastado ele de qualquer tipo de vida além de uma que fosse ditada pelos Protetores. Lágrimas encheram meus olhos e eu tropecei para trás. Eu não queria nada mais do que cair de joelhos e arrancar fora os olhos de Logan, usando sua carne para desligar a dor que atava minhas entranhas.

Shay estava ao meu lado, colocando os braços em volta de mim, seu toque apenas fazendo minha culpa picar como o sal em uma ferida.

— Não. — eu disse, afastando-me.

Ethan olhou para Logan com olhos vazios. — Mate-o.

Connor assentiu, puxando sua espada.

Adne engasgou quando Logan começou a rir. — Tal hipocrisia! Eu pensei que os Rastreadores eram supostamente nobres. Tolos, é claro, mas nobres mesmo assim.

— Para um homem morto você com certeza fala muita besteira. — Connor disse, abaixando a lâmina para a garganta de Logan. Logan ficou tenso, mas continuou sorrindo.

— Eu só queria dizer que, se vocês não tivessem abrigado um de minha espécie, muitas de suas esperanças já estariam destruídas, não era?

— Sobre o que ele está falando? — Bryn perguntou. Ela estava escutando mesmo enquanto andava indecisa perto do meu irmão. Ansel ficava esgueirando-se para longe dela, mas ela o seguia, tentando segurá-lo apesar de sua reticência.

— Meu pai. — Shay disse calmamente. — Ele está falando sobre meu pai.

— Eu sabia que havia uma razão de você ser o Escolhido. — Logan disse. — Notavelmente observador.

— Você não é Tristan. — Ethan vociferou.

— Mas eu posso ajudar a salvá-lo. — Logan disse.

— O que? — Shay correu para frente. — O que isso significa?

— O que eu tenho tentado dizer desde que eu me meti nesse lugar com você. — Logan replicou. — Seus pais estão vivos.

— Você está mentindo. — A espada que Shay segurava começou a tremer em suas mãos.

— Não quando minha vida depende disso. — Logan disse. — Tristan e Sarah Doran estão vivos. Você ainda pode salvá-los.

— Sobre que diabos ele está falando? — Nev gritou, andando ao lado de Connor. — Mate este bastardo. Eu não posso suportar a visão dele.

Mason aproximou-se silenciosamente à frente, pêlo eriçado.

— Não! — Era Shay quem estava bloqueando sua linha de ataque antes de voltar-se para Logan. — O que você quer dizer com, nós ainda podemos salvá-los? Onde eles estão?

Logan sorriu lentamente. — Se você quer saber, eu preciso de uma garantia de que eu não serei prejudicado.

— Ele está mentindo. — Nev silvou. — Cale-o agora. Corte sua língua fora.

— Espere. — As palavras queriam ficar na minha garganta, mas eu sabia que Shay estava pelo menos parcialmente certo sobre isso. — Se ele sabe alguma coisa sobre os pais de Shay, nós pelo menos temos que descobrir o que é.

— Que tal, se você não nos contar, eu corto sua língua fora? — Connor disse, embainhando sua espada logo depois que Ethan atirou-lhe o punhal.

O sorriso de Logan desapareceu. — Bárbaros.

— Eu considero isso um elogio. — Connor disse. — Você vai jogar bola?

— Pare com isso! — Silas mancou para frente, parecendo um pouco atordoado. — Se ele tem uma informação, nós vamos passar por um interrogatório oficial.

— Eu acho que eu não pedi sua opinião. — Connor disse.

— É o protocolo. — Silas disse. — Anika ficará furiosa se você não segui-lo. Se esse é realmente o filho de Efron Bane, ele não é somente um informante valioso. Ele poderia ser um refém de valor inestimável.

— O Brainiac tem um ponto. — Ethan disse.

Adne saltou para frente, um de seus punhais levantado. — Eu não dou a mínima para o protocolo! Meu pai e Isaac estão mortos por causa dos Protetores. Eu quero seu sangue!

Connor bateu no braço dela afastando-o no último segundo, a ponta afiada do punhal atingindo o alcance de centímetros do rosto de Logan.

— Deixe-me ir! — Adne gritou, soluçando.

Logan estava tremendo, seus olhos esbugalhados enquanto ele observava Adne brandir seus punhais. — Eu juro que tenho informações que você precisa. Além disso, se eu quisesse fazer mal a você, eu já não teria convocado um espectro?

Ninguém lhe respondeu. Eu odiei que alguma coisa que Logan disse fizesse sentido.

Connor levantou seu pé e Logan se apoiou para cima em seus cotovelos, o que incutiu Connor a nivelar o punhal com o pescoço de Logan.

— Se eu der a vocês alguma coisa? — Logan perguntou, — você irá levar-me a seu Arrow?

— Depende do quanto nós achamos que vale a pena. — Connor murmurou, seus olhos na luta de Adne.

— Seu povo tomou muitos de nós hoje. E isto apenas neste dia.

— Eu posso contar-lhes que há um traidor em seu meio. Eu o entregarei a vocês como um sinal de boa fé. — A agitação de Logan deu lugar a um sorriso afetado que enviou um arrepio que deslizou sobre minha carne.

— Qual traidor? — Connor perguntou, rolando a borda de sua lâmina ao longo do pescoço de Logan.

— Como você acha que eu achei vocês? — Logan disse.

— Nós estamos caçando vocês por anos. Vocês acham que nós apenas tivemos sorte hoje?

— Alguém o levou ao posto de Denver. — Connor disse.

— Alguém que você confiou. — Logan disse. — Alguém que você trouxe de volta dos mortos.

— Não. — Shay rosnou. — Você está mentindo. — Ele deu um passo em frente a mim, me protegendo de alguma coisa que eu ainda não sabia que devia temer. Sobre o que ele estava falando?

Logan sorriu para mim. — Você deve ter poder, Herdeiro. Mas nem mesmo você pode proteger ela disto.

— Seu bastardo sem coração. — Shay disse. — Pare agora ou eu vou...

— Ou você vai o quê? — Logan disse. — Você iria me matar para esconder a verdade? Minhas palavras são consideradas um crime quando elas protegem seus aliados?

— Sobre o que você está falando, Protetor? — Connor inclinou-se para baixo, empurrando o punhal dentro de sua carne. — Eu estou perdendo a paciência com você.

— O irmão dela. — Logan engasgou contra a pressão da lâmina. — O irmão de Calla. Ele fez um acordo com meu pai e Lumine.

— Não. — eu sussurrei.

Mason rosnou, arranhando a terra.

Os olhos de Logan estavam em mim. — É verdade. Ele traiu você.

Eu busquei freneticamente por Ansel, encontrando ele agachado atrás de Bryn, que tinha mudado para forma de lobo e estava rosnando como se para protegê-lo de um ataque iminente. Mason correu para ela, tomando uma posição como sentinela ao lado dela.

Oh Deus.

— Ele é uma ameaça maior para vocês do que eu sou. — Logan silvou.

Connor ergueu a lâmina do punhal, olhando para mim. — Calla?

Minha garganta fechou. Eu afastei-me de Connor, correndo em direção a Ansel. Bryn mostrou os dentes para mim, mas eu agarrei os ombros de Ansel, balançando-o.

— Ansel, por favor. Você tem que contar a verdade a eles. Diga-lhes que você não fez isso!!

Logan tinha que estar mentindo. Ele tinha que estar.

A cor tinha sido removida do rosto de Ansel; seus olhos rolaram para mim. Vazios.

— Eles disseram que me tornariam um lobo de novo.

Bryn gemeu. Mason latiu, circulando Ansel nervosamente enquanto olhava para mim.

Recuei, pernas tremendo. Eu desejei que pudesse correr – de alguma forma escapar desta terrível verdade. Mas eu não tinha para onde ir.

Connor balançou a cabeça. — É melhor nós resolvermos isso com Anika.

— Aprovado. — Ethan disse. Seus olhos encontraram os meus brevemente enquanto reajustava o corpo de Sabine em seus braços, mas eu não podia dizer se ele estava zangado ou apenas cheio de pesar.

Um assobio agudo veio do denso labirinto de pés de milho ao redor de nós, seguido por vários outros. Um por um, Strikers, armados até os dentes, emergiram do campo a nossa volta, cercando nosso grupo.

Meus companheiros de clã estavam de volta na parte de trás, rosnando e enfrentando os Rastreadores.

— Esperem! — Eu gritei, atirando-me entre os lobos e os guerreiros que se aproximavam.

Eu fiquei surpresa quando Ethan veio para o meu lado, ainda segurando Sabine contra seu peito.

— Retirem-se. — Anika saiu de entre os guerreiros.

Nev, Bryn e Mason recuaram devagar, observando os Rastreadores, ainda eriçados, esperando para ver o que aconteceria em seguida. Ansel mexeu-se atrás de nós, não falando, curvando-se como se ele quisesse ficar tão pequeno e banal quanto possível.

— Obrigada. — Anika disse. Ela olhou de relance para Ethan segurando Sabine em seus braços. Seu aperto sobre a garota inconsciente simplesmente contraindo-se.

O olhar de Anika manteve-se em movimento. Quando ele fixou-se em Shay, vendo-o ileso, ela pareceu relaxar ligeiramente.

Ela virou-se para Connor, a voz como uma faca. — O que significa essa chegada sem programação? E com Guardiões a tiracolo? Vocês tiveram sorte que nós não miramos um ataque em vocês.

Connor não vacilou. — Não pôde ser evitado.

— Eu espero um relatório completo. — Ela estalou sua língua. — Onde está Monroe?

— Morto. — Adne disse. — E os Protetores derrubaram Denver.

— Como? — Anika ofegou. — O que aconteceu?

Connor olhou para mim, mas ele não a respondeu.

— O irmão da alfa virou-se contra ela, — Logan disse, tentando sentar. Connor o empurrou de volta para baixo.

— Quem é você? — Anika caminhou em direção a dupla.

— Meu nome é Logan Bane. — ele disse, olhando para Connor. — E eu estou aqui para oferecer minha ajuda, se seus músculos não me matarem primeiro.

— Bane? — Anika disse. — Um Protetor?

— Sim, eu sou um Protetor. — Logan disse. — Mas eu abandonei meu pai e o resto de nossa espécie. Eu não tinha um lugar lá. Eu sou parte de vocês.

— Improvável. — Connor rosnou.

— Você seria uma tola se recusasse minha oferta. — Logan vociferou. — Eu estou entregando a você os pais do Herdeiro.

— Tristan e Sarah? — Anika se ajoelhou ao lado de Logan. — Para o seu bem, eu espero que esteja falando a verdade.

— Eu estou.

— Não dê ouvidos a ele. — Adne empurrou Connor para longe quando ele tentou agarrá-la. — Ele é um Protetor. Anika, meu pai está morto!

— Podemos resolver isso mais tarde? — Silas mancou para o lado de Anika. — Eu não sei quanto tempo temos.

Anika capturou sua aparência desgrenhada, franzindo a testa. — O que você quer dizer?

— O posto avançado de Denver está comprometido. — Silas disse. — É por isso que nós somos visitantes indesejados. Se eles conseguirem colocar suas mãos sobre a inteligência que está guardada lá antes que o edifício seja destruído pelo fogo, eles saberão onde a Academia está.

A cor do rosto de Anika lentamente drenou-se. — Não.

— Sim. — Silas disse. — A Academia deve ser movida. Agora.

Capítulo 26



Os Rastreadores mantinham-nos movendo em um ritmo rápido. As mãos de Logan estavam atadas, cada movimento seu examinado pelos quatro Strikers que o escoltavam para a Academia. Eu teria ficado aliviada pelo tratamento severo com o Protetor se eles não estivessem tratando Ansel da mesma forma.

Embora Logan andasse com um sorriso indisfarçável em sua boca, meu irmão abaixou sua cabeça, tropeçando entre os Strikers armados.

— Nós temos que parar isso. — eu sussurrei para Shay.

— Eu sei. — ele disse. — Uma vez que nós estivermos de volta à Academia, eu falarei com Anika. Eu não acho que eles irão machucá-lo nesse meio tempo.

Eu olhei para ele. — Ele não merece isso. Você viu como ele está quebrado. Ele apenas não percebe...

— Eu sei, Calla. — Shay segurou meu braço, seus olhos dizendo para abaixar minha voz. — Eu sei. Eu estou do seu lado, mas nós temos que descobrir o que aconteceu antes de podermos convencê-los de que Ansel não é uma ameaça.

Eu empurrei-me para longe dele, correndo para frente onde Connor caminhava ao lado de Adne.

— Connor, você pode fazer alguma coisa? — Eu sibilei. — Isto não é culpa de Ansel.

— Agora não. — Connor disse. — Mesmo se eu pudesse fazer alguma coisa, nós não temos tempo para resolver o problema.

O rosto de Adne era como pedra.

— Adne. — eu comecei. — Por favor...

— Ele está certo. — Ela não olhou para mim. — Nós não temos tempo. Nós temos que lidar com isso. — Ela apontou para a enorme estrutura que se erguia sobre o milharal. Do lado de fora, a Academia era ainda mais impressionante do que no interior. A imensa estrutura estava curvada ao longe de nós, sua superfície de mármore brilhando como neve no inverno através da pesada cobertura de nuvens. Quatro torres finas se estendiam em direção ao céu, interrompendo a suave linha

curva da construção em intervalos iguais. Todos os quatro andares da Academia estavam alinhados com janelas, dando a impressão de estar cheia com luz.

Eu olhei a imponente estrutura que se aproximava mais a cada passo que dávamos. Como eles conseguiam movê-la?

Mais Rastreadores estavam esperando por nós quando nós entramos no prédio. O piso inferior estendia-se dentro da mesma estrutura de um corredor circular no centro do pátio, mas aqui as portas alinhadas na parede estavam espaçadas em intervalos muito mais amplos.

— A equipe Haldis? — Uma mulher a quem reconheci como uma das outras Guias perguntou a Anika.

Ela assentiu, seu rosto sombrio. — Ainda não está claro o que aconteceu. Mas nós perdemos Monroe, e o sítio de Denver foi infiltrado. Declare uma realocação de emergência.

— Você está falando sério? — A outra mulher engasgou.

— Eu estou. — Anika replicou. — Vá agora.

— Mas as ligações de Eydis não foram finalizadas...

— Agora.

A Guia correu para dentro da Academia.

Anika começou a vociferar ordens. — Alerta as unidades de Pyralis e Tordis! A mudança começa em quinze minutos. Tudo mundo aos seus postos designados!

Rastreadores dispararam em todas as direções.

Anika virou seu rosto para os dois grupos de Strikers escoltando Logan e Ansel. — Levem eles para a prisão. Nós lidaremos com eles mais tarde.

— Não! — Vários Strikers levantaram suas armas quando eu agarrei o braço de Anika. Ela balançou a cabeça e eles recuaram.

— Calla, eu entendo que o garoto é seu irmão, mas até que saibamos a verdade deste assunto, ele deve ser tratado com a máxima cautela.

— Mesmo se ele contou a eles sobre o esconderijo, eu estou certa que ele foi enganado. — eu disse. — Você não sabe o que eles fizeram a ele.

Ela puxou seu braço livre. — Eu saberei com o tempo. Mas eu não posso tratar de sua preocupação agora. Sinto muito.

Ela assentiu para os Strikers e eles levaram Ansel para longe.

— Ansel! — Eu comecei a segui-los, mas Shay segurou-me.

— Espere.

— Eles estão tratando-o como um prisioneiro! — Eu gritei, contorcendo-me em suas mãos. — Isso não é culpa dele. Ele foi torturado. Nós precisamos ajudá-lo!

— Nós descobriremos isso. — ele disse. — Eu juro. Nós precisamos que Anika saiba que ela pode confiar em seu clã. Isso tem que vir em primeiro lugar, e então nós podemos fazê-la mudar de ideia sobre Ansel.

Neste momento ela própria, Anika, virou-se para Connor.

— Você pode me explicar o que acontece lá atrás?

— Não exatamente. — ele murmurou, puxando um envelope de dentro de seu casaco leve e comprido. — Mas Monroe pediu-me para dar isso a você se ele não retornasse.

— Ele entrou na missão com a ideia de que não voltaria? — Anika pegou o envelope. — E como vocês encontraram os jovens Guardiões? Eu estava com a impressão de que vocês não poderiam localizá-los.

Connor falou sem encontrar o olhar penetrante da Arrow. — Foi uma situação de urgência, Anika.

Os olhos de Anika estreitaram-se. — Você está me dizendo que Monroe liderou um ataque a Vail sem autorização?

— Sim.

— E agora ele está morto? — Ela balançou a cabeça. — E nós perdemos Denver?

— Mas nós conseguimos os lobos. — Ethan disse, olhando fixamente para a forma imóvel de Sabine. — Alguns deles, ao menos.

— Vamos esperar que isso faça a diferença. — Antes dela se afastar, eu vi uma lágrima deslizar para baixo em sua bochecha. — Nós precisávamos de Monroe.

— Eu sei. — disse Connor, sua própria voz grossa.

— Os Guias estarão esperando por mim. — ela disse. — Nós discutiremos isso depois da movimentação. Se nós o fizermos.

Com isso, ela se afastou.

— Se nós o fizermos? — Eu perguntei.

Connor não respondeu.

— Calla. — Eu virei para ver Ethan com Sabine ainda descansando em seus braços. — Eu estou preocupado que ela possa ter ferimentos internos. Eu preciso levar ela aos Elixires.

— O quê? — Shay perguntou.

— Nossos curandeiros. — Adne disse. — Eles estão no Santuário de Eydis.

— Ela pode precisar de sangue do clã. — eu disse, olhando para Sabine. Ela não estava sangrando ou machucada, mas às vezes, as feridas que você não pode ver são as mais mortais.

Nev pairava nas proximidades. — Eu vou com eles. Ela pode ter meu sangue se ela precisar dele.

— Certo.

Bryn e Mason se aproximaram cautelosamente. Por último, convencido que eu não iria correr atrás de Ansel, Shay libertou seu agarre e eu afastei-me dele. Eu sabia que ele estava sendo razoável, mas eu odiava o sentimento de impotência sobre a situação de Ansel.

— E agora? — Mason perguntou.

— Vocês vêm conosco. — Connor disse.

O ar estava cheio com um coro de sons de campainhas. A Academia pulsava com energia, o som aumentando cada vez mais. Apesar de agudas, as cristalinas badaladas tinham uma melodia hipnótica – as paredes reverberavam com sua música. Eu observei como o salão começou a tremer com o som. O labirinto de cores formando fios através dos corredores de mármore que ondulavam com cada nota musical.

Adne precipitou-se pelas escadas. — Eu tenho que chegar ao meu posto!

— O que está acontecendo? — Bryn perguntou. Ela agarrou minha mão tremendo.

Connor levou-nos atrás de Adne, embora ao contrário da Tecelã, ele não correu.
— Os Tecelões estão movendo a Academia.

— Como isso é possível? — Shay perguntou.

— É preciso uma precisa coordenação. — Connor olhou de volta para nós. — Cada Tecelão tem que puxar os mesmos fios para abrir uma só porta em uníssimo.

— Mas como você consegue passar o edifício através de uma porta? — Shay franziu a testa quando nós alcançamos o segundo andar, nos dirigindo para o próximo lance de escadas.

— O edifício não vai através da porta. — Connor disse. — Os Tecelões movem a porta sobre edifício.

— Eles - eles o quê? — Eu gaguejei.

Connor não respondeu. Ele nos conduziu em direção ao quarto andar. Nós encontramos Adne em pé no meio do caminho entre a seção de salas da casa que abrigava nossos quartos e o centro tático de Haldys. Com os punhais apertados entre os dedos dela, ela estava perfeitamente imóvel, olhos fechados, puxando lentas, rítmicas respirações.

— Adne... — Shay começou em sua direção.

— Shhh! — Connor lançou um braço na frente dele. — Ela precisa de concentração.

Eu olhei para cima e para baixo no salão, observando outra mulher em pé a uns 20 pés além de Adne. Quando eu olhei na direção oposta, eu vi um jovem homem em pé aproximadamente com a mesma distância dela.

— Aqueles são outros Tecelões. — Connor disse, seguindo meu olhar. Ele olhou para eles e então para cada um de nós. — Você podem querer sentar-se neste momento. É um pouco intenso se você não tiver passado por isso antes.

Nós todos olhamos para ele, mas nenhum de nós sentou.

— Façam como quiserem. — Ele deu de ombros, voltando a observar Adne.

Um novo som ecoou pelo corredor. Baixo, profundo como o soar de um enorme sino. Sua nota reverberou por toda a Academia, fixando-se dentro dos meus ossos. Eu estremeci e Shay pegou minha mão. Eu enrosquei meus dedos pelos seus. O sino soou de novo e eu vi Adne tremer como eu tinha tremido. Ela não abriu seus olhos. O sino tocou mais uma vez. Os ecos em camadas um sobre o outro. O ar estava tão denso com os profundos tons que eu pensei que eu podia quase senti-lo fluir sobre minha pele.

Quando o sino soou pela quarta vez, Adne começou a se mover. Ela inclinou-se para a frente graciosamente, quase em uma curva. Mais longe ao longo do corredor eu pude ver o outro Tecelão fazer um movimento idêntico. Adne levantou a cabeça, seus braços torcendo-se e curvando-se enquanto seu corpo desdobrava-se. Novos sons

deslizavam em meio ao persistente som do sino. Tilintando e brilhando, notas ondulavam pelos corredores como a música de carrilhão ao vento. Junto com essa leve música veio a cor; os padrões nas paredes estavam ganhando vida, seus tons de joias brilhantes, lançando um arco-íris ao longo do chão e sobre nossos corpos.

Adne estava se movendo mais rápido agora, saltando e girando numa dança que eu viria a associar com sua tecelagem do portal. Em ambos aos lados dela os outros Tecelões giravam em uma perfeita imitação do corpo flexível de Adne. Ela estava respirando com dificuldade, suando, mas em nenhuma vez ela hesitou ou perdeu o ritmo. As notas soando ao redor de nós ficaram mais altas, penetrando meus ouvidos sensíveis com tanta força que eu tive que cobri-los com as minhas mãos. Os padrões do arco-íris no chão e na parede começaram a faiscar explodindo no ar como fogos de artifício. As cores ofuscantes aumentavam cada vez mais brilhantes, cegando-me. O chão debaixo de meus pés parecia que estava mudando. Eu caí de joelhos, ainda cobrindo meus ouvidos. Eu enrolei-me, enterrando minha cabeça contra minhas coxas. Senti o corpo de Shay envolver-se em volta do meu, protegendo-me da ensurdecedora cascata de sons e explosões de luz.

Pelos roçaram contra mim. Eu ouvi um gemido, então outro quando Bryn e Mason, agora lobos, se aconchegaram contra mim, empurrando seus focinhos sob meus braços para descansar seus frios narizes contra minha mandíbula. O som ficou tão alto que nem parecia importar se eu estava cobrindo meus ouvidos. Eu pensei que iria gritar.

E repentinamente só havia silêncio.

Eu levantei minha cabeça, respirando devagar. Um forte, desconhecido cheiro encheu minhas narinas: uma mistura de salgado e viscoso, folhas verdes e... Peixe? Eu tomei outra respiração; era o mesmo cheiro, mas eu não conseguia reconhecer. Eu achei que senti cheiro de limão.

— Estão todos bem? — Connor estava olhando para nós.

Shay se levantou, girando os ombros para trás. — Eu acho.

— Eu lhes disse. — Connor disse, sorrindo. — Intenso.

— Sem brincadeiras. — Adne tropeçou em nossa direção, movendo-se instavelmente, como se ela estivesse bêbada.

Connor a pegou quando ela caiu desajeitadamente nele.

— Trabalho legal, garota. — Ele roçou seus lábios sobre a testa dela.

— Obrigada. — ela murmurou. — Eu acho que eu vou dormir uma semana agora.

Mason tinha mudado de volta para a forma humana. Ele caminhou até as altas janelas do outro lado da parede. A luz fluía para dentro da sala ficando tingida de ouro vermelho. Eu o ouvi suspirar.

— Aquele é... o oceano?

Bryn e eu o seguimos até a janela. Olhando fixamente para fora o por do sol, eu não conseguia respirar. A Academia repousava no topo de um terraço de um íngreme precipício, que se estendia por quilômetros. A paisagem estava repleta de bem cuidadas linhas de árvores atrofiadas com os ramos torcidos, folhas verde escuro dando vislumbres do ensolarado amarelo. Limões.

À distância eu podia ver uma vila que se projetava no terreno acidentado. Outras vilas pontilhavam a costa, pairando em rochedos como se elas estivessem suspensas sobre o mar.

O mar. As ondas banhavam o litoral. O por do sol banhando a superfície ondulante com cor, tornando-o um profundo violeta com ocasionais lampejos de rosa. Eu olhei a água que se estendia para além do horizonte, compreendendo o porquê uma vez as pessoas acreditavam que o oceano conduzia a beira de um mundo finito.

Não foi até Shay colocar o braço ao redor de meus ombros que eu percebi que eu estava tremendo.

— Você nunca tinha visto ele antes, tinha? — Ele contemplou o lado de fora da janela.

Eu balancei minha cabeça, ainda entorpecida com o choque da mudança e perturbada pela forma que esse novo lugar parecia alcançar dentro de mim e apertar meu coração.

— Sim, é o oceano. — Adne disse. — Ao não ser que nós tenhamos aterrissado no lugar errado.

O oceano. Este era o cheiro que eu não conseguia identificar. Eu nunca tinha cheirado nada como ele.

— Onde nós estamos? — Bryn foi para janela.

— Cinque Terre¹⁴. — Connor respondeu.

¹⁴ Cinco Terras. **Cinque Terre** é o nome dado a um acidentado trecho de terra, na [Itália](#), na costa da [Riviera](#).

Ela franziu a testa. — Onde?

— Itália.



PARAÍSO

Você deve deixar tudo o que você mais ama ternamente: esta é a primeira flecha que o arco do exílio atira primeiro.

--*Dante, Paraíso.*

Capítulo 27



— Itália? — Mason exclamou. Suas mãos estavam pressionados contra o vidro. Eu sabia como ele se sentia. A barreira para o mundo do lado de fora tornava difícil acreditar que o paraíso além destas paredes era real.

— Desculpe-me. — Connor sorriu. — Eu sei que vocês vão sentir falta dos campos de milho. — Adne girou seu pescoço de volta e para frente, fazendo caretas.

— Isso foi difícil.

— Você está bem? — Connor perguntou, seu sorriso desaparecendo.

— Eu estou bem. — ela disse. — Cansada, mas bem. Eles estarão nos esperando para a reunião no salão principal.

— Eu quero ver Ansel. — Bryn disse de repente. — Nós podemos ter certeza que ele está bem?

— Ele está bem. — Connor disse. — A mudança ocorreu perfeitamente. Se nós estamos aqui, ele está aqui. É uma espécie de tudo-ou-nada da negociação.

— Mas...

— Olhe, criança. — Connor disse. — Nós precisamos deixar Anika esfriar antes de começarmos a pedir-lhe favores. O irmão de Calla fez uma grande bagunça. Vai levar um tempo até que nós possamos resolver isso.

Ele e Adne trocaram um olhar que fez meus dentes cerrarem. Nenhum deles pensava que a situação de Ansel poderia ser resolvida.

O que vai acontecer com meu irmão?

Os ombros de Bryn despencaram. Mason pegou a mão dela, olhando para mim.

— Ele ficará bem.

Eu assenti, sentindo menos certeza daquela possibilidade a cada minuto.

— Bem vamos arranjar alguma coisa para comer. — Adne disse, franzindo a testa. — E então achar algum lugar para ficar. Eu tenho certeza que vocês gostariam de ficar limpos.

Eu segui o avaliador olhar dela para Mason e Bryn. Eles precisavam limpar-se. Ainda usando as roupas destroçadas da noite que eles tinham sido feitos prisioneiros, sangue seco e sujeira endurecida na sua pele. Uma dor aguda apertou meu estômago como se eu estivesse sendo perfurada por um tubo de sucção, suas aparências esfarrapadas lembrando-me novamente de tudo o que eles tinham atravessado.

Eu continuei em silêncio enquanto nós preenchíamos os passos atrás de Connor e Adne que nos levaram para as escadas. Quando nós chegamos ao primeiro andar de parada, Adne engasgou.

— Olhe! — Eu segui a linha para onde seu dedo estava apontando. Mason e Bryn engasgaram também.

Nós estávamos parados apenas do lado de fora da porta de vidro que levava para dentro do pátio principal. Além da barreira invisível, o amplo espaço central estava transformado diante de meus olhos. A vazia, adormecida terra tinha tornado-se viva com o desabrochar de folhas e salpicos de cores brilhantes de flores brotando. Nascentes entre os canteiros de flores borbulhando com água.

Connoe assobiou. — Cara, os Links trabalham rápido. Legal.

— Eles sempre fazem. — Adne replicou. — Mas isso sempre me surpreende.

— O que são os Links? — Mason perguntou, sua sobrancelha franzindo quando uma trepadeira se enrolou ao redor da escadaria de mármore do outro lado da porta de vidro.

— Uma das especializações da Academia. — Connor disse. — Eydis e Haldis, principalmente. Eles integram o edifício dentro do ecossistema local.

— Igual a jardineiros? — Bryn perguntou.

— Alguns deles têm o foco nos jardins. — Connor replicou, coçando a barriga. — O que é uma boa notícia. O clima do Mediterrâneo significa que nós estaremos comendo a melhor comida fresca. Muitos tubérculos até o inverno voltar. O que vocês acham? Azeitonas e limões são as especialidades da região, certo? Eu acho que eu li isso no memorando sobre este destino. Mas isso era suposto acontecer na primavera. Olhe como as coisas crescem bem o suficiente agora também.

— Espere um segundo. — Mason interrompeu. — Como isso é possível? Essas plantas estão crescendo em grande velocidade.

— Magia elementar. — Adne disse. — Eydis e Haldis - água e terra. Os Links conectam a terra, as raízes da vida vegetal, e os aquíferos naturais. É como nós obtemos nosso abastecimento de água e energia geotérmica.

— Bom vê-los trabalhando. — Connor disse. — Eu sei que eles não estão tão longe quanto é o ideal para a realocação.

Mason estava balançando sua cabeça, e eu notei que suas mãos tremiam também. — Isso simplesmente não é possível. Quem pode fazer isso?

— Nós podemos. — Connor disse, afastando-se para o pátio. — E falando no que é possível, quem aqui pode se transformar em um lobo?

— Ele tem um ponto. — Shay disse, sorrindo para mim. — Isso é o que me levou a acreditar em todas essas coisas. — Mason assentiu relutantemente, mas ele murmurou baixinho enquanto nós descíamos para o piso inferior.

— Eu gostaria que Monroe pudesse ter visto isso. — Adne suspirou. Ela abaixou sua cabeça e eu ouvi um choro silencioso.

— Basta atravessar a assembléia. — Connor colocou seu braço em volta dos ombros dela. — Então nós teremos tempo para falar sobre seu pai.

Ao contrário do refeitório quase vazio que eu tinha entrado na noite anterior, o espaço da reunião dos Rastreadores estava agora lotado. Homens e mulheres moviam-se de maneira confusa, ombro a ombro, o burburinho de conversas aumentando em meus ouvidos como um rugido baixo.

— Lá está Tess. — Connor moveu-se dentro da multidão.

— Quem é Tess? — Bryn inclinou-se para mim.

— Ela é parte de sua equipe. — eu disse. — A equipe Haldis.

Bryn franziu sua testa. — A equipe Haldis?

— Eu não... — Palavras ficaram presas em minha língua. Haldis, Eydis. Os trechos de informação que eu tinha recolhido em minha breve estada com os Rastreadores não tinham me preparado para responder suas questões. Havia tanto que eu não sabia ainda sobre os Rastreadores, e agora eu tinha jogado meu clã, ou o que restava dele, no mundo deles sem nenhuma certeza do futuro. E se eu tivesse tomado a decisão errada? O burburinho de vozes estava ficando mais alto. Minha cabeça começou a latejar.

Quando eu não falei de novo, Bryn deu de ombros, virando-se para seguir Mason para a mesa onde Tess estava sentada.

— Calla? — Shay estava observando-me.

— Vamos em frente. — eu disse, empurrando ele atrás de Bryn. — Eu estou logo atrás de você.

Enquanto ele traçava com dificuldade seu caminho entre os Rastreadores, eu lentamente voltei pelo corredor em direção à sala e, alcançando as escadas, eu examinei cuidadosamente.

Eu não tinha certeza para onde eu estava fugindo, mas sabia que precisava fugir. Uma semana atrás eu estava em Vail prestes a fundir minha vida com a de Ren, dar o primeiro passo no caminho que tinha sido definido para mim a minha vida inteira. Meu destino. Eu nem mesmo tenho um destino mais? Será que ele pertence aos Rastreadores agora?

Um grunhido rolou através do meu estômago naquele pensamento. Eu não seria enjaulada por qualquer pessoa. Eu tinha servido os Protetores sem questionar, e olhe onde isso tinha me levado. Se os Rastreadores oferecessem uma forma de combater meus antigos mestres, eu iria. Eles tinham matado minha mãe e torturado as pessoas que eu amava. Eu queria que eles pagassem. Mas eu tinha que combatê-los em meus próprios termos. Eu estava tomando a decisão por todo meu clã agora. Eu precisava estar certa, e eu não estava certa de nada.

Eu estava do outro lado do mundo, minha antiga vida rasgada em pedaços. O que tinham parecido fortes laços de meu novo clã tinham se desintegrado por causa de minhas escolhas. Fey, Dax e Cosette – eles todos tinham procurado refúgio com os Protetores, agarrando-se àquela vida apesar de toda dor que ela tinha lhes trazido. Eu estava certa que se Connor não tivesse chegado, minha luta com Dax teria sido até a morte. E meu irmão tinha tornado-se uma sombra de si mesmo, a tal ponto que ele tinha estado disposto a trair-me para recuperar o que havia sido tirado dele.

Mas Ansel não foi o único cuja vida tinha sido torcida para outro mundo irreconhecível. O futuro de Ren tinha sido tirado na noite que eu tinha fugido de nossa união. Seu clã tinha desaparecido, seu legado devolvido para Emile, que era mais monstro do que homem e nem mesmo era o pai de Ren. Eu tropecei, tropeçando sobre a verdade que pegou-me desprevenida. O futuro de Ren tinha sido roubado anos atrás, quando Emile e os Protetores mataram sua mãe. Meu candidato a companheiro de vida tinha sido construído sobre uma base de mentiras, sangue e ossos.

Eu juntei as mãos, cobrindo meus olhos. Mentiras, sangue e ossos. Nossas vidas não tinham sido feitas de nada mais? Enquanto pressionava meus dedos contra meu rosto, o frio do metal de meu anel bateu na minha pele como um choque estático. O anel que Ren deu-me. Uma promessa de coisas por vir.

Eu quero que você saiba que eu –

O quê? O que Ren queria dizer-me? O que tinha parado ele? O quanto teria Ren compartilhado comigo?

O salão de repente pareceu muito estreito, como se estivesse se fechando sobre mim. Eu tinha que alcançar o lado de fora. Eu precisava respirar ar livre. Eu corri mais rápido, procurando algum caminho para fora do corredor. Quando eu alcancei o próximo conjunto de portas de vidro, eu explodi através deles.

A riqueza salgada do ar do oceano se derramou sobre mim. Curvando-me, descansando minhas mãos sobre meus joelhos, eu engoli-o como água. Os tons vívidos do pôr do sol dando lugar às sombras suaves do crepúsculo, lavanda e cinza. Mesmo nas sombras, a enfeitada faixa de ouro branco circulando meu dedo brilhou, capturando qualquer luz e jogando-a de volta para mim. Zombando, odiosa.

Ela lembrou-me de seu cabelo.

Mesmo agora os fios de cabelo loiro pálido pairando sobre meus ombros, balançavam quando eu levantei. O pátio era enorme, e o que tinha estado próximo a um jardim estéril exatamente ontem agora tremia com verdes luxuriantes e enchia o ar com o refrescante e mineral perfume de ervas frescas.

Eu fugi em direção à estufa mais próxima, explorando. Qualquer coisa servia, desde que fosse afiada. Minha respiração estava tornando-se difícil, irregular. Eu empurrei a porta aberta, tropeçando ao passar pelas mudas e potes de plantas. O perfume do composto girando através do ar úmido era doce, mas um pouco enjoativo. Eu encontrei o que eu queria no final no fundo da estufa, descansando na beira de um suporte de potes.

Eu agarrei a tesoura de poda com uma mão e minha espessa trança com a outra, logo acima do lugar onde meu pescoço se encontrava com os meus ombros. Eu não parei de cortar até que o comprimento trançado saiu em minha mão. Eu olhei para ela, jogando-a longe como uma cobra viva. Minha respiração desacelerou, e minha cabeça parecia leve, livre. Eu soltei a tesoura de poda e deixei a estufa.

Estava chovendo quando eu voltei para o pátio, a mais suave das chuvas. Partículas de umidade tocaram minha pele como a memória de gotas de chuva, nada perto de uma chuva torrencial, mais leve ainda do que a neblina. O ar morno da noite deslizou sobre a minha pele. Eu dirigi-me exatamente para o centro do jardim. O caminho levou-me para um muro de sebes cuidadosamente aparadas atrás do qual eu encontrei o jardim central. Degraus desciam reproduzidos por mergulhias¹⁵ e um canteiro de flores estava ladeado por árvores de frutas desabrochando. Estavam perfeitamente imóveis, isoladas do resto do mundo. No centro da praça estava uma fonte de pedra com quatro figuras esculpidas. Era um grupo estranho: uma mulher em uma armadura de cavaleiro, um homem com vestes de um monge, uma criança com

¹⁵ Técnica de reprodução vegetal usada em jardinagem.

pergaminhos nas mãos, e uma mulher com um simples vestido agarrando um galho de árvore cortado. Água girava em uma piscina aos seus pés, refletindo os tons de prata das nuvens acima.

Eu andei ao longo da borda da piscina, passando meus dedos ao longo da superfície da água. O jardim submerso devia ter oferecido tranquilidade, mas eu não conseguia nenhum sentido além da tempestade em minha mente. Eu arrastei meus dedos através de meus cabelos tosquiados, assustada quando minha mão voltou livre logo acima de meus ombros.

— Bom esconderijo.

Me virei para encontrar Shay subindo o caminho para o jardim onde eu estava em pé perto da fonte central. Minha mandíbula se contraiu. Eu fiquei imóvel como as quatro estátuas enquanto eu observava ele aproximar-se.

— Silêncio, isolamento. — Seus olhos movendo-se ao redor dos canteiros de flores cobertos pelas sombras projetadas pelas sebes. — Sinistro o suficiente para manter a maioria das pessoas distante à noite, mas não demasiado assustador.

O canto de sua boca enrugou em um sorriso. — Eu classifico com um A menos, mas apenas porque a lua não está fora hoje à noite.

Ele veio um passo mais perto.

— Muito obrigado. — Eu mantive uma margem dura e alerta na minha voz. — Como você me encontrou?

Ele correu as mãos através de seu cabelo, olhando para mim timidamente. — Eu segui seu cheiro.

— É claro. — Eu virei de costas, afastando-me da fonte, mais fundo nas sombras do jardim. — Vá embora.

— Não. — Ele entrou correndo na minha frente, bloqueando meu caminho.

— Eu estou falando sério, Shay.

— Eu também. — ele disse. — Eu não acho que você deva ficar sozinha agora.

— Isto realmente não é com você.

Ele estendeu a mão, empurrando os fios claros de cabelo enrolados ao longo do meu queixo.

— Nenhuma trança mais? — Ele sorriu, rolando minhas mechas de cabelos em seus dedos. — Eu gosto. É um bom visual para você.

Eu não respondi e seu sorriso desapareceu.

— Você não tem que passar por isso sozinha. — ele disse calmamente.

— Eu estou sozinha. — Meu peito parecia oco.

— Você sabe que isso não é verdade.

Eu inalei uma brusca respiração e cerrei minhas mãos. — Diga-me o que é verdadeiro, então.

— Você o amava. — Seus olhos seguraram os meus.

— Sim. — A palavra pairou entre nós dois, nua em sua verdade. Eu não podia encontrar outra respiração para acalmar meu trêmulo corpo.

Ele deu outro passo em direção a mim, e suas palavras saíram fracas, mas firmes. — Mas não do modo que você me ama.

Eu tropecei para trás como se ele tivesse me atingido.

— Calla. — ele murmurou, e pegou meu braço. — Você não pode se culpar. O que você tem feito, como você se sente, nada disso fez a escolha de Ren culpa sua.

Eu girei para longe de sua mão estendida.

— Pare. — eu disse. — Eu não quero falar sobre isso. Eu não posso.

— Você está certa. — ele disse gentilmente. — Não é o momento para falar.

Ele se moveu tão rapidamente que seu corpo foi um borrão por um momento, e então eu estava em seus braços. Eu agarrei seus ombros, minhas unhas cavando profundamente em sua pele, mas ele não recuou. Ele somente segurou-me mais perto.

Eu rosnei e lutei, mas Shay manteve-me apertada contra ele. Eu senti a batida constante de seu coração próximo ao meu. Umidade corria pelo seu rosto, a névoa sedosa no ar se misturando com minhas lágrimas.

Shay beijou-me gentilmente, copiando o padrão de tristeza com seus lábios. Eu agarrei-me a ele. Tranquilizadores e suaves murmúrios passavam por seus lábios enquanto ele continuava a beijar-me.

Quando a tempestade de dor diminuiu, eu levantei meio queixo e meus lábios encontraram os seus. Ele lentamente puxou meu lábio inferior entre seus dentes, e eu atirei-me dentro do beijo com tal força que Shay perdeu o equilíbrio e caiu, nos compelindo a vir abaixo no caminho para o jardim. Nós paramos rolando e eu me encontrei embaixo dele. Eu mal tinha tomado fôlego quando eu o beijei de novo, meus

dedos se atrapalhando com os botões de sua camisa. Eu senti um rosnado prolongado em seu peito, e ele encolheu seus ombros e tirou sua camisa. Eu torci meus dedos em seu cabelo, ligeiramente molhado pela chuva sutil.

Seus lábios moveram-se para baixo em meu pescoço. Eu podia ouvir minha própria respiração se tornar curta, tragadas superficiais, quase arfadas. O ar da noite no jardim, doce com os botões de rosas, mas marcado pelo cheiro salgado do oceano, deslizando entre meus lábios entreabertos.

A boca de Shay acariciou a pele nua de meu estômago, e por um momento eu me perguntei o que tinha acontecido com minha blusa. E minhas calças de couro.

Seus beijos se moveram mais baixo na linha do meu corpo e eu não mais me importei onde qualquer de minhas roupas estava.

Camadas de nuvens pratas sobre nós separavam-se como uma cortina de névoa, levantada pelo vento, e raios mais finos da luz da lua ondulavam em volta de nossos corpos. Shay movia-se sobre mim enquanto o céu da noite abria-se acima, a silhueta de seu corpo brilhava naquela luz pálida no jardim. Seus lábios roçaram minha bochecha, seus quadris acomodados contra os meus. Eu podia sentir cada pulsar de seu coração quando nos pressionávamos juntos, pele com pele. Eu tremi quando senti algo profundo dentro de mim crescendo, abrindo, doendo por alguma coisa que somente ele poderia dar-me. Quando ele beijou-me de novo, eu pensei que eu iria quebrar com a necessidade. Ele recuou, observando-me silenciosamente. Uma pergunta esperava por mim em seus olhos.

— Sim. — eu murmurei.

Eu o beijei novamente e não havia mais perguntas a serem respondidas.

Capítulo 28



SNIP. SNIP.

A boca de Bryn se contorceu assim que ela se concentrou na tarefa que tinha em mãos.

— Realmente, Cal, se você queria um corte de cabelo, você deveria apenas ter pedido. Você fez uma bagunça completa.

Eu assisti os fios do meu cabelo caírem para o chão. Não tinha sido fácil chegar aqui. Eu consegui me desvencilhar dos braços de Shay e sair despercebida de seu quarto, calmamente fazendo o meu caminho de volta para o meu.

Não era que eu estivesse triste por passar a noite com ele, mas eu não sabia o que a manhã traria, e minha cabeça já estava girando com tudo o que havia acontecido nas últimas 24 horas. Eu precisava de algum tempo sozinha antes que eu estivesse pronta para conversar com Shay sobre a noite passada no jardim. E seu quarto. A memória enviava chamadas lambendo através de minha barriga e eu estremeci.

— Calla, eu juro que não vou te machucar. — Bryn disse entre dentes cerrados.
— Você pode, por favor, ficar quieta?

— Desculpa.

Culpa tinha beliscado nos meus calcanhares a cada passo que eu dava procurando por meus companheiros de clã, encontrando-os exatamente onde eu tinha os deixado. Meu estômago roncou com o aroma de pão fresco e cítrico rolando em cima de mim. A sala de jantar estava ocupada naquela manhã, mas não cheia, como tinha estado quando eu tinha fugido da reunião da noite anterior. Rastreadores se moviam dentro e fora da sala, agarrando alguns croissants e colocando uvas em suas

bocas enquanto falavam sobre suas manhãs, outros se deliciavam com xícaras de café em mesas diferentes.

Nev, Bryn, Adne, Connor, Silas, Tess e Sabine, que parecia ter se recuperado completamente, estavam reunidos na mesma mesa onde os Rastreadores tinham compartilhado café há dois dias. Ethan e Mason estavam notavelmente ausentes. Aproximei-me da mesa lentamente.

Alguém parecia estar faltando também. Meu peito queimou quando eu percebi que eu estava procurando Monroe. Eu me juntei a eles na sua mesa, pronta para dar uma desculpa pela minha ausência e responder a todas as perguntas que tinham sobre como eu formara uma aliança com os Rastreadores.

Mas minha presença tinha parado toda a conversa, deixando um silêncio pesado no lugar. Adne tinha franzido a testa antes de se encolher e voltar sua atenção para a tigela de frutas frescas e creme. Silas se manteve inclinando a cabeça para trás como se tentando descobrir o que exatamente estava diferente em mim.

Tess teve a gentileza de dar um sorriso de saudação, mas não disse nada. Um sorriso foi mantido deslizando dentro e fora da boca de Nev como se quisesse rir, mas sabia bem.

Levou menos de cinco minutos para Bryn levantar-se com um aceno rápido para Sabine. Ambas as meninas lançaram-me para fora da sala de jantar até meu quarto. Bryn estava tentando alterar o trabalho de corte que eu tinha feito em meus cabelos desde então.

Sabine fez um muxoxo, movendo-se para ficar na frente de mim para que ela pudesse obter um melhor ângulo de trabalho do Bryn. — Você está cortando tudo errado. Vai ficar desigual.

— Você quer fazer isso? — Bryn retrucou.

— Sim. — Ela agarrou a tesoura.

— Espere um pouco. — Eu me endireitei na cadeira e Bryn teve de empurrar a tesoura para evitar cortar o meu pescoço. — Sério, Sabine? Você quer cortar o meu cabelo?

Olhei para ela, não tinha certeza se eu confiava nela para me dar um corte de cabelo que fosse lisonjeiro.

— Seria um prazer, Calla. Eu sempre cortei o cabelo de Cosette. — Por um momento, ela apertou os olhos, mas no instante seguinte, ela voltou a sorrir.

— Oh, ela tinha o cabelo adorável. — Bryn sorriu. — Você deveria deixar Sabine assumir, Cal. Eu não tenho nenhuma idéia do que estou fazendo. Eu posso parecer como uma profissional, mas essa coisa de corte está fora do meu alcance.

Engoli em seco, mas acenei com a cabeça. Se Sabine ia ser nossa aliada, eu tinha que deixar as velhas animosidades para trás.

Bryn entregou a tesoura para a Sabine com um suspiro aliviado.

Houve um som de um pigarro atrás de nós. Nós nos voltamos para a porta.

— Uh, hey. — Shay agitou seu cabelo, vendo o grupo de meninas diante dele como se estivesse confuso.

— Oi Shay. — Bryn disse, não escondendo o riso quando ela olhou para trás e para frente entre nós dois.

Sabine acenou para ele, mas rapidamente voltou a atenção para o meu cabelo.

— O que está acontecendo? — Ele deu alguns passos para dentro da sala, ainda indeciso sobre se era seguro estar lá.

— Estamos tentando consertar o cabelo de Calla. Ela simplesmente o arrancou. — Bryn segurou alguns fios enrolados em torno de seus dedos.

— O que você usou, exatamente?

— Tesoura de podar. — Eu estava olhando para o chão. Eu não deveria ter deixado Shay esta manhã sem falar com ele primeiro. Agora tudo parecia estranho e eu não sabia como corrigi-lo.

— Não é à toa que parece tão terrível. — Sabine murmurou.

— Eu acho que ela está bem. — protestou Shay, avançando em nossa direção.

Sabine riu com um rosnado. — Você acharia que ela parece bem mesmo se ela tivesse lepra.

Eu corei e Bryn deu uma risadinha.

Shay sorriu timidamente, limpando a garganta novamente.

— Cal, eu estava esperando que pudéssemos conversar.

Mordi o lábio e mantive os olhos longe de seu rosto. — Claro, mas estou um pouco ocupada agora.

— Sim, sim, é claro. Bem, eu vou estar no meu quarto.

— Ok.

Ele enfiou as mãos nos bolsos, mas pelo menos ele conseguiu não sair correndo da sala.

Bryn começou a rir. — Eu acho que você o assustou.

— É uma situação difícil. — Sabine não desviou os olhos de sua manobra hábil com a tesoura. — Ele provavelmente está um pouco confuso.

Eu tive que lutar para me manter na cadeira. — Confuso por quê?

— Sendo o nosso novo alpha. O Ren sai, ele entra. É muito para engolir. Ele só é um lobo de algumas semanas, ele não está acostumado a isso como o resto de nós.

— O quê? — Bryn e eu exclamamos em uníssono.

— Calla, você não pode ficar se mexendo assim, eu vou acabar esfaqueando você ou estragando o seu cabelo. — disse Sabine, imperturbável.

Eu agarrei o pulso dela, mas ela continuou a olhar calmamente para mim.

— O que você está falando, Sabine? — Eu disse lentamente.

Os cantos de sua boca viraram-se ligeiramente, como se ela fosse a única que conhecesse a piada, hilariantemente privada. — Você não pode estar falando sério, Calla. Você não sabe?

Eu fiz uma careta e olhei para Bryn, cuja expressão foi de confusão dando lugar a uma de espanto.

O sorriso se ampliou. — Veja, Bryn sabe.

Bryn assentiu. — Você está certa, é claro, você está certa. Eu não posso acreditar que eu não percebi...

Ela olhou para mim, a culpa deixando suas bochechas rosadas. — Eu sempre pensei que seria Ren.

— Mas... como? — Eu não podia acreditar que eu teria que fazer essa pergunta à Sabine.

— É simples, realmente. — Sabine soltou o aperto de meus dedos de seu pulso e começou a cortar meus cabelos mais uma vez. — Nós todos sabemos que alfas não podem ser, assim, promovidos, por falta de uma palavra melhor. Alfas nascem. Shay sempre foi um alfa, mas ele não era um lobo. Quando você o transformou em um, colocou-o na corrida.

Sabine estava certa. Alfas não podiam ser promovidos. Que foi parte da razão pela solução de Protetores para o problema de seus Guardiões em Vail ser uma bagunça. Mas eu não conseguia fazer a conexão com o papel de Shay em tudo isso.

Bryn bateu a palma da mão contra a testa. — Eu sou uma idiota.

— Bem, eu devo ser também. — eu disse. — Porque eu ainda não estou acompanhando.

— Você não está acompanhando porque você é uma alfa, Cal. — Ela me ofereceu um sorriso simpático. — Shay sempre se sentiu como igual a você, certo? Ele fala com você no seu nível, nunca recuou, se você desafiou-o?

Eu mastiguei meu lábio inferior. — Eu acho que eu pensei que era apenas uma coisa humana. Que ele não sabia de nada porque ele não era um de nós.

— Não. — disse Sabine. — É uma coisa de alfa.

Bryn passou os dedos pelos meus. — Ren sempre viu Shay como um concorrente. Mesmo ele devia ter sabido.

— E ele estava certo. — disse Sabine, puxando fios do meu cabelo entre os dedos para medir seu comprimento. — Você escolheu Shay.

— O quê? — Desta vez a tesoura foi direto para o meu pescoço. — Ow!

— Não seja idiota assim. — Sabine inclinou minha cabeça. — Sem sangue. Eu ainda estou cortando.

— Eu não escolhi Shay. — eu disse, tocando a pele macia. — Eu estava salvando sua vida.

— Eu não quis dizer o sacrifício. — disse Sabine. — Eu quis dizer na noite passada.

Consegui não me espetar na tesoura, mas me agarrei nas bordas da cadeira.

— Na noite passada? — Meu sussurro saiu rouco.

— Sabine. — Bryn chutou sua canela. — Não.

— Eu não estou julgando. — disse Sabine. — Ela está dentro de seus direitos. Shay é um alfa. Isso significa que ele é um lutador. Além disso, eu vi seus ombros. Eu deixaria Shay me levar para um passeio, se ele oferecesse.

— Sabine! — Bryn gritou, olhando para mim com horror. Mas eu estava chocada demais para ficar zangada.

— Como você... — Minhas bochechas estavam em chamas.

— Você cheira como ele. — Sabine sorriu. — Isso é outra coisa. Ele cheira bem, não é? Que gosto ele tem?

Bryn virou as costas, mas eu tinha certeza que era para esconder seu sorriso porque eu podia ouvi-la rir.

— Pare Sabine. Simplesmente pare.

— Eu tomei um banho! — Eu queria enrolar em uma bola e morrer. Sabine riu. — Não importa.

Eu lancei um olhar de soslaio para Bryn. Ela estava fazendo o seu melhor para torcer os lábios em um sorriso bobo.

— Não é como se você cheirasse mal, Cal. — disse ela, tentando me fazer me sentir melhor. — E Sabine está certa. Shay tem um cheiro agradável. Você sabe, como um jardim.

— Oh meu Deus. — Deixei o meu rosto em minhas mãos.

— Bem, eu não vou ser capaz de fazer qualquer coisa com seu cabelo se você ficar assim. — disse Sabine, rindo.

— Ótimo. — Endireitando meus ombros, eu sentei e respirei fundo. — Só termine. E não fale mais sobre a noite passada.

— Sêrio?

Eu mostrei meus dentes para a forma como Bryn soou decepcionada.

— Calla, eu estou tentando dizer a você, você provavelmente fez a coisa certa. — Sabine mudou-se para formar as camadas perto do meu rosto. — Ren cometeu um erro. Se ele queria tanto você, ele deveria ter vindo aqui. Ele deveria estar aqui para lutar por você.

Eu olhei para minhas mãos, envergonhada pela ardência em meus olhos.

— Calla. — Olhando para cima, encontrei o olhar de Sabine no espelho. — Não se culpe por Ren. Nós todos sabemos que você se preocupou com ele. Ele fez sua escolha. Todos nós fizemos as nossas escolhas.

Olhei para ela e depois para o meu próprio reflexo. O cabelo loiro pálido emoldurou meu rosto, caindo um pouco abaixo dos meus ombros. Meus lábios tremeram.

— Você me fez parecer bonita.

— Eu não fiz muito. — Sabine deixou a tesoura de lado e escovou os cabelos dispersos dos meus ombros. — Isso é apenas quem você é.

Eu abri minha boca, mas as palavras não surgiram, apenas um soluço engasgado.

— Deus, não desmanche, Calla. Você é supostamente uma alfa. — Sabine resmungou. Mas então ela apertou meu ombro e calmamente saiu da sala, deixando Bryn envolver os braços em volta de mim, enquanto eu continuava a chorar.

Bryn saiu do meu lado, voltando com um lenço de papel.

— Então quando é que Sabine fez um transplante de personalidade? — Eu disse.
— Eu poderia jurar que ela acabou de ser agradável.

— Ela é legal. — Bryn sorriu tristemente. — Quando você está presa em uma cela com alguém por vários dias, você aprende muito sobre ela. Sabine não era sempre a cadela que achava que era. Ela estava apenas com raiva. Realmente irritada. As coisas que ela tinha que fazer...

Ela estremeceu. — Ela tinha muitos motivos para sentir raiva.

Bryn estava certa. De todos os Guardiões jovens, a vida de Sabine tinha sido a pior, mas de alguma forma eu é que estava chorando. Eu esfreguei o meu nariz, então olhei para ela, ainda fungando. — Você deve pensar que eu sou patética.

— Difícilmente. — disse Bryn. — Nós todos passamos por muita coisa. E se tivesse sido comigo, eu teria feito a mesma coisa.

— Obrigada. — eu disse. — Mas eu não sei como você pode dizer isso. Você não sabe o que aconteceu.

— Connor contou-nos. — disse ela. — E Silas interrompia, tentando explicar a história toda. Ele é realmente estranho, hein?

— Sim, ele é. — eu disse. — O que Connor lhe disse?

— Bem, eu acho que ele não poderia nos dizer como você se sentiu. — disse ela.
— Mas é fácil imaginar. Ele nos disse quem Shay é e porque ele é tão importante.

— Ele te disse sobre a aliança? — Eu perguntei, já nervosa que qualquer aliança entre Guardiões e Rastreadores fosse impossível. Ela assentiu com a cabeça.

— Parece que eles podem nos ensinar algumas coisas bem surpreendentes.

— Como o quê? — Isso era novo. Joguei o papel amassado na lixeira.

— Combate, magia. Nossa história real. — Ela atravessou a sala, balançando a cabeça. — Ainda é difícil de acreditar. Todas as mentiras.

— Eu sei.

— Com toda a magia deles, desejo que os Rastreadores possam fazer algo por Ansel. — Ela estava na janela, olhando para a superfície do oceano, agora uma cor turquesa brilhante sob o sol brilhante da manhã.

— Eu também.

— Eles estão tratando-o bem. — disse ela, correndo os dedos sobre as cortinas. — Ele não está em uma cela. É apenas um pequeno quarto.

— Você o visitou? — Senti a culpa em mim muito mais difícil agora. Por que não fui visitá-lo ainda?

— Mason e eu ficamos com ele em turnos. — disse ela. Quando ela se virou, era como se tivesse passado uma sombra pelo seu rosto. — Mas ele não fala comigo mesmo quando eu estou lá. Mason disse que é o mesmo para ele.

— Não?

Ela balançou a cabeça.

— Talvez ele só precise de tempo, — eu ofereci, embora meu estômago estava torcendo-se em um nó.

— Talvez. — Ela estremeceu. — Calla, temo que iremos perdê-lo.

— Eu juro que não vou deixar os Rastreadores machucá-lo. — eu disse, um rosnado saindo com as palavras.

— Não. — Ela esfregou os braços. — Não é com eles que eu estou preocupada.

A torção dolorosa na minha barriga não era mais um nó. Era uma facada.

— Eu mal o reconheci. — ela sussurrou. — Ele está fechado dentro de si. Eu não acho que ele quer viver. Ele tem arranhado tanto os braços que sangra.

— Nós vamos ajudá-lo. — Trabalhei afastando o nó na garganta. — Nós vamos ajudá-lo a ficar melhor.

Ela assentiu com a cabeça, tirando as lágrimas de suas bochechas.

— Quer ir vê-lo agora? — Perguntou ela. — É hora de mudar de turno com Mason de qualquer maneira. Ele fica irritado se ele não comer a cada duas horas.

— Eu acho que é a realidade de todo indivíduo adolescente. — Sorri, pegando sua mão. — Vamos ver Ansel.

— Então, você realmente não vai me dizer nada sobre a noite passada? — Um sorriso passou pela sua boca.

— Não. — Mas eu também sorri. Meu mundo tinha estado fora de controle. Mas estar em torno de Bryn fez tudo melhorar.

Nós só demos alguns passos para fora da sala antes de Bryn parar, virando-se para mim.

— O que há de errado? — Eu perguntei.

— Nada. — ela disse, pegando minha outra mão na dela, apertando forte os meus dedos. — É verdade... Sabine está certa.

— Sobre o quê? — eu tentei decifrar a expressão no rosto de Bryn, ela não parecia chateada, apenas curiosa.

— Sobre Shay. — disse ela. — Ele é o nosso novo alfa, e ele precisa ser parte do clã.

— Oh. — Mudei meu peso, inquieta. Embora eu não discordasse do pensamento de Shay como meu companheiro alfa, eu ainda estava me acostumando com a idéia.

— Você deve ir buscá-lo. — disse ela. — Venham juntos, o casal alfa. Isso vai mostrar a Ansel que as coisas estão mudando. Que ele... que temos um futuro.

Eu balancei a cabeça. Ajudaria Ansel, saber que o mundo que o tinha machucado muito já não era o único que nos governava? Ele sempre acreditou que o amor ficava em primeiro lugar. Talvez vendo Shay e eu juntos, por opção, o faria reagir.

— Okay. — Concordei, afastando meus dedos dos dela. — Eu vou encontrá-lo.

— Ótimo! — Ela jogou os braços em volta de mim. Eu me inclinei para ela, descansando a minha bochecha contra a sua, lembrando o quanto o cheiro de Bryn refletia sua personalidade doce e picante como uma mistura de caramelo e canela. O tipo de cheiro que faz você se sentir em casa em qualquer lugar.

Ela saltou para o corredor e fui para o quarto de Shay. Bati na porta. Nenhuma resposta. Bati novamente. Talvez ele tivesse caído no sono.

— Ele não está aí. — Virei-me para ver Adne se aproximando.

— O que você quer dizer?

— Anika o trancou com os Guias na sala de tática Haldis, — disse ela, sacudindo a cabeça na direção da sala de reuniões. — Eles estão estrategicamente melhorando a pickup de Tordis.

— Por que eles não me disseram? — Eu fiz uma careta.

— Isso é parte da discussão. — disse ela. — Com o status questionável de seu irmão, algumas das equipes têm expressado preocupação sobre trazer Guardiões para a recuperação.

Eu não sabia se ficava chocada, indignada ou ambos. — Eles estão planejando a missão sem nós?

— Eles estão pesando as suas opções. — disse ela, sorrindo brevemente. — Mas isso é uma coisa boa para nós.

— O que quer dizer para nós? — Eu perguntei com medo do flash súbito de seus olhos.

— Preciso de sua ajuda em outra missão. — disse ela, tocando o cinto em sua cintura. — Sob a mesa.

— Que missão? — Os cabelos na parte de trás do meu pescoço estavam em pé.

Os lábios de Adne tornaram-se uma linha dura. — Nós vamos buscar o meu irmão.

Capítulo 29

Por um momento pensei que o chão sob meus pés havia desaparecido e eu estava caindo.

— Calla? — Adne agarrou meus braços no momento em que eu oscilava, tonta.
— Você está bem?

Eu balancei a cabeça, tentando vencer o zumbido que vibrava em meu crânio.

— Você ouviu o que eu disse? — ela perguntou, me guiando pelo corredor.

Confirmei. — Seu irmão?

— Sim.

— Você quer dizer o Ren? — Era difícil dizer o nome dele. — Voce não pode estar falando sério. Isso significaria voltar à Vail!

Ela cobriu minha boca com a mão. — Aqui não.

Eu tive que morder a língua para conseguir não perguntar mais. Adne me empurrou pelo corredor, passando meu quarto e mais alguns, finalmente destrancando uma porta e se metendo nele.

Apesar da disposição do quarto ser idêntica a do meu, não poderia ser mais diferente. Meu quarto tinha a decoração básica da maioria dos quartos de hóspedes, inofensivo, mas completamente desprovido de caráter.

O quarto de Adne era uma bagunça de cores: roxo, preto, e nas paredes, carmesim, e alguma colcha de veludo jogada de um lado de sua cama. Ela andou até um rádio, adicionando uma explosão de som que fez as paredes brilhantes rodarem diante de meus olhos.

— Você gosta dos Raveonettes? Aquele duo dinamarquês de rock’n’roll? — Ela ergueu o volume.

Eu afirmei, meu pulso batendo em ritmo com as vozes etéreas que flutuavam ao meu redor.

— Desculpe. — Ela caiu pesadamente na cama. — Não posso permitir que ninguém nos escute. Não que eu não ouça música nessa altura, óbvio.

— Tudo bem.

— Senta. — ela disse, apontando a cama.

Eu estava muito irritada para sentar, mas sentei no canto da cama, brincando com a ponta da colcha. — Então Connor te contou.

Ela negou, se inclinando no monte de travesseiros que estavam em cima da cama. — Meu pai me contou.

Ela puxou um envelope, pegando uma carta de dentro dele. — Connor só entregou as notícias.

— Monroe te escreveu uma carta? — Arregalei os olhos, olhando as folhas dobradas nas mãos dela. Havia várias. Quanto ele lhe contara? Quais segredos do passado ele tinha escrito naquelas folhas?

Ela riu, enquanto enxugava as lágrimas. — Connor disse que meu pai sabia que eu nunca deixaria ele me segurar em uma conversa melosa. Transformei em um hábito evitar conversas desse tipo desde que mamãe...

Seus olhos vagaram até o criado-mudo. Seguindo seu olhar, vi o quadro de uma mulher. Ela tinha o cabelo loiro e olhos brilhantes cor de âmbar. Em seus braços havia uma garota magra e alta para a idade com um sorriso bobo: uma Adne muito mais nova.

Adne mexeu a ponta das folhas. — Aparentemente foi ela que os juntou. A mãe de Ren, quero dizer. Corrine. Depois que ela morreu, meu pai ficou no fundo do poço. Minha mãe é que fez ele se recuperar. Daí eu vim ao mundo.

Observei-a, sem saber o que dizer. Ela ficou de costas, pressionando a carta contra o peito.

— Eu sou a razão de ele não ter ido atrás de Ren. — ela disse, olhando para o teto. — Ele não quis arriscar deixar eu e minha mãe. Pensou que tinha causado dano o

suficiente à Corrine, mas nunca superou isso. Ele queria tanto Ren de volta. Está tudo aqui.

Ela balançou as folhas.

— Tenho certeza que ele queria. — eu disse. — Mas eu não o culpo por querer te proteger. Ren não sabia nada sobre isso. Ele ainda não sabe a verdade. Pensa que Emile é seu pai.

— Eu sei. — ela disse. — É por isso que temos que voltar.

— Não sei se ele vai querer que voltemos por ele. — eu disse, lembrando do jeito que ele me expulsara do quarto. — Ele deve querer ficar. Como os outros.

— Você realmente acredita nisso? — ela perguntou.

Não respondi; não consegui. A verdade é que eu não sabia. Queria acreditar que Ren podia ser salvo, mas havia visto como os Protetores podiam dividir os Guardiões. Meu próprio irmão quase nos matara porque ele fora manipulado por nossos velhos mestres. Ren poderia acreditar em outra coisa senão o que eles lhe disseram sobre seu passado?

Minhas entranhas retorciam e voltavam ao normal, só para se retorcerem novamente.

O olhar de Adne atravessou. — Temos que tentar.

Dei uma respirada rápida. — Adne, como? Nós quase não conseguimos fugir.

Ela se sacudiu, sentando e balançando as pernas na beira da cama. — É por isso que dessa vez vai funcionar. Não tem como eles estarem nos esperando – e só vamos tentar encontrar o Ren.

— Mas como...

— Vamos localizá-lo. Abrirei uma porta como da última vez. Agarraremos ele, e voltamos. E terminamos. — As palavras corriam da boca dela. Seus olhos brilhavam.

— Localizá-lo... como?

Ela limpou a garganta, baixando os olhos. — Hmm. Eu prestei atenção. Bem. Aquele anel que você está usando.

— Meu anel? — Minhas mãos foram até meu peito, os dedos de minha mão sem enfeites cobrindo os outros.

— Você estava prometida para ele, certo? — ela não olhou para cima. — Ele te deu o anel?

— Sim, mas... — Eu ia explicar que os anéis não fazem parte da união de Guardiões. Que Ren tinha me dado isso por que queria, só porque ele estava... por que ele estava o quê? Tentando dizer que me amava? Mostrando que queria nossa união não só para ordens, mas algo mais? Era como se meus próprios pensamentos me jogassem contra uma parede, me deixando sem fôlego. Não consegui terminar.

Adne não percebeu. — Então podemos usá-lo para o encontrarmos.

Ignorei a batida do meu coração, tentando focar no que ela estava dizendo. — O anel pode encontrá-lo?

— Se ele deu o deu para você, o anel vai ter uma conexão com ele. Posso usar isso para apontar sua localização.

— Como é possível?

— O anel vai segurar uma linha. — ela disse, olhando para mim com um sorriso. — Seguimos a linha por Vail até ela o alcançar. E é aí que eu abrirei a porta.

— Isso realmente funciona?

— Foi desse jeito que encontramos Shay.

— Ah. — Minhas mãos começaram a suar.

— Eu sei que é um grande risco, Calla. — ela disse. — Mas pelo que eu vi – e para ser honesta, do quão nervoso Shay fica quando o assunto é ele – eu sei que você se importa com Ren. Você não pode querer deixá-lo lá.

Eu dei um jeito de sussurrar esganiçada. — Não quero.

Ela se levantou, passando os dedos pela longa trança castanha. — Ele é meu irmão, mas eu não o conheço. Isso não é sobre mim. É sobre meu pai.

Ela pegou a última página da carta e me entregou.

Somente uma palavra havia sido escrita na pagina cor de marfim.

Salve-o.

Meus olhos estavam queimando. Olhei para Adne, a folha tremendo em minhas mãos.

— Eu tenho que fazer isso, Calla. — ela disse. — Você vai me ajudar?

A tremedeira tinha vindo das mãos pelos braços, até meus ombros, mas eu afirmei.

Ela deu um longo suspiro, seus músculos relaxando.

— Graças a Deus.

— Quem mais? — perguntei, estendendo a folha para ela. Não conseguia mais segurá-la, aquela palavra solitária me encarando, fazendo um buraco no meu coração.

— Mais ninguém. — Ela franziu as sobrancelhas. — Só nós duas.

— Voce acha que vamos conseguir? — As probabilidades não estavam ao nosso favor, mesmo se tivéssemos ajuda.

— Ninguém vai nos deixar continuar isso. — Adne disse. — Se mencionarmos isso para alguém, teremos ‘companhia’ 24 horas por dia.

Franzi as sobrancelhas, pensando. — Talvez alguém do meu clã.

— Não. — ela disse. — Temos pouco tempo disponível. Temos que nos mover agora; não podemos permitir haver uma sessão de recrutamento.

— O que você quer dizer com ‘agora’? — O cabelo no meu pescoço estava de pé.

— Hoje. — ela disse. — Bem, hoje à noite, vamos à Vail.

— Isso é loucura! — não consegui evitar o grito.

— As coisas estarão uma baderna lá e os Protetores provavelmente ainda estão focados em Denver. — Sua voz sombriamente calma me fez ficar de boca aberta. — Podemos entrar e sair sem sermos percebidas, provavelmente mais facilmente do que poderíamos em outra hora.

Eu abri minha boca e fechei de novo. Okay, aquilo era lógico. Uma lógica louca, mas ainda lógica.

— Não podemos ao menos levar Connor? — perguntei. Me sentiria melhor com outro lutador ao lado, e Connor já sabia sobre Ren, além disso ele parecia apoiar Adne em quase tudo.

Ela estremeceu. — De jeito nenhum. Ele é a última pessoa que eu pediria para nos ajudar.

Um medo me fez atacar — Mas que inferno, o que está rolando entre vocês?

Ela deu uns passos para trás. — O que você quer dizer?

— Metade do tempo vocês estão brigando, mas depois eu acho que vocês estão fingindo ou algo do tipo.

Ela enrubesceu, depois ficou pálida, e finalmente me deu as costas. — Não tem nada acontecendo entre nós.

Pressionei. — Não é assim que ele age.

Quando ela virou, seu olhar estava duro. — Calla, você pegou o bonde andando aqui. Você tem que entender o Connor e eu para entender o que há.

— Que tal me contar do começo? — pedi.

Ela encolheu os ombros, indo até o estéreo para trocar os CDs. — Eu tinha onze anos quando minha mãe morreu.

Endireitei-me abruptamente, incerta de como responder. Eu estava incitando ela, e agora estávamos falando sobre mães mortas.

Adne continuou. — Connor entrou no grupo Haldis logo após sua morte.

E fui ficar do lado dela. — Adne, sinto muito. Você não tem que explicar.

Ela me ignorou, se distraíndo com o estéreo, pulando várias músicas do álbum. — Ele tinha só dezesseis anos. Não tão raro para uma primeira missão como um Striker, mas ele era de longe, a pessoa que tinha a idade mais próxima da minha. Ele me ajudou quando tudo estava horrível. Nunca me deixou sozinha. Ele me importunava constantemente. Eu passei por uma fase terrivelmente embaraçosa ao mesmo tempo em que perdi minha mãe. Braços e pernas e sem habilidade para usá-los devidamente. Connor me deu um sufoco, mas eu precisava disso. Me mantinha distraída de pensar em minha mãe. Ele não me deu um momento de paz.

Ela fez uma careta. — Porque um momento de paz teria me matado.

Assisti emoções percorrerem seu rosto como sombras. Ela fechou os olhos, sorrindo.

— De noite ele se esgueirava para dentro do meu quarto e contava histórias ridículas sobre a Academia Roving até que eu caísse no sono. Isso fazia os fantasmas ficarem longe. Ficar sozinha à noite teria sido insuportável. Ele era meu melhor amigo o tempo todo até que comecei treinar aqui.

— Você teve que voltar para Denver para sua missão?

— Não. — Ela não me olhou. — Mas eu queria. A Academia me treinou para ser uma Tecelã. Eu nunca quis morar em outro lugar que não fosse Denver. O grupo Haldis sempre foi minha família. Eu pertencço a eles.

Ela baixou a cabeça, seu cabelo escuro velando seu rosto.

Um momento depois ela riu, mais uma vez sendo ela mesma. — A primeira coisa que Connor me disse quando eu o vi depois que ele esteve no posto avançado por uns meses foi — Vejo que você tem peitos agora, parabéns. Espero que você saiba usá-los.

— Voce está tentando me dizer que este é o jeito dele de ser 'só amigo'? — perguntei.

Ela ergueu uma sobrancelha. — Voce leva o comentário dele como uma cantada séria?

— Acho que não. — eu disse. Ela estava certa, mas, tipo, de alguma forma o jeito que Connor falava com outras garotas parecia diferente do que o que ele dissera para Adne.

— Exatamente. Com Connor esse tipo de conversa é só o 'modo de operação' dele. — Ela sorriu para mim, mas suas palavras tinham um pouco de nervosismo. — Entretanto, Silas fez isso piorar.

— Como?

— Eu perdi uma aposta com ele e ele me fez beijar Connor. — Um rubor lentamente se espalhou em suas bochechas. — E isso definitivamente deu a Connor mais munições para usar contra mim. — Ela, reflexivamente, arrumou os ombros como se pronta para um desafio.

Eu sorri diante da postura agressiva dela. — Por que Silas faria você beijar Connor?

Sua risada obscureceu. — Porque ele é um intelectual brilhante, mas não tão criativo. Ele *odeia* o Connor então não poderia imaginar algo pior para ele do que eu ter que beijar o Connor. Então ele me fez beijá-lo.

— Entendo. — eu disse, esquadrinhando seu rosto. — E você beijou o Connor?

— Sim.

— E? — eu não pude ver a expressão dela porque ela me deu as costas, procurando por uma faixa no álbum dos Raveonettes. Ela permaneceu silenciosa enquanto o som começava, gingando com a música.

— E nada. — Ela me estendeu a palma da mão. — Connor não vai vir. Você vai me dar aquele anel?

Eu travei os dentes, mas tirei o anel do dedo, deixando-o cair em sua mão. Sem seu peso, minha mão parecia estranhamente nua. Apertei meus dedos firmemente, tentando ignorar o vazio que fazia meus ossos doerem.

Adne pegou uma adaga de seu cinto, descansando a ponta afiada na borda do anel de ouro branco. Ela fechou os olhos, respirando longa e lentamente. Eu fiquei perfeitamente parada, sem me atrever nem a respirar. O ar ao redor dela pareceu engrossar, brilhando como se alguém tivesse espalhado pó de ouro sobre ela.

Muito lentamente ela começou a arrastar a adaga longe do anel. Enquanto sua mão se afastava, uma linha fina única foi puxada com ela. Um fio dourado minúsculo.

Seus olhos se abriram e ela sorriu lentamente. — Aqui está.

A respiração que eu estava segurando assoviou para fora.

Ela olhou para mim. — Está tudo bem, Calla. Eu sei o que estou fazendo. Uma linha de localização tece uma janela; não podemos atravessá-la, mas podemos ver o que está do outro lado. Agora poderemos encontrá-lo.

Eu concordei, mas minhas pernas estavam tremendo. — E se ele não estiver sozinho?

— Esse é o ponto. — ela disse, me entregando o anel. — A linha nos guiará até ele, e teremos tempo o suficiente para decidir se ele está num lugar onde podemos pegá-lo ou se temos que esperar. Okay?

— Okay. — Eu estava aliviada que ela não estava insistindo que nós duas pudéssemos enfrentar um bando inteiro de Guardiões.

Adne começou a mexer o braço num lento círculo, sempre girando. A linha dourada cresceu, se alongando, girando em uma fina espiral na frente dela.

— Voce quer ver?

Me aproximei timidamente, olhando sobre seu ombro. A espiral estava reluzindo, se esticando em um cone fino. Na distância pude ver a ponta da linha mexendo, alongando. Comecei a ver formas salpicadas pela espiral, sem foco e borradas. Era como se eu estivesse planando no ar numa velocidade incrível, me movendo rápido demais para distinguir o terreno. Olhei na espiral, que agora pulsava com explosões de luz, tentando vislumbrar algo familiar. Acho que reconheci uma árvore depois a face de uma íngreme rocha. A forma de construções. De repente a espiral estremeceu, uma luz dourada clareando, nos dando uma visão da encosta de uma montanha coberta de pinheiros, uma vastidão interrompida pela faixa de uma nítida floresta.

— Voce reconhece alguma coisa? — Adne perguntou.

Confirmei, entretanto meu corpo parecia que estava virando uma pedra.

— Ele está aqui. — Ela disse, perscrutando a espiral. — Mas não sei se ele está sozinho. Considerando que em Vail é de madrugada, qualquer um lá estaria dormindo.

— Ele está sozinho. — murmurei.

— Tem certeza? — Ela me deu uma olhada, erguendo as sobrancelhas. — Se estiver, eu devo abrir a porta imediatamente.

Eu não conseguia tirar meus olhos da janela que a linha de Adne havia criado, nos guiando até este lugar. Para Ren.

— Tenho certeza.

*

Adne fechou a porta e se virou para mim.

— Que lugar é esse?

Sem a claridade do portal, o pedacinho de lua sobre nós lançava só uma luzinha na clareira. Estruturas em construção formavam um semicírculo ao redor de um beco sem saída pavimentado com uma fonte seca no centro. Fundações haviam sido destruídas, agora eram só buracos no chão, e vigas de madeira subiam em diferentes alturas ao encontro do céu noturno. Aqui estava o legado dos Haldis: esqueletos de casas, carcaças de vidas que deveriam ter sido.

Minha garganta parecia ter sido entupida com algodão. Tive que clareá-la várias vezes antes de conseguir falar.

— Aqui era o lugar onde meu clã iria viver. Íamos mudar para cá depois da união.

— Sério? — Ela ergueu as sobrancelhas, depois seus olhos se arregalaram. — Ah.

Mordi meu lábio, afirmando.

— Onde você acha que ele está? — ela perguntou, olhando para as silenciosas construções.

Apontei uma estrutura no cume de uma pequena colina, a única casa pronta no local.

— Lá.

— Certeza?

— Aquela seria nossa casa. — eu disse, incapaz de olhar para ela.

— Nossa, cara. — Ela pôs a mão em meu braço. — Calla, eu... eu não sabia.

— Tudo bem. — eu disse, entretanto não soei tão segura quando tentei. — Ninguém mais estará lá. Esse lugar foi abandonado. O clã para o qual estava sendo construído não existe mais.

— Certo. — ela disse. — Então, como você quer fazer isso?

Eu olhei para ela. — Você não tem um plano?

— Meu plano era encontrar meu irmão. Já encontrei. Fim.

— Mas temos que convencê-lo a voltar! — Eu não podia acreditar que estava conseguindo sussurrar, considerando meu pânico crescente.

— É por isso que eu trouxe você. — ela disse, olhando em volta os lotes abandonados. — Aliás, acertei ou não na chamada?

Eu lhe mostrei as presas, mas não discuti, voltando a olhar a casa que estava à 50 jardas de nós.

— Se eu fosse sugerir um plano. — Adne disse lentamente, — diria que você deveria ir falar com ele. Uive se tiver problemas. Ou grite. Os dois funcionam.

— Obrigada. — eu disse, lhe dando um olhar severo.

— Eu ficaria feliz em ir. — ela disse, cruzando os braços sobre o peito. — Mas ele não me conhece. E você é a única pessoa com quem ele se importa. Você é quem pode trazê-lo de volta se ele pensar que os Protetores estão dizendo a verdade. Você é a única, Calla.

— Eu sei. — A realidade dessa cena estava cravando em meus ossos, fazendo-os latejar. Esta era a única chance que eu tinha para compensar o fato de ter deixado Ren para trás. Se ao menos eu pudesse.

O vento frio de inverno cobriu meu corpo com uma capa. Seu calafrio deslizou sob minha pele, inquieto, já lutando contra a minúscula faísca de esperança que crepitava em minhas veias. No pouco tempo desde que me unira aos Rastreadores, eu aprendera a verdadeiro preço da Guerra das Bruxas. Suas casualidades não eram mais estranhas – Lydia, Corrine, Monroe, minha mãe, e até Ansel – o peso de suas mortes e a perda de meu irmão estavam agora acorrentadas a mim como uma âncora ameaçando me afogar num mar negro de medo e arrependimento.

Este lugar estava tão calmo quanto aquele tipo de morte. Sufocado com os restos mortais de minha vida anterior, lançando sombras retorcidas, fantasmagóricas. Eles não apresentavam perigo real – somente fragmentos do passado, lembranças dolorosas que grudavam em mim como teias de aranha.

A esperança era real. Ardendo mais brilhante que as estrelas que se penduravam acima no vazio céu noturno. Corrine e Monroe se foram. Eles haviam sacrificado tudo por seu filho. E ele estava aqui. Era tarde demais para eles, mas Ren ainda poderia ser salvo. E eu era a única que poderia salvá-lo.

Isso é somente sobre amor.

Ele estava lá. Sozinho. Esperando por mim numa casa onde somente os fantasmas de nossa vida passada eram bem-vindos.

Olhando para os destroços da vida que poderíamos ter tido, eu sabia que agora isso tudo *não era* sobre amor ou sobre Shay ou os Rastreadores. Era sobre sacrifício – e redenção, a perda que poderia ter um novo significado.

Esperança. Uma segunda chance. Ren poderia nos ajudar a vencer esta guerra. Juntos poderíamos fazer o sangue, a tristeza, a dor, valerem alguma coisa. Eu sabia que não poderia deixá-lo para trás novamente. Nem agora nem nunca. Mesmo que isso significasse que eu acabaria sacrificando minha vida também.

Fim!!

Continua em : 03 - Bloodrose

ANDREA CREMER

Biography

Andrea Cremer passou a infância sonhando acordada enquanto percorria as florestas e a o borda do lago do Noto de Winsconsin. Ela agora vive em Minnesota, mas pensa em sua terra natal como o "Escudo Canadense" em vez do Centro-Oeste.

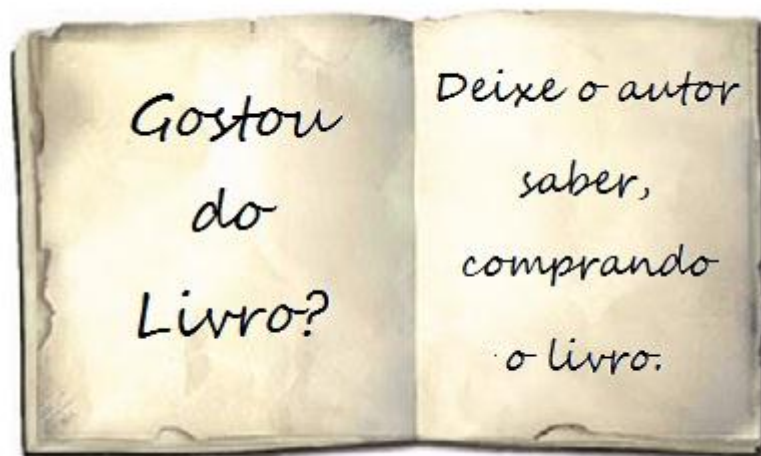
Andrea Sempre gostou de escrever e nunca mais parou de escrever, mas só recentemente mergulhou para o fundo da piscina que é a escrita profissional. Quando não está escrevendo, Andrea leciona história em uma faculdade de artes liberais muito agradável em St. Paul.

No Pouco tempo livre que pode encontrar, Andrea olha as árvores, restaga bebês coelhos de gatos predatórios, e inventa nomes para os filhotes de pug com o marido. Ela tem uma tendência infeliz para derrubar coisas – tapetes brancos, cuidado!

Seu romance de estréia, NOGHTSHADE, a primeira de uma série de fantasia YA, será publicada no outono de 2010 por Pinguin (Philomel).



photo by Gina Monroe



WOLFSBANE



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

~ All Creatures of the night get together After dark ~

WOLFSBANE